

A woman with curly hair, wearing a wide-brimmed hat with a red flower and a vibrant red sleeveless dress with a large bow at the back, is walking away from the camera on a stone path. In the background, there is a body of water with several gondolas moored at a wooden pier. The Venetian skyline, including a church spire, is visible in the distance under a bright sky.

Um verão roubado.
Uma cidade única.
Dez segredos para a felicidade.

Um Verão em Veneza

NICKY PELLEGRINO



Ficha Técnica

Título original: One Summer in Venice

Autor: Nicky Pellegrino

Imagens da capa: Ilona Wellmann / Trevillion Images e Shutterstock

ISBN: 9789892335322

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdoba, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

© 2015, Nicky Pellegrino

Publicado originalmente por Orion, Londres.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt

www.asa.leva.com

www.leva.pt

NICKY PELLEGRINO

*UM VERÃO
EM VENEZA*

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

ANA SALDANHA

*A vida não tem a ver com uma pessoa encontrar-se a si mesma.
A vida tem a ver com uma pessoa criar-se a si própria.*

George Bernard Shaw

Isto não é uma crise da meia-idade, OK? Para começar, ainda não tenho idade suficiente para uma coisa dessas. Vou chamar-lhe uma experiência de felicidade. Roubei todo um verão à minha vida e, quando ele acabar, tenciono partir deste lugar com uma lista na mão.

Eu vivo de listas. Em casa, tenho uma afixada à porta do frigorífico com um íman; no trabalho, há uma lista pregada na parede. Ambas estão cheias de coisas que tenho de fazer e de assuntos a requerer a minha atenção. Agora, vou elaborar uma outra lista.

As dez coisas que me fazem feliz, é só o que eu quero saber. Será assim tão difícil? Poderão ser coisas pequenas – uma chávena de chá na cama, um dia sem chuva – ou mais importantes. Ainda estou no princípio, como posso saber?

Estas são as perguntas que faço continuamente a mim mesma: está-me a falhar alguma coisa? Há outra vida que eu devesse estar a levar? Caí na que tenho por todas as razões erradas? Quero descobrir agora, antes que os anos passem e seja demasiado tarde para eu mudar.

Estou com medo? Sim, um pouco. Uma experiência como esta não é para os fracos. É muito mais seguro uma pessoa continuar com a vida que tem do que afastar-se dela; muito mais aceitável, também.

Pode dizer-se que ninguém está muito bem impressionado comigo neste momento. Tenho a certeza de que o meu marido pensa que sou egoísta, a minha irmã que perdi o juízo, a minha filha que a abandonei. Talvez todos tenham razão. Mas a questão é que se trata só de um verão, aqui numa cidade onde ninguém me conhece; um verão roubado.

O que quero da minha vida? Quero ser mais feliz. Vocês não?

CAPÍTULO 1

Olhando para trás, consigo ver que estava a viver a minha vida com os dentes cerrados, já estava a fazê-lo há séculos.

Não é essa a pessoa que eu sou; perguntem a quem quiserem. Eu sou a rapariga que põe a música mais alta nas festas. A rapariga ruidosa, risonha, com quem se quer estar. Pelo menos, era o que costumava ser.

Algo me modificou. Não o facto de ter ficado mais velha, de ter sido mãe, de trabalhar tantas horas – ou, não sei, talvez todas essas coisas. Era como se eu tivesse começado a encolher, a enroscar-me dentro de mim, a ficar imóvel e silenciosa. Exteriormente, devia parecer a mesma; até agia da mesma maneira. O que é certo é que ninguém parecia notar.

– Addolorata Martinelli, tens uma vida de sonho – diziam-me muitas vezes as minhas amigas. Invejavam-me, acho eu. Havia as mulheres solteiras que pensavam que eu tinha muita sorte por ter um marido como o Eden, as sem filhos que teriam feito quase qualquer coisa para ter uma filha. E depois havia o restaurante, Little Italy, que o meu pai passou a vida a consolidar e me deu quando se aposentou. Qualquer pessoa que se debata com um emprego ou um patrão horríveis invejaria isso.

Tudo o que posso dizer é que as vidas parecem diferentes vistas de fora. Tome-se o exemplo de Little Italy. Desde que me lembro que está numa esquina em Clerkenwell, ao lado do mercado de rua. É muito maior agora do que quando o *papa* o abriu, e eu fiz algumas alterações: substituí o velho toldo que abrigava as mesas na esplanada, mandei tirar o estuque das paredes, troquei as toalhas de mesas aos quadrados vermelhos e brancos por toalhas lisas e elegantes. No entanto, os clientes continuam a poder contar com a comida que servimos. Há os mesmos pratos fundos de *risotto*, cremoso e reconfortante, a sopa à lavrador com massa e feijões, o *ragu* napolitano que cozemos lentamente durante horas. Há *minestrone* no inverno, flores de curgete na primavera. E há sempre tiramisú, feito fresco todos os dias. Pode-se decididamente contar com isso.

O problema é que, hoje em dia, as pessoas querem mais do que poder contar com a ementa. Procuram as modas mais recentes: espaços onde se servem hambúrgueres *gourmet*, churrascos à moda do Sul americano, comida crua, tapas, *pop-up* isto e aquilo. E depois há os que costumavam almoçar semanalmente com os seus clientes antes de perderem a conta para despesas de representação, ou pior, o emprego. E os clientes que mudaram de casa ou morreram ou simplesmente deixaram de ir jantar fora.

Como ainda tínhamos um número suficiente de clientes habituais para nos mantermos à tona, eu não estava a ter prejuízo, mas pensar nisso era o que me tirava o sono. Quem é que eu despediria? O *sous chef*, cuja namorada tinha acabado de ter um bebé? O empregado de mesa que estava comigo há anos? O jovem cozinheiro com pouca experiência mas cheio de talento? Tantos deles dependiam de mim... e eu sou só uma pessoa.

Sim, sou só uma pessoa, mas desde que o Eden se magoou nas costas e teve de parar temporariamente de trabalhar, era eu quem pagava a prestação da casa e as contas. E depois havia a

nossa filha Katia, com doze anos feitos recentemente e já mais como uma adolescente, cheia de pequenas rebeliões e de grandes ideias. E o jardim zoológico que ela insistia que tivéssemos: os ratinhos, os peixinhos vermelhos e o raio das tartarugas. Era eu quem tinha de dar de comer a todos, de tratar das gaiolas sujas e dos aquários.

Como era essa a vida que eu tinha construído para mim própria, cerrava os dentes e seguia para diante. Esperando que o restaurante sobrevivesse sem ser preciso despedir ninguém. Esperando que alguém resolvesse o problema de costas de Eden. Esperando realmente que as tartarugas não cortassem à dentada um dos dedos de Katia.

Não falava sobre isso. Era melhor engolir as palavras, tentar ser a velha Addolorata por fora, cheia de clamor e de energia. O vinho ajudava; era sempre um alívio quando chegava o momento de encher o primeiro copo. Meia garrafa amaciava as coisas; se a acabasse, voltava a ser quase eu.

Não, não tentei aconselhamento psicológico ou terapia; detesto esse tipo de coisa. Além disso, não era propriamente uma depressão, só uma falta de felicidade. Eu não andava propriamente a chorar pelos cantos, não tinha dificuldade em fazer o meu trabalho nem pensava em pôr fim a tudo. Já conheci pessoas que sofriam de depressão. A minha última *sous chef* passou por uma fase terrível antes de o médico dela lhe receitar a medicação adequada. Lembro-me de ela dizer uma vez que a sua vida lhe dava a sensação de ser uma montanha íngreme que ela não tinha forças para escalar. As coisas não eram assim tão más para mim, nem de longe. O meu problema era que me sentia anestesiada, encravada algures numa terra de ninguém de sentimentos, permanentemente amodorrada. E não tinha a certeza de gostar de quem me tinha tornado. De qualquer maneira, os dias e as semanas passavam sem problemas; eu tinha as coisas sob controlo. Até ao dia da crítica de Guy Rochester no jornal.

Possivelmente, já leram a coluna dele no *Sunday Herald*. É terrivelmente perspicaz e não muito simpática. Ouvi dizer que há uma data de restaurantes que têm uma fotografia dele pregada na parede, onde os empregados de mesa a possam ver. Dele, de Jay Rayner, de Fay Maschler: uma galeria de todos os críticos gastronómicos influentes, para poderem pôr-se em ação se um deles for avistado na sala do restaurante; para poderem dar-lhes pratos e um serviço impecáveis na esperança de terem uma crítica positiva. Não que alguma vez isso resulte com Guy Rochester. Por melhor que ele coma, espeta sempre a faca depois. O homem é notoriamente feroz.

Já há muito tempo que nenhum dos principais críticos gastronómicos se dava ao trabalho de visitar Little Italy. O restaurante era uma verdadeira instituição e havia bastantes novos espaços espampanantes com *chefs* que eram celebridades para lhes tomarem a atenção. De vez em quando, um cliente mencionava-nos num *site* na Internet, mas na maior parte das vezes eram críticas positivas. Publicidade negativa era coisa com que eu não me preocupava naquela altura.

Suponho que ele deve ter vindo num dia em que Frederico não estava ao serviço. Frederico é o nosso chefe de sala, lugar que ocupa quase desde que o *papa* abriu o restaurante. Já passou há muito tempo da idade da reforma, mas recusa-se a ir-se embora, e eu não tenho coragem para o obrigar a fazê-lo. Frederico adora o Little Italy; é o seu lar. Ainda se encarrega de receber todos os clientes, maneja o moinho gigante da pimenta por cima dos pratos e põe o guardanapo no regaço dos comensais. Mas o que ele faz melhor é circular pela sala de jantar mantendo um olhar vigilante em tudo. Se Frederico estivesse no restaurante, teria reconhecido Guy Rochester e viria direito à cozinha para me avisar.

E o que é que eu poderia ter feito? Possivelmente, nada de nada. Agrada-me pensar que

proporcionamos a todos os clientes os pratos mais bem confeccionados e a melhor atenção. Há dias não em qualquer cozinha, mas eu nunca passaria um prato pelo postigo sem a minha aprovação. O meu pai, Beppi, ensinou-me a comer de todos os pratos do serviço do almoço e do jantar, a provar os molhos, a testar se a massa e o arroz arbório estão no ponto, se um naco de vaca ou uma carne de borrego estão tenros. Era rigoroso, e nisso pelo menos segui-lhe o exemplo. Se eu soubesse que havia um crítico no restaurante, talvez tivesse subido um pouco a parada, mas não muito. Se eu soubesse que era Guy Rochester... bem, outros *chefs* já o expulsaram dos seus restaurantes, e não os censuro.

De alguma maneira, ele conseguiu entrar e sair sem nenhum de nós reparar. Só ficámos a saber quando a crítica apareceu no jornal num domingo na primavera.

Na minha casa, os domingos são tão tirânicos como qualquer outro dia. Não há tempo para ficar a preguiçar na cama com um café e os jornais como as outras pessoas. Em vez disso, levanto-me à hora do costume, cozo uns ovos para Katia, engulo duas rodadas de torradas barradas com Marmite para aguentar a manhã toda e depois saio porta fora para o trabalho.

Ao almoço de domingo é quando a sala do Little Italy está mais ruidosa e mais alegre. Muitos dos clientes habituais vêm almoçar depois de terem assistido à Missa Cantada na igreja de St. Peter's. É o dia em que gostam de trazer os filhos e os netos para comemorar dias de anos, o dia do santo patrono ou aniversários de casamento, e mandam vir os seus velhos pratos preferidos.

Naquele domingo em particular, eu estava atrasada. Katia estava a fazer uma birra por causa do trabalho para casa de Matemática e precisava de ajuda. Eden disse que tinha passado mal a noite e que precisava de dormir para recuperar. Eu nem tive um momento para folhear o jornal até à secção Comer Fora do *Herald* para ver quem Guy Rochester tinha destruído daquela vez.

Quando cheguei ao Little Italy, encontrei também as coisas atrasadas. O ambiente estava tenso, e Frederico olhou-me de testa franzida quando entrei. O *sous chef* e dois outros funcionários lançaram olhares nervosos na minha direção enquanto trabalhavam com as facas e as tábuas de cortar.

– Eu sei, eu sei, cheguei atrasada e temos um monte de reservas e está tudo um caos. – Tirei o meu avental do gancho e enfiei os caracóis por baixo de um barrete preto. – De qualquer maneira, já cá estou, por isso, vamos lá a despachar-nos, está bem?

Frederico lançou-me mais um olhar, desta vez mais indeciso.

– Estás bem? – perguntou.

– Estou, foram só os dramas familiares do costume, nada de preocupante.

No início de cada dia de trabalho, verifico as reservas. No Little Italy, ainda usamos um grande livro encadernado a pele – principalmente porque Frederico não confia em computadores – e a minha rotina é abri-lo e verificar o movimento com que podemos contar.

Nesse domingo, para minha surpresa, vários dos nomes na lista tinham sido riscados com um traço preto grosso. – Tantas reservas canceladas hoje; é um pouco estranho, não é?

Frederico fitou-me e voltou a franzir a testa, mas não disse nada.

– Talvez haja uma epidemia de gripe ou coisa do género. Bem, suponho que vamos encher a sala com clientes de última hora.

Mas isso não aconteceu. De facto, foi o domingo mais parado de que eu me lembrava há anos. Até tive tempo de sair da cozinha e dar uma volta pelas mesas. Muitos dos clientes eram rostos familiares, pessoas que me conheciam desde que eu era pequena, e foi um prazer parar e trocar

umas palavras com eles.

– Está bem, minha querida? – perguntaram-me alguns velhos clientes, dando-me uma palmadinha no braço e sorrindo com simpatia.

– Sim, ótima – respondi, perguntando-me se estaria mais pálida ou com um aspeto mais esgotado do que o habitual.

Perto do final da hora do almoço, com as doses de tiramisu alinhadas junto ao postigo, o meu telemóvel tocou. Uma das regras que faço questão de cumprir à risca é absolutamente nada de telefones na cozinha. Não posso permitir que a minha equipa se ponha a mandar mensagens enquanto cozinha; preciso que eles se concentrem. Mas devia ter enfiado o meu telemóvel no bolso ao sair à pressa de casa e ter-me esquecido dele.

– Merda – disse eu, tirando-o do bolso. – Desculpem lá.

Tinha de atender, porque vi que era a minha irmã Pieta, e ela sabe bem que não deve telefonar-me a meio da hora do almoço a não ser que seja algo realmente urgente.

– Olá, que se passa? – perguntei, abrindo a porta que dá para o pequeno pátio das traseiras, onde temos uns vasos de salsa e de rosmaninho.

– Só te telefonei para ver se estavas bem – respondeu ela.

– Sim, estou ótima. Porque é que toda a gente me pergunta isso hoje?

Houve um momento de silêncio.

– Pieta?

– Oh, que diabo, ainda não viste, pois não? – disse ela.

Apalpei os bolsos à procura de cigarros e depois lembrei-me que tinha voltado a deixar de fumar.

– Não vi o quê? Pieta, de que é que estás a falar? – perguntei, irritada.

– Onde é que estás?

– No restaurante, claro. É domingo.

– Mas onde, exatamente?

– Cá fora, a apetecer-me fumar.

– Ninguém te disse nada?

– Por amor de Deus, Pieta, vai direta ao assunto.

– OK, OK, mas não vais gostar nada – disse-me ela. – Quer dizer, não vais gostar *mesmo* nada.

– Espera um segundo, então. – Abri a porta das traseiras e procurei nos bolsos dos casacos pendurados nos ganchos por trás dela até encontrar o maço de *Benson & Hedges* de alguém. Eram *Lights*, mas teriam de servir.

– Certo, o que é que aconteceu? – perguntei à minha irmã depois de acender o cigarro e dar a primeira passa.

– O Guy Rochester tem uma crítica ao Little Italy no jornal de hoje – disse-me Pieta a toda a pressa. – Honestamente, o tipo é um parvalhão. Já alguma vez disse alguma coisa positiva sobre algum restaurante? Acho que não. É a última vez que compro o *Sunday Herald*. Vou boicotá-lo. Eh, Dolly, tu estás bem? Não podes levá-lo a sério; toda a gente sabe como ele é...

Penso que Pieta disse outras coisas, muitas outras coisas, continuava a falar, mas eu tinha deixado de a ouvir. Deixando cair o cigarro, voltei de um salto para a cozinha.

– Quem é que o tem?

Os empregados de mesa ficaram paralisados a fitar-me; o pessoal da cozinha tentou parecer atarefado.

– Vá lá, sabem do que estou a falar. O raio do jornal, um de vocês deve tê-lo.

Nino, o *sous chef*, dava a impressão de que ia vomitar.

– Julgámos que tinha visto e estava a manter-se muito calma – murmurou.

– Não.

Ele acenou com a cabeça na direção da sua sacola, pendurada num gancho ao lado do casaco dele.

– Ali dentro – disse.

Levei o jornal lá para fora, apanhei o cigarro, meti-o entre os lábios e consegui voltar a acendê-lo. Em seguida, virei para a página de Guy Rochester e comecei a ler.

Dizem que nunca se deve tentar voltar atrás, que o passado é um país estrangeiro. Eu devia ter dado ouvidos a esse conselho. Na neblina aconchegada das minhas recordações, um dos espaços mais calorosos estava reservado ao Little Italy. Em pequeno, era ali que me levavam a jantar antes de regressar ao colégio interno. Deixavam-me comer o que quisesse – mais parmesão, duas sobremesas, até mesmo um pouco de vinho misturado na água – e o proprietário, Beppi, dava-me sempre uns cartuchos de papel com gressinos para eu levar. Em criança, adorava aquele sítio. A comida vinha cheia de molho de tomate como em qualquer boa *trattoria* da zona; as paredes de estuque estavam cobertas por retratos de família dos velhos tempos, os comensais na mesa ao lado muitas vezes conversavam em italiano.

Devia ter-me contentado com as recordações. Mas algo me levou de volta e o meu coração ficou despedaçado. Porque o Little Italy é como uma velha amiga que fez uma plástica mal sucedida que toda a gente é demasiado bem educada para mencionar.

A filha de Beppi, Addolorata Martinelli, sucedeu-lhe há alguns anos, e desde então tem andado ocupada a imprimir a sua falta de carácter ao restaurante. Eu poderia perdoar-lhe as paredes pintadas de branco, as toalhas de mesa brancas como a neve e a louça como a de todos os outros restaurantes. O estilo minimalista está por toda a parte, mas não é propriamente ofensivo. Se pelo menos ela tivesse adotado a mesma abordagem para a comida – se a tivesse mantido simples e escorreita, como era nos tempos do seu pai.

Mas não, Ms. Martinelli fez precisamente o oposto. Pegou em belos ingredientes e enfeitou-os com folhos e rodriguinhos. É como se tivesse viajado pela Itália a catrapiscar pechisbeque e agora andasse a espalhá-lo à toa pelos seus pratos – um *salmoriglio* aqui, ali e em toda a parte, um borrifo de pão ralado ou de pistáchios esmagados ou ambos, uma estranha crosta num *risotto* de abóbora assada, que talvez fosse de nozes. Quanto mais melhor, no Little Italy. Todos os pratos têm um ou dois acessórios extra cheios de paladares confusos.

Há vestígios dos tempos de glória. Tenho a certeza de que reconheci o moinho gigante de pimenta que borrifou uma espécie de cascalho sobre o esparguete com amêijoas do meu comensal, e havia retratos de Beppi em jovem nas paredes. Infelizmente, a nova vassoura varreu todo o resto.

Eu poderia ter perdoado ao Little Italy por já não ser o mesmo. Todos mudamos com a idade. Mas não posso perdoar-lhe esta coisa em que se tornou. Se ao menos eu não tivesse lá voltado.

*

Acabei de ler e o que fiz? Nenhuma das coisas que seriam de esperar. Não berrei nem gritei, não

me desfiz em lágrimas nem saí porta fora. Por um momento, fiquei ali de pé, com o exemplar do *Sunday Herald* de Nino nas mãos, e a seguir voltei para dentro e meti-o na sacola dele. Não aludi à crítica e ninguém me disse uma palavra que fosse. Prosseguimos com a limpeza e com os preparativos para o jantar, quase sempre em silêncio.

Na sala, os nossos clientes estavam a mandar vir o café. A velha máquina Gaggia guinchava e assobiava, mancheias de *biscotti* tilintavam em pequenos pratos, e os empregados de mesa andavam a trazer pratos quase sem sinal de tiramisù neles. Tudo estava exatamente como em qualquer outro domingo. No entanto, tudo era completamente diferente.

– Addolorata, a tua irmã está aqui para te ver. – Pobre velho Frederico; parecia que alguém lhe tinha morrido. – Trago-a cá dentro ou vais ter com ela?

Hesitei. Nas raras ocasiões em que Pieta dava uma saltada ao restaurante, gostávamos de nos instalar a uma mesa na sala e aproveitar a oportunidade para pôr a conversa em dia. Mas hoje eu queria evitar voltar à sala.

– Trá-la cá dentro, obrigada, Frederico – disse eu, maravilhando-me por nem sequer me tremer a voz.

Imagino que Pieta tenha saído de casa a toda a pressa e apanhado um táxi mal se apercebeu de que eu tinha ficado em silêncio ao telefone. Mesmo assim, estava perfeita. Trazia um lenço colorido atado ao pescoço, o cabelo brilhante bem penteado, *bâton* vermelho bem aplicado. Quem é que alguma vez andaria em casa com aquele aspeto numa tarde de domingo? Ninguém a não ser a minha irmã, com certeza?

Esfreguei a testa brilhante de suor.

– Vem lá fora às traseiras comigo – disse-lhe. – Preciso de apanhar ar.

Sentámo-nos na soleira da porta, lado a lado, e Pieta passou-me para as mãos um maço de cigarros.

– Eu deixei de fumar – disse-lhe eu, abrindo-o.

– Hum, sim, eu sei. – Passou-me para as mãos um isqueiro barato de plástico. – Podes voltar a deixar amanhã.

Pieta e eu passámos uma grande parte da nossa infância sentadas juntas em soleiras de portas. Era onde fazíamos colares de margaridas e pintávamos os nossos livros de colorir. Na adolescência, fumávamos às escondidas quando estávamos a sentir-nos mais ousadas. Mas depois crescemos, e agora Pieta levava uma vida limpa e refinada, deixando-me a mim os maus hábitos.

– Então? – começou ela.

– Então – repeti, e foi nessa altura que me deixei ir, chorando tão alto que decerto me ouviam na cozinha; tanto que não consegui falar durante um bom bocado.

Pieta tirou-me o cigarro da mão, deu uma passa, tossiu um pouco e devolveu-mo.

– Sabes, Dolly, parece horrendo agora, mas é só uma crítica de jornal – disse ela, cheia de bom senso e razoável. – Ninguém que goste do Little Italy lhe vai prestar a mínima atenção, porque, como eu te disse ao telefone, toda a gente sabe como o Guy Rochester é.

Não lhe falei dos cancelamentos dessa manhã, tal como nunca me dera ao trabalho de mencionar que nos últimos tempos tínhamos frequentemente mais mesas vazias do que cheias. Pieta é tão bem-sucedida! É estilista de vestidos de noiva de luxo, proprietária com o seu marido Michele de uma cadeia de cafés e de lojas onde se vende café moído na hora, tem dois filhos virados para o desporto e uma prateleira cheia com os troféus deles. Eu tenho plena consciência de não estar à

altura dela.

– Talvez ele tenha razão e eu tenha dado cabo do restaurante – disse eu, num tom monocórdico.

– Que tolice. Mudaste certas coisas, mas para melhor. E o que ele disse sobre a comida... bem, aquele idiota não sabe do que fala. Não acredito que alguma vez viesse cá quando era pequeno. – Pieta estava o mais furiosa que eu já a tinha visto. – É tudo uma grande tolice.

– Sim, mas o que é que o *papa* vai dizer quando a ler? Vai aparecer na Internet. Ele é capaz de já a ter lido.

Os meus pais tinham mantido uma pequena casa em Londres, mas passavam a maior parte do tempo na sua *villa* à beira-mar no Sul de Itália. Eu tinha julgado que o meu pai se iria aborrecer vivendo lá, mas descobriu aquilo a que chamava «a interweb», e, para desgosto da minha mãe, tornou-se um verdadeiro obcecado em pouco tempo.

– Há todas as hipóteses de ele ainda não a ter visto, sabes? Não é preciso pagar para ter acesso ao *site* do *Sunday Herald*? O *papa* é demasiado poupado para isso.

– Alguém lhe vai contar, mostrar-lhe. E depois ele vai ficar arrasado.

– Vai ficar zangado – disse Pieta, pensativa. – Detesta que alguma coisa nos perturbe. Mas tenho a certeza de que vai achar que é uma tolice, como eu.

– Ele ficou desvairado quando eu mandei tirar o estuque das paredes – recordei-lhe. – E nunca achou realmente que eu cozinhasse tão bem como ele.

Pieta riu-se.

– Ninguém cozinha tão bem como o *papa*; tu sabes isso. Ele ficaria furioso se assim fosse.

Apaguei o cigarro e pus a cabeça entre as mãos.

– Só me apetece fugir – gemi.

– Pois é, a mim também, por vezes.

Isso surpreendeu-me.

– A sério?

Pieta encolheu os ombros.

– Apetece a toda a gente, não é? Todos temos a fantasia de escapar a esta corrida louca e de viver numa cabana na praia ou numa casinha em França. O Michele e eu andamos sempre a falar sobre isso. Mas nunca o faríamos.

– Porque não? Se vendessem os vossos negócios todos, teriam posses para o fazer. E se é o teu sonho...

– Sim, mas será que eu o quereria tornar realidade? Não consigo imaginar-me a abandonar tudo o que temos. Como tu com o restaurante... é demasiado precioso. Investimos demasiado de nós nisso.

– Suponho que sim.

– Eu sei que te sentes horivelmente agora, mas...

– A imprimir a minha falta de carácter ao restaurante – disse eu, a citar a crítica com azedume. – A falta de carácter, bolas.

– Claramente, o sujeito não te conhece – disse Pieta.

– Para bem dele, é melhor que nunca me conheça. Amasso-lhe aquela carantonha feia se alguma vez o vir.

– Ah, ainda bem, já passaste da depressão para a fúria.

– O que vem a seguir a isso?

– Não tenho a certeza – confessou ela. – Mas suponho que estou prestes a descobrir.

Encostei-me a ela.

– Obrigada por teres vindo tão depressa. Aposto que estavas a meio de qualquer coisa.

– Na verdade, estava a fazer um bolo. São os anos do teu sobrinho – disse Pieta, num tom animado.

Os dias de anos são uma das coisas que adoro; sempre lhes dei muita importância. Faço bolos, embrulho os presentes em camadas e camadas de papel para o aniversariante não ter hipótese de descobrir o que está dentro, organizo jogos e faço fatiotas para os miúdos, *cocktails* para os pais. Ultimamente, andava tão atarefada que tudo isso tinha passado para segundo plano, mas mesmo assim custava-me a crer que me tivesse esquecido completamente deste aniversário.

– Oh, merda – disse eu à minha irmã. – Desculpa. Tenho andado muito ocupada e esqueci-me completamente. Devo estar a passar-me.

– Não tem mal. Eu gostei bastante de fazer o bolo. É um bolo com corante vermelho – disse-me ela, toda orgulhosa. – O Michele prometeu que o tirava do forno, e já fiz a cobertura de manteiga. Por isso, não tenho de me ir embora já. Talvez pudéssemos ir a algum lado beber um copo?

Tirei o barrete e penteei o cabelo com os dedos.

– Adorava, mas devia ir para casa mal possa. A Katia estava com problemas no trabalho para casa quando saí hoje de manhã e o Eden não está nada bem.

– Ainda não melhorou das costas?

– Não – disse, abanando a cabeça, sem entrar em explicações.

O Eden é construtor civil. Sempre foi supercuidadoso nos estaleiros e nos projetos, nunca teve acidentes tontos como alguns dos outros tipos. E depois gasta o que não temos para ir fazer umas férias na neve com os amigos e volta para casa com as costas desfeitas. Apesar de ter andado meses e meses na fisioterapia, nunca mais ficou bem. Nos meus momentos mais sombrios, eu perguntava-me se não seria uma desculpa para ele evitar todas as coisas que preferia não fazer: trabalhar, lavar a louça, limpar as casas de banho.

– Anda daí, Dolly, só uma bebida – disse Pieta. – Meia hora no máximo. Eles os dois podem esperar um pouco mais, com certeza?

– Suponho que sim – concordei. – Mas só se formos já.

Normalmente, agrada-me demorar-me no Little Italy, a experimentar novas ideias na cozinha ou a cirandar pela sala. Mas nessa tarde mal podia esperar para delegar o turno do jantar e afastar-me daquele sítio e das expressões abatidas de toda a gente lá.

– Vamos até ao Soho – sugeri. – Há um bar a que ando para ir há uns tempos.

Não é uma caminhada especialmente longa do Little Italy até ao Soho: vinte minutos em passo ligeiro. Mas no caminho passámos por dois dos cafés do meu cunhado. Estão todos decorados exatamente da mesma maneira, com o chão de cimento industrial coberto de juta, sacos de café e mobiliário de metal desirmanado. Sente-se o cheiro a café moído a dez passos, e os cafés parecem estar abertos e com movimento a toda a hora.

É difícil acreditar que há dez anos Michele começou só com a velha loja do seu pai. Ele e Pieta têm trabalhado no duro desde essa altura. Agora, há pessoas a fazerem fila para os seus *cappuccinos* e os seus pastéis polvilhados com açúcar por toda a cidade de Londres.

A minha irmã nunca fala sobre o dinheiro que eles ganham, mas gasta-o com mais despreocupação agora. Anda sempre a sugerir umas miniférias ou uns sítios adoráveis no Sul de França. A intenção é boa – suponho que já se esqueceu de como é estar dependente dos cartões de

crédito ou hipotecar a casa para pagar o salário do pessoal. Se ela soubesse como era a minha vida, oferecia-se para me ajudar, pagando-me as dívidas ou fazendo-me um empréstimo. Mas eu não quero isso, tal como não quero que ela pague os táxis ou a conta em restaurantes.

– Então, aonde me vais levar? – perguntou ela enquanto descíamos Old Compton Street.

– A um sítio pequeno que é novo, onde servem pratinhos de comida do Norte de Itália... tem tido muito boas críticas. – Tentei soar irónica, sem conseguir.

Pieta pegou-me no braço e apertou-o, a reconfortar-me.

– Preferia que estivéssemos a celebrar e não a lamentar-nos, mas, mesmo assim, é bom estar contigo. Não foi já há que tempos?

– Hum, suponho que sim.

– E tenho a certeza de que vou gostar de pratinhos do Norte de Itália, sejam eles o que forem.

Pieta não tem grande interesse por comida. Falta-lhe o gene que o meu pai me passou a mim. Salta uma refeição sem reparar, e era capaz de viver de ovos mexidos e torradas se não fosse Michele e os filhos. Por consequência, usa pelo menos dois tamanhos abaixo do meu e fica fantástica com tudo o que veste.

Bem vistas as coisas, acho que prefiro comer. Para mim, sempre foi a melhor razão que me ocorre para sair da cama de manhã. Mesmo quando era adolescente, vivia para as almôndegas de porco e funcho do meu restaurante chinês favorito; para a sopa de massa vietnamita com ervas frescas, para as embalagens de saladas gordurosas do Médio Oriente e para os *croissants* com amêndoas da padaria francesa ao cimo da rua. Roubava o perfume da Pieta, pedia-lhe o *bâton* emprestado, cravava cigarros aos amigos e gastava o meu dinheiro todo em coisas deliciosas. Muitas vezes faltava às aulas e ia sozinha comer em restaurantes manhosos em Chinatown ou ia para leste às padarias e às charcutarias de judeus, onde vendiam bolinhos de batata com salmão fumado. Até aos sítios em Hoxton onde se vendem empadas de enguias eu ia.

A comida tem enchido o meu mundo desde essa época. Não sei explicar porquê, mas sinto-me nervosa se não comer bem. Pieta diria que sou uma obcecada; suponho que a minha mãe também. Só o *papa* compreende, porque é como eu. Na maior parte das coisas. No que diferimos é que ele é um homem tradicional, satisfeito com a maneira como sempre cozinhou e comeu, enquanto eu estou sempre disposta a experimentar a última novidade. E era por isso que tinha trazido a minha irmã a este bar minúsculo e na moda, onde não havia tabuleta à porta, o empregado estava coberto de tatuagens e o balcão estava apinhado com pratos de esmalte esbotados cheios de petiscos mediterrânicos.

– Vais pedir mais do que a nossa conta, não vais? – Pieta soava resignada.

– Provavelmente... Olha, escolhe tu as bebidas. – Passei-lhe para as mãos a lista de vinhos.

Ela mandou vir Prosecco enquanto eu escolhia o que queria provar no balcão da comida. Um par de *pizzette* cobertas com rodela finas de curgetes cruas marinadas; azeitonas fritas recheadas com anchovas e sálvia; uma espécie de salame com pimentos picantes; um prato de almôndegas de carne; uma taça pequena de pimentos verdes picantes marinados.

– Já chega – disse Pieta. – Eu tenho de ir para casa para o jantar de anos do Carlo, não te esqueças.

Senti mais um rebate de consciência.

– Eu passo lá em casa a deixar-lhe um presente amanhã – prometi. – Alguma coisa maravilhosa.

– Oh, ele tem muitas coisas, não te preocupes com isso. Não conseguimos fazer com que os avós

parem de gastar dinheiro com ele.

– Seja como for, ele é meu sobrinho, quero estragá-lo com mimos – insisti, enquanto via o empregado encher dois copos com vinho espumante.

Pieta pegou no seu copo e ergueu-o.

– A ti e ao Little Italy – disse.

– A comer e beber para atenuar a dor – respondi, batendo com o meu copo no dela antes de beber um gole do vinho leve e com sabor a limão.

Embora não sentisse grande fome, comi grande parte do que tinha mandado vir, com a mão a ir do prato à boca automaticamente. A maior parte da comida era muito boa e sentia-me cheia quando acabei.

– Tens tempo para outro copo? – perguntou Pieta, lançando um olhar ao relógio com um ar caro que Michele lhe tinha comprado no Natal.

– Vamos a isso – concordei.

Lá fora, estava um dia cinzento, ventoso. As pessoas passavam à pressa junto à montra, com as abas dos casacos a adejarem, o queixo enfiado no cachecol, e eu sentia-me contente por estar ali dentro, sentada, num ambiente com luzes discretas, enquanto um empregado do bar com círculos e espirais tatuados nos braços nos servia mais Prosecco.

– Mais vale deixar-nos a garrafa – disse-lhe eu.

Nos velhos tempos, talvez Pieta tentasse acompanhar-me na bebida. Agora, a minha irmã pensa nas dores de cabeça e na ressaca e raramente quebra o seu limite de dois copos. Se estou a dar a impressão de que ela é uma desmancha-prazeres, lamento, porque realmente não o é. Mas nós somos diferentes; acho que sempre fomos.

– Dolly – disse ela agora. – Quando foi a última vez que tiraste uns dias?

– Estamos fechados à segunda-feira – recordei-lhe.

– Sim, mas eu referia-me a um período de tempo em condições, não só a um dia.

Encolhi os ombros.

– Não sei.

– Não é saudável. Toda a gente precisa de fazer uma pausa no trabalho.

– Sim, mas nem toda a gente está à frente de um restaurante em dificuldades, pois não?

– Oh... está em dificuldades? – Pieta soava preocupada.

Fiz girar o Prosecco no copo.

– Não mais do que uma data de outros sítios neste momento, suponho eu.

– Bem, então acho que tens de pensar numa maneira de organizar as coisas para poderes tirar umas férias. Tem de ser possível. Duas semanas não vão fazer assim tanta diferença como isso, com certeza. Não podes deixar o Frederico a tomar conta do restaurante? E aquele *sous chef*... o Nino, não é? Ele já lá trabalha há tempo suficiente para se encarregar da cozinha.

– Ótimo, então agora tu sabes tudo sobre como gerir o meu restaurante.

Ela pareceu ficar magoada.

– Não sejas assim.

– Não posso dar-me ao luxo de ir de férias, especialmente depois de hoje. Não é óbvio?

– Na verdade, eu diria que não poderia ser em melhor altura. Põe alguma distância entre ti e o Little Italy, descontra-te e areja as ideias. Podes ter a certeza de que voltas para casa melhor.

– Ótima ideia, mas não vai acontecer.

– Podia, se tu quisesse – insistiu ela.

Pieta encheu-me o copo e depois deitou mais um pouco de vinho no dela, quebrando o seu limite pessoal.

– Onde é que eu iria? – perguntei, abatida.

– Há todo um mundo que tu nunca viste. Ias adorar a Ásia, ou que me dizes a Marrocos? Obviamente, teria de ser um país com comida espantosa e muita vida e cor. Tu não és do tipo de fazer umas férias de bicicleta em França, pois não?

– Decididamente, não – concordei.

– Pensa nisso. Presta atenção a ofertas especiais.

– Acho que podia falar com o Eden... embora não saiba se ele poderia ficar sentado num avião algum tempo, com as costas naquele estado...

– Nesse caso, leva só a Katia – sugeriu ela. – Faz uma viagem de mãe e filha. Não seria divertido?

– Talvez.

Pieta tem dois filhos ruidosos, pouco complicados. Não faz ideia de como Katia pode ser quando está numa daquelas fases de bruxinha. De qualquer modo, talvez ela tivesse razão e passarmos uns tempos fora as duas fosse exatamente o que era necessário.

– Umas férias agora seria encantador – disse Pieta, entusiasmada. – Eu ia contigo se não estivéssemos a chegar à época dos casamentos.

– Larga as tuas noivas e eu largo o meu restaurante – sugeri.

– Não é assim tão fácil como isso – disse a minha irmã, com pena. – E eu e o Michele temos uma grande viagem planeada para o Natal, às Ilhas Galápagos. É uma surpresa para os garotos, não digas nada.

De alguma maneira, a minha irmã conseguia sempre fazer-me sentir uma má mãe. Aonde é que a pobre da Katia já tinha ido? Para além de duas férias de campismo à chuva na Cornualha, dias passados na praia com pedregulhos de Brighton e de temporadas com os avós em Itália, ainda não tinha visto nada do mundo. Os primos ganhavam-lhe em tudo, ao que parecia.

– Devia ir para casa – disse eu a Pieta, acabando a minha bebida. – Suponho que o Eden já viu aquela crítica. Talvez esteja até preocupado comigo.

– Tudo bem. Mas vamos ver se nos encontramos em breve. Talvez um jantar de família em nossa casa durante a semana? Não te preocupes, o Michele cozinha.

– Tu fizeste um bolo com corante vermelho hoje – recordei-lhe.

– Bem, nunca se sabe: se sair bem, talvez eu tente fazer outro.

Pieta pagou a conta; insistiu, e, por uma vez, não tive vontade de argumentar. Lá fora, na rua, ela abraçou-me. – Adoro-te, Dolly – sussurrou-me ao ouvido.

– Também te adoro, minha querida.

Fiquei a vê-la afastar-se, com os seus botins e a sua saia curta, pernas finas envoltas em meias com um padrão, a dar a impressão de que tinha acabado de sair de um filme francês de autor. Por um momento, pensei em correr atrás dela. À esquina de Wardour Street, Pieta chamaria a um táxi que a levaria de volta para a sua casa bem ordenada e para o seu marido. Haveria manjares de aniversário para Carlo, uma mesa de jantar posta com guardanapos coloridos, presentes belamente embrulhados. Entretanto, em minha casa, tudo seria um caos como sempre. De pé à porta daquele pequeno bar engraçado no Soho, varrida pelo vento e amolecida pelo álcool, podia ter-me ido

abaixo só de pensar naquilo.

Em vez disso, fui até Oxford Circus e apanhei o metro para casa. Enquanto seguíamos viagem pela Victoria Line, pensei no que a minha irmã tinha dito. Era ridículo; eu estava demasiado atarefada para tirar uns dias de folga. Mesmo assim, fechei os olhos para não ver as luzes brilhantes do comboio e pensei no som do mar e na sensação do sol, em *cocktails* em copos altos, em mim e na Katia deitadas juntas numa cama de hotel a ver filmes à noite, e em dias de céu azul a espaiarem-se e a seguirem-se uns aos outros preguiçosamente. Quase conseguia sentir o cheiro da loção bronzeadora.

Há anos, eu tinha um grupo de amigas com quem costumava ir de férias. Eram colegas da escola com quem tinha mantido contacto, e encontrávamo-nos em *villas* junto ao Mediterrâneo sem pensar em mais nada a não ser em nos divertirmos. Ainda recebo notícias delas de vez em quando. Trocamos *e-mails* e postais nos aniversários e no Natal, mas há séculos que não vamos todas de férias. Todas estamos ocupadas com casamentos, divórcios, com o trabalho ou a ter bebés, e nunca conseguimos marcar uma data e muito menos um local. Agora praticamente já deixámos de fingir que isso poderia voltar a acontecer.

Arrastei-me da estação do metro para casa a sentir-me deprimida. A pouca luz desse dia começava a desvanecer-se e o vento era enregelante. Estaria calor em Espanha agora, ou em Marrocos, como Pieta sugerira? De certeza que não seria tão monótono e cinzento, que não cheiraria assim tanto a fumo de escapes, não estaria tão absolutamente desprovido de perspectivas aliciantes.

Por um momento, considerei a hipótese de marcar um voo para um lugar soalheiro com o cartão de crédito e de me preocupar com o pagamento mais tarde. Mas recordei a mim mesma que isso era impossível e virei para o caminho para casa.

CAPÍTULO 2

Eden e eu ainda vivemos no apartamento de três assoalhadas que comprámos logo a seguir a casarmos. Era uma casa convertida de forma barata em apartamentos, e ainda se ouve cada estalido e cada passo do casal que vive no andar de cima, mas tem jardim – um jardim que tenho a intenção de longa data de plantar devidamente, com arbustos e árvores – e a rua é mais sossegada do que qualquer uma à volta.

Não que fosse sempre uma santa paz por trás da nossa porta da rua. Quando a empurrei para a abrir naquele domingo à tarde, só ouvia o som de uma corrida de automóveis. Eden estava a ver a Fórmula Um, deitado de costas em frente à televisão, provavelmente ainda com as calças de fato de treino com que tinha dormido na noite passada.

– Põe mais baixo – berrei ao passar pela sala a caminho da cozinha. A louça suja do pequeno-almoço estava empilhada no lava-louças e alguma do almoço tinha vindo fazer-lhe companhia. Katia devia ter estado a pintar desenhos com as amigas e depois fartou-se e deixou as coisas dela a atravancarem a mesa, ao lado do monte de contas que eu tinha ali abandonado.

Abri o frigorífico, agarrei numa garrafa meio vazia de Chardonnay, tirei-lhe a rolha e servi-me de uma medida generosa.

– Ouviste-me? Eu disse-te para baixares o som do raio da televisão – gritei outra vez.

– O quê? – ouvi Eden dizer. – Dolly, és tu?

– Sim, sou eu. Quem mais havia de ser? – De copo na mão, marchei para a sala de estar. – Onde está a Katia?

– Hum... – Ele mudou de posição e estremeceu. – No quarto dela, a jogar no computador.

– A jogar ao quê?

– Não sei, ao que ela costuma jogar.

– Eden, nós já falámos sobre isto. Tu devias monitorizá-la. Ela pode estar a ver sabe-se lá o quê... pornografia... violência...

– Porque é que ela haveria de querer ver pornografia? – Com muito cuidado, Eden soergueu-se. – Eu vou ver, mas aposto o que quiseses que ela não está a ver nada disso.

Atirando-me para o sofá, reparei no *Sunday Herald* aberto no chão perto de onde Eden tinha estado deitado. Geralmente, as críticas a restaurantes não lhe interessavam muito, mas, se ele tinha lido a de hoje, era estranho que não se tivesse dado ao trabalho de me telefonar.

– Pois é, está a jogar jogos – disse-me ele ao voltar. – Nada com que nos preocuparmos.

Instalou-se no sofá ao meu lado, com almofadas a ampararem-lhe as costas, embrenhado de novo nas corridas.

– Então? Viste-a? – perguntei.

– Hum, vi o quê? – Ele soava vago.

– A crítica ao Little Italy do Guy Rochester no jornal.

– Oh, isso, sim, vi. A Pieta telefonou a dizer-me.

– E?

– É uma chatice – disse ele, ainda a fitar a televisão.

– É tudo o que tens a dizer sobre a crítica?

Ele deu-se ao trabalho de me lançar um olhar.

– Que mais queres que te diga?

Por vezes, olho para Eden e lembro-me de porque é que me apaixonei por ele logo ao princípio. Ele tem um perfil incrível, forte como uma estátua. A pele dele é da cor de chocolate de leite, e, embora tenha cortado mais curtas as rastas e agora só lhe cheguem aos ombros, continuam a ser atraentes. Quando me aproximo o suficiente para cheirar aquele perfume almiscarado da sua pele quente, quando ele me toca ou me sorri por nenhuma razão em especial, quando o vejo de novo depois de termos passado alguns dias separados... mas esta não era uma dessas ocasiões. Não, não era.

– Podias começar por me perguntar se estou bem – disse-lhe eu.

– Porque é que não estarias? – Ele parecia perplexo.

– Estás a brincar, certo? O Guy Rochester acabou de me desfazer aos pedaços. Obviamente, estou desfeita.

– É a opinião de um sujeito, é tudo.

– Foi publicada num jornal nacional. É humilhante e... eu trabalho tanto e é isto que recebo... É de partir o coração.

– Vá lá, Dolly, não é como se tivesses perdido uma perna ou se alguém tivesse morrido. Não exageres.

– Não exagero? A sério?

– Sabes o que eu quero dizer. Se a transformares numa grande coisa é nisso que se tornará.

Bebi um gole de Chardonnay.

– É claro que é uma grande coisa. Se não consegues entender isso, então não me conheces minimamente.

Eden surpreendeu-me ao desligar a televisão. Sem o ruído dos motores dos automóveis, a sala parecia incomodamente silenciosa.

– Então queres falar outra vez sobre ti? – perguntou ele. – Muito bem, estou a ouvir-te. Anda lá para a frente.

Eden e eu sempre discutimos. Geralmente, berramos, ocasionalmente chegamos mesmo a atirar coisas. Mas ele nunca tinha usado aquele tom de voz comigo: tão frio e resignado.

– Tem sempre a ver contigo, não tem? – continuou ele, pausadamente. – O teu restaurante, os teus problemas com o pessoal, o teu cansaço, a tua vida atarefada. Nunca pensas em perguntar-me como correu o meu dia. Deduzo que é porque não te interessa ouvires-me. Até mesmo a Katia ocupa o segundo lugar em relação ao que quer que esteja a passar-se contigo.

– Isso não é verdade. – Eu estava indignada.

– Já estás em casa há dez minutos, mas deste-te ao trabalho de espreitar para o quarto dela e dizer-lhe olá? Não, estás a beber vinho e a falar sobre os teus assuntos como de costume.

Fitei-o, demasiado chocada para reagir.

– Tu usas todo o oxigénio quando estás presente, Addolorata; sabias isso?

– Eu vim para casa chateada e tu decides arranjar motivo para discutirmos? O que é que se passa contigo? – perguntei.

– Precisava de ser dito.

Eden ainda estava a falar daquele modo estranhamente distante, e comecei a compreender que esta discussão era diferente de todas as outras que já tínhamos tido.

– Eu sou o que sou – foi tudo o que consegui dizer.

– É claro que és. Então, queres que te deite mais vinho no copo? E depois podes continuar a beber até ficares com a voz empastada e adormeceres no sofá como acontece todos os domingos à noite. Depois, amanhã, no teu dia livre, vais andar tensa e impaciente com toda a gente. A Katia e eu já estamos acostumados. Mas isso não quer dizer que gostemos.

A injustiça daquilo era de cortar a respiração. E que tinha se eu precisava de uns copos para relaxar?

– Desculpa lá por eu não ser perfeita como tu – respondi, irritada.

Eden ignorou-me.

– Podíamos continuar assim, suponho. Tenho a certeza de que é o que fazem muitos casais. Mas é realmente isso que nós queremos?

Subitamente, senti muito frio.

– O que é que estás a dizer?

– Que alguma coisa tem de mudar mais cedo ou mais tarde. – Eden soava triste. – Li aquela crítica hoje de manhã e sabes o que pensei? Cá vamos nós. Cá vamos nós outra vez.

– O meu restaurante sustenta-nos, Eden. É o que paga a prestação da casa e nos põe comida na mesa neste momento...

– Sim, eu sei. Estás constantemente a lembrar-me isso. Mas não houve muitas ocasiões ao longo dos anos em que eu ganhei bem, em que pagava mais do que a minha parte? Nunca mencionas isso. Com certeza não pensas que me agrada esta situação. Eu não posso trabalhar, não posso fazer desporto; dói-me a entrar e a sair do carro, por amor de Deus. E depois, ainda por cima, tu tens de me fazer sentir...

– Como?

Ele desviou o olhar.

– Como um homem sem préstimo.

Era ao lado deste homem que eu dormia todas as noites. Conhecia o seu corpo como o meu, talvez ainda melhor. As cicatrizes nas suas mãos, as verrugas nas costas, os poucos pelos pretos encaracolados no seu peito. E mesmo assim não fazia ideia de que era isso que lhe andava na cabeça.

– Queres separar-te temporariamente de mim? – disse eu em voz baixa. – É isso?

Ele encolheu os ombros.

– Eden?

– Não quero perturbar a Katia.

– Então é sim?

Ele comprimiu os lábios e acenou com a cabeça.

– Oh, meu Deus! – Eu estava atarantada.

Subitamente, parecia-me ridículo ter-me sentido tão incomodada antes por causa de uma crítica ao restaurante: eram palavras escritas, cruéis talvez, mas mesmo assim só palavras.

– Queres que nos separemos? – disse, rouca e hesitante.

– Só precisamos de algum tempo longe um do outro para eu conseguir respirar em condições... e pensar. Isto é, se formos capazes de o fazer sem magoar a Katia.

– Tu ainda me amas? – Tinha de fazer essa pergunta.

Eden ficou em silêncio por demasiado tempo.

– Sempre te vou amar.

– Mas?

– Como eu disse, nem tu nem eu estamos bem com a maneira como as coisas estão neste momento.

Cruzei os braços e baixei os ombros.

– Oh, meu Deus – disse de novo.

Katia deve ter-se apercebido de que estávamos a discutir, embora mal erguêssemos a voz. Abandonou os seus jogos de computador e veio sentar-se entre os dois no sofá, aconchegando-se como fazia quando era pequena, a suplicar-me que lhe fizesse uma trança francesa, a guinchar quando Eden fazia de conta que ia fazer-lhe cócegas.

A minha filha é um ser assustadoramente lindo, uma combinação perfeita de todas as melhores partes minhas e de Eden. Tem os lábios cheios do pai, os meus caracóis brilhantes, a pele cor de café com leite dele, o meu rosto em forma de coração, o corpo atlético de Eden. É uma daquelas garotas que as pessoas andam sempre a querer fotografar ou pintar – até alguns agentes de modelos já me deram o seu cartão de visita. Eden nem quis ouvir falar disso, claro. Sente-se tão protetor como orgulhoso da sua pequerrucha.

Agora ela estava deitada de costas por cima dos nossos joelhos a mexer as pernas no ar.

– O que é que te deu? – perguntou Eden carinhosamente.

– É o diabo – disse-lhe ela, por entre risadinhas.

– Ah, era o que eu receava. – Eden esfregou o rosto nos caracóis dela e depositou-lhe um beijo na testa.

– Não me faças cócegas outra vez – avisou ela.

– Talvez não consiga conter-me. – Ele revirou as mãos. – Talvez os meus dedos estejam virados para as cócegas.

Katia estava numa idade muito problemática, como uma adolescente num minuto e no minuto seguinte como uma menina pequena. Eden parecia conseguir acompanhar as mudanças repentinas na sua personalidade muito melhor do que eu.

Eu adoro a minha filha, claro, com um amor entranhado. Mesmo assim, de vez em quando imagino como poderia ter sido a minha vida sem ela. Não se deve admitir uma coisa dessas, pois não? Não quando se é uma boa mãe. Mas, e se ela nunca tivesse chegado a nascer? E se nunca tivéssemos tido aqueles meses de hora do banho, hora da sesta, hora do almoço; a mesma rotina numa rotação estonteante? Se eu não tivesse passado os anos seguintes a sentir-me assoberbada e arrasada com o trabalho? Se a minha vida ainda me pertencesse só a mim...

– O que vai ser o jantar, mãe? – Katia sentou-se no sofá. – Estou cheia de fome. Trouxeste-me alguma coisa do restaurante?

– Não, desculpa – murmurei.

– Então podemos comer hambúrgueres e batatas fritas? Por favor?

Em regra, eu era absolutamente contra comida de plástico, mas nessa noite não estava para a contrariar.

– Sim, está bem.

– E um batido muito espesso?

– Porque não?

Katia saltou do sofá, atirando os braços ao ar como uma fã de futebol em êxtase.

– Boaaa!

Pensei em todas as refeições especiais que tinha preparado e que nunca eram recebidas com aquele tipo de reação.

– Mas só desta vez – avisei. – Não penses que vamos passar a comer assim todos os domingos à noite.

Ela não deixou que isso lhe estragasse aquele momento.

– Podemos ir buscar a comida? Calço os sapatos e visto o casaco?

Eden parecia surpreso.

– Estás a baixar os teus padrões – disse, quando ela saiu da sala a correr.

Encolhendo os ombros, emborquei o último gole de vinho.

*

Na manhã seguinte, não consegui sair da cama. Eden deve ter tratado de dar o pequeno-almoço a Katia e depois deve tê-la acompanhado à escola enquanto eu continuava deitada no quarto do andar de baixo, com os cortinados corridos e o edredão puxado até ao queixo, a dormir. Era algo que eu nunca fazia, nem mesmo às segundas-feiras, o meu único dia de folga na semana. Pensava em todas as coisas de que precisava de tratar, mas sentia as pernas demasiado fracas e a cabeça pesada.

A certa altura, ouvi tocar o meu telemóvel algures no andar de cima e puxei o edredão para tapar as orelhas. Pensei em todas as pessoas que não eram eu, em todos os londrinos a andarem à pressa lá fora, a fazerem as coisas habituais de uma segunda-feira, e senti-me muito separada deles, encasulada. No momento em que tinha acabado de decidir que seria possível passar o dia todo quase sem me mexer, Eden abriu a porta do quarto.

– Dolly, estás acordada?

Deitei-me de costas e soltei um resmungo.

– A tua irmã já telefonou três vezes.

– O que é que ela quer? – A minha voz estava empastada com o sono.

– É qualquer coisa sobre um jantar num dia desta semana e uns planos de férias; ela parecia pensar que eu saberia do que ela estava a falar.

– Oh, OK.

Atirou-me o telemóvel para a cama.

– Aqui tens... para o caso de queres telefonar-lhe.

– Certo, obrigada.

– Dolly, quanto a ontem à noite...

– Temos de falar sobre isso agora? – disse eu a toda a pressa. – Dói-me a cabeça; acho que estou a chocar alguma coisa.

– Vamos ter de falar sobre o assunto nalgum momento. Mas não, não agora mesmo, acho eu.

Esperei até ouvir o som dos passos dele na sala de estar por cima do quarto e a seguir liguei para a minha irmã.

– Olá – disse ela, atendendo ao segundo toque. – Tu estás bem?

– Que tal estava o bolo com corante vermelho? – perguntei.

– Oh, abateu um bocado no meio, mas enchi a cratera com creme de manteiga e o Carlo não pareceu reparar. A propósito, embrulhei um pequeno presente extra e disse que era da tua parte.

Fechei os olhos, enfiei a cabeça por baixo do edredão e coleí o telemóvel à orelha.

– Não tinhas de o fazer. Eu disse que queria comprar-lhe um presente bom. Não disse?

– Sim, mas eu sei que estás stressada e cheia de trabalho e não queria que te preocupasses com isso...

Só aquilo bastou para me perturbar.

– Demasiado stressada para comprar um presente de aniversário? Pareço realmente assim tão egoísta? – perguntei-lhe.

– Dolly, o que...

– Pensas que eu não quero saber dos teus filhos? Ou dos dias especiais deles? Ou seja do que for a não ser de mim?

– Minha querida, o que se passa? Ninguém pensa que tu és egoísta. Porque é que dizes uma coisa dessas? Oh, espera. Tiveste uma discussão com o Eden ou coisa do género?

– Hum.

– Certo. – Ela não parecia surpreendida. – Eu telefonei-te para te dar uma notícia que tinha a esperança que te animasse.

– Que notícia?

– Depois da nossa conversa ontem, encontrei uma pechincha incrível. E sei que foi impulsivo, mas pensei que seria a viagem perfeita de mãe e filha, por isso comprei-te os bilhetes.

Sentei-me na cama, afastando o edredão.

– Bilhetes? Para onde?

– Para Veneza. É um pacote: voos, uma semana num hotel perto da ponte de Rialto, um passeio gastronómico incluído... parece o máximo.

– Mas eu não posso. Para começar, não tenho dinheiro para te pagar.

– Não quero que me pagues. É um presente.

– Nesse caso, é demasiado; não posso aceitar.

– Eu sabia que tu ias dizer isso, mas os bilhetes estão marcados e pagos nos vossos nomes, e não são reembolsáveis. Vais desperdiçá-los?

Fiquei ali sentada por um momento, com o telemóvel ainda colado à orelha, sem dizer nada.

– Dolly, eu ouço-te respirar. Sei que não desligaste.

Pensei em Eden e na sua necessidade de passar algum tempo longe de mim. Imaginei a primeira viagem de gôndola de Katia ou estar sentada na Piazza San Marco a ouvir a orquestra de um café com ela.

– Mas não posso... – disse outra vez.

– Não decidas já; pensa nisso – aconselhou Pieta. – E lembra-te de que não és indispensável. O Little Italy pode sobreviver sem ti durante uma semana.

Sentia-me à beira das lágrimas.

– OK – respondi em voz rouca.

O que Pieta só disse mais tarde era que se tratava de uma oferta de última hora e que iríamos viajar daí a duas semanas. Nessa altura, eu já tinha conversado com Eden sobre o nosso problema.

– Eu sei que andamos a mexer com os nervos um do outro ultimamente – disse-lhe eu. – Talvez esta seja a separação temporária de que precisamos para resolver as coisas.

– Sim, talvez – respondeu ele, sem grande convicção.

– Falamos em condições quando eu voltar – prometi, embora, evidentemente, tivesse a esperança de que nessa altura já tudo estivesse resolvido, de que uma semana separados fosse tudo o que era necessário para dar a Eden uma oportunidade de se acalmar e de voltarmos ao normal.

Havia outros obstáculos potenciais àquelas férias para além do meu marido. Eu não sabia bem como ia conseguir obter autorização para a minha filha se ausentar das aulas e muito menos como organizar devidamente a minha substituição no restaurante. Mesmo assim, parecia que, de uma maneira ou de outra, nós íamos viajar para Veneza. Íamos fazer férias as duas, a minha filha e eu.

Inesperadamente, foi Katia quem pôs mais entraves. Não podia ausentar-se naquela semana, disse-me, porque perderia uma visita de estudo da escola ao Museu de História Natural, o ensaio de uma peça em que desempenhava um papel minúsculo e, o mais importante, a festa de anos de Saffron Cooper, para a qual uma data de outras meninas nem sequer tinham sido convidadas.

Aquilo apanhou-me de surpresa. Eu andava a imaginar-nos a fazer toda uma série de coisas divertidas e parti do princípio de que Katia se sentiria tão entusiasmada como eu. Quando tentei insistir que ela viesse, presenteou-nos com uma das suas birras mais espetaculares. Soltou gritos penetrantes, bateu com o pé, atirou com portas, tudo e mais alguma coisa.

Eden conseguiu acalmá-la um pouco, mas nem ele parecia conseguir convencê-la.

– Veneza vai ser incrível – disse-lhe, enquanto ela se agarrava a ele. – Muito melhor do que uma festa de anos. E tu podes ir ao Museu de História Natural em qualquer altura, não podes? Eu levo-te quando voltares.

Ela encostou o rosto ao seu corpo.

– Eu quero ir com a minha turma – disse, com a voz abafada pelo tecido da camisa do pai.

– Katia, não há necessidade de nada disto – disse eu, abismada com aquele espetáculo todo. – Ninguém vai obrigar-te a ir de férias se realmente odeias assim tanto essa ideia.

Ela voltou para mim o rosto encharcado em lágrimas.

– Muitas das tuas amigas adorariam ter a oportunidade de visitar Veneza – recordei-lhe.

– Eu quero ficar aqui com o pai – disse ela solenemente.

Senti-me esmagada. Parecia que ninguém queria estar na minha companhia, nem sequer a minha própria filha.

– OK, eu vou sozinha, então. E vou divertir-me imenso e mostro-vos as fotografias quando voltar.

Eden tentou mais uma vez convencê-la.

– A tua mãe vai ficar mesmo triste e sozinha. Ela detesta estar só.

– Eu fico bem – insisti. – Fico perfeitamente bem só com a minha companhia.

Isso fez Eden rir-se.

– Não ficas nada – disse-me.

Estranhamente, todas as outras pessoas disseram a mesma coisa quando ouviram a notícia, incluindo Pieta. Ela achava que eu não conseguiria resistir mais de duas horas sozinha em Veneza, muito menos uma semana inteira, e estava sempre a sugerir-me nomes de pessoas que eu poderia convidar para irem comigo.

Tentei algumas. Mas a minha amiga jornalista Toni estava no meio de uma qualquer investigação de uma notícia em que andava a trabalhar; Lou estava louca de amor pelo homem mais recente com quem andava e não queria deixá-lo naquele momento crucial, e Rosie adoraria vir comigo, mas a sogra não se encontrava bem de saúde e precisava dela.

– Eu vou sozinha; vai ser ótimo – insistia eu.

Pieta fez uma careta.

– Vais detestar, sabes que vais. Deve haver mais alguém que possas convidar.

Estávamos em casa dela num jantar de família. Katia estava no andar de cima a jogar um jogo com os primos, Eden aconselhava Michele sobre uma obra que ele queria fazer e nós estávamos na cozinha, eu a cozinhar e Pieta a arrumar o que eu desarrumava.

– Não sei porque é que acham que eu sou assim tão patética – disse, ligeiramente ofendida. – É só uma semana.

– Tu és de ter pessoas à tua volta, é tudo – disse-me a minha irmã. – És muito sociável.

– Eu dantes fazia coisas sozinha, lembras-te? Andava sempre a ir a restaurantes chineses e a uma data de outros sítios onde gostava de comer.

– Pronto, não vais ter problema às horas das refeições, mas, e nas horas entre as refeições?

– Pieta, foste tu quem me comprou esta viagem – recordei-lhe. – Achas que devia cancelar se não tenho ninguém que vá comigo?

– Sim... não... oh, não sei. Suponho que poderás conhecer algumas pessoas – disse ela, esperançada.

– Prefiro estar só – insisti, tentando convencer-me a mim mesma. – Uma semana numa cidade onde não conheço vivalma será um paraíso. Mal posso esperar.

CAPÍTULO 3

Água escura a bater em pedras antigas, gôndolas a cortarem-na, pontes graciosas e *palazzi* grandiosos, jardins secretos: infelizmente, de onde eu estava não via nada disso. Pieta sentiu-se horrorizada se visse o meu hotel, alegadamente de quatro estrelas, com o seu papel de parede esfolado, o seu ar condicionado ensurdecedor e uma cama com uma cova no meio. Quando eu entreabria a janela, sentia um distinto cheiro a esgotos e ouvia o cozinheiro do restaurante ao lado a berrar ao telemóvel enquanto andava de um lado para o outro no beco estreito lá em baixo.

Isto não era o sonho da Veneza romântica de ninguém, mas eu estava aqui, completamente livre durante uma semana e decidida a divertir-me. Disse para comigo que ia fazer todas as coisas para que nunca tinha tempo em casa: ir às compras, ler romances, dar longos passeios e fazer umas sextas. Até aponteï uma rápida lista de afazeres numa página em branco no fim do guia turístico que tinha comprado no aeroporto.

Foi estranho viajar sozinha para Itália. Durante o voo, estava sempre prestes a fazer comentários sobre o serviço mal encarado e a lembrar-me a seguir que não tinha ninguém a quem os fazer. Pieta tinha razão: eu vivia rodeada de pessoas a maior parte do tempo, acostumada à cozinha cheia de gente do restaurante e à minha casa barulhenta, onde andavam sempre a entrar e a sair pessoas. Insistia para comigo que seria um alívio ver-me livre disso tudo. Precisava tanto de tempo para respirar e para pensar como Eden – muito mais, na realidade. Talvez demorasse uns dois dias a adaptar-me a estar só, mas acabaria por o apreciar.

Liguei a televisão para o quarto de hotel vazio não parecer tão mortalmente silencioso e atarefei-me a desfazer a mala e a pendurar as roupas, que em casa viviam sempre num monte num canto do quarto. Dispus a escova do cabelo e os meus cremes e poções na secretária, empilhei os livros que tinha trazido na mesa de cabeceira, experimentei a cama, que rangia, e depois pensei no que fazer a seguir.

Ainda só eram três da tarde, pelo que, estritamente falando, se poderia considerar demasiado cedo para começar a beber e entre horas de refeições. Decidi dar um passeio pelas ruas à volta para ver onde me encontrava.

Lá fora, o sol brilhava e imediatamente me senti mais animada. Desci uma rua estreita que dava para uma praça rodeada de prédios pintados de cores de algodão doce. A Strada Nuova ficava a pouca distância, cheia de vendedores ambulantes e de turistas, supermercados e *boutiques*, de lojas que vendiam malas de pele e joias de vidro.

Enfiei por uma rua ao lado do primeiro canal que encontrei e daí a poucos passos os turistas já tinham ficado para trás. Esta pequena *fondamenta* estava quase deserta, mas nas suas casas havia roupa pendurada nas janelas abertas a secar à brisa e eu ouvia pedaços de música e o som das televisões das pessoas ao passar. Atravessei uma ponte, segui por um túnel sombrio por baixo de um edifício antigo, entrei nalgumas ruelas e saí, atravessei outra ponte e apercebi-me de que estava perdida.

A olhar atentamente para a planta da cidade, tentei descobrir onde estava, mas, como era

demasiado confuso, continuei a andar até encontrar um bar com um banco junto à montra e um par de velhos barris a fazerem de mesa. Lá dentro encontravam-se dois homens de idade com pequenos copos de vinho; talvez afinal não fosse demasiado cedo para tomar uma bebida. Mandeí vir um copo de Pinot Grigio e sentei-me junto à porta.

Até àquele momento, tinha conseguido não pegar no telemóvel, mas agora não consegui resistir ao impulso de o tirar da mala. Não tinha mensagens, mas enviei uma a Pieta a dizer-lhe que tinha chegado e a seguir tentei telefonar a Eden, mas foi diretamente para o correio de voz. A minha última chamada foi para o Little Italy. Frederico atendeu.

– *Ciao, bella*, estás em *Venezia*? – perguntou ele. – Que tal é?

– Oh... está sol, é lindo. Que tal estão as coisas por aí?

– Ótimas, ótimas, não te preocupes.

– Tiveram muitas pessoas ao almoço? E o Nino não teve problemas com os pratos do dia?

– Sim, está tudo ótimo – repetiu ele. – Aproveita as férias, não te preocupes connosco.

– E as reservas para hoje à noite?

Eu ouvia pessoas a rirem-se. A mais alta era uma voz masculina grossa que me soava familiar.

– Quem é que está aí? – perguntei.

– Ah... são só uns clientes num almoço prolongado na mesa quatro.

– Alguém que eu conheça?

Ele hesitou.

– Não.

Tive a estranha sensação de que Frederico estava a mentir-me.

– Tens a certeza de que está tudo bem? – perguntei, desconfiada.

– Sim, sim, mas, *cara*, não desperdices as tuas férias a falar comigo. Desfruta do sol. Desfruta de *Venezia*. *Ciao, ciao*. – E desligou.

Continuei a pensar naquilo enquanto bebia o vinho. Com certeza eu conhecia o dono daquele riso cavo? E porque é que Frederico me tinha despachado ao telefone?

Pensei em voltar a ligar, mas não queria que o meu pessoal pensasse que eu não confiava neles. Portanto, em vez disso mandei vir mais vinho, escolhi alguns *crostini* dos exibidos no balcão e fiz mais uma tentativa de decifrar a planta da cidade. Talvez eu não estivesse tão perdida como julgava. Se conseguisse voltar para a Strada Nuova, seria capaz de encontrar o meu hotel a partir dali.

Mais sossegada, comi os *crostini*, simples fatias de baguete com presunto, queijo e vegetais grelhados seguros com palitos. A última vez que tinha estado em Veneza tinha sido há anos, com uma amiga, e vivíamos destes *cicchetti*, pequenos petiscos para acompanhar um copo de vinho. Neste bar a escolha era bastante limitada, mas eu sabia que noutros locais encontraria marisco frito bem estaladiço, almôndegas saborosas, alcachofras marinadas e, o melhor de tudo, *baccalà mantecato*, bacalhau demolhado, cozido e depois batido até se transformar numa delícia cremosa.

Nesta visita, sabia que deveria explorar outros pratos para além dos *cicchetti*, provar tantos quantos pudesse e voltar para casa munida de novas ideias para refrescar a ementa dos pratos especiais do Little Italy. Mas, por alguma razão, o que deveria ser uma ideia empolgante dava-me antes a sensação de ser um dever.

Cozinhar sempre foi o meu único verdadeiro talento. Compreendo a comida instintivamente; ou, pelo menos, pensava que compreendia. Desde aquela crítica no jornal, andava a questionar-me, a

duvidar de todos os sabores. O *ragu* ainda seria tão bom como era no tempo do meu pai? A combinação de nozes e abóbora assada no *risotto* era realmente adequada? Eu tinha perguntado a Nino e a Frederico, até mesmo a Eden, confiando na opinião de toda a gente menos na minha. Era uma maneira de trabalhar, já para não falar de comer, que me deixava exausta.

O que eu devia ter feito antes de vir para Veneza era pesquisar as melhores *osterie* e planejar os pratos que poderia provar e os ingredientes a procurar. Tinha tido tempo suficiente, mas não me dera a esse trabalho. E agora aqui estava eu, e todo o processo de encontrar os locais certos e de mandar vir os melhores pratos, de isolar sabores e tomar apontamentos, de descobrir como poderia cozinhar eu própria esses pratos... só de pensar nisso até ficava sem apetite.

Sentada ali com o vinho e os *cicchetti*, apercebi-me de que a comida já não me tornava tão feliz como dantes. Talvez eu estivesse a perder um pouco do amor que lhe tinha.

Outras pessoas têm paixões diferentes. Eu tenho amigas que se interessam pelo desporto, pela cultura ou pela moda. Algumas têm coleções de objetos ou gostam de fazer *surf*, de jogar ténis de mesa, de montar a cavalo, da jardinagem ou de escrever poesia. A minha vida tinha sido tão preenchida com cozinhar e comer que não havia espaço para nada disso. Agora, perguntava-me se eu seria realmente assim tão unidimensional. Com certeza deveria haver muitas outras coisas de que eu era capaz de gostar, se pelo menos tivesse tempo para as descobrir.

Aqui em Veneza, esta era a minha oportunidade. Sim, eu tinha de comer, mas podia fazê-lo rapidamente, de pé em bares, como os homens de idade neste, com um petisco numa das mãos e um copo na outra. Assim, ficaria com tempo livre para explorar a cidade e me explorar a mim mesma. Haveria galerias, exposições, museus, arquitetura, tanto para ver. Peguei no guia de viagens para fazer uma lista bem feita do que era essencial visitar, mas logo mudei de ideias e decidi encarar um dia de cada vez. Amanhã, apanharia um *vaporetto*, uma espécie de autocarro na água, desceria o Grande Canal e encontraria algum local interessante para explorar, seria espontânea como costumava ser antes de ter de conciliar a família e o emprego.

Sentindo-me animada, mandei vir um terceiro copo de vinho e pus-me a ver as pessoas passarem enquanto o bebia. Muitas das que passavam pela porta do bar eram turistas; identificava-as não só pelas plantas da cidade que traziam, mas também porque estavam vestidas de forma prática e com calçado próprio para caminhadas, de mochila às costas, andando sem destino claramente definido e expressões meio perdidas estampadas no rosto.

Os poucos habitantes de Veneza que se viam eram igualmente fáceis de identificar, a serpentearem a passo estugado por entre as multidões, muitas das pessoas a puxarem carrinhos das compras com as compras de mercearia desse dia, cumprimentando-se umas às outras com um rápido «*Salve, come va?*»

Um casal veneziano de meia-idade parou no bar, passando pela entrada baixa sem me lançar um olhar. Suponho que devem ter pressentido que eu era mais uma visitante; e estavam fartos de nos ver a entupir as suas *calli* e canais, embora precisassem do dinheiro que nós gastávamos na sua cidade. Ouvi-os encetarem uma conversa com um dos homens que estavam lá dentro, rindo-se de alguma coisa que ele estava a dizer, e quis muito fazer parte daquilo. Falo italiano bastante bem, mas suspeitava que aqui, nesta cidade de turistas, seria preciso mais do que isso para os habitantes locais repararem em mim. Ia ser uma semana solitária; já não podia fingir a mim mesma que não o seria.

Estava prestes a pagar a conta quando avistei a senhora. Ela destacava-se da chusma de

transeuntes, vestida da cabeça aos pés de vermelho, com pulseiras cor de laranja num dos braços, amarelas no outro, e aos seus pés três cãezinhos peludos muito fofinhos pela trela. Era idosa – devia andar pelos setenta e poucos anos – mas caminhava com autoconfiança, com a cabeça bem erguida, e fez-me um aceno de cabeça quando passou a arrastar o seu carrinho das compras carregado atrás de si.

– *Salve.*

– *Salve, signora* – respondi, observando-a a continuar a andar. Vista por trás, tinha as costas tão direitas que parecia mais nova. O seu cabelo era todo branco e estava cortado à rapazinho; a saia que trazia mostrava que tinha umas pernas bem feitas. Perguntei-me quem seria e para onde se dirigiria.

Lá dentro, o empregado do bar recebeu o meu pagamento, com os homens de idade a evitarem o meu olhar e o casal a continuar a comportar-se como se eu não estivesse ali. Era como ser invisível, como se a senhora idosa vestida de vermelho fosse a única com poderes para me ver, o que me deu uma sensação perturbadora. Talvez fosse por isso que parti na direção em que a vira encaminhar-se. Não estava a segui-la, não propriamente, mas como ela andava bastante devagar, pouco tardou até eu a alcançar.

Ela estava numa ponte, com uma das mãos na balaustrada, a debater-se para levantar o carrinho das compras pelos degraus e com os cãezinhos adoráveis num enxame à sua frente. Quando cheguei ao seu lado, ela virou a cabeça e olhou para mim através das lentes coloridas dos seus grandes óculos de sol redondos.

– Há mais quatro pontes como esta até chegar ao meu apartamento – disse ela, quase acusadoramente, falando inglês com uma forte pronúncia italiana. Só pelas rugas gravadas no seu rosto pude ver que ela devia ser tão velha como eu pensara ao princípio.

– Posso ajudá-la com o carrinho das compras? – ofereci, sentindo pena dela.

– Que bondade a sua. – Com um tilintar das pulseiras, afastou-se para o lado. – Receio bem que seja muito pesado.

Pegando no mais pequeno dos cãezinhos peludos e aconchegando-o ao peito, a senhora avançou à minha frente por entre as pessoas, com as pulseiras a criarem uma percussão rítmica e deixando um rasto de perfume adocicado. Era uma distância muito longa e o carrinho das compras pesava uma tonelada. Eu carreguei-o, subindo e descendo os degraus das quatro pontes e perguntando-me como se desenharia ela se eu não tivesse aparecido.

– Muita bondade a sua – murmurou ela outra vez quando chegámos à porta da sua casa.

Enfiando a custo a chave na fechadura, conseguiu por fim abrir a porta. A seguir, lançando-me um olhar avaliador uma última vez, franziu a testa.

– Devia cortar o cabelo mais curto e usar alguma maquilhagem – declarou, antes de desaparecer para dentro de casa e fechar a porta.

Fiquei ali espedada na *fondamenta* estreita, atónita e ainda mais perdida do que antes. Voltando-me, tentei seguir o caminho que fizera, mas virei à esquerda na segunda ponte quando talvez devesse ter virado à direita, e em vez de passar pelo bar dei comigo a andar ao longo de um canal mais largo, passando por uma fila de restaurantes com mesas cá fora e guarda-sóis coloridos que as protegiam com a sua sombra.

Cortar o cabelo? Usar maquilhagem? Claramente, a velha senhora era avariada do juízo. De qualquer modo, olhando para o meu reflexo na montra de um restaurante, não pude deixar de me

sentir preocupada por talvez ela ter razão.

Atento ao meu olhar, um empregado apressou-se a sair do restaurante, de ementa na mão.

– Quer comer, *signora*? – disse alto, apressando-se a alcançar-me e começando a andar ao meu lado. – Eu sirvo-lhe uma bela *pizza* ou massa, peixe fresco da lagoa.

Abanando a cabeça, continuei a andar e ele desistiu. Adiante, apareceram mais empregados a aliciar clientela, anunciando aos berros os seus chocos num molho da própria tinta e as suas sardinhas agridoces. Senti-me contente por não termos de fazer isso no Little Italy: perseguir potenciais clientes rua abaixo... pelo menos, não até ao momento.

Pensar no meu restaurante levou-me a pensar em casa. Perguntei-me o que Eden estaria a fazer. Teria ido buscar Katia à escola, ou tê-la-ia mandado brincar com uma amiga? Será que lhe tinha arranjado o jantar? Muitas vezes, esquecia-se das pequenas coisas, esperando que fosse eu a lembrar-me delas. Acho que isso era o que tinha começado a provocar-me mais ressentimento.

Eu mal tinha acabado os estudos quando conheci Eden. Nessa altura, éramos semelhantes em muitas coisas. Ambos éramos pessoas que não deixavam que muita coisa as preocupasse, que gastavam o que ganhavam e faziam o que queriam. A nossa atitude em relação à vida era a mesma. Gostávamos de ser divertidos, descontraídos, impulsivos, e não íamos deixar que o facto de nos casarmos mudasse as coisas. Quanto a ter bebés, bem, eles iriam encaixar-se no nosso estilo de vida. Íamos levá-los a festas e a restaurantes, a concertos em *pubs* e aos ensaios da banda de percussão de Eden. Parecia tudo tão simples que eu não compreendia porque é que outros pais faziam tanto alarido.

Eis o que acontece se não se respeitarem rigorosamente as horas de dormir e de comer. Os bebés ficam rabugentos e começam a chorar, cada vez mais alto, até toda a gente no restaurante ou no café se pôr a fitar reprovadoramente os pais. Damos-lhes de comer na esperança de os manter calados e, para nos recompensarem, eles bolçam a maior parte da comida no nosso ombro, de modo que ficamos a cheirar ao nosso próprio leite materno azedo. E depois choram durante metade da noite.

Katia nem sequer era especialmente difícil. Outros casais tinham bebés com cólicas ou problemas de digestão; crianças que pareciam nunca dormir; que estavam sempre coradas e ranhosas e em lágrimas. Em comparação, ela era perfeita; mesmo assim, debatíamos-nos com dificuldades.

Talvez fôssemos demasiado jovens. Se tivéssemos esperado mais alguns anos teria sido mais fácil? Ou talvez eu fosse uma má mãe, uma daquelas mulheres que nunca deveriam ter tido filhos.

Seja como for, foi nessa altura que Eden e eu começámos a discutir. Eu achava que ele devia fazer mais para me ajudar a manter o caos em casa sob controlo; ele dizia que já fazia bastante. Era uma discussão que nunca chegámos a resolver e que tínhamos tão frequentemente que se tornou quase uma rotina. Uma vez, para demonstrar o que queria dizer, fiz uma lista de todas as coisas de que eu estava encarregada – separar as roupas para lavar, fazer as compras de mercearia, marcar consultas, pagar contas, contactar a *babysitter* – mas Eden mal lhe lançou um olhar antes de me dizer que eu estava a ser ridícula e que ele não queria saber das minhas estúpidas listas.

Estou a fazer-me de vítima, eu sei. Não imaginem nem por um segundo que gosto disso em mim. Fico dominada por um pensamento e dá a ideia de que não consigo livrar-me dele. Ali estava eu, na bela Veneza, e mesmo assim continuava a fazê-lo: a remoer todas as pequenas injustiças, as coisas que me fazem sentir azedume e fúria.

Tinha de me recompor. Olhando para mim – *chef* na cozinha do restaurante, mãe em casa, amiga,

irmã, uma mulher com uma semana de férias à sua frente – parecia-me que deveria conseguir retirar uma certa felicidade de todas essas coisas. Essa era a minha vida. Porque é que eu não conseguia sentir-me satisfeita com ela?

CAPÍTULO 4

A coisa estranha em Veneza é que se veem as mesmas pessoas aonde quer que se vá. Pode-se reparar num casal de turistas porque estão mal vestidos ou falam especialmente alto e a seguir eles aparecem uma e outra vez. Ali estão eles numa gôndola, na fila para uma visita ao Palácio dos Doges, a comprar água a um vendedor de rua, esmagados na multidão num *vaporetto*, a beber um café numa *piazza*.

Foi o que aconteceu com a velha senhora. Na manhã seguinte, cedo, vi-a no mercado de Rialto. Estava com um fato de calças branco apertado na cintura com um fino cinto metálico, e os seus óculos de sol eram ainda mais redondos e maiores do que os que trazia no dia anterior.

Eu estava no mercado do peixe quando esbarrei nela, literalmente. Ali estava eu, a fotografar as bancas com criaturas marinhas com tentáculos, vieiras aninhadas nas suas conchas, camarões róseos e espadartes prateados, e recuei sem ver onde punha os pés.

– Ui! – disse ela. – Cuidado!

– Peço imensa desculpa, *signora*.

Ela olhou-me de alto a baixo.

– Precisa de tomar um café para acordar.

– Sim, provavelmente – concordei.

– Não vá ali. – Apontou para um café na esquina em frente. – Mais adiante é melhor.

Nessa tarde, na Coleção Peggy Guggenheim, voltei a vê-la. Estava sentada no jardim, perto de uma escultura de Henry Moore, com um vestido verde vaporoso, vários fios de contas de vidro azul à volta do pescoço e os seus cãesinhos no banco ao lado (embora eu tenha a certeza de que tinha visto um aviso a dizer que não era permitida a entrada a cães). Parecia muito tranquila e eu encontrei um banco em frente a ela, de onde poderia observá-la sub-repticiamente. Nessa altura, já tinha percorrido as galerias a olhar para cubistas, surrealistas e impressionistas abstratos americanos e tinha bebido uma água com gás no café.

Se ela notou que eu estava a fitá-la, não o mostrou. De vez em quando, fazia festas a um dos cães, mas na maior parte do tempo deixava-se ficar sentada, imóvel, a olhar para a escultura ao seu lado. Eu poderia ter-lhe dito alguma coisa, mas não conseguia atrair-lhe o olhar.

Ao fim de meia hora, levantei-me do banco para voltar a percorrer o *palazzo* de pedra branca e sair para o terraço ao lado do Grande Canal. Havia muitas mais galerias em Veneza, igrejas cheias de obras de arte, dúzias de museus, mas a perspectiva de os visitar não me atraía. Começava a suspeitar que a cultura não me interessava tanto como eu tivera a esperança de que me interessasse; que não era a minha cena. Nesta velha senhora veneziana, no entanto, havia algo de intrigante.

Quando regressei ao jardim, ela já não se encontrava lá. Um casal japonês estava sentado no lugar onde ela estivera, a fotografarem-se um ao outro. Parei e ofereci-me para lhes tirar umas fotografias aos dois juntos. Eles sorriram e acenaram, passando-me a máquina fotográfica para as mãos, e fizeram sorrisos ainda mais rasgados enquanto eu os fotografava de braço dado e de cabeças inclinadas um para o outro.

Toda a gente aqui parecia pertencer a um par ou a um grupo. A velha senhora era a única pessoa que eu tinha visto que, como eu, estava sempre só. Se voltasse a avistá-la, tentaria meter conversa com ela e descobrir mais coisas sobre ela.

Ao almoço comi *cicchetti* num *bacaro* tradicional escondido numa viela estreita. Lá dentro, havia umas bilhas antigas penduradas do teto e nas mesas havia toalhas de linho amarelado antigas. Comi pouco e depressa. Só duas almôndegas fritas e uns vegetais grelhados empurrados por um copo de vinho pequeno, de pé ao balcão, ao lado de outras pessoas, mas ainda assim só.

Voltei a verificar o telemóvel e vi que Eden me tinha enviado uma mensagem a dizer que estava tudo bem. Continuava sem nenhuma mensagem de Pieta, o que me parecia estranho. Enviei mensagens aos dois a dizer que estava a divertir-me imenso. Eles suspeitariam que era mentira, mas eu não queria saber.

À falta de mais que fazer, percorri um labirinto de vielas e de ruelas ao lado de canais e, atravessando a ponte de Rialto, deixei-me ir numa enxurrada de turistas que se dirigiam para a Piazza San Marco. As lojas por onde passei eram caras, à sombra fazia frio e ao sol demasiado calor. Quando estava a meio caminho, decidi que estava farta de andar e virei-me para abrir caminho até ao meu hotel. Enquanto andava, mantinha-me atenta para ver se encontrava a velha senhora e os seus cãesinhos fofos, mas não vi sinal deles.

Na vez seguinte em que a vi, ela estava com um turbante cor de laranja e a dançar tango. Mas estou a precipitar-me. Muita coisa aconteceu antes disso; uma quantidade surpreendente de coisas.

Primeiro, a delícia de uma sesta sem sensações de culpa, enfiando-me entre os lençóis frescos, fechando os olhos e passando a parte mais quente do dia a dormir. Quando acordei, senti-me desorientada. Demorei um momento a reconhecer o lustre barato que pendia do teto e a lembrar-me de onde estava. Tinha dormido mais de uma hora, profundamente e sem sonhos, o que raramente acontecia em casa, onde as preocupações me acordavam durante a noite, a zunirem na minha cabeça até de manhã.

A primeira coisa que fiz quando abri os olhos foi verificar o telemóvel. Mais uma vez, nada de Pieta, mas a minha amiga Rosie tinha-me enviado uma mensagem a dizer que detestava não poder ver-me quando afinal estávamos as duas no mesmo país. Rosie vive a quilómetros de Veneza, mesmo no Sul de Itália, não muito longe dos meus pais. É uma das minhas amigas mais antigas e sinto saudades dela. Mas já é bem difícil manter-me em contacto com amigas que vivem na mesma cidade, quanto mais num outro país, de modo que nos últimos anos não temos tido grande contacto. Ela afastou-se da minha vida como muitas outras pessoas que dantes eram importantes. Ali deitada a cismar, a olhar para as fendas no teto e para a poeira no lustre, apercebi-me de como isso me fazia sentir triste.

Não havia necessidade de me levantar – ainda não, de qualquer maneira – e apercebi-me de que não estava habituada a ter tanto tempo livre e a procurar maneiras de o preencher. Em casa, teria dificuldade em encontrar um momento para pensar. Havia sempre alguém pronto a interromper-me com uma pergunta; a minha mente via-se forçada a saltar de uma coisa para outra, sem nunca se demorar em nada. Mas aqui, sem decisões a tomar e sem os problemas dos outros para resolver, sentia-me diferente de uma maneira que é difícil de descrever. Era como se estivesse dentro da minha própria cabeça como já não estava há anos... como se, sem o saber, a certo ponto eu tivesse perdido o contacto comigo mesma, assim como o tinha perdido com velhas amigas como Rosie.

Levantei-me, tomei um duche para me refrescar e vesti roupa lavada: umas calças de tecido de

algodão soltas e um *top* largo de linho. Pieta incluíra um passeio gastronómico a pé no pacote da viagem e eu tinha de me encontrar com o guia no Campo della Maddalena daí a uma hora. A fazer fê na planta da cidade, ficava a uma curta distância, mas, como eu pouco mais tinha a fazer, encaminhei-me para lá.

Lá fora, o sol ainda estava forte e viam-se chusmas de turistas a descer a Strada Nuova com cones de gelados nas mãos e a palparem as carteiras de pele barata penduradas à volta da entrada das lojas; avançavam lentamente, paravam sem nenhuma razão aparente e, de um modo geral, só atrapalhavam quem queria andar. Eu era uma desses turistas, é claro, mas a ideia não me agradava muito. Por isso, enfiando a planta da cidade fora de vista na minha mala, acelerei o passo, contornando as ilhas de visitantes como vira fazer os habitantes locais e dizendo para comigo que, com o meu cabelo escuro e a minha pele morena, poderia passar por veneziana (embora até eu pudesse ver que as minhas roupas eram as erradas: demasiado simples e práticas).

Como cheguei ao Campo della Maddalena cedo de mais, sentei-me na escadaria da velha igreja à espera do guia. Um passeio gastronómico, com comida e vinhos, não serviria de muito para me fazer alcançar o meu objetivo de encontrar novas paixões, mas, de qualquer maneira, a perspetiva agradava-me. Se mais não fosse, significava que teria companhia nas próximas horas. E tinha a esperança de que os pratos que iria provar me inspirassem de alguma maneira.

Outras pessoas vieram juntar-se a mim nos degraus da igreja. Primeiro um casal que parecia andar pelos cinquenta anos, a seguir três mulheres do Norte de Inglaterra e um tipo jovem com uns olhos azuis surpreendentes, e, finalmente, um outro casal, de mãos dadas, com o ar de quem estava em lua de mel.

– Está aqui para o passeio? – perguntou o tipo jovem, com uma pronúncia americana.

– Estou – respondi.

– É, eu também. – Estendeu-me a mão. – Chamo-me Matthew.

Tivemos uma daquelas conversas típicas de pessoas em viagem... de onde se é e para onde se vai. Fiquei a saber que ele tinha ido a um casamento de um amigo em Amalfi e ia voltar para casa na manhã seguinte, cedo. Senti uma pontada de decepção; não era que o achasse atraente, mas seria agradável que ele fosse alguém com quem eu pudesse conviver por um ou dois dias.

A nossa guia foi a última a chegar. Parecia ser de Veneza, usava o cabelo escuro numa trança grossa que lhe pendia por cima de um dos ombros e tinha olhos castanhos escuros por baixo de uma franja espessa. Usava roupas descontraídas mas que revelavam as suas curvas. Recolhendo os bilhetes, verificou os nossos nomes numa lista e disse-nos para nos pormos em círculo à volta dela antes de se lançar numa palestra que já devia ter feito um sem-número de vezes.

– *Buona sera* a todos, eu sou a Valentina, bem-vindos ao meu passeio – disse, toda despachada. – Não se preocupem, não vamos ter de andar muito. Basta afastarmo-nos um par de ruas das principais para encontrarmos os locais onde os Venezianos comem e bebem.

O marido do casal em lua de mel interrompeu-a.

– Pode mostrar-nos na planta exatamente onde iremos? – pediu.

Ela abanou a cabeça.

– Neste passeio, eu serei a vossa planta da cidade. Só precisam de vir comigo e de me escutar.

Lançando a trança por cima do ombro, virou-se e fez-nos sinal para a seguirmos. O tipo americano estugou o passo para se pôr ao lado dela. Eu fiquei atrás do grupo de mulheres, com os dois casais a fecharem a procissão.

Seguimos na mesma direção em que eu tinha ido na noite anterior, passando pelo pequeno bar com os barris a fazerem de mesas. Valentina parou e apontou-o como sendo um dos favoritos das pessoas da zona, mas não se deu ao trabalho de entrar. Depois de nos mostrar uma igreja que era famosa pelos seus Tintoretos e alguns restaurantes onde deveríamos comer se tivéssemos tempo, deu meia-volta e fez-nos atravessar a Strada Nuova mais uma vez, seguindo depois por uma transversal até a uma paragem de gôndolas.

As gôndolas são bonitas, mas não posso dizer que alguma vez tenha tido uma vontade desesperada de andar numa. Vógar por entre os *ferries* e os táxis nos canais enquanto o homem da gôndola fuma ou, ainda pior, tagarela em voz alta ao telemóvel enquanto dirige o barco – bem, não é propriamente a minha ideia de diversão.

O casal em lua de mel claramente não concordava.

– Não sabia que isto fazia parte do passeio – disse a mulher, soando encantada.

O marido estava a estudar um folheto e a franzir a testa.

– Não diz nada sobre isso aqui. Espero que não se pague à parte.

Valentina organizou-nos numa fila ordenada para não impedirmos a passagem de ninguém.

– Não é um passeio de gôndola, lamento – disse ao caszinho. – Isto é o *traghetto*, a maneira como nós venezianos atravessamos o Grande Canal. Verá que há dois gondoleiros nele em vez de só um, e o habitual é os passageiros irem de pé, embora possam sentar-se, se quiserem.

Optei por me sentar. Bem, não queria ser a turista que viesse a ter de ser pescada do canal, particularmente porque a água não parecia lá muito limpa. O resto do grupo balançou-se a tentar manter o equilíbrio enquanto o *traghetto* se dirigia para a praça do mercado de Rialto.

– Não sei se vou conseguir fazer isto depois de beber uns copos – disse uma das inglesas a rir-se.

Nos velhos tempos, eu não teria hesitado: apresentava-me, encaixava-me no grupo, tornava-me imediatamente sua amiga. Mas agora contive-me; não me sentia propriamente tímida, só não estava tão convencida como dantes de que toda a gente gostaria de mim.

O mercado de Rialto já estava fechado, assim como a pequena *osteria* para onde Valentina nos conduziu. Mesmo assim, ela bateu à porta.

– Ele abre-ma – assegurou-nos ela, e o que é certo é que, um momento depois, a porta se entreabriu.

– *Salve*, Angelo – disse ela.

A porta abriu-se para trás e eu vislumbrei um homem com o cabelo escuro aos caracóis preso num lenço vermelho. Tinha a barba bem aparada, olhos pestanudos e sobrancelhas cerradas.

– *Salve* – disse ele, afastando-se para nos deixar entrar.

O espaço interior era todo em crómio e vidro, muito moderno e nada como os outros sítios venezianos que eu já tinha visitado. No balcão havia duas montras de vidro para a comida; ambas estavam vazias.

– Aqui, a especialidade é o peixe, mas primeiro vamos provar vinho – disse-nos Valentina. – Suponho que têm andado a beber bastante Pinot Grigio, não têm?

Todos nós acenámos com a cabeça a dizer que sim.

– Vamos esquecer isso esta noite, porque há muitos outros vinhos no Véneto a descobrir.

Mandou vir uma garrafa de Verduzzo e o homem bem-parecido com o lenço serviu-nos a todos. Ao beber os primeiros goles, senti os nós na nuca a soltarem-se e os ombros a começarem a descair e a descontraírem-se um pouco.

– Maravilhoso, não é? – disse uma das inglesas. – Vou tirar uma fotografia ao rótulo para ver se o vendem nos supermercados Waitrose.

– Não o vão ter. Vais ter de ir a uma loja de vinhos – disse-lhe uma das amigas.

– E pagar uma fortuna, é o mais certo – acrescentou a outra.

Apercebi-me de que não parecia encaixar-me aqui e era difícil dizer exatamente porquê: sentia-me diferente dos outros, a que estava de fora neste grupo e pouco à vontade. De qualquer modo, não valia a pena ficar sentada em silêncio durante toda a noite, por isso fiz um esforço.

– Conheço um sítio onde talvez o encontre – sugeri. – Fica em Londres, mas pode fazer a encomenda pela Internet. Escrevo o nome, se quiser.

– Oh, obrigada. Eu sou a Jennifer, já agora. Somos de Manchester.

Houve mais apresentações, seguidas pela procura de terreno comum que nós os Ingleses gostamos de ter quando nos encontramos no estrangeiro.

– Jennifer, Kim e Vicky – repeti, esperando recordar-me de quem era quem.

– Está aqui sozinha, é preciso ter coragem – disse Jennifer.

Encolhi os ombros.

– Foi uma decisão de última hora. E é só por uma semana.

– Mesmo assim, eu acho que não conseguia – admitiu ela. – Tenho sorte por eu, a Kim e a Vicky podermos tirar férias ao mesmo tempo. De outra forma, nunca viajaria para lado nenhum.

Os *cicchetti*, quando apareceram, eram inesperados. Não os *crostini* do costume, mas umas miniaturas de brioche recheadas com atum fumado, alcachofras e rábano picante. Jennifer fez uma careta quando provou o dela.

– Isto não é verdadeira comida italiana, pois não? – comentou.

Valentina já devia ter ouvido outros turistas dizerem aquilo, porque tinha uma resposta pronta.

– Não, não é tradicional – concordou. – Mas o Angelo está a tornar-se bastante famoso pelo que faz. Esta pequena *osteria* é onde todos os *chefs* célebres vêm quando visitam Veneza. A comida aqui é interessante, foi por essa razão porque vos trouxe aqui. Se não gosta do atum, experimente o seguinte; está recheado com espadarte, queijo *mascarpone* e tomates secos.

Jennifer não parecia convencida. Suponho que ela sabia do que gostava, e não era daquilo. Mas achei que as combinações de sabores eram interessantes.

– Então, porque é que este sítio está fechado à noite? – perguntei.

– Só abre quando o mercado do peixe está aberto – explicou Valentina. – Ao almoço, o Angelo faz um *risotto*, um diferente todos os dias e sempre muito bom. Devia voltar cá, se tiver oportunidade.

– Sim, devia – concordei, observando-o enquanto ele trazia a última travessa, desta vez cheia de *crostini* barrados com uma pasta cremosa que reconheci. Angelo não era um homem alto, mas tinha um daqueles corpos atraentes, compactos, e, a equilibrar a travessa, movia-se com segurança e graciosidade.

– *Baccalà mantecato* – anunciou. – Um prato típico da cozinha veneziana. Se alguma pessoa vos cozinhar este prato, saberão que ela vos quer bem, porque requer muito trabalho.

– Nesse caso, tenho de provar. – O tom de Jennifer era de leve namorisco, e, desta vez, quando deu a primeira dentada, não fez uma careta.

Demoro sempre a confessar como ganho a vida. Acho que isso altera a atitude das pessoas. Espera-se que os *chefs* saibam tudo sobre comida e avaliem o que comem ou, pelo menos, que

sejam perspicazes. Se uma pessoa trabalhar na cozinha de um restaurante, ninguém quer cozinhar para ela a não ser outros *chefs*, que o fazem para deslumbrar, para mostrar que são melhores, mais audazes ou mais originais. Mesmo os do tipo estrela de *rock*, como Angelo, que parecem tão descontraídos, podem tornar-se bastante competitivos. Por isso, enquanto comíamos e trocávamos informações sobre nós próprios, eu contive-me, não fazendo grandes comentários para além de pedir outro *crostini* barrado com *baccalà mantecato*.

Quando estávamos a pegar nas malas e a prepararmo-nos para ir embora, Angelo virou-se para Valentina.

– Vens à *milonga* logo, não vens? – perguntou-lhe em italiano.

– Esta noite não, desculpa lá, não posso – respondeu ela em inglês.

– Nunca lá vais agora – queixou-se ele.

– Eu sei, mas tenho de trabalhar, Angelo. – Ela soava impaciente.

– É o que tu dizes. De qualquer maneira, acho que é uma pena. Já há muito tempo que não dançamos juntos.

Valentina suspirou.

– Talvez, se não estiver muito cansada quando acabar, apareça por lá, mas vai ser tarde. E vai ser só para uma dança.

– Uma dança é melhor do que dança nenhuma – disse-lhe Angelo, falando em inglês.

Jennifer devia estar à escuta, a tentar compreender o que dizia. Interrompeu:

– Oh, há um baile?

Angelo virou-se para ela.

– Sim, uma *milonga*, hoje à noite no Campo San Giacomo dell’Orio. Vamos dançar tango ao lado da igreja velha. É uma maneira maravilhosa de passar uma noite de verão em Veneza.

– Eu não sabia que os Venezianos dançavam o tango. Não é uma coisa italiana, pois não? – disse Jennifer.

– Não é italiano, não, mas atualmente o tango é dançado em todas as partes do mundo. Na maior parte das cidades encontrará bailes, ou *milongas*, como são conhecidos. Alguns são grandes eventos, outros só uns amigos que se juntam para conviver e dançar o tango. Aqui em Veneza as *milongas* de verão realizam-se principalmente ao ar livre, em locais bonitos, e é isso que as torna especiais.

– À de hoje à noite, qualquer pessoa pode ir? – perguntou Jennifer.

– É claro que sim... está aberta tanto a turistas como a venezianos – disse Angelo. – Pode vir para dançar ou para ficar sentada com uma bebida a observar, se preferir.

Jennifer tagarelava excitadamente com as amigas enquanto seguiamos Valentina pelas vielas estreitas de San Polo. O tango era *sexy*, tinha decidido, e Angelo também.

– Como é que ele disse que se chamava o tal sítio? – interrogou-se ela. – Será longe daqui?

– Campo San Giacomo dell’Orio – disse-lhe Valentina. – É bastante perto. Pode ir facilmente a pé ou apanhar o *vaporetto* para San Stae.

– Eu acho que devíamos ir. – Jennifer virou-se para as amigas. – Não acham?

Ambas disseram que não; os pés estavam a dar cabo delas, por terem andado todo o dia, estavam exaustas por causa do calor e a última coisa que queriam era passar a noite a dançar.

Jennifer parecia dececionada.

– Bem, eu não posso ir sozinha. – Virou-se para mim. – E você? Não quer vir comigo?

Eu não conseguia lembrar-me da última vez que tinha dançado. Devia ter sido há séculos, e mesmo assim tenho a certeza de que tinha sido um abanar do capacete sem graça depois de demasiadas taças de espumante nalgum casamento.

– Eu não sei realmente dançar – disse-lhe –, e, decididamente, não o tango.

– Eu aprendi qualquer coisas quando andava nas danças de salão, embora não tenha a certeza de ainda me lembrar dos passos – disse ela. – De qualquer maneira, era capaz de ser divertido ir ver, não acha?

Encolhi os ombros.

– Talvez. Vejamos como nos sentimos quando acabar este passeio.

O restaurante onde parámos a seguir chamava-se All’Arco e dava a sensação de ser mais tradicional. Uns cortinados brancos engomados cobriam metade da montra e lá dentro só havia espaço para dois balcões de mármore estreitos onde pousar o prato ou o copo. Por trás do balcão estavam um pai e filho que eram muito parecidos, descontando o facto de o mais velho ter cabelo grisalho e o mais novo os primeiros sinais de barriga.

Mais uma vez, Valentina disse-nos que aquele *bacaro* era muito célebre; que muitos *chefs* famosos internacionais o visitavam para se inspirarem.

– A sério? Eu nunca tinha ouvido falar dele – disse eu, suspeitando que ela estava a exagerar.

A *snobeira* da comida – os restaurantes que estão na moda e os que não estão, por razões que têm pouco a ver com os pratos que servem – é um dos meus maiores ódios de estimação. Os *chefs* célebres são uma tolice, e nem me façam começar a falar sobre estrelas Michelin ou gastronomia molecular ou comida que parece uma coisa mas é de facto outra.

Olhei para os *cicchetti* dispostos no balcão. Havia os *crostini* do costume com carnes de fumeiro, vegetais grelhados, queijo ou peixe em cima; espargos brancos envoltos em *pancetta*; flores de curgete recheadas e fritas; pratinhos de marisco, mas nada que parecesse extraordinariamente diferente.

Valentina mandou vir mais vinho: desta vez era um espumante tinto fresco chamado Raboso de que eu sempre tinha gostado. A certa altura, tínhamos pensado em disponibilizá-lo no Little Italy, mas Frederico achou que não haveria procura. Ao primeiro gole, pensei que não devia ter-lhe dado ouvidos; era delicioso.

Embora Frederico fosse só um funcionário do restaurante, tinha uma influência que se estendia muito para além da sala de jantar. Eu dava-lhe ouvidos quanto à carta de vinhos, por vezes até quanto aos pratos especiais. A sua voz era a do meu pai; ambos tinham trabalhado juntos durante tanto tempo que Frederico sabia exatamente o que era provável que o *papa* dissesse sobre tudo e mais alguma coisa. Era bondoso e tinha boas intenções, mas, mesmo assim, ao beber mais um gole de Raboso, desejei ter seguido os meus próprios instintos.

Ao beber a última gota, reparei que Jennifer estava a dar uns passos de dança na outra extremidade do bar, com o copo inclinado numa das mãos e a aproximar-se perigosamente de um par de italianos de certa idade que partilhavam uma travessa de vegetais grelhados.

– No tango, está tudo no jogo de pés – disse-me ela, arqueando as costas e depois endireitando-as outra vez e acrescentando, na dúvida: – Apesar de que, não sei, talvez isso fosse o *foxtrot*. Oh, bem, suponho que volto a lembrar-me de tudo quando lá estivermos.

– Eu não vou dançar, mesmo que a acompanhe – disse-lhe eu.

Talvez fosse o facto de ter companhia e de estar a fazer novas amizades, mas a comida no *bacaro* soube-me melhor do que eu esperava. Os ingredientes eram frescos e tinham sido bem combinados. Os *crostini* estavam barrados com um gorgonzola que se desfazia na boca ou com peito de ganso fumado. Havia peixinhos fritos e polvo temperado com sal e limão, chocos grelhados e anchovas marinadas.

Enquanto petiscávamos, Valentina voltou a fazer a sua palestra de guia turística.

– O Aldo e o seu filho Pietro passam mais tempo neste *bacaro* do que na sua própria casa – disse-nos ela. – Acontece a mesma coisa em muitos dos outros restaurantes de família... são mais do que bares, são pequenas comunidades com os mesmos amigos e vizinhos a passarem por lá todos os dias para apreciar uns petiscos e um pouco de vinho e dar dois dedos de conversa.

– As pessoas de cá devem ficar fartas dos turistas – observei.

– Estamos acostumados a visitas aqui – disse ela friamente.

– Mas nós somos milhões e vocês são pouquíssimos.

– Sim, isso é verdade – concordou ela. – Algumas pessoas sentem-se preocupadas com os navios de cruzeiro e os turistas que vêm passar cá um dia; receiam que a cidade seja invadida ou que esteja a transformar-se numa Disneylândia. Mas eu não acho que valha a pena preocuparmo-nos. Veneza está aqui há séculos; vai sobreviver.

Olhei à minha volta. Os dois homens de idade estavam a acabar a comida e a preparar-se para irem embora. Para além do patrão e do seu filho, todas as outras pessoas tinham ar de turistas.

– Nasceu aqui? – perguntei a Valentina.

– Sim, a minha família dedica-se ao fabrico do vidro em Murano. Têm um pequeno museu que devia visitar se vai ficar mais uns dias. Espere, tenho aqui uns cartões. – Meteu a mão na sua mala.

– Então, toda a sua família vive do turismo? – observei.

– Suponho que sim. – Entregou-me um cartão de visita com uma imagem de uma jarra azul.

– E gosta? É feliz? – dei por mim a perguntar.

Ela pareceu ficar surpreendida com a pergunta.

– Veneza é linda e eu vivo aqui. O que é que poderia haver para me fazer sentir infeliz?

Valentina parecia ser mais nova do que eu, talvez ainda andasse pelos vinte e muitos anos. Não usava aliança e imaginei a vida dela ainda sem forma definida e cheia de possibilidades. Talvez daqui a alguns anos ela não tivesse assim tanta certeza de que para se estar feliz bastava viver num lugar bonito.

– Obrigada – disse eu, metendo o cartão ao bolso. – Se chegar a ir a Murano, vou lá.

O *bacaro* seguinte a que nos levou era a curta distância a pé pela *calle* acima: um sítio escuro, revestido a painéis de madeira, que ela disse ser famoso pelas suas almôndegas de carne. Algumas eram a receita clássica de carne de vitela picada passada por pão ralado e frita, outras estavam mergulhadas num molho de tomate picante, outras ainda eram de atum picado com uma data de ervas aromáticas. O vinho tinto foi servido de uma caneca e tinha um sabor pouco delicado, mas eu acabei o primeiro copo e aceitei outro. Estava a sentir-me muito mais relaxada agora.

No último bar que visitámos, comemos *fondi di carciofo*, o fundo cinzento esverdeado da alcachofra, cortado e marinado em azeite e alho, bem como deliciosos espetos de camarões minúsculos.

Daí a pouco tempo, Valentina começou a lançar olhares ao seu relógio.

– Disponho de cinco ou dez minutos, depois tenho de ir – disse ela. – Se pegarem nas vossas

plantas, eu escrevo os nomes de mais alguns sítios que deveriam visitar antes de partirem de Veneza.

Como os outros foram mais rápidos do que eu, encontrei um parapeito estreito a que me encostar e acabei de beber o vinho enquanto esperava.

Quando chegou a vez de Valentina escrever na minha planta da cidade, ela só se deu ao trabalho de escrever à pressa o nome de uns dois sítios, e depois devolveu-ma.

– Não deixe de ir à livraria Acqua Alta; é um lugar especial – disse-me ela, antes de fazer as suas despedidas e de sair do bar, a trote, com a sua trança negra brilhante a voar. Para onde quer que se dirigisse, estava cheia de pressa.

– Eu acho que devíamos todos tomar mais uma bebida aqui – sugeriu Jennifer.

– Ou podíamos voltar ao outro bar e mandar vir mais uma garrafa do Raboso, aquele vinho tinto espumante que bebemos no sítio onde comemos uma data de marisco – sugeri.

Como o casal em lua de mel tinha outros planos e o casal com mais idade achava que já tinha bebido o suficiente, o nosso grupo estava reduzido a metade quando tentámos voltar para atrás. Como seria de esperar, virámos onde não devíamos e perdemo-nos. Não ajudava nada o facto de nenhum de nós conseguir lembrar-se do nome do bar de que estávamos à procura.

– Al Babbo – sugeriu Jennifer.

– Não, esse era o último sítio, o das almôndegas – disse-lhe eu.

– Pois era. De qualquer maneira, se encontrarmos esse, não conseguiríamos encontrar o outro? Nem sequer ficavam a cem metros um do outro.

Andámos para a frente e para trás, confusos, durante algum tempo. Quando já achávamos que era um caso perdido, dobrámos uma esquina e ali estava o bar que procurávamos, parecendo mais movimentado do que antes, com pessoas à entrada e na *calle*. Havia um zunido de vozes venezianas e cheiro a fritos.

– Está demasiado cheio. Não vamos conseguir chegar ao balcão – disse Matt.

– Oh, eu consigo, confie em mim – prometi-lhe.

Uma coisa em que sou realmente boa é a ser servida em bares. Não tenho a certeza se é alguma coisa no meu aspeto que chama a atenção ou se sou mais insistente do que outras pessoas, mas sempre foi assim; é como se fosse o meu superpoder. E este sítio era fácil, porque, quando abri caminho por entre o magote de pessoas e avancei para o balcão, reconheci o homem diante de mim pelo lenço vermelho a prender-lhe os caracóis pretos.

– Olá, é o Angelo, não é? – disse eu. – Deixa-me passar?

Virando-se, ele afastou-se para me arranjar lugar.

– *Signora* – respondeu delicadamente.

– Eu estive no seu bar antes, com o grupo da Valentina – recordei-lhe.

– É claro... É a que gostou do *mantecato*; serviu-se duas vezes.

– Estava muito bom.

– E agora precisa de uma bebida, mas este sítio é uma loucura a esta hora. Olhe, deixe-me ajudá-la. Pietro, Aldo – chamou. – Há aqui uma senhora muito sequiosa; têm de a servir imediatamente.

Pietro berrou qualquer coisa que soou como uma queixa, embora estivesse a falar rapidamente e no dialeto veneziano e por isso eu não conseguisse compreender o que dizia. Houve muitas risadas e mais berros enquanto ele abriu uma garrafa de Raboso com um estalido seco e a pousou numa bandeja com alguns copos.

Angelo insistiu em ajudar-me a levar as bebidas lá para fora, seguindo-me com a bandeja carregada. Os outros pareceram encantados por o ver, especialmente Jennifer. Talvez tivesse a esperança de viver um romance enquanto estava em Veneza. Se assim fosse, esperava-a uma decepção. Angelo foi encantador, servindo-nos o vinho e aceitando um copo, mas não me pareceu que tivesse reparado nela. Se estava interessado em alguém era em mim.

Os homens gostam de mim; sempre gostaram. Soa arrogante, mas é verdade. Não acho que tenha a ver com o meu aspeto. Tenho dez quilos a mais, o meu cabelo é tão encaracolado que está sempre um desastre e não sou elegante como a minha irmã Pieta. A minha teoria é que é por eu me comportar de uma forma descontraída com eles; não me esforço demasiado e eles apreciam isso. Eden diria que sou namoradeira, que adoro a admiração e ganho vida quando a tenho, mas isso é só porque fica com ciúmes. Quantas vezes o vi a olhar-me furioso do outro lado de uma sala porque deixei que algum sujeito me acendesse o cigarro ou simplesmente estava muito perto de algum homem, na opinião dele. E talvez estivesse a namoriscar um bocadinho. Mas torna a vida mais interessante, é divertido e não é verdade que todos precisamos mais disso? Nunca é minha intenção deixar que isso leve a lado nenhum.

Seja como for, como Eden não estava ali naquele momento para ficar todo incomodado, eu podia conversar com Angelo tanto tempo quanto quisesse sem que isso fosse problema.

– Quando é que começou a dedicar-se às danças de salão? – perguntei-lhe.

– Não, não são danças de salão, é tango argentino – disse ele.

– Não é a mesma coisa?

Ele abanou a cabeça.

– De modo nenhum. São duas danças muito diferentes.

– Mas o tango é muito *sexy*, certo? – disse Jennifer.

– *Sexy*? – Angelo encolheu os ombros. – Se quiser que o seja, suponho que sim.

– Mas não é assim que o vê? – sugeri.

– Não, para mim o tango é um sentimento, uma ligação, algo muito profundo. – Enquanto falava, Angelo fitava-me com os seus olhos castanhos da cor do chocolate. – Quando se dança, ele modifica-nos. Venha ver-nos no Campo San Giacomo dell’Orio esta noite e depois talvez comece a compreender.

– Faz com que soe muito romântico – disse Jennifer.

Ele virou-se para ela.

– O tango pode ser muitas coisas – disse, num tom grave. – Tem de ver o que se torna para si.

Imaginei-me a tentar dançar, a tropeçar nos meus pés ou a pisar os dele.

– Para mim, acho que seria principalmente humilhante. Precisava de beber bastante mais vinho antes de tentar dançar.

– No tango, a mulher tem de ser ágil e mover-se com graciosidade. Acho que o vinho não ajudaria muito. – Angelo sorria agora.

– A sério? – Devolvi-lhe a tacada. – Eu sempre achei que o vinho ajuda em tudo.

Do que Eden mais gosta é de me criticar por beber como bebo. Dá a impressão de que tenho um problema, o que é uma tolice rematada, claro. Nalgumas noites exagero um bocado, mas nunca chego a ficar o que se chama bêbada. Muitas vezes, há um momento na noite em que sinto que começo a pender para o lado de lá, e é então que paro... ou, pelo menos, que vou com calma.

Ao meu marido bastam duas cervejas frescas depois do trabalho à sexta-feira, e parece-lhe que

eu devia ser como ele. É uma das coisas sobre as quais discutimos. Detesto a sensação de ele estar a observar-me e a contar os copos que bebo. Sim, é verdade que o vinho me descontraí, que a primeira coisa que faço quando chego a casa do trabalho é abrir uma garrafa e que anseio todo o dia por esse momento. Mas o que tem isso, digo-lhe sempre. Imensas pessoas fazem o mesmo.

Jennifer e os outros estavam a mandar abaixo as bebidas com a mesma rapidez que eu nesta noite. Estávamos todos a divertir-nos.

Quando nos encaminhámos para Campo San Giacomo dell’Orio, eu estava a sentir-me bastante bem. Matt, o tipo americano, tinha decidido fazer-nos companhia e eu ia entre ele e Angelo, de braço dado com ambos, finalmente num espírito de férias.

Era uma caminhada mais longa do que eu contava e não tinha grande hipótese de saber como voltar para trás, mas isso não me preocupou nada. Estava com novos amigos, bem comida e bebida e a dirigir-me para uma festa. Quem sabia quando a noite terminaria; quem queria saber? Eu não tinha de ir a lado nenhum e não tinha nada a fazer na minha lista a não ser passar um bom bocado. A súbita baforada de liberdade quase me pôs zozna.

CAPÍTULO 5

Era o lusco-fusco quando chegámos ao *campo* e a música já estava a tocar e alguns pares dançavam. Sentei-me com Jennifer num banco ao lado de um pequeno jardim e recordei a toda a gente que só ali estava para ver. Angelo riu-se e disse que esperava bem que sim.

Ele foi ter imediatamente com uma bonita rapariga de cabelo escuro e começaram a dançar. A dança era linda e, sim, sensual, mas também cheia de sentimento e na verdade bastante triste. Começaram lentamente e quando a música mudou e adquiriu um ritmo mais acelerado, os movimentos de pés deles acompanharam-na. Os outros pares que dançavam perto deles pareciam desajeitados, em comparação.

Quando a luz do dia se desvaneceu, alguém me meteu um copo de Prosecco na mão e durante muito tempo eu não consegui tirar os olhos de Angelo com a rapariga. Teriam praticado aqueles passos? Se não, eu não conseguia compreender como sabiam quando se mover para a frente e para trás ou quando virar.

O tango parecia uma dança linda, e dei comigo a desejar que fosse uma coisa que eu pudesse fazer, mas tinha a certeza de que os meus pés nunca se moveriam naqueles passos comedidos, o meu corpo nunca rodopiaria tão livremente nem conseguiria ter tanto equilíbrio e postura.

– Vai experimentar? – perguntei a Jennifer, que ainda estava ao meu lado no banco e parecia igualmente ofuscada.

– Eu gostava, mas...

– Parece difícil, não parece? – observou Matt, de pé ao nosso lado, a beber cerveja de uma garrafa.

– Disse que já tinha dançado antes – recordei a Jennifer.

– Mas não assim. Não quero fazer fraca figura. Não, acho que vou só ficar a ver durante algum tempo.

Angelo e o seu par fizeram algumas pausas, parando para beber água, mas a sua energia não parecia esgotar-se e não fraquejavam. Nas danças lentas pareciam espirituais. Mas era quando a música ficava mais rápida e com um sentido de urgência que o tango se tornava mais excitante. Era então que eu me imaginava a dançá-lo.

Já era bastante tarde quando reparei que Valentina tinha aparecido e estava à margem de um grupo a assistir à dança como nós. Tinha trocado a roupa de guia turística por uns sapatos de salto alto e uma saia de roda de cor púrpura por cima dos joelhos. Desviei o olhar por um momento e quando voltei a vê-la ela estava a dançar com um homem vestido de preto e outros pares afastavam-se para lhes dar espaço.

Até eu conseguia ver que aquele tipo de tango era diferente, mais sensual mas também mais agressivo. Movendo-se juntos, parecia que estavam agarrados a lutar. Ela levantou a perna de repente e enganchou-a à volta da dele. Ele empurrou-a para a fazer rodopiar.

Ao princípio, Angelo não olhou para eles e eu perguntei-me se ele teria reparado nela. Mas a seguir ele baixou os braços e afastou-se do seu par. Estava demasiado escuro para eu conseguir

ver-lhe a expressão do rosto, mas a sua postura parecia a de alguém zangado. Deixou-se ficar parado por uns momentos, de mãos pendentes ao lado do corpo, e depois avançou na direção de Valentina.

O que aconteceu a seguir apanhou-me de surpresa. Subitamente, ambos os homens tinham as mãos no corpo de Valentina. Ela virou-se para olhar Angelo de frente e de novo se voltou para o seu primeiro par, e começaram a dançar juntos, os três, a rodopiar à volta uns dos outros, sentindo a música. Os homens passavam Valentina de um para o outro, por vezes à bruta, erguendo-a no ar. Aproximavam-se e voltavam a juntar-se, com os corpos a tocarem-se. Era um espetáculo impressionante, mas, ao mesmo tempo, demasiado íntimo para ser visto.

– Oh, meu Deus, aquilo é a coisa mais sensual que eu já vi em toda a minha vida – disse Jennifer em voz baixa.

Quando por fim a música se tornou mais lenta, Valentina parou e ergueu as mãos como se a dizer *basta*. Angelo tocou-lhe no braço, mas ela soltou-se, recuando. Havia ainda uma multidão de mirones, mas ela não parou para falar com nenhum, abrindo caminho por entre eles e desaparecendo na escuridão.

Já era tempo de também eu me ir embora. Baixei-me para pegar na minha mala e foi então que vi a minha senhora idosa a dançar numa poça de luz lançada por um dos lampiões. Mal queria acreditar que ela tivesse aparecido aqui, mas era decididamente ela, parecendo serena nos braços de um homem de cabelo branco. Usava um turbante cor de laranja e os lábios pintados de coral a condizer, e o seu par conduzia-a num tango majestoso.

Nessa altura Matt já se tinha ido embora e penso que Jennifer estava a tentar encontrar algum homem que lhe ensinasse uns passos, por isso eu tinha o banco só para mim. Sentia-me curiosa sobre a senhora idosa e queria vê-la dançar, só por algum tempo. Instalei-me mais confortavelmente, deitando-me nas pranchas de madeira dura e usando a minha mala como almofada.

Ela e o seu par eram de longe os mais velhos aqui e moviam-se com menos agilidade do que os outros. Não havia pontapés nem elevações espetaculares, e ao fim de uns minutos apercebi-me de que na maior parte do tempo repetiam a mesma meia dúzia de passos. Era um tango de um tipo modesto, mas o porte deles era orgulhoso e a multidão aplaudia-os a animá-los. Ali deitada a observá-los, senti que toda a cena começava a parecer um sonho.

A certa altura, devo ter adormecido. Quando abri os olhos, a música tinha parado, todos os dançarinos se tinham ido embora e a luz do dia era de um cinzento sujo, de manhã cedo. Meio grogue, remexi na minha mala e senti-me aliviada ao descobrir que nenhum carteirista me tinha levado o dinheiro. Sentia o pescoço hirtos, doía-me o ombro e estava enregelada até aos ossos. Quanto tempo teria estado ali deitada?

– *Buongiorno*. – Uma voz de mulher sobressaltou-me.

A senhora idosa estava sentada na outra extremidade do banco, ao lado dos meus pés. Tinha o *eyeliner* esborratado e umas farripas de cabelo branco escapavam-lhe do turbante cor de laranja.

– Já é de manhã? – perguntei-lhe em italiano.

Ela acenou que sim com a cabeça.

– Estive a dormir aqui toda a noite?

– *Si, signora*.

Lentamente, soergui-me até ficar sentada. Não admirava que me sentisse péssima.

– Precisa de um café quente. Venha, eu conheço um sítio bom aqui perto. – Graciosamente, ela escorregou do banco e pôs-se de pé.

– Um café, sim – concordei, perguntando-me se ela teria estado ali ao meu lado toda a noite.

Como dava a sensação de ser muito cedo e não andava mais ninguém pelas ruas, duvidei que houvesse algum sítio aberto; de qualquer maneira, pus-me de pé e segui-a. Sem o carrinho das compras, sem cãezinhos aos seus pés, a velha senhora era surpreendentemente ágil. Seguiu três passos à minha frente e conduziu-me por *calli* tortuosas e por várias pontes, só parando momentaneamente numa montra para me apontar um colar de vidro vermelho que achava que me ficaria bem.

– A senhora precisa de cor – disse ela, olhando-me de olhos semicerrados.

– Certo, mas primeiro um café, está bem?

Quando eu já estava a perder a esperança de encontrarmos um café, dobrámos uma esquina e fomos saudadas pela visão de uma pequena *pasticceria* ao lado de um canal. Viam-se bandejas de frutos de maçapão de cores berrantes na montra e lá dentro só havia lugar de pé. Já estavam dois clientes ao balcão, a beber um café ou dois antes de se dirigirem à pressa para o trabalho. Pusemo-nos atrás deles e a velha senhora entendeu o seu reflexo num espelho na parede mais afastada e enfiou cuidadosamente as farripas no turbante antes de mandar vir o que queríamos.

Eu acrescentei os meus próprios pedidos: um brioche recheado com creme e muita água.

– Chamo-me Addolorata, já agora, embora muitas pessoas me chamem Dolly – disse-lhe enquanto esperávamos.

– Eu sou a Coco, prazer em conhecê-la – respondeu ela em inglês, e achei que lhe detetava um leve sotaque americano.

– Obrigada por ficar comigo ontem à noite.

– Eu queria acordá-la, mas o Silvio disse que devíamos deixá-la dormir um pedaço. Estava uma noite maravilhosa e nós estávamos a dançar e a conversar. A seguir, o Silvio foi-se embora e eu dormitei um pouco e subitamente já era de manhã.

Ela falava rapidamente, alternando entre inglês e italiano, com aquela entoação estranha na voz, de modo que eu tinha de me concentrar para acompanhar o que dizia.

– Quem é o Silvio?

– Um amigo... um parceiro da dança.

– Ah, eu vi-os a dançar o tango juntos antes de adormecer. Faziam um belo par.

Ela encolheu os ombros.

– Sim, claro.

– Dança naquele *campo* com muita frequência?

– Às terças-feiras à noite no verão encontra-nos lá, embora o Silvio tenha problemas nos joelhos e já não seja o dançarino que era. Às quartas-feiras vou com o Marcello a um sítio acima da escadaria da igreja de Santa Maria della Salute. E aos domingos há uma *milonga* no pátio de um *palazzo* e danço à vez com os dois. É uma das minhas paixões.

– Consigo ver porquê – disse-lhe eu. – Ontem à noite no *campo* estive a ver um *chef* chamado Angelo a dançar. Era deslumbrante. Havia três no fim, ele e uma guia turística chamada Valentina e outro homem, a dançarem todos juntos.

Coco enrugou o nariz.

– Eu conheço-os – disse. – Também os vi.

– Já alguma vez dançou assim?

Ela abanou a cabeça.

– A rapariga, a Valentina, *olhem para mim*, é o que ela está a dizer. Só usa o tango para impressionar as pessoas.

– Não gosta dela? – Eu sentia-me fascinada com este pequeno mundo curioso com que tinha dado por acaso.

– Não gosto da maneira como ela dança.

– Eu achei que era muito sensual – admiti.

– É espalhafatoso e insincero – disse ela, desdenhosa. – Já o meu Silvio, quando dança, não há nada de espetáculo no que faz; nem sequer está a pensar que impressão dá, só em mim, a mulher nos seus braços.

Serviram-nos o café e Coco ocupou-se por uns momentos a deitar no seu café umas gotas de leite quente de uma pequena leiteira.

Dei uma dentada no brioche ainda quente. A massa era leve e estava polvilhada com açúcar fino.

– Hum, é bom. Talvez precise de comer outro.

– Não posso ficar muito tempo – disse-me Coco. – Os meus câezinhos estiveram sozinhos e fechados em casa toda a noite.

– Oh, OK.

Devo ter soado dececionada, porque ela lançou-me um olhar e acrescentou:

– Se gostou do tango, devia vir hoje à noite a Santa Maria della Salute. Eu estarei lá. – Soprou no café antes de o beber em dois goles. – Use saltos altos e uma saia bonita se for. Talvez devesse voltar àquela loja e comprar o colar que lhe indiquei.

O problema de uma noite de copos é a ressaca que se segue. Lido bem com a dor de cabeça, a secura na boca, o desconforto no estômago, os olhos inchados, até com a sensação de ligeira náusea. É a maneira como fico abatida que realmente detesto.

Em casa, quando estou atarefada com o trabalho, não tenho tempo para me mimar. Duas *Coca-Colas*, alguma coisa gordurosa para comer e estou pronta a entrar em ação, quer me apeteça quer não. Aqui, com um dia inteiro ainda a espriar-se à minha frente e sem nada para fazer, não podia escapar à maneira como me sentia. O facto de a culpa ser toda minha não me reconfortava nada.

Depois de Coco me deixar, tomei mais um café e a seguir pus-me a caminho para ver se conseguia encontrar o meu hotel. Alguns analgésicos poderiam ajudar, assim como deitar-me numa cama em condições. Se conseguisse dormir mais um pouco talvez o dia ainda pudesse salvar-se.

Estava uma manhã fresca, com nuvens escuras baixas, a ameaçar chuva. Fiquei contente quando a minha caminhada afinal não demorou tanto tempo quanto eu contava. Sem recorrer à planta da cidade, segui as indicações para a paragem mais próxima do *vaporetto* e daí foi fácil encontrar o caminho de regresso ao meu hotel. Decidi que estava a começar a saber orientar-me em Veneza.

A primeira coisa que fiz quando cheguei ao meu quarto foi engolir uns comprimidos de paracetamol. A seguir, deixei-me ficar debaixo do chuveiro dez minutos, enviei uma mensagem a dar os bons-dias a Eden e a Katia e tombei sobre a cama.

Ao fechar os olhos, dançaram-me na mente imagens da noite passada: o tango ousado e excitante, os corpos fortes e a recordação da música a pulsar alto.

Não me lembro se sonhei com tango, mas tinha a cabeça tão cheia dele que foi a primeira coisa

em que pensei quando acordei. Ainda estava demasiado sonolenta para sair da cama. Em vez disso, deixei-me ficar deitada, a dormir e a imaginar que havia dançarinos no teto, a rodopiarem à volta das fendas e a andarem de roda do lustre poeirento; leves e livres.

Por fim, a perspetiva de comer fez-me sair da cama. Apeteci-me coisas fritas, e em grande quantidade. Depois disso, talvez seguisse o conselho de Coco e fosse às compras. Há séculos que eu não comprava roupa nova. Todas as minhas peças de vestuário eram pretas e quase nunca me dava ao trabalho de usar joias ou *écharpes*. Suspeitava que não havia uma só peça na minha mala que uma mulher como Coco considerasse suficientemente elegante para a usar.

Vesti as calças elásticas do costume e o *top* que me tapava o traseiro, ateii os atacadores dos meus ténis *Chuck Taylor* e peguei no blusão de ganga. Lá fora, o empedrado das ruas estava brilhante com chuva, a luz era sombria e uma neblina marítima pairava sobre os canais. Talvez o tempo estivesse demasiado húmido esta noite para haver baile no cimo da escadaria de Santa Maria della Salute, mas eu passaria por lá de qualquer maneira.

Ao virar para a Strada Nuova, ouvi o sinal de uma mensagem no telemóvel. Era Pieta. *Olá, espero que estejas a divertir-te. Preciso de falar contigo. Quando é o melhor momento para te telefonar?* tinha escrito.

Tudo bem aqui. Estou a sair para comer. Telefona quando quiseres, escrevi em resposta.

Ótimo. Esta tarde, então, respondeu ela.

Por uns momentos, receei que houvesse algum problema, mas logo decidi que Pieta só queria saber como eu estava. Talvez se preocupasse por eu poder estar a sentir-me só, o que, de certa maneira, era verdade. Sentia a falta de Eden na cama ao meu lado e dos abraços raros mas adoráveis de Katia. Por vezes, sentia até a falta do ritmo da vida normal com as suas certezas. Aqui não havia trabalho nem amigos nem listas de tarefas a ancorarem-me. Era inquietante estar assim à deriva, mas também começava a dar-me a sensação de ser uma aventura. Quando Pieta telefonasse, eu poderia dizer-lhe que me tinha divertido na noite passada e isso não seria uma mentira rematada. Mesmo assim, talvez não mencionasse que só tinha voltado para o meu hotel já de manhã.

Ao almoço comi três tipos diferentes de almôndegas de carne e um prato de *bigoli in salsa*. Não tencionara comer massa, mas vi um empregado de mesa a passar com um prato de esparguete integral caseiro, a brilhar com azeite e polvilhado com cebolas fritas e anchovas, e não resisti a pedir uma dose. Não foi das refeições mais ligeiras, e, depois de limpar o prato com um pedaço de pão, senti o estômago demasiado inchado para ir provar roupas. Em vez disso, decidi ir dar um passeio e ver as montras.

Enquanto eu estava a almoçar, o nevoeiro tinha-se dissipado e agora havia faixas azuis no céu. Como evitar a movimentada e turística Strada Nuova era o meu principal objetivo, parti numa direção que ainda não tinha explorado e perdi-me num labirinto de *calli*. Acabei por chegar a uma praça ampla com uma igreja imponente, uma estátua de um cavaleiro num pedestal e vários cafés com esplanada. Estudando o mapa da cidade, calculei que devia ser o Campo Santi Giovanni e Paolo, e dei-me conta de que a livraria que Valentina tinha assinalado como sendo de visita essencial não ficava muito longe.

Estava prestes a ir tentar encontrá-la quando o meu telemóvel tocou. Sentando-me a uma mesa num dos cafés, atendi.

– Olá, Dolly. – A minha irmã soava animada. – Que tal vai isso por aí?

– Fantástico. Estou num café ao lado de uma igreja antiga incrível e vou mandar vir um café.

– Isso parece relaxante. Que mais tens feito?

– Bem, estranhamente, há aqui uma cena de tango e eu, tipo, comecei a dar-me com alguns dos dançarinos. – Sim, estava a exagerar, mas é o que costume fazer.

– Tango? Isso não é espanhol ou sul-americano? Porque é que andam a dançá-lo em Veneza? – perguntou ela.

– Pelos vistos, andam a dançar o tango por toda a parte, nós é que ainda não demos conta. Em Veneza dançam ao ar livre nas praças em noites quentes, e é fabuloso.

– Que inveja que eu tenho! Aqui está a chover a potes e eu não faço mais nada a não ser trabalhar.

– Suponho que não tens passado pelo Little Italy? – O meu restaurante só estava sem mim há dois dias; mesmo assim, eu começava a sentir-me ansiosa.

– Na verdade, é por isso que estou a telefonar. – Subitamente, Pieta soava menos animada.

– O que se passa?

– Oh, nada, realmente, não te preocupes. Só queria dizer-te que o *papa* voltou.

– O que é que queres dizer com voltou? – Caiu-me o coração aos pés. Lembrei-me de como Frederico soara tão encavacado ao telefone e da risada em fundo que eu tinha a certeza de reconhecer. É claro, era o meu pai. Quem mais?

– Queres dizer que voltou para o Little Italy? – pressionei-a. – Ele viu a crítica do Guy Rochester, certo? Voltou para salvar o barco ou coisa do género?

– Acalma-te, Dolly, ele não está a tentar apoderar-se das rédeas do negócio, só quer ajudar.

– Oh, por favor. Aposto que vai mudar a ementa, não vai?

– Não, acho que não. Bem, talvez tenha incluído um par de novos pratos especiais, mas é tudo.

– Que diabo... É melhor eu regressar imediatamente.

– Não, não faças isso – disse logo a minha irmã. – Mais uns dias não fazem diferença. E, Dolly, eu acho que ele está a divertir-se. Já não o via assim tão entusiasmado há que tempos. Deixa-o encarregar-se das coisas até acabares as férias e depois podes cortar-lhe as vazas se quiseses.

Imaginei o meu pai na cozinha, a encontrar defeitos alto e bom som em todas as mudanças que eu tinha introduzido e a criticar o meu pessoal. Não seria nenhuma surpresa se metade já se tivesse despedido quando eu regressasse. O problema era que o Little Italy tinha sido a obra da vida do meu pai. Tinha-mo dado, mas nunca o tinha realmente largado. Neste momento, devia estar a reviver os velhos tempos, e, como Pieta dissera, só a tentar ajudar. Eu não podia dizer-lhe que ele não era preciso lá; sentir-se-ia muito magoado.

– A mãe também voltou? – perguntei à minha irmã.

– Sim, estão ambos em minha casa, porque têm o apartamento deles arrendado neste momento. O Eden e a Katia vêm cá jantar amanhã à noite. Vai parecer mesmo estranho ter toda a gente junta menos tu.

– Eu telefono – prometi.

– Espero não te ter estragado as férias – disse Pieta ansiosamente.

Olhei à minha volta para o *campo* largo, para os turistas a atravessarem a ponte na direção da igreja, para os empregados de mesa a circularem entre as mesas das esplanadas, para o sol a romper as nuvens acima de nós. Com certeza era melhor estar aqui neste momento do que mover uma guerra silenciosa contra o *papa* pelo controlo do Little Italy?

– Não, tudo bem, prefiro saber o que se está a passar. Tenta só não o deixar exagerar. Sabes como ele é.

– Não te preocupes, eu falei com o Frederico e toda a gente está de olho nele. Ele afasta-se quando tu voltares para casa, vais ver.

– Sim, talvez.

– Tenta divertir-te entretanto, está bem?

– Vou tentar.

– Tenho de ir. Tenho imensas coisas para fazer. Adoro-te, Dolly.

– É, eu também te adoro.

Depois de desligar, deixei-me ficar na esplanada, tomei um café e comi alguns biscoitos cheios de açúcar, embora não estivesse com fome. A olhar em frente sem ver nada, pus-me a pensar na confusão em que se estava a enredar a minha vida.

Se passassem algum tempo com o meu pai, saberiam que ele consegue ser ao mesmo tempo enfurecedor e totalmente encantador. Algumas pessoas acham que somos parecidos, ele e eu, e é por isso que tendemos a chocar um com o outro. Mas há grandes diferença entre nós; pelo menos, acredito que sim.

O *papa* é uma pessoa mais dura em certas coisas e mais maleável noutras. Berra e barafusta, tem opiniões formadas sobre tudo o que se mencione e, como a maior parte dos homens italianos da sua geração, dá muita importância ao respeito. Nada o perturba mais do que descobrir a sua falta, especialmente por parte das filhas.

No passado, contrariei-o de muitas maneiras. Ele não queria que eu deixasse de estudar tão cedo como deixei ou que me casasse com Eden. Houve grandes cenas, com muitos berros, e depois a minha mãe intervinha e ele acabava por ceder. O *papa* tem a capacidade de esquecer e de seguir em frente. Infelizmente, esse não é um dos seus traços que eu partilho.

Também tem um coração maior do que o meu; uma capacidade de se interessar pelos outros que ultrapassa a da maioria das pessoas. Não é um santo, claro; já cometeu erros e magoou pessoas. Mas é sempre impensável não lhe perdoar.

Então, lá estava ele agora no Little Italy, a encher o restaurante com a sua voz alta e as suas grandes opiniões, e, o que quer que Pieta pensasse, não ia afastar-se brevemente. Citar-me-ia a crítica de Guy Rochester, chamar-me-ia a atenção para os espaços vazios no livro de reservas e nomearia os velhos clientes habituais cujos rostos estavam agora ausentes. Só porque se interessava, é bom que se note... porque queria o melhor possível para nós.

Não chegaria ao ponto de me dizer que eu tinha fracassado na gestão do restaurante, mas era o que devia estar a pensar. O pior é que não haveria como argumentar – não agora que um crítico gastronómico provara que ele tinha razão. Eu não poderia lutar pelos pratos que queria ver na ementa nem esperar que as minhas opiniões fossem escutadas. Seria como se o Little Italy voltasse a ser dele, e talvez, na verdade, devesse sê-lo.

Quanto mais pensava naquilo, tanto mais aliviada me sentia por não estar lá. Mais cedo ou mais tarde teria de defrontar a realidade, mas ainda não. Se deixasse passar algum tempo, se lhe desse a oportunidade de gerir o restaurante sozinho, então o melhor que poderia esperar seria que o *papa* descobrisse que já não tinha a energia necessárias para trabalhar como dantes, ou que a minha mãe interviesse e o obrigasse a abrandar o ritmo. Mas não tinha grandes esperanças. Não se ele estava a divertir-se tanto como parecia a Pieta.

A tarde ia a meio quando consegui encontrar a livraria Acqua Alta. Com uma tabuleta

improvisada e alguns escaparates de postais ao lado da porta, não parecia nada de especial. Lá dentro cheirava a mofo. À entrada havia umas prateleiras dos dois lados com livros novos e a bloquear o meio da loja encontrava-se uma velha gôndola cheia a transbordar de guias de Veneza em várias línguas.

Quanto mais avançava, tanto mais desleixada e romântica se tornava a loja. Numa série de pequenas salas laterais, encontrei barcos de madeira, barris e banheiras a transbordarem com romances em segunda mão e em mau estado. Velhos exemplares de revistas estavam empilhados ao lado de volumes sobre arte. Encontrei salas onde mal havia espaço para se andar nos espaços entre pilhas periclitantes de livros, onde lustres poeirentos e velhas máquinas de escrever disputavam o espaço e gatos pretos andavam pelos cantos. A certa altura, descobri um pátio com umas escadas construídas com volumes encadernados a couro em discreta decomposição. E mesmo nas traseiras da loja havia uma porta que dava para o canal, com a água verde leitosa a bater contra os seus degraus.

A maior parte dos livros era em italiano e embora eu fale essa língua suficientemente bem para me fazer compreender, tentar ler nela é mais complicado, por isso não havia grande coisa que eu pudesse comprar ali. No entanto, sentia-me fascinada. Parecia-me um lugar que só poderia existir aqui em Veneza.

Era uma loja onde uma pessoa poderia perder-se, tropeçar em coisas que nunca se tinha dado conta de que queria; livros que tinham tido vidas interessantes antes de se pegar neles. A maior parte tinha as capas danificadas e estava cheia de páginas amareladas. As lombadas estavam estaladas e os cantos das folhas dobrados, com palavras escrevinhadas nas margens. De onde teriam vindo todos, e alguém os compraria alguma vez? Eu não via nenhum funcionário na loja, muito menos uma caixa registadora.

Finalmente, encontrei-a escondida a um canto, não longe da entrada da loja. Para minha surpresa, encafuada por trás do balcão estava uma rapariga que reconheci. Tinha o cabelo escuro numa trança grossa sobre o ombro, e olhos castanhos sob uma franja espessa.

– Valentina?

Ela olhou para mim sem dar sinais de me reconhecer.

– Addolorata – disse eu, para lhe avivar a memória. – Estive no seu passeio a pé ontem à noite.

– Oh, OK. – Mesmo assim, continuava a não dar sinal de me reconhecer.

– Quando assinalou este sítio na minha planta, não me apercebi de que trabalhava aqui.

– Vale bem a pena visitá-lo, não vale? Queria comprar alguma coisa? Os romances em inglês estão ali. – Apontou para as prateleiras de livros novos ao lado da porta. – Temos muitos da Donna Leon, se quiser ler uma história passada em Veneza. E há também os guias turísticos, claro: visitas a pé, sítios onde comer, História, até histórias de fantasmas... temos uma vasta seleção.

– Também a vi a dançar ontem à noite – disse-lhe eu. – Com o Angelo e outro homem.

– Então sempre foi à *milonga*. – Parecia que afinal me tinha reconhecido.

– Sim, foi uma bela noite. Foi incrível ver-vos dançar.

Ela acenou com a cabeça e fez novamente um gesto na direção das prateleiras de romances ingleses.

– Acho que vai gostar da Donna Leon. São policiais, mas nada violentos.

Acabei por comprar um bloco de apontamentos com uma capa bonita, dois romances e um punhado de postais antigos, todos impregnados com a fragrância a mofo da loja. Valentina parecia um pouco mais calorosa ao receber o meu dinheiro, chegando até a sorrir.

– Talvez a veja esta noite – disse-lhe eu.

– Esta noite, porquê? – Soava perplexa.

– Não vai dançar em Santa Maria della Salute?

– Ah, a *milonga* da quarta-feira à noite? Não, não é provável, tenho outros planos – disse, toda despachada, e depois virou-se para outra cliente, uma estrangeira como eu, que tinha na mão uma seleção de livros e de postais semelhante à minha para comprar.

Quando voltei para o meu hotel, abrindo caminho por entre as vagas de turistas que se encaminhavam na direção oposta, imaginei o que seria ser um daqueles venezianos que ainda viviam aqui, a tentar fazer a sua vida normal. Não admirava que os habitantes locais mantivessem o nariz enfiado no jornal no *vaporetto* ou nos virassem as costas nos *bacari*. Não os censurava por tentarem excluir-nos. Era a única maneira de lidar com uma tal invasão.

A minha explicação para a simpatia de Coco era que ela era excêntrica, possivelmente bastante louca. Perguntei-me se teria o hábito de selecionar turistas para lhes dar conselhos de moda, fazer pequenos comentários à nossa maquilhagem, ao nosso vestuário e aos nossos cortes de cabelo. Vindo de qualquer outra pessoa poderia parecer rude, mas ela era uma velha senhora tão peculiar que não fazia sentido ofendermo-nos. Esperava vê-la mais tarde. E se conseguisse encontrar a pequena loja outra vez, era capaz de gastar algum dinheiro naquele colar de vidro vermelho que ela tinha achado que me ficaria bem.

CAPÍTULO 6

Desde a minha chegada a Veneza que estava à espera de um telefonema de Eden, mas não tinha havido nada para além de algumas mensagens breves. Mesmo quando não andamos a dar-nos bem, nunca passamos um dia sem falar, e, como este era o período mais longo que eu já tinha tido sem ouvir a voz da minha filha, no caminho de regresso ao hotel parei num bar, mandei vir um Aperol Spritz e telefonei para casa.

Tocou durante um pedaço e depois houve um clique e ouvi a minha própria voz a mandar deixar uma mensagem curta. Não era pouco usual. Se Eden estivesse com dores nas costas e não se encontrasse perto do telefone, muitas vezes não se dava ao trabalho de atender. Por isso, desliguei e voltei a ligar. E depois uma e outra vez, até por fim ele atender.

– Dolly, mas que raio? – Soava exasperado.

– Eu sabia que estavas em casa – expliquei.

– Pois, mas detesto quando fazes isso. Não podes deixar uma mensagem a pedir que te devolva a chamada, como uma pessoa normal?

– Eu queria falar contigo agora – disse eu, razoavelmente, pensei.

– Então, o que é assim tão urgente?

– Bem, nada – admiti. – Só estou a ligar para saber como vocês estão, tu e a Katia.

– Eu respondi à tua mensagem hoje de manhã. Achaste que alguma coisa poderia ter mudado desde essa altura?

– Não, mas queria ouvir a tua voz. E a da Katia também. Ela já está em casa?

– Não – disse ele secamente.

– Quem me dera que pudesses ter vindo de férias comigo.

– Quem me dera fazer uma data de coisas.

Ultimamente, eu andava a ter dificuldade em sentir muita pena do Eden por causa do seu problema persistente nas costas, mas agora, a muitos quilómetros de distância, parecia mais fácil.

– Tiveste um mau dia? Continua sem melhorar? Nem sequer um bocadinho?

– Estás sempre a perguntar-me isso. Não vai melhorar de repente só porque tu queres – disse ele, mal-humorado.

– Eden, não sejas assim... Eu telefonei porque sinto saudades tuas e pensei que talvez tu também sentisses saudades minhas.

Ele ficou em silêncio. Quando o empregado apareceu com a minha bebida, baixei a voz.

– Sentes saudades minhas?

Só conseguia ouvir a respiração dele.

– Eden?

– Oh, meu Deus, Dolly, lamento. – Soava terrivelmente triste.

Engoli em seco.

– O quê? O que é que fizeste?

– Por não ser o que tu queres.

Senti aquele mesmo medo intenso que sentira da última vez que discutimos.

– De que é que estás a falar? É claro que és.

– Não, e nunca fui, não realmente. O teu pai tinha razão, não nos devíamos ter casado.

– Vamos deixar o *papa* fora desta conversa. Não tem nada a ver com ele. Seja qual for o problema, podemos resolvê-lo, não podemos? Falamos quando eu voltar.

– Dolly... – Parecia hesitante. – O caso é este... Quando tu voltares, não me parece que devas vir para casa.

– O quê?

– O apartamento por cima do Little Italy está vazio de momento, certo? Eu sei que estás a usá-lo como armazém extra e espaço de escritório, mas ainda lá há uma cama e outras coisas, não há?

– Tu queres que eu fique lá? – Não conseguia acreditar no que estava a ouvir.

– Sim, quero – disse ele simplesmente.

– Mas, e a Katia?

– Ela fica comigo, embora, obviamente, tu possas vê-la quando quiseres.

– Então tu pensaste nisto tudo, foi isso... tens tudo planeado? – Havia uma ponta de fúria na minha voz.

– Mal pensei noutra coisa – disse Eden num tom firme. – Não estou a encarar isto com ligeireza, sabes?

Agora era a minha vez de ficar em silêncio. Havia coisas que eu queria dizer, mas não tinha palavras para elas.

– Dolly?

– O que foi? – perguntei em voz rouca.

– Isto não vai ser uma coisa temporária, compreendes? – disse ele docemente.

Nesse ponto, desliguei a chamada. Desliguei também o telemóvel, pu-lo em cima da mesa ao lado do meu *cocktail* e fiquei a olhar para ambos por uns minutos. A seguir, esvaziei o copo até à última gota e fiz sinal ao empregado de mesa para que me servisse outro. Eden não estava a falar a sério, com certeza. Eu tinha-o apanhado no momento errado. Estava a ter um mau dia, com dores, e descarregara em mim. Foi o que disse a mim mesma.

Enquanto bebia o meu segundo Spritz, fui ficando cada vez mais assustada. E se ele tivesse conhecido outra? Parecia improvável, dado o estado em que tinha as costas, mas não deixava de ser uma possibilidade. Eu não conseguia pensar em mais nenhuma explicação para a maneira como ele estava a comportar-se.

Arrependi-me imediatamente de ter vindo. Eu não tinha dito a Pieta que tirar umas férias era uma má ideia? Ela tinha insistido e era este o resultado. Agora tinha de voltar para casa e arranjar as coisas antes que fosse demasiado tarde. Com certeza haveria um lugar à última hora num voo? Em último recurso, apanharia o comboio Eurostar. Era essa a solução, era isso o que eu faria.

Só que não o fiz. Fiquei ali sentada a agarrar um copo sem mais nada a não ser uns cubos de gelo a derreterem e o caroço de uma azeitona. E quando a empregada de mesa passou por mim acenei-lhe que sim, que queria mais um Spritz, por favor.

O que me assustava era que eu conseguia imaginar a vida que Eden queria para mim. Vi-me a mudar para o apartamento por cima do restaurante só com uma mala de roupa, a trabalhar cada vez mais horas, a afastar-me da minha filha até já não sabermos o que dizer uma à outra, a ouvir dizer que o meu marido andava com outra mulher.

Os divórcios e as separações estão sempre a acontecer, tenho consciência disso, mas, por alguma razão, eu pensava que éramos imunes. Sim, discutíamos muito ultimamente; havia ressentimentos e irritações, noites em que virávamos as costas um ao outro na cama: o brilho desgastara-se como em qualquer relacionamento longo. Suspeito que pode ser difícil viver comigo por vezes, mas esta coisa agora... isto, decididamente, não era culpa minha. Tinha tudo a ver com o problema de costas de Eden. Se os seus amigos não o tivessem convencido a acompanhá-los naquelas estúpidas férias na neve, continuaríamos no ramerrame do costume. Não perfeito, mas suficientemente bom... pelo menos era o que eu pensava.

A certa altura, passei de Aperol para vinho. Não pareceu ajudar. O meu mundo continuava com arestas tão vivas como antes. E eu sentia-me furiosa com eles todos: com Eden, com o meu pai, até mesmo um pouco com Pieta. Eles eram a minha família. Não deviam apoiar-me em vez de me tornarem a vida mais difícil? Eu não merecia isto de modo nenhum.

Tive um clarão vivo de recordação: de pé, ao lado de Eden, na escadaria da igreja de St. Peter's num dia dourado de outono enquanto os nossos amigos nos lançavam confetes. Recordo-me da sensação de alívio por estarmos finalmente casados; por o nosso futuro estar decidido. E agora o meu marido queria pôr fim ao nosso casamento. Achava que a sua vida seria melhor sem mim.

O que eu queria era escapar. Dormir durante muito tempo; fazer uma pausa de ser eu. Bebi uns goles de vinho e tentei recompor-me, mas não parecia valer a pena.

Havia um desfile de casais a passarem pelo bar, alguns velhos, outros novos, alguns de mãos dadas, alguns a sorrirem, outros solenes; todos juntos, com a vida a decorrer normalmente. Eu estava só e, pelos vistos, era assim que seria a partir daquele momento.

Paguei a conta, peguei no meu saco de livros e comecei a encaminhar-me para o hotel. Mas depois estaquei. Que ideia era a minha? Não queria ir-me deitar no quarto a fitar o teto horas a fio. Numa altura como esta, do que precisava era de companhia: uma amiga compreensiva ou simplesmente outra pessoa com quem estar. Eu não aguentava muito mais esta coisa de estar sozinha. Não se adequava a quem eu era; começava a vê-lo agora.

O problema era que todas as pessoas a quem eu poderia telefonar estavam a quilómetros de distância e ocupadas com o seu trabalho, e o único ser vivo em toda a cidade de Veneza que tinha mostrado a mínima inclinação para ser sociável era uma velha senhora excêntrica. Decidi-me. Melhor ela do que ninguém.

Apanhei o *vaporetto* lento para a paragem Salute. Foi aos ziguezagues pelo Grande Canal, passando pelas fachadas dos *palazzi*, que pareciam bolos de casamento, e por baixo das pontes, deixando entrar e sair passageiros no seu percurso. Temos de nos encontrar num certo estado de espírito para Veneza, e naquele momento eu não estava. Só queria chegar a Santa Maria della Salute, ver dançar tango, ficar rodeada por uma data de pessoas e, com sorte, encontrar um rosto amigo entre elas.

As nuvens de chuva estavam a dissipar-se e, embora o fim de tarde não estivesse especialmente quente, algumas pessoas já dançavam ao lado da entrada da igreja. Reconheci um casal da noite anterior, mas nem sinal de Coco. Esperava que ela não se sentisse demasiado cansada nem se tivesse deixado desencorajar pelo mau tempo; que o seu par não a tivesse deixado pendurada. Sentindo-me mais só do que nunca, encontrei um sítio para me sentar e me pôr a assistir.

Era um cenário romântico para um baile. Acima de nós estavam os arcos altos da igreja antiga; lá em baixo, a vista alongava-se sobre a água. Ao escurecer, as gôndolas e os táxis dos canais

tornaram-se pontos móveis de luz e alguém pôs a música um pouco mais alta.

Foi então que Coco fez a sua entrada. Trazia penas no cabelo; vi-as a ondular para cima e para baixo enquanto ela subia os degraus com o seu par. Estava com um homem diferente esta noite; não com Silvio, mas com uma sua versão mais baixa e mais elegante, com um bigode que dava a impressão de ter sido encerado e cabelo que certamente devia o seu surpreendente tom negro a um produto de cabeleireiro. Quanto a Coco, estava vestida de cigana, com uma saia de roda e sapatos prateados com atilhos. Uns travessões com lantejoulas seguravam as penas ao seu cabelo e usava um *bâton* carmesim. Acenou quando me viu, mas não parou para me dizer olá. Suponho que estava cheia de pressa de se ver nos braços do seu par, de deslizar pelas lajes do adro, e parecia incrivelmente ágil para uma mulher da sua idade.

Esta noite dançava um tango mais ousado do que na noite anterior, mais sedutor e mais rápido. O par dela conduzia-a com muito cuidado e eu pensei que os dois já deviam dançar juntos há muito tempo.

Pondo-me de pé, aproximei-me, juntando-me a um pequeno grupo de pessoas a assistir que andavam pelos degraus da igreja. Ao olhar de relance para um homem de cabelo branco ao meu lado, apercebi-me de que era Silvio.

– Não dança hoje à noite? – perguntei-lhe em italiano.

Ele virou-se e pareceu reconhecer-me.

– Hoje à noite não, *signora*, não. Às quartas-feiras é a vez do Marcello.

– Não tem outro par com quem dançar? – Sentia-me curiosa.

– Eu danço com a Coco. – Estava de novo a observá-la com atenção. – Sempre com a Coco no Campo San Giacomo dell’Orio.

– E no inverno, quando faz frio e chove? – perguntei.

– Encontramos sítios: *palazzi*, velhas igrejas ou hotéis. Não precisamos de muito espaço, como pode ver. Há anos, quando não havia assim tantas *milongas*, a Coco e eu dançávamos o tango juntos em cima de uma ponte se estivéssemos para aí virados, ou até mesmo na Piazza San Marco. Éramos famosos por isso. É claro, não havia o Marcello nesses tempos. Só ela e eu. – Soava pesaroso.

– Ela disse que tinha magoado o joelho – recordei-me.

– Sim, o joelho, o ombro, a anca, dói-me tudo. De qualquer maneira, na minha idade que mais se pode esperar? A verdade é que já não consigo dançar noite após noite, por muito que queira. É por isso que tenho de a partilhar.

Silvio soava triste, e eu pensei que era enternecedor que aqueles dois homens idosos competissem pela atenção de Coco.

– Mas, *signora*, dança? – perguntou-me ele.

– Eu? Oh, não, não sei dançar. Seria um desastre, acredite.

Estendeu-me a mão a convidar-me.

– A Coco disse que se a senhora viesse aqui esta noite eu devia ensinar-lhe uns primeiros passos.

– É muita bondade sua, mas realmente não... – Olhei para Coco novamente. Ela dançava em silêncio, com um ligeiro sorriso no rosto. Senti-me espantada por ter pensado em mim, dado que eu era apenas uma entre milhões de turistas. – Ela disse mesmo isso?

– Sim, claro. Ela gosta de si, acho eu. Ajudou-a com o carrinho das compras, não foi? Talvez agora ela queira ajudá-la a si.

Eu continuava a hesitar, mas Silvio não esperou mais tempo. Pegando-me na mão, puxou-me para

o perímetro do baile.

– OK, então – concordei eu numa voz débil.

O velho senhor tomou-me nos braços e pôs a minha mão no seu ombro.

– Como esta é a sua primeira vez, vamos começar pelos passos básicos – disse-me. – Tudo o que tem de fazer é andar comigo.

Naturalmente, eu era um verdadeiro caso perdido, como sabia que seria. Mesmo assim, Silvio parecia imperturbado.

– Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito – contava pacientemente enquanto me conduzia para trás pelas lajes. – Mantenha o ritmo da música, *signora*.

Eu mantinha-me rígida, agarrada ao velho senhor, preocupada por poder tropeçar nos pés dele e fazer-nos cair aos dois.

– Não estou a fazer isto bem, pois não?

– Não é tão má como isso – reconfortou-me ele. – Agora tente outra vez. Não tente dançar; só andar.

Não posso dizer que tenha observado grandes melhorias. Sentia-me deselegante enquanto dávamos os nossos passos à volta da base da basílica. A nossa versão da dança não parecia propriamente a mesma que os outros executavam. No entanto, ao rodopiar perto de nós, Coco foi encorajadora.

– *Brava, signora, brava* – disse alto.

O esforço de me concentrar significava que não havia espaço para mais nada na minha cabeça. Enquanto Silvio me conduzia para a frente e para trás, deixei de ver as vistas, deixei de pensar no estado caótico da minha vida, esqueci-me praticamente de que estava em Veneza. Tudo desapareceu a não ser a música e os meus passos trôpegos. E talvez os meus passos comesçassem a ser menos desajeitados e a minha mão enclavinhada no ombro de Silvio comesçasse a relaxar. Mesmo assim, foi um alívio quando ele sugeriu que era altura de pararmos.

– Há algum sítio onde possamos tomar uma bebida? – perguntei-lhe.

– Eu trouxe água mineral. – Apontou para um saco térmico pousado nos degraus. – Pode beber à vontade.

– Obrigada, mas eu referia-me a uma bebida a sério.

– A água refresca-a – insistiu ele. – Mais tarde, depois de acabarmos de dançar, talvez bebamos um copo ou dois de Prosecco.

– Ainda não acabámos?

– Não, não – Silvio abanou a cabeça. – Só estamos a fazer uma pausa. Tem de experimentar mais um pouco antes de a noite terminar.

Eu já não estava interessada. Se pudesse saltar todo o lento processo de aprender e conseguisse dançar sem esforço como os outros, naquele preciso instante...

– Tudo o que eu estou a fazer é andar para trás e para a frente – disse. – Isso nem sequer são passos de dança, pois não?

Silvio sorriu compreensivo.

– O tango não é fácil, *signora*. Mas andar é uma parte importante. E temos de começar por alguma parte.

– Quanto tempo demora um principiante a ficar mesmo bom? – quis saber.

– Tudo depende da pessoa, da sua aptidão natural e da sua determinação, mas, acima de tudo, da

paixão que tiver pela dança.

– E aquele casal? – Apontei para um par que dançava com fluidez, mas sem fazer nada de especialmente difícil. – Quanto tempo é preciso para dançar assim?

Silvio ficou a olhá-los por um momento.

– Acho que talvez no final do verão, se tivesse umas aulas, viesse a todas as *milongas* e praticasse muito.

– Eu não tenho o verão todo. Tenho de voltar para Londres.

– Encontrará professores lá, tenho a certeza. E *milongas* também.

– Nunca vi nenhuma.

– Isso não quer dizer que não se realizem. – Silvio estendeu-me a mão. – Está pronta? Vamos a isto?

Senti pena do pobre homem a arrastar-se comigo quando poderia estar a dançar com um par que soubesse o que fazia. Vi-o lançar olhares ocasionais a Coco e apercebi-me de que estava desejoso por dançar com ela.

– Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito – continuou ele a entoar galantemente. – *Brava, signora, brava.*

Eu adorava a música. Soava triste mas desafiadora, e adequava-se ao meu estado de espírito. Se pelo menos conseguisse acompanhar o ritmo com os meus passos! Mas não era capaz. Na minha cabeça, conseguia dançar, mas o meu corpo parecia não acompanhar, e, por mais encorajador que Silvio fosse, não me imaginava a dançar elegantemente o tango nem que tentasse durante dez verões, muito menos durante um só.

Foi Coco quem decidiu que era a altura de pararmos. Soltou-se dos braços de Marcello e ergueu uma mão. Imediatamente, Silvio soltou-me e avançou na direção dela.

Houve uma breve conversa entre eles sobre aonde devíamos ir a seguir. Como era claro que eu estava incluída nos seus planos, sugeri a Piazza San Marco para ouvir as orquestras dos cafés, porque é maravilhosa, mesmo quando está apinhada de turistas. Coco rejeitou a sugestão.

– Vamos ao Caffè Dodo – declarou. – Há uma banda de *jazz* a tocar lá hoje à noite. Talvez consigamos apanhá-los antes de acabarem.

– Vamos de *vaporetto* ou apanhamos um táxi dos canais? – perguntei.

– O Marcello tem um barco – disse-me ela. – É suficientemente grande para todos nós.

Senti ainda mais pena de Silvio quando vi o barco de Marcello. Era uma beleza, comprido e elegante, todo de madeira envernizada e com bancos de plástico brancos. Havia até um pequeno toldo para nos abrigarmos se chovesse. Estava atracado no canal perto de Santa Maria della Salute e parecia consideravelmente mais vistoso do que qualquer um dos outros barcos a motor perto dele.

Marcello ajudou Coco a entrar no barco com mil cuidados e, depois de ela se sentar, pôs-lhe uma manta sobre as pernas.

– Estás confortável? – perguntou-lhe.

– Sim, obrigada, querido. – Ela olhou para cima e sorriu-lhe. – Perfeitamente confortável.

Lancei um olhar de simpatia a Silvio, mas a expressão do velho senhor era estoica. Mal Marcello avançou para o leme, Silvio sentou-se ao lado de Coco e começou a segredar-lhe ao ouvido. Ela acenava com a cabeça e sorria, até soltou umas gargalhadinhas de menina. Agora, eu sentia uma certa pena de Marcello.

Enfiámos para o Grande Canal. Ainda estava cheio de movimento, com barcos a cortarem as suas

águas em ambas as direções e gôndolas a flutuarem. Devia haver regras, tal como numa estrada, mas aos meus olhos era um caos. Marcello parecia estar a conduzir com mais velocidade do que os outros, revolvendo a água, a exhibir-se, suspeitei.

– Há limite de velocidade? – perguntei, receando pelos barcos mais pequenos, quase invisíveis para além das suas luzes de navegação.

Coco sossegou-me.

– Não se preocupe, *cara*, o meu Marcello é um excelente piloto e conhece os canais melhor do que qualquer outro. Este barco era um táxi dos canais. Ele pilotou-o durante muitos anos. Agora não há passageiros a pagar; só os amigos dele, e ele cuida bem de nós.

Ao leme, Marcello acenou com a cabeça, todo convencido, com uma das mãos no volante e a outra a acamar longas madeixas de cabelo escuro despenteadas pela brisa. Não abrandou a velocidade e daí a pouquíssimo tempo estávamos a passar como uma flecha por baixo da ponte de Rialto. Depois de passarmos pela Ca' d'Oro, ele abrandou a velocidade e virámos para um canal mais estreito. Ali, estava tudo mais sossegado e mais escuro; os únicos sons eram os do motor e da água a bater contra os velhos edifícios de pedra.

Enquanto o barco abria caminho no canal, tive um momento em que pensei que era uma loucura estar aqui em Veneza com três pessoas que acabara de conhecer e sem fazer ideia de aonde me iam levar. Parecia-me um retorno à Addolorata impulsiva dos velhos tempos, a que se atirava de cabeça sem pensar em nada a não ser em como se ia divertir. Geralmente, essa minha versão não acompanhava com uma data de septuagenários (tenho a impressão de que Silvio talvez andasse até pelos oitenta), mas, mesmo assim, a ideia animou-me. Talvez afinal eu não fosse uma causa perdida.

Acabámos por chegar a uma banda de bares e restaurantes, ainda de luzes acesas e ruidosos. Marcello encontrou um espaço para atracar junto ao Caffè Dodo, onde, tal como Coco tinha prometido, havia uma banda a tocar: um homem a tocar baixo e dois guitarra e pessoas sentadas em bancos ou em grupos ao longo da margem do canal a ouvi-los.

Aprontei-me para saltar do barco, mas depois apercebi-me de que os outros não davam sinais de irem sair do seu lugar. Em vez disso, Marcello assobiou ao empregado e ergueu quatro dedos.

– Prosecco! – disse em voz alta.

– Vão-nos servir as bebidas aqui no barco? – perguntei a Coco.

– Sim, claro. E também alguns *cicchetti*, se tiver fome.

Dei-me conta de que me tinha esquecido de jantar. Não é nada o meu estilo saltar refeições, mas a combinação da perturbação e de beber à tarde tinha varrido todos os pensamentos de comida da minha cabeça. Agora, estava com disposição para comer.

– Sim, por favor, uns *cicchetti* era ótimo.

– Deve estar com apetite, depois do tango – observou Coco. – Foi um trabalho duro, sim, mas a primeira vez é sempre. Quando vier à *milonga* no domingo à noite já saberá como começar e será um pouco mais fácil.

– Não posso ir... O meu voo está marcado para domingo – disse-lhe eu. – De facto, até devia voltar mais cedo.

– Que pena ficar em Veneza tão pouco tempo. Diga-me, está aqui sozinha e não com o seu... – Coco lançou um olhar ao meu dedo anelar sem aliança. – Não com um namorado?

Eu tenho aliança de casamento; Eden também. Mas, como ambos trabalhamos com as mãos e preferimos não a usar, guardamo-las na gaveta de cima da minha mesa de cabeceira. O meu

raciocínio sempre foi que uma aliança não vai manter-nos fiéis se não estivermos para aí virados. Compreendi que talvez tivesse razões para me arrepender disso agora, dadas as circunstâncias.

– Sim, estou aqui sozinha – confirmei. – O meu marido ficou em Londres com a nossa filha.

Ao ouvir aquilo, Coco ergueu as sobancelhas, mas não fez mais nenhuma pergunta.

– Se eu passasse mais uns dias aqui, o que sugeriria que fizesse? Vale a pena visitar Murano?

Coco encolheu os ombros.

– Se gosta de vidro – disse.

– Burano?

– Se gosta de rendas e de edifícios pintados de cores garridas, então, sim, é bonito.

– O Lido?

– Se o dia estiver tão quente que tenha mesmo de ir molhar os pés ao mar.

– O que é que a senhora faria?

– Se estivesse no seu lugar, ia às compras – disse Coco.

– Às compras? – repeti.

Ela parecia estar a avaliar a minha indumentária: as calças de ganga pretas elásticas, práticas, os sapatos rasos, o *top* largo que eu usava para esconder o traseiro. Pela sua expressão, via que a desaprovava.

– É jovem e atraente – disse ela. – Podia usar o que quisesse. Por isso, diga-me, porque é que escolhe essas roupas feias e deprimentes? O que é que lhe passou pela cabeça quando as vestiu hoje de manhã; quando as comprou, até? Não a favorecem nada.

– São confortáveis – argumentei, abismada.

– Sim, tenho a certeza que são.

Tentei defender-me.

– Estou sempre de pé, a correr de um lado para o outro. Não posso andar de saltos altos e minissaias.

– Não há ocasiões na sua vida em que poderia pensar que vale a pena parecer mais bonita?

– Eu tenho algumas coisas bonitas – protestei. – Só não as trouxe comigo.

– Não? Porquê?

– Bem, eu... – Não havia resposta para aquilo, na realidade. Especialmente porque a verdade era que eu já não tinha nada assim tão especial no meu guarda-fatos. A certa altura, deixara de querer saber. Não sabia bem porquê, mas Coco tinha razão, era deprimente.

– Eu tencionava ir às compras hoje de manhã, mas acabei por não ir – disse-lhe eu.

– Onde planeava ir?

– Às lojas perto da Piazza San Marco.

– Muito caras. – Coco fez uma careta. – Eu não vejo o interesse de pagar preços elevados pelas mesmas peças de marca que podem encontrar-se em qualquer cidade grande.

Silvio interrompeu.

– Coco, porque é que não a levas às compras amanhã? Tu conheces os melhores sítios todos, não conheces?

Coco acenou modestamente com a cabeça, fazendo com que as penas no seu cabelo estremecessem.

– Bem, suponho que poderia ajudá-la. Não tenho planos para amanhã.

O que eu deveria ter dito era que já tinha planos. Não podia ficar mais tempo em Veneza,

precisava de voltar para casa e ver a minha família, resolver a minha vida. Contudo, ali sentada no barco de Marcello a beber vinho e a ouvir *jazz*, tinha a sensação de estar numa espécie de bolha de felicidade. E não conseguia encontrar uma única razão para considerar boa ideia rebentar essa bolha e partir.

Disse para comigo que mais uns dias passados aqui não alterariam nada entre mim e Eden. A ruína da minha vida ainda estaria à minha espera quando eu voltasse no domingo e lidaria com ela nessa altura. Abandonei a ideia de tentar arranjar um voo mais cedo. Amanhã iria às compras.

CAPÍTULO 7

Ando sempre a ser culpada das ressacas de outras pessoas. Não faço ideia porquê; eu não lhes enfio propriamente a bebida à força pela garganta abaixo. Se abro uma garrafa e ofereço dois dedos de bebida, é porque gosto de ser uma anfitriã generosa. Nunca insisto. Mesmo assim, as mensagens na manhã seguinte são sempre de recriminação. Culpam-me pelas empadas que têm de comer e pelos litros de *Coca-Cola* que têm de emborcar, pelas noites sem dormir e pelo consumo de paracetamol. «Voltaste a fazê-lo, Dolly», queixam-se. «És fatal.»

Seja como for, aqueles venezianos idosos, depois de começarem, não precisaram de encorajamento da minha parte. Ficámos sentados no barco de Marcello a beber espumante muito depois de a banda ter parado de tocar; e ninguém a não ser eu deu mais do que uma dentadinha por outra nos *cicchetti*. Por isso, não me surpreendeu ver que Coco não estava como de costume quando nos encontrámos na manhã seguinte para tomar o pequeno-almoço como combinado.

Eu começava a aguardar com expectativa as indumentárias de Coco; a sua exuberância animava os dias. Mas nessa manhã ela vinha tão discreta que parecia severa: umas calças justas usadas com botins, uma camisa abotoada até cima e um casaco de malha comprido, tudo preto. Não trazia nenhuns acessórios, só aqueles loucos óculos de sol enormes que lhe cobriam metade do rosto. A sua concessão ao *glamour* era o *bâton* de um tom escuro de púrpura, a maior parte do qual manchava a chávena por que estava a beber.

– Sente-se um pouco frágil? – perguntei, compreensiva, pondo-me ao seu lado ao balcão comprido do café.

– De modo nenhum – respondeu ela, indignada. – Só bebemos uns copos e não era muito tarde. Depois de a deixar no hotel, o Marcello levou-me diretamente para casa e eu dormi como uma criança.

Não era bem assim que eu me recordava da noite, mas não a contradisse, dizendo-lhe antes:

– Passei uns momentos tão agradáveis, obrigada por me ter convidado.

– Não tem de quê. – Estava a ser delicada agora. – Foi um prazer para o Silvio ensiná-la. Disse-me que é boa aluna.

– Bem, não sei se sou, mas foi divertido, acho eu.

Mandeir vir um *cappuccino* e dois brioches. Para além do facto de precisar de comer, não me sentia muito mal. Frequentemente, depois de beber muito espumante, acordo a meio da noite com o coração a bater com força. Mas, apesar do Prosecco, tinha dormido bastante bem e consegui não ficar acordada a pensar em todas as coisas com que deveria estar a preocupar-me.

– Então, compras hoje de manhã – disse eu. – Ainda está interessada?

– Sim, claro que estou.

– Aonde vamos? – Eu estava a imaginar todo o tipo de *boutiques* longe do circuito habitual que quem não era veneziano nunca poderia ter a esperança de descobrir sozinho.

– Vamos começar pela Strada Nuova – declarou Coco.

– A sério? Julguei que era principalmente para turistas.

– Não, não, já lá encontrei peças lindas e os preços são muito bons. Na verdade, reparei num vestido azul de verão na montra de uma loja no outro dia que a Addolorata devia provar.

– OK, estou nas suas mãos – disse eu. – Especialmente se os preços forem em conta.

Fazer compras com Coco era o máximo. Em primeiro lugar, anunciava a sua chegada a cada loja com um enérgico «*Salve!*» berrado, muitas vezes dando dois beijos na cara aos proprietários. A maioria parecia encantada por a ver, embora ela se pusesse a tirar roupas dos varões, a derrubar pilhas de *T-shirts* e a emitir instruções que as mantinham numa corrida, a ir buscar peças e a levar-lhas.

– Sim, sim, o vestido azul da montra. E aquele *top* de seda amarela, e o bonito, de algodão branco com o bordado. Ela vai provar tudo – disse ela à senhora na loja da Strada Nuova onde os varões estavam tão atravancados que eu nunca teria conseguido encontrar nada em condições. Coco tinha olho para cores e formas, e para o que ficava bem; fazia voo picado sobre tesouros em que eu não tinha reparado.

Acho que ela me teria seguido para dentro do minúsculo gabinete de provas se eu a tivesse deixado (não se dava bem conta de quanto espaço preciso para as minhas ancas). Em vez disso, instalou-se mesmo junto aos cortinados, com a mão a aparecer de vez em quando com mais alguma peça.

– Ponha isto e saia para a luz para eu poder vê-la – ordenava-me.

O vestido azul foi rejeitado, embora eu gostasse bastante dele. Considerou os dois *tops* por um momento, esfregando o tecido entre o polegar e o indicador.

– Sim, são bastante bonitos, mas são as primeiras coisas que vimos e somos capazes de encontrar estilos melhores noutros sítios. Não sei... talvez se o preço fosse um pouco mais convidativo.

Fiquei a saber que a palavra favorita de Coco era *sconti*. Detestava comprar sem desconto e privilegiava uma forma complicada de regatear os preços.

– Se nos fizesse um desconto de dez euros, talvez pensássemos em o levar – disse. – E se lhe déssemos mais dez euros e incluísse o vestido de verão também? Sim, parece a melhor ideia.

A vendedora, uma senhora asiática de meia-idade, abanou a cabeça com pena. – Dez euros? Não, não, é muito pouco.

Coco beliscou o vestido.

– Este tecido é tão fino que se podia cuspir nele e deixava passar a saliva.

– Mais quinze euros, então – sugeriu a vendedora.

– Dez – insistiu Coco. – E pagamos a dinheiro.

– Mesmo assim, não posso.

Coco não estava disposta a desistir.

– Está na montra há várias semanas; mais alguém o vai querer?

Erguendo as mãos, a vendedora cedeu.

– OK, minha senhora – disse, baixando a voz, embora fôssemos as únicas clientes na loja. – Mas não pode dizer a ninguém. Este preço é só para a senhora.

– Oh, obrigada, querida. Ora bem, não há necessidade de embrulhar nada. Eu meto tudo no meu carrinho das compras, está a ver – declarou Coco animadamente.

De novo na rua, pareceu discretamente satisfeita.

– A coisa a recordar, Addolorata, é que só se pode gastar cada euro que se tem uma vez – disse-me. – Cinco poupados naquela loja são cinco que se podem gastar noutra coisa que se queira.

Eu tinha de admirar a sua filosofia. Pensei na conta do cartão Visa que parecia nunca conseguir pagar e nas dívidas que se acumulavam ainda mais durante a minha estadia em Veneza. Mas isso não ia impedir-me de fazer compras. Não agora que me tinha decidido a fazê-las.

A loja seguinte a que ela me levou era perto do mercado do peixe de Rialto e mais chique. Desta vez, hesitou antes de entrar, espreitando pela montra para lá de uns cafetãs de seda.

– Ela está lá... a loura? Que diabo, está. – Virando-se para mim, avisou: – A mulher que está aqui é muito dura. Temos sorte se ela nos fizer um bom *sconto*.

Coco abriu a porta e fez a sua entrada triunfal do costume.

– *Salve*, querida – disse, beijando em ambas as faces a vendedora reservada. – Que coisas interessantes tem na montra. Cafetãs!

– Oh, sim, estão muito na moda – respondeu a mulher. – Há algum que gostasse de experimentar?

– Não, não, não me parece – disse Coco displicentemente. – Mas o varão dos saldos, o que fez com ele?

– Está ali, ao lado da parede das traseiras. Os preços estão marcados, como sempre – avisou ela. – Não posso descer mais.

Coco não se dirigiu ao varão que a vendedora lhe tinha apontado.

– Queremos ver calças de linho – indicou. – De preferência em branco, e no tamanho da minha amiga, não no meu.

– Temos algumas, mas não estão em saldo – disse a vendedora. – Um momento, vou procurá-las.

– Eu não posso usar calças brancas – segredei irritada a Coco quando a vendedora desapareceu para uma sala nas traseiras.

– Mas vão combinar lindamente com as peças que acabou de comprar – argumentou ela.

– Vão-me fazer parecer enorme e fico com manchas nelas em dois tempos. Além disso, não vou poder usá-las em Londres.

– Já alguma vez teve um par de calças brancas?

– Não – admiti.

– Bem, então como sabe que não as vai usar? – perguntou Coco pacientemente.

Paguei mais por aquelas calças do que as outras três peças tinham custado no total. Coco parecia incomodada quando eu apresentei o cartão de crédito, mas insistiu que eram uma boa compra.

– Vai-se perguntar como é que alguma vez conseguiu passar sem elas – assegurou-me.

– Talvez – concordei, mas só para não a contrariar.

A seguir, fomos a uma loja de *lingerie* comprar o *soutien* e as cuecas beges que era necessário usar com as calças brancas. A seguir, Coco fez-nos subir e descer ruas estreitas, convencendo-me a comprar estampados de estilo Pucci e *écharpes* em cores vivas, sapatos com cunha, saias curtas, uns óculos de sol novos, um par de colares de contas de vidro, uma série de pulseiras.

Eu nunca fui do tipo de gostar de ir às compras (a não ser que seja de comida), mas segui Coco, gastando dinheiro que realmente não tinha e acumulando coisas de que realmente não precisava, e senti a excitação daquilo. Dava-me a sensação de estar a fazer compras para um outra versão de mim, uma Addolorata de fantasia que tinha uma vida a condizer com as coisas coloridas que eu estava a comprar.

Coco gastava muito mais moderadamente, escolhendo só uma camisa com um padrão geométrico ousado e um chapéu de sol com abas largas num tom intenso de amarelo ácido. Regateou ferozmente o preço de ambas as peças e eu comecei a duvidar se ela teria problemas de dinheiro.

- Deixe-me pagar isso – disse eu na loja dos chapéus. – Para lhe agradecer por me ter ajudado.
- De maneira nenhuma. – Ela mostrava-se inflexível.
- Bem, pelo menos deixe-me oferecer-lhe o almoço.
- Um almoço seria encantador. Eu conheço o sítio perfeito.

Levou-me a uma *trattoria* onde, disse, os gondoleiros gostavam de comer. O certo é que estava cheia de homens com *T-shirts* às riscas e braços bem musculados, a comerem com grande apetite e a conversarem. Não havia ementa. Mal nos sentámos, puseram-nos na mesa um cesto com pão, água e um jarro de vinho tinto; seguiram-se duas tigelas cheias de uma espécie de sopa com massa *casareccia*, grão-de-bico e amêijoas.

- *Buon appetito* – disse Coco, erguendo a colher.
- Hum – respondi, já a prová-la. Era uma boa combinação. O sabor do grão-de-bico coadunava-se bem com a doçura salgada das amêijoas, e o prato era reconfortante.
- Eu tive um namorado que costumava fazer-me este prato – confidenciou Coco. – Sempre adorei comê-lo.

– Como compara esta versão à dele? – perguntei.

– Oh, foi há tanto tempo que não lhe sei dizer. Só sei que me agrada sempre que mo servem aqui.

O segundo prato era uma travessa generosa de peixe da lagoa com feijão-verde e alcaparras. Coco tinha bom apetite. Despachou um peixe grande, vários mais pequenos e uma mancheia de camarões, e depois limpou o óleo deixado no prato com um pedaço de pão, embebendo-o quanto pôde.

– Esta é sempre a melhor parte – comentou.

Concordei, fazendo o mesmo.

Rematámos o almoço com um café e uma dose pequena de *gelato* de mel. O restaurante estava a esvaziar-se agora, com os gondoleiros a regressarem ao trabalho.

– Tenho um encontro esta noite – confidenciou Coco enquanto mexia o café em que tinha deitado uma generosa colher de açúcar. – Mas não posso usar a minha camisa nova, porque é demasiado informal.

– Aonde vai?

– À ópera.

– Com o Marcello ou o Silvio?

– Não, eles não se interessam por esse tipo de coisa. Vou com outro amigo que a Addolorata não conhece. E você? Tem planos para esta noite?

– Ainda não decidi.

– Venha connosco à ópera – sugeriu ela. – O meu amigo arranja-lhe bilhete.

– Mas disse que era um encontro. Não posso ir meter-me de permeio.

– O Roberto não se importa. E, querida, tem tantas coisas novas lindas; tem de sair para as mostrar.

– Obrigada, mas realmente não vou aceitar. – Não queria agarrar-me como uma lapa à velha senhora.

– Não gosta da ópera?

– Nunca fui. Não sei nada sobre ópera.

– Então, tal e qual como com o tango... Tem andado a perder uma série de coisas, acho eu.

– Suponho que sim – concordei.

- Não é demasiado tarde para ficar a conhecer ambas as coisas, claro.
- Um dia talvez o faça... mas a minha vida é realmente complicada neste momento, e, bem...
- A vida é sempre complicada – lembrou Coco. – E há sempre razões para não fazermos as coisas.
- Sim, mas as minhas razões são boas. Eu nem devia estar ainda cá, para ser franca. Devia ter voltado para casa hoje de manhã.

Depois, enquanto os empregados levantavam as mesas à nossa volta, fiz o que ansiava fazer e contei-lhe praticamente tudo. O meu casamento desfeito, o meu negócio arruinado e mesmo a maneira como sentia que funcionava em piloto automático na maior parte do tempo. Ela escutou-me sem dizer uma palavra enquanto eu falava, falava. Finalmente, falou ela.

- Não gosto de dar conselhos – disse-me. – No passado, descobri que as pessoas nem sempre queriam ouvir as coisas que eu lhes dizia. Mas a Addolorata parece precisar de conselhos.

Acenei que sim com a cabeça.

- Sim, decididamente preciso.

- Penso que deve perguntar-se o que a tornará feliz. Não o que tornará feliz qualquer outra pessoa, mas a si.

Fitei-a.

- Suponho que acha que soa egoísta, mas é como eu tenho vivido a minha vida. Em cada manhã, levanto-me e a primeira coisa em que penso é no que posso fazer nesse dia para me sentir feliz. É surpreendente como praticamente ninguém faz isso.

- A mim não me surpreende.

- A maior parte das pessoas só pensa no que tem de fazer. Não param para pensar se realmente querem fazê-lo. Eu, eu danço tango para ser feliz, faço amor para ser feliz, vejo obras de arte, ouço música, uso roupas lindas, desfruto de todas as minhas paixões sempre que possível. Faço da felicidade a coisa mais importante. – Estendeu a mão sobre a mesa, pegou na minha e apertou-a. – Ora bem, sempre vem à ópera?

- Sim – decidi.

- Maravilhoso. Use o vestido de trespasse com o estampado Pucci. Vou assegurar-me de que faremos boa figura juntas.

CAPÍTULO 8

Parece que uma sesta ao fim da tarde era uma das coisas que tornava Coco feliz. Por isso, enquanto ela se dirigia para casa, eu levei as minhas novas roupas para o quarto do hotel para brincar aos desfiles de moda. Ao vesti-las e ver-me no pequeno espelho da casa de banho, tive a mesma sensação que tinha tido nas lojas, de que se operara uma mudança na pessoa que eu era. À velha Dolly sem graça tinha sido emprestada alguma energia pelos *tops* e vestidos coloridos. Ela parecia estar pronta para se divertir.

Enquanto vestia e despia as várias indumentárias e as atirava para cima da cama, pensei no que Coco tinha dito sobre a felicidade. Era óbvio, realmente, não era? Todos nós merecemos alguma felicidade. Mas quantos dias e semanas é que eu tinha deixado passar numa neblina cinzenta de desânimo? Quantas vezes é que eu tinha reparado se era feliz ou não?

Apercebi-me de repente que andava a desperdiçar a minha vida, a fazer tudo mal. Encherá-a com outros sentimentos: frustração, culpa, ira, preocupação e arrependimento. De algum modo, a alegria fora esquecida.

Foi então que decidi fazer uma lista, tal e qual como faço quando tenho um milhão de coisas de que me lembrar. Mas desta vez não seria uma lista de coisas a comprar no supermercado, de contas que precisavam de ser pagas ou de pessoas a quem tinha de mandar um *e-mail*. Queria encontrar as dez coisas que me faziam feliz. Simples, certo?

Descobri que era mais fácil decidir o que deixar de fora da lista. Algumas coisas tornam quase toda a gente feliz – a família, os amigos, folgas do trabalho, presentes inesperados, dias de sol. Eu queria descobrir as coisas que me eram específicas; os ingredientes para a minha receita da felicidade pessoal. Então, como começar? A comida sempre tinha sido a minha paixão, mas ultimamente esmorecera. Que mais havia?

Rebusquei a minha mente, mas a página no bloco de apontamentos manteve-se em branco. Não me ocorria uma única coisa que garantidamente me animasse. Oh, a não ser o vinho. Sim, decididamente o vinho, mas tinha o pressentimento de que Coco me diria que isso não contava. Ela tinha mencionado o tango, a arte, a música; coisas que a levavam para o mundo e tornavam a sua vida mais rica. Passar o serão amodorrada no sofá com uma garrafa de Chardonnay e a saltar de canal em canal não tinha comparação. E, além disso, para ser realmente honesta comigo própria, beber tornava-me apática, mais do que feliz.

Fiz a única coisa sensata que podia: desisti e saí. Já eram horas de um Aperol Spritz, afinal, e ficar enfiada naquele feio quarto de hotel não ia fazer-me sentir melhor. Peguei num dos romances que tinha comprado no dia anterior e decidi encontrar uma mesa de esplanada à sombra e começar a lê-lo.

O Spritz era bom, refrescante e tinha um travo docemente azedo; o livro não conseguiu prender-me a atenção. Não conseguia concentrar-me, sempre a pensar naquela página vazia e em como deveriam ocorrer-me coisas para a encher, pelo menos umas duas. Que ficasse inteiramente em branco era trágico.

Reconfortei-me com a ideia de que era mais fácil para Coco. Ela era aposentada e tinha o dia todo para fazer o que lhe apetecesse. O meu caso era diferente. Com família e um negócio para dirigir, o meu tempo não me pertencia a mim.

Desisti de tentar ler e pus-me a ver as pessoas que passavam. O bar que eu tinha escolhido ficava num pequeno *campo* com a fonte do costume no centro e uma loja de chocolates em frente. Havia uma sucessão de clientes a entrarem e a saírem da loja, e, embora alguns devessem ser turistas, a maioria parecia clientela habitual. Entravam a dar os bons-dias e quando saíam levavam compras, pequenos sacos de doçarias, pequenas doses de felicidade para os ajudar a passar o resto do dia. Por um momento, considerei pôr chocolate na minha lista, mas depois decidi que, tal como o vinho, não pertencia realmente a ela.

Um sino de igreja começou a tocar e contei sete badaladas. Eden e Katia já deviam estar na casa da minha irmã e eu tinha prometido telefonar. Mexi no telemóvel por uns momentos, pedi outra bebida ao empregado e liguei para o número de Pieta mal ele pousou o copo na mesa.

Enquanto ouvia tocar, pensei na casa da minha irmã: a cozinha cheia de tachos e panelas Le Creuset em tons pastéis, praticamente nunca usados, a sala de estar coberta de tecidos da Designer Guild, no jardim de inverno uma série de velas aromáticas em lanternas de exterior. A minha família estava ali reunida, mais provavelmente na cozinha. Estavam juntos sem mim.

– Estou? – respondeu uma voz masculina, enérgica e com um sotaque cerrado. Era o meu pai, Beppi.

– *Papa*, olá, sou eu.

– Addolorata, *cara*, pensámos que telefonarias. Que bom é ouvir a tua voz. Diz-me, que tal está Veneza? Ainda está a afundar-se?

Bebi um gole da minha bebida, esperando que ele não ouvisse os cubos de gelo a tilintarem.

– É o que dizem, mas a mim parece-me estar bem.

– Ótimo, ótimo. – Soava distraído. – O Eden está aqui, mas, antes de lhe passar o telefone, preciso de trocar umas palavras contigo. Espera um momento. – Ouvi o som de uma porta a fechar-se. – Assim é melhor. Ora bem, a tua irmã disse-te que eu estou a dar uma ajudinha no Little Italy, não disse? Não te preocupes, eu não vou apoderar-me do restaurante. Nunca faria isso. Continua a ser o teu restaurante, *cara*. Mas contigo de férias e as coisas um pouco difíceis... e já era altura de a tua mãe e eu irmos até cá. Por isso, até calhou bem.

– Certo – murmurei, sem confiar no meu autodomínio para dizer mais do que isso.

– E aquele homem do jornal, aquele crítico. Como é que ele se chama?

– Guy Rochester – disse eu, num tom monocórdico.

– Não te preocupes, eu arranjei um plano. Mande-i-lhe um *e-mail* a dizer que ele tem de voltar cá e comer no restaurante outra vez. Disse que estou aqui agora e que a comida é tão boa como era nos velhos tempos, ainda melhor. Que posso prová-lo.

Ergui o copo e bebi uns bons goles, desta vez já não me preocupando que os cubos de gelo a tilintar pudessem trair-me.

– Addolorata, ainda aí estás? – O meu pai levantou a voz. – Ouviste o que eu acabei de dizer?

– Sim, ouvi – disse eu.

– Ótimo, ótimo, eu passo o telefone ao Eden agora. – O *papa* ainda estava a berrar, embora a ligação fosse excelente. – Não, espera, ele está a dizer que devias falar com a Katia. Aqui está ela, *cara*. Aproveita as férias. Até breve.

- Mãe? – disse a minha filha hesitantemente. Era tão bom ouvir a voz dela.
- Olá, querida, estás bem?
- O Nonno Beppi está a cozinhar *pasta e fagioli* e eu estou cheia de fome, mas ele não me deixa comer um bocado de pão com mel, porque diz que me estraga o apetite. – Havia uma nota de queixume na sua voz.
- Ele diz sempre isso, não te lembras? Segreda ao pai que queres um bocadinho de pão e vai comê-lo para o jardim.
- Está bem, mãe, adeuzinho então.
- Não, espera, não vás já. Sinto saudades tuas. Quero saber como correu a festa de anos da Saffron. Divertiste-te?
- Diverti.
- Havia bolo?
- Havia.
- De que tipo?
- De chocolate e banana.
- E que mais tem acontecido? Já foste à visita de estudo?
- Não.
- Recorda-me em que dia é?
- Amanhã.
- Estás toda entusiasmada?
- Estou.
- O que te entusiasma mais?
- Não sei.

Katia nunca é propriamente tagarela ao telefone, mas isto era de mais. Eu disse para comigo que ela estava maldisposta e com fome e que não valia a pena tentar forçá-la se ela não estava com vontade de falar.

- OK então, querida, obedece ao pai e até breve. Adoro-te.
- Certo, adeusinho, mãe.

Em vez de passar o telefone a Pieta ou a Eden, a minha filha desligou. Talvez eu estivesse a exagerar, mas deu-me a sensação de que estava a ver-se livre de mim. Sentada ali só, a muitos quilómetros de distância, começou a preocupar-me que alguma coisa a tivesse perturbado. E se ela tivesse detetado a tensão na nossa família? E se Eden já tivesse falado com ela, já lhe tivesse dito o que estava a acontecer? Certamente ele não faria isso. Sabia que eu ia voltar no domingo. Só faltavam uns dias. Tranquilei-me com a ideia de que ele não diria nada antes dessa altura; que Katia só estava distraída e desejosa de ir brincar com os primos ou receber mimos dos avós; que não tinha mudado absolutamente nada e, com sorte, nunca mudaria. Mandeí vir mais uma bebida e continuei a tranquilizar-me.

Se não fosse Coco, talvez eu tivesse ficado naquele café a beber Aperol até tombar. Mas tínhamos um encontro, o amigo dela ia comprar-me um bilhete para a ópera, e depois de toda a sua amabilidade eu não queria dececioná-la. E, de facto, tinha apreciado a sua companhia na nossa ida às compras e estava cheia de vontade de voltar a vê-la. Por isso, acabei de beber, paguei a conta e fui arranjar-me para a nossa saída nessa noite.

Seguindo as instruções de Coco, usei o vestido de estilo Pucci que tinha acabado de comprar.

Apanhei o cabelo num carrapito solto, maquillei os olhos com um traço esfumado, pintei os lábios e esperei que estivesse bem. No último instante, enfiei umas pulseiras nos braços e depois saí a toda a pressa, perguntando-me como Coco viria vestida. Tinha a esperança de que ela trouxesse uma indumentária extraespecial para a ópera, algo vistoso e sofisticado.

Eram dez minutos a pé até à sala de espetáculos, e Coco tinha posto um círculo à sua volta na minha planta da cidade para se assegurar de que eu a encontraria. O edifício ficava a uma esquina perto da ponte de Rialto. Tinha uma fachada estreita, com colunas, janelas em arco, e um punhado de estátuas de anjos a espreitarem do telhado. Havia pessoas a andarem de um lado para o outro na escadaria, Coco entre elas, e sim, estava com um aspeto espetacular. O efeito era tão extraordinário que tive de parar por um momento para apreciar o conjunto. A saia era uma série de folhos cor-de-rosa que lhe chegava aos tornozelos, o *top* cor de cereja mais escuro, com mangas tufadas e lantejoulas, e na cabeça usava um toucado coberto com papoilas gigantescas de tecido que iria interferir seriamente com a visão de quem se sentasse atrás dela.

Ela viu-me e acenou.

– Querida – chamou.

– Olá, Coco, está... incrível.

– Obrigada, minha querida. Estava virada para o cor-de-rosa. Você também está linda.

– O seu amigo já chegou? – perguntei.

– O Roberto está lá dentro a levantar os bilhetes. O espetáculo desta noite chama-se Barroco e Ópera. Eu já o vi, claro, mas aprecio-o sempre.

Roberto era um homem alto e delgado e trazia uma capa e luvas brancas. Passou-me o bilhete para as mãos com um gesto floreado.

– Encantado – disse ele.

Coco soltou uma risadinha.

– O Roberto está todo entusiasmado por ter dois pares esta noite. É irremediavelmente vaidoso, não és, querido?

Ele sorriu-lhe.

– Talvez um pouco – concordou.

– Mas eu perdoo-lhe, porque ele é tão *simpatico*.

Ele fez uma pequena vénia e ela inclinou a cabeça sedutoramente em resposta. Havia realmente algo entre eles e eu pensei em Silvio e fiquei contente por o pobre homem não estar ali a presenciar aquilo.

– Entramos? – sugeriu Roberto. Pegou no braço de Coco, enfiando-o no dele, e nós os três avançámos lentamente numa fila que serpenteava pelo átrio do teatro e por um lanço de escadas. Como mais ninguém se tinha dado ao trabalho de se vestir a rigor, nós devíamos causar uma forte impressão, a pavonearmo-nos com as nossas indumentárias. As pessoas olhavam-nos fixamente e sorriam.

Como nos sentámos na última fila da sala de espetáculos, o toucado de Coco não nos arranjaría problemas. Era uma sala grande e não especialmente requintada. O palco era baixo, sem cortinado nem cenário, o fresco no teto estava desvanecido. Não era nada do que eu esperava. Virei-me para Roberto, que se sentara entre nós as duas.

– Julguei que a ópera era bastante grandiosa?

– Isto é mais um recital do que propriamente um espetáculo de ópera – explicou ele. – Mas há

uma orquestra e usam trajes de época, por isso é muito agradável. Espero que não fique dececionada.

– Não, claro que não – disse eu delicadamente, embora tivesse imaginado um grande espetáculo absorvente e tudo isto desse a impressão de que seria bastante pequeno e bastante corriqueiro.

Os músicos da orquestra ocuparam os seus lugares e puseram-se a afinar os instrumentos. Houve uma vaga de aplausos quando os primeiros cantores surgiram de uma porta na parede ao nosso lado e desceram pela coxia até ao palco. Quando os aplausos terminaram, eles desataram a cantar.

Reconheci aquela ária. Era uma das mais sonantes, das que apareciam muito em álbuns de ópera populares. Os cantores tinham vozes agradáveis, mas eu não conseguia concentrar-me no espetáculo. Os meus pensamentos desviavam-se sempre para a minha família, toda reunida na casa de Pieta. O que estariam a fazer? A dizer? A decidir sem mim?

Se eu tivesse apanhado um avião nessa manhã poderia estar agora com eles, mas tinha ficado em Veneza e tinha ido às compras. Não faz o meu estilo fugir da realidade, e sentia-me surpreendida comigo mesma, mas, ao mesmo tempo, aliviada por estar aqui em vez de lá, a lidar com Eden e com o meu pai. De facto, quanto mais pensava nos dois, tanto menos queria ir para casa mais cedo do que o necessário. Precisava deste tempo para mim, desta pausa de toda aquela loucura. Disse para comigo que devia aproveitar ao máximo.

A ária terminou e os cantores começaram uma nova. Tanto Roberto como Coco pareciam fascinados: ela estava a ouvir com os olhos fechados e um sorriso nos lábios e ele formava as palavras silenciosamente com os lábios. Eu tinha de me conter para não me mexer. Haveria intervalo e um bar onde tomar uma bebida? Não tinha pensado em perguntar.

Pelo canto do olho reparei numa pessoa que chegara atrasada e tentava entrar discretamente. A jovem abriu a porta da sala muito lentamente. Vestia calças de fato de treino e um *top* sem mangas, e, embora a iluminação fosse bastante fraca, eu consegui ver uma tatuagem de margaridas no ombro. Reconheci-a quando ele se dirigiu em bicos de pés para a parte de trás da sala. Aquela grossa trança preta e a franja espessa traíam-na. Valentina mais uma vez. Eu mal queria acreditar. A rapariga aparecia em toda a parte.

Ela esgueirou-se pela porta dos artistas e desapareceu de vista. No palco, os cantores tinham-se lançado em mais um dueto. Eu escutava distraidamente. O que estaria Valentina a fazer aqui? Com certeza não era possível que também trabalhasse neste sítio?

O dueto terminou e os cantores saíram do palco. Uns momentos depois, a porta dos artistas abriu-se de novo e vi na soleira uma mulher que continuava a parecer-me familiar, apesar de ter o seu cabelo escuro enfiado numa peruca do século XVIII.

– Coco – sussurrei. – Olhe, é aquela rapariga, a Valentina, da noite de tango.

A velha senhora não se deu ao trabalho de se virar.

– Mais uma vez atrasada, estou a ver – murmurou.

Quando Valentina subiu ao palco, a orquestra tocou as primeiras notas.

– Eu não sabia que ela era cantora.

Roberto fez-me sinal para eu me calar.

– Ela vai-nos cantar Mozart primeiro – segredou. – «Porgi Amor». É lindo... escute.

Valentina tinha uma voz encantadora; não como uma daquelas sopranos a guinchar que soam como um gato doente. Cantava com doçura e força, enchendo a sala com um lamento do fundo do coração. Era uma canção que se adequava ao meu estado de espírito, fechei os olhos e deixei que me

inundasse.

– Sim, lindo – disse suavemente quando ela acabou.

A assistência começou a aplaudir e Roberto inclinou-se para mim, falando-me ao ouvido.

– Ela é afilhada da Coco. Muito talentosa, mas cheia de problemas.

– A sério? – Eu estava surpreendida.

Valentina parecia corada e bonita. Enquanto esperava que os aplausos cessassem, a porta dos artistas abriu-se mais uma vez e um homem foi juntar-se-lhe no palco. Cantaram um dueto falsamente tímido, de namorisco, e depois disso Valentina saiu do palco deixando o cantor a fazer um par de solos.

– Ela já acabou? – sussurrei a Roberto.

– Fica até ao fim – segredou-me ele. – Ela fecha o serão com o mesmo tenor.

E foi mesmo assim, o final pertenceu-lhe a ela. Eu também reconhecia essa canção: mais um êxito popular operático. O tenor cantou a primeira parte, a seguir entrou ela e acabaram juntos com um hino entusiástico, acompanhado pelo público. Foi mesmo bom, na verdade. A assistência pôs-se de pé para lhes fazer uma ovação, que mereciam.

Juntando a minha voz aos berros de «Bravo!» lancei um olhar a Coco. Ainda estava sentada, a aplaudir polidamente, com uma expressão indecifrável.

Ao sairmos do teatro, sugeri uma última bebida, relutante que a noite acabasse e eu ficasse outra vez só. Inicialmente, Coco recusou, desculpando-se com o cansaço, mas Roberto convenceu-a.

– Não podes ir já para casa – insistiu. – Mais pessoas em Veneza devem ter a oportunidade de te apreciar esta noite, *cara*. Estás magnífica.

Ela sorriu-lhe, com a pele transformada numa colagem de rugas.

– Oh, Roberto, tu és tão bom para mim. Só um copo, depois tenho de ir para casa descansar. Foi um dia muito longo.

Atravessámos a pé a ponte de Rialto e a praça do mercado deserta, passámos por alguns bares com música a ribombar e chegámos a uma entrada num muro de pedra com as marcas do tempo. Lá dentro havia uma sala apainelada a madeira com um balcão a todo o correr de um dos lados. Os dois homens de idade que estavam encostados ao balcão cumprimentaram Roberto chamando-o pelo nome e ele apresentou-nos como os seus pares para essa noite.

– A minha querida Coco e a minha nova amiga, a Addolorata – disse, com um floreado.

Mandámos vir bebidas e alguns *cicchetti*, embora a comida melhor já tivesse acabado. Um dos venezianos idosos insistiu em pagar e ficámos no bar com eles, a dar dois dedos de conversa.

Eles falaram de um acidente de gôndola no Grande Canal, de um escândalo com um político, de um navio de cruzeiro que tinha chegado à Giudecca com metade dos passageiros e da tripulação doentes com viroses gástricas. Era uma conversa de habitantes locais semeada de expressões que eu tinha de me esforçar por compreender, e, embora tivesse dificuldade em participar na conversa, sentia-me contente por estar ali a ouvi-los. Era por isto que eu ansiava, integrar-me nas coisas em vez de ser mais uma turista invisível. Tinha acontecido graças a Coco.

Ela parecia realmente cansada esta noite. Roberto arranjava-lhe um banco para ela se sentar e ela parecia ter ficado agradecida. O Prosecco restituiu-lhe algum do seu ânimo, mas mesmo assim estava mais calada do que era usual.

– A Valentina tem uma bela voz – disse-lhe eu. – O Roberto disse-me que ela é sua afilhada?

– Sim, efetivamente – concordou Coco.

– Fiquei surpreendida por a ver. Ela parece trabalhar em toda a parte: o passeio turístico, a ópera, a livraria Acqua Alta.

– Ela também lá está a trabalhar agora? – Os lábios de Coco formaram uma linha fina.

– Não aprova?

Coco fitou o seu copo e em seguida olhou de novo para mim.

– A rapariga está a matar-se e não havia necessidade. Mas não dá ouvidos a ninguém. Algumas pessoas não querem os meus conselhos, como eu disse antes.

– O Roberto diz que ela é talentosa, mas tem problemas.

– Ai diz? – Bebeu um gole delicado da sua bebida. – Os problemas dela são muito diferentes daqueles que a Addolorata está a enfrentar. Diga-me, pensou mais no que eu lhe disse?

Eu lamentava que Coco tivesse desviado a conversa de novo para mim. Teria preferido falar sobre o caos da vida de outra pessoa.

– Sim, pensei. Mas não estou mais perto de saber o que fazer.

Ela esfregou o rosto, espalhando a sombra azul dos olhos nas rugas.

– Faça as coisas que a tornam feliz.

– E se eu não souber que coisas são?

Ela encolheu os ombros.

– Então, acho que tem realmente um problema.

Pousando o copo no balcão, Coco virou-se para Roberto e tocou-lhe ao de leve no braço.

– Sim, meu amor? – Ele depositou um beijo na cabeça de Coco.

– Leva-me a casa agora.

– É claro, é claro. – Mostrou-se preocupado com ela. – Estás demasiado cansada para ir a pé? Apanhamos um táxi? Achas que não vais ter frio?

Ela disse boa noite e agarrou o braço de Roberto, apoiando-se nele. À porta, parou para olhar para trás, para mim.

– Ando para lhe dizer, há um apartamento por cima do meu que vai ser arrendado; é um arrendamento de curta duração, só para o verão. É muito mais agradável do que esse hotel em que está.

Eu não sabia bem porque é que ela se estava a dar ao trabalho de o mencionar. Mesmo que mantivesse o plano original de voltar para casa no domingo, só tinha mais uns dias em Veneza e podia bem suportar o meu hotel por esse tempo. De qualquer maneira, Coco era uma excêntrica, recordei a mim mesma. Não havia uma explicação racional para metade das coisas que ela dizia e fazia. Interpretei a sua conversa sobre o apartamento como mais um exemplo da sua excentricidade... pelo menos inicialmente.

CAPÍTULO 9

Coco tinha plantado uma semente. Fê-lo de propósito, claro, embora ao princípio eu não me desse conta. E, como também tinha ficado muito bêbada, não me ocorreu durante algum tempo.

Depois de ela e Roberto deixarem o bar, os dois homens idosos ficaram de bom grado a partilhar mais uns copos comigo. O patrão acabou por fechar a porta e juntar-se a nós, tirando mais uma ou duas garrafas do melhor vinho do Véneto para provarmos. Os três contaram-me histórias sobre a sua vida em Veneza. Como não havia navios de cruzeiro do tamanho de arranha-céus a aparecerem no canal da Giudecca noutros tempos, como os turistas eram em menor número e mais ricos, como a água no Lido era melhor para se nadar nela, como aquela terra ia de mal a pior agora e não se podia fazer nada quanto a isso. Parecia agradar-lhes queixarem-se e a mim agradava-me beber, por isso estivemos todos bastante entretidos durante horas.

Não sei bem que horas eram quando me vim embora, mas quase não havia ninguém nas ruas. Veneza estava silenciosa e ensombrada. Um vento gélido soprava do Grande Canal e eu tremia de frio no meu vestido fino enquanto me apressava a atravessar a ponte de Rialto, tentando não cambalear. Aqueles últimos copos tinham-me feito passar de agradavelmente inebriada a bêbada como um cacho.

Felizmente, consegui regressar sem problemas ao hotel, onde me deixei cair em cima da cama sem tirar a maquilhagem. Quando acordei, umas duas horas depois, estava com uma sede atroz e tive de me levantar para ir buscar água. Depois disso, dei voltas sobre voltas até a luz da manhã se insinuar entre as fendas nas persianas. Quando estava a começar a adormecer outra vez, o meu telemóvel tocou.

– Sim? – disse eu numa voz empastada.

– Olá, sou eu – disse Pieta. – Acordei-te?

– Hum, sim, espera aí. – Tateei à procura do copo de água e bebi as últimas gotas. – O que se passa?

– Falei com o Eden ontem à noite. Ele contou-me sobre vocês os dois... tu sabes.

– O que é que ele te contou exatamente?

– Que se vão separar – disse ela, soando pouco à vontade. – Dolly, não consigo acreditar.

Eu estava desperta agora, e furiosa.

– Eu também não consigo acreditar, bolas. Só tivemos uma conversa e nada ficou decidido. Ele também disse à Katia?

– Não sei... Acho que não.

Mesmo sem a ressaca, eu ter-me-ia sentido enjoada.

– E o *papa*?

– O Eden pediu-me para não lhe dizer nada, nem a ele nem à mãe.

– Merda – disse eu. – Não sei que tipo de jogo é que ele está a jogar.

Pieta hesitou por um momento.

– Parece realmente triste.

Senti uma verdadeira onda de náusea e decidi irsentar-me no chão ao lado da sanita, para jogar pelo seguro. Quando me pus de pé, senti a cabeça a andar à roda.

– Que mais é que ele disse?

– Só que já se sente assim há uns tempos e o facto de tu teres ido de férias lhe deu uma oportunidade para pensar no assunto devidamente.

– E?

– Decidiu que não vale a pena continuarem juntos se nem um nem o outro são felizes. – O tom de voz dela era suave e condoído.

Encostei a cabeça à parede da casa de banho.

– OK – disse. – Obrigada por me informares.

Pieta estava a repetir o meu nome quando desliguei. Pondo o telemóvel em silêncio, estendi-me no chão frio e tentei pensar claramente. Suponho que fiquei ali deitada um pedaço, porque adormeci, e quando acordei doía-me o pescoço e sentia-me enregelada.

A primeira coisa em que pensei foi em Coco a falar-me sobre o apartamento que estava para arrendar. Estaria ela de facto a sugerir-me que ficasse em Veneza o verão todo? Pus-me de pé, olhei para o meu rosto em muito más condições no espelho da casa de banho e lavei-o. Talvez ela estivesse a sugerir isso mesmo.

Voltando a aconchegar-me entre as roupas de cama, entreguei-me a uma fantasia: eu a viver em Veneza, a comprar produtos frescos no mercado de Rialto todas as manhãs, com um cesto pendurado do braço; a apanhar o *traghetto* para atravessar o Grande Canal, parando para tomar um *cappuccino* e comer um brioche no meu café do costume, a vaguear pelas *calli* estreitas sabendo sempre o caminho. Imaginei serões a dançar o tango até os passos me parecerem fáceis; manhãs na cama e tardes de preguiça; nevoeiros súbitos e céus soalheiros, eu com pulseiras nos braços, saias coloridas e *tops* bonitos. Era uma fantasia mesmo agradável.

Só quando decidi que conseguiria encarar a comida me dei ao trabalho de me levantar. O quarto estava um caos. Eu tinha atirado o vestido de estilo Pucci para o chão, onde jazia num monte com os sapatos, o *soutien* e as cuecas de ontem. Saltando por cima do monte de roupas, procurei entre as minhas peças novas até encontrar alguma coisa limpa para vestir. Porque não as calças de linho brancas? Combinava-as com o *top* bordado e levava o blusão de ganga para o caso de ainda fazer frio.

Depois de um longo duche, apliquei a maquilhagem – não só uma camada de creme hidratante com cor, mas também *rouge* para dar cor às faces e *bâton*. Ainda tinha os olhos vítreos da ressaca, com olheiras escuras, mas parecia e sentia-me melhor depois de acabar de me arranjar.

Já na rua, pus os óculos de sol para evitar a claridade do dia. Como não valia a pena ir muito longe, parei no restaurante para turistas mais próximo e mandei vir uma *pizza* com *prosciutto* e duas *Coca-Colas* para a empurrar para baixo.

A *pizza* não era especialmente boa. Tive de lhe deitar sal, azeite e a maior parte de uma salada de rúcula para avivar o seu sabor. Mas despachei tudo, até a crosta. Ainda demasiado enjoada para tomar café, paguei a conta e tentei decidir o que fazer no resto do dia. Acontecesse o que acontecesse, não estava em estado de me meter num avião. Aquele voo para casa no domingo começava a parecer mais provável.

Não era minha intenção procurar o apartamento de Coco, mas comecei a andar e foi nessa direção que os meus pés me levaram. Não me dei ao trabalho de consultar a planta da cidade,

limitando-me a caminhar ao acaso, e reconheci o bar onde tinha tomado uma bebida naquela primeira tarde e os degraus que tinha subido e descido a carregar o carrinho das compras dela. Era uma parte bonita de Veneza, com pontes a cruzarem canais estreitos, floreiras nas janelas e roupa a secar ao vento. Enganei-me no caminho uma ou duas vezes, mas agradaram-me os locais aonde fui dar e acabei por dar comigo a subir uma *fondamenta* que me parecia familiar. Era onde Coco vivia. Mesmo assim, poderia não ter identificado o prédio dela se não fosse uma tabuleta afixada à parede a anunciar «Apartamento para arrendar».

Coco devia estar a limpar a casa, porque quando veio abrir a porta, com os cãesinhos a ladrarem à volta dos seus pés, tinha as faces coradas e um lenço amarelo na cabeça.

– Addolorata – disse ela, parecendo agradada. – Ah, sempre veio ver o apartamento?

– Sim, acho que sim – disse eu, surpreendendo-me a mim mesma.

– Ainda bem, ainda bem, eu tenho a chave. Entre por um momento enquanto a procuro.

Foi nas obras de arte que reparei primeiro, telas pintadas com cores vivas a cobrirem todas as paredes. O mobiliário era velho, mas, para onde quer que olhasse, havia toques extra: tapeçarias estendidas, lenços drapeados, contas penduradas. O resultado era alegre e atravancado, o lar de uma senhora que já tinha vivido uma longa vida e guardava as coisas que lha recordavam.

– Aqui tem. – Coco regressou com a chave e vi que se tinha dado ao trabalho de pôr pó de arroz e *bâton*. – É no andar de cima, a porta no primeiro patamar. Dê uma vista de olhos e traga-me a chave quando acabar.

O apartamento para arrendar parecia despido e básico em comparação com a casa de Coco. Não havia muita mobília, só um cadeirão desconjuntado na zona de estar, uma cama de casal alta com uma cabeceira de madeira lavrada e uma pequena mesa de sala de jantar. A cozinha ficava encostada a uma parede, a casa de banho dava para o quarto, e nem uma nem a outra eram dignas de nota. O que tornava aquele apartamento especial eram os tetos altíssimos e as portas de vidro com estores que se abriam para uma varanda a dar para o canal. Só havia espaço para duas cadeiras e uns vasos de gerânios, e os prédios em frente estavam suficientemente perto para se ver para dentro deles. Deixei-me ficar uns momentos a apreciar o cheiro da água, como um lago sedoso, e a imaginar-me a fazer do apartamento o meu lar temporário. A pôr flores numa jarra em cima da mesa, fruta numa taça. A empilhar livros ao lado da cama, a comprar uns bons lençóis para a fazer. A cozinhar uma refeição simples, convidando Coco para comer comigo. Sim, continuava a ser uma fantasia agradável.

– Então, o que acha? – perguntou Coco quando fui devolver-lhe a chave.

– Tem razão, é muito mais agradável do que o meu hotel. Quem me dera ter ficado aqui.

– O senhorio é um velho amigo. Ele faz-lhe um bom preço se eu falar com ele.

– Obrigada, mas não vale a pena. Eu só vou cá estar mais dois dias no máximo.

– Para quê apressar-se a voltar para casa se a faz sentir-se infeliz? Fique em Veneza mais algum tempo – sugeriu ela.

– Não posso fazer isso.

– Porquê?

– Tenho família, um trabalho; pessoas à minha espera. Tenho responsabilidades.

– Oh, responsabilidades. – Coco revirou os olhos.

– Bem, é verdade – disse eu, na defensiva. – Não posso fazer só o que me apetece.

A velha senhora não parecia compreender que nem todos podíamos levar vidas centradas em nós

próprios como ela; outras coisas tinham de vir primeiro.

– Eu adorava passar um verão inteiro aqui – admiti. – Mas, afinal, até mesmo estas férias foram um erro. Eu não devia ter vindo.

– Mesmo assim, quis ver o apartamento. Porquê?

– Estava a sonhar, suponho, a ser ridícula. Fi-la perder o seu tempo, desculpe.

– Não há nada de errado em sonhar – disse Coco – e eu tenho muito tempo. Ia agora mesmo fazer café e tomá-lo no jardim. Porque não me acompanha?

O jardim de Coco era um belo segredo, murado e cheio de plantas que trepavam e se entrelaçavam umas nas outras. Folhas brilhantes de heras emaranhavam-se em glicínias floridas, oleandros roubavam espaço a palmas, alfazema despontava de urnas a desfazerem-se e de vasos partidos. A um canto, por baixo de uma velha figueira, estava uma mesa que Coco tinha coberto com um pano do mesmo amarelo que o lenço que usava na cabeça. Trouxe uma cafeteira, um prato de bolachas de polenta, um jarro de água fresca, guardanapos, chávenas de café pintadas de cores vivas, copos coloridos.

– Gosto de pôr uma mesa bonita – disse-me, sentando-se.

Os cães tinham-se disposto no chão ao lado de Coco e ela baixou-se para lhes fazer uma festa.

– Meus queridos – disse com afeto. – Gostam de estar aqui fora comigo.

Trinquei uma bolacha amanteigada e bebi uns goles de café, fiz festas na cabeça sedosa do cão mais perto de mim, apreciei a vista do jardim.

– É um sítio encantador. Já vive aqui há muito tempo?

– Sim, há muitos anos, e agora já não saio daqui. Os queridos cãezinhos que fui perdendo estão sepultados aqui, sabe? Visito as sepulturazinhas deles todos os dias.

– Isso é triste – comentei, sem saber que outra coisa dizer.

– Sim, é sempre triste perder um amigo. – Ela sorriu-me animadamente. – Mas muito melhor do que nunca ter feito esse amigo.

Apercebi-me de que já era a altura de lhe agradecer.

– Coco, foi tão bondosa... – comecei.

– Fez-me feliz – interrompeu ela. – Não o faria, de outra maneira. Ao contrário de si, não acredito em abnegação.

Ri-me.

– Ninguém me descreveria como abnegada, a sério que não.

Coco prosseguiu como se não me tivesse ouvido.

– Na minha opinião, é uma das virtudes mais sobrevalorizadas. As pessoas abnegadas passam a vida a pôr as necessidades dos outros à frente das suas e à espera de agradecimentos; à espera de que lhe digam que são maravilhosas. Isso quase nunca acontece, claro, por isso ficam todas torcidinhas e amargas. As pessoas abnegadas são insuportáveis, acho eu.

– Eu realmente não sou nada abnegada – assegurei-lhe.

– Se o diz – murmurou ela.

Havia uma grande tranquilidade no jardim de Coco, com uma brisa fresca a brincar com as flores da glicínia e nenhuns outros sons a não ser o canto das aves. Imaginei-a a passar longas tardes aqui no pino do verão, sem obrigações e fazendo apenas o que queria. Invejava-a um pouco. Ser idosa poderia significar que tinha articulações emperradas e rugas, mas também lhe trazia tal liberdade, o alívio de se desembaraçar de ambições e objetivos, de anseios e esforços em geral. Coco estava

numa fase da vida em que era mais fácil ser feliz; ou, pelo menos, era assim que me parecia.

– Eu volto a Veneza um dia, quando tiver mais tempo – disse-lhe eu. – Um dia, quando recuperar a minha vida.

– E se esse dia nunca chegar?

Olhei para ela, ainda com o lenço de cor viva na cabeça e um dos cães no colo agora. Estava sentada num charco de luz do sol de primavera, com a luz dourada a matizar-lhe o rosto, e eu via-lhe a maquilhagem que ela aplicara à pressa sobre a pele e as rugas que tentara disfarçar a retalharem-lhe o rosto como cicatrizes.

– Oh, tenho a certeza de que chega – continuei. – Se eu quiser.

– Ah, estou a ver... Ainda não ouviu as portas a fecharem-se com estrondo, é isso?

Senti-me perplexa.

– Desculpe? O que quer dizer? Que portas?

Havia algo na expressão de Coco que me fez suspeitar que ela sentia pena de mim.

– Suponho que ainda não tem idade para isso – disse ela. – Mas dentro em breve compreenderá que essas portas estão a fechar-se sobre todas a vidas que poderia ter vivido, sobre os filhos que poderia ter tido, os amantes também, os sítios que poderia ter visitado.

– Está a falar de arrependimentos? – sugeri.

– Não exatamente. O que estou a tentar dizer é que, se está a sentir-se infeliz, este é o momento de se libertar. Não espere por um dia. Acredite em mim, isso é um erro.

– Soa como se estivesse a falar por experiência própria.

Coco encolheu os ombros e desviou o rosto. Se havia alguma história pessoal por trás das suas palavras, não tencionava contar-ma. Em vez disso, pousando o cão de novo no chão, começou a pôr as chávenas e os copos no tabuleiro.

– Obrigada pelo café – disse eu, ajudando-a a levar tudo para a cozinha. – E por me deixar ver o apartamento no andar de cima.

– Não espere demasiado tempo para mudar de ideias – avisou-me ela. – É um apartamento muito bom. Outra pessoa qualquer vai querê-lo.

No regresso ao hotel, parei num quiosque e comprei umas revistas inglesas. A seguir, comprei um *gelato* e encontrei um banco de jardim onde me sentar a comê-lo.

Ao folhear as páginas de uma das revistas, um artigo de autoajuda chamou-me a atenção. Tinha sido escrito por uma conselheira psicológica e versava inteiramente sobre como gerir o tempo. Ela tinha feito um gráfico circular em que dividia as horas do dia para o trabalho, para o sono, exercício, tarefas domésticas, filhos, relacionamentos, etc. O segmento mais pequeno era a parte deixada para «tempo inteiramente seu». Só quinze minutos por dia, e a autora do artigo dizia que poucas pessoas o conseguiam. Essa ideia fez-me sentir incrivelmente deprimida. Quinze minutos? Era tudo?

Eu sei bem que há pessoas com problemas maiores: pessoas famintas, doentes, destroçadas pela guerra, que diriam que eu não tenho nada de que me queixar. Mas, realmente, quinze minutos por dia da nossa própria vida é tudo o que podemos reclamar? E isso torna-nos pessoas afortunadas? Eu imaginava o que Coco teria a dizer sobre aquilo.

Nessa altura, lembrei-me de que deixara o telemóvel em silêncio todo o dia, muito provavelmente a vibrar na minha mala. Peguei nele e verifiquei o registo de chamadas. Quatro

chamadas perdidas e duas mensagens de voz de Pieta; nada de nada de Eden. Senti-me ainda mais deprimida.

Escutei as mensagens de Pieta e a seguir apaguei-as. Ela tinha dito as coisas que eu sabia que diria: que estava preocupada, que eu devia telefonar-lhe, que devíamos conversar. A minha irmã é uma pessoa muito boa. Faz sempre o que é correto. Eu não sou nada assim. Sou a que bebe e come demasiado. Vivo numa casa desorganizada, vou para a cama sem tirar a maquilhagem, fumo mesmo quando deixei de fumar e deixo a minha filha comer comida de plástico. Nunca fui perfeita, nunca quis sequer ser perfeita.

Liguei para Pieta.

– O Eden tem razão: nenhum de nós é feliz – disse eu quando ela atendeu.

– OK – disse ela lentamente. – Mas isso quer dizer que tenham de se precipitar? Quer dizer, ainda nem sequer tentaram a terapia conjugal.

– Não tenciono precipitar-me – retorqui.

– Ainda bem, porque tenho a certeza que se trata só de uma fase má, com o problema de costas dele e o facto de não poder trabalhar e tudo. – Soava aliviada.

– Estou a pensar em passar o verão em Veneza. – Mal as palavras me saíram da boca, soube que era exactamente o que queria fazer.

– Desculpa... tu quê?

– Não enlouqueci – assegurei-lhe. – Mas, tal como o Eden, tive tempo para pensar, e apercebi-me de algumas coisas.

– Que coisas?

Tentei explicar toda a questão da felicidade, mas ela não me compreendeu de todo em todo. Penso que achou que eu estava a ser autocomplacente.

– É mesmo essa a questão – disse eu. – Isto tem a ver comigo.

– E o Little Italy?

– O *papa* tem o restaurante sob controlo, não tem?

– Tem – concordou ela. – De facto, ele parece adorar estar de volta, por isso, se precisas de prolongar as férias, talvez devesse fazê-lo.

Olhei para os turistas a passarem de um lado para o outro, com os seus guias e as suas plantas nas mãos, todos empenhados em visitar o palácio do Doge ou em andar de gôndola.

– Não vão ser umas férias – insisti. – Se eu ficar aqui terá de ser muito mais do que isso.

– Ouve, não precisas de te sentir culpada por tirares mais tempo de férias... – começou a dizer Pieta.

– Sabes o que é que realmente te faz feliz? – interrompi. – Não digas as coisas óbvias que toda a gente escolheria, como a família e os amigos; refiro-me às coisas que te são específicas, aos ingredientes da felicidade da Pieta.

– Nunca pensei nisso – admitiu ela.

– Exatamente. Eu também não. Seria nisso que eu me ocuparia aqui. A pensar nisso.

– E depois farias o quê?

– Ainda não sei – disse eu. – Será apenas um verão, é tudo. Com sorte, no fim já terei uma ideia melhor.

CAPÍTULO 10

É incrível como é difícil uma pessoa libertar-se da sua própria vida por uns meses. Toda a gente se lembrou de obstáculos, de razões para eu voltar para casa, e a maior parte era inteiramente válida, mas, depois de tomar a decisão, eu não ia deixar que me dissuassem. Se tivéssemos de acrescentar mais dívidas à hipoteca da casa, contratar outro *chef* para o restaurante, reorganizar e redistribuir algumas coisas, era o que faríamos. Nada do que eu estava a pedir era impossível.

De todos, Eden foi o que ficou menos surpreendido. Usou palavras como «típico» e «egoísta», mas não tentou convencer-me a não ficar em Veneza. A nossa conversa foi tensa e principalmente concentrada em Katia, mas deixou escapar que a minha irmã e o meu cunhado o tinham contratado para gerir o projeto das obras que iam fazer num novo edifício que tinham arrendado.

– Por isso, vou ter um verão atarefado – disse-me ele.

– Sim, eu também – respondi.

Ao ouvir isso, ele riu-se e disse que esperava que resultasse, no que quer que eu estivesse metida.

Senti-me um pouco triste quando desligámos. E também culpada. Eu estava a abandonar a minha filha durante todo o verão, e Eden tinha razão, era uma atitude egoísta. Mas podíamos falar ao telefone, por Skype, por *e-mail*; eu tinha a esperança de que ela viesse visitar-me depois de começarem as férias escolares. Convencer-me a mim própria não foi muito difícil. E tinha Coco para me animar, o que ajudava.

Nessa noite, depois de tomar a decisão, voltei a casa de Coco para lhe contar. Como, para além dos latidos dos cães, não obtive resposta quando bati à porta, tive de esperar até ao dia seguinte.

Encontrei-a muito cedo no café onde ela gostava de tomar um café de manhã.

– Vou fazê-lo, vou ficar – disse eu, mal cheguei junto a ela.

– Ah, Addolorata, bom dia.

– Sim, sim, bom dia – disse eu, impacientemente. – Pode falar com o seu senhorio sobre o apartamento? Quero alugá-lo.

Ela sorriu.

– É claro, mas primeiro toma um café comigo?

– Não parece surpreendida.

– Não – concordou ela. – Mas sinto-me contente por a Addolorata ser a pessoa que eu achei que era. Ora bem, um *cappuccino*, *si*? E um brioche? Depois começamos a organizar as coisas.

Achei que ela devia ter regateado ferozmente, porque a renda era muito razoável. E depois emprestou-me aquilo de que eu precisava para me mudar imediatamente: roupa de cama e toalhas, alguns tachos e panelas, pratos desirmanados, talheres velhos.

Nada me agradou mais do que fazer a mala e sair do hotel. Coco deu-me a chave do meu novo apartamento e eu entrei e depois sentei-me na varanda durante algum tempo com o meu bloco de apontamentos em cima do joelho. Ainda havia uma página em branco onde a minha lista da felicidade deveria estar, mas agora tinha todo um verão à minha frente para a preencher.

Sentia-me entusiasmada de certa forma, mas também um pouco ansiosa. E se o tempo passasse e nada mudasse? E se a felicidade fosse algo em que eu não era boa, como o tango?

– Leve o seu tempo. Não se esforce demasiado – foi o conselho de Coco. – A felicidade vai aparecer-lhe sorrateira. Só tem de reparar que ali está.

Olhei para a parte sossegada do canal lá em baixo. Havia menos gôndolas nesta parte de Veneza, porque os turistas raramente se afastavam das principais atrações. Mas agora eu não era um deles e já era tempo de começar a instalar-me na nova casa.

Primeiro, queria encher o frigorífico e os armários com comida. Cozinhar uma refeição poderia ajudar-me a sentir-me instalada. O ritmo de cortar cebolas, o estrugido quando caíam num tacho quente, o aroma apetitoso quando fervilhavam num molho de tomate; precisava dessa familiaridade.

A caminho do mercado de Rialto, parei à porta de Coco.

– Está ocupada hoje à noite? Quer vir jantar lá a casa?

– Tenho um encontro – disse ela.

– Outro? Com quem, desta vez?

– Com o meu querido Silvio. Disse que tomava uma *ombra* com ele mais tarde.

Uma *ombra* era uma das poucas expressões venezianas que eu compreendia. É a palavra que usam para designar um copo pequeno de vinho bebido de pé ao balcão de um bar, frequentemente enquanto se saboreiam uns *cicchetti*.

– Traga-o para cá para jantarem depois de tomarem a vossa *ombra* – sugeri. – Vou fazer massa, talvez seguida por um peixe.

– O Silvio ia adorar, tenho a certeza. Já perdeu a esperança de que eu alguma vez cozinhe para ele.

Apanhei um *traghetto* para atravessar o Grande Canal, desta vez pagando o preço do bilhete de residente e não o de turista. Antes, uma neblina pairava sobre a água, mas agora o sol tinha-a dissipado e o céu estava límpido e azul. Senti uma vaga de puro encanto. Era isto: a minha fantasia de Veneza tornada realidade. Eu estava realmente a vivê-la.

No mercado dos vegetais consegui conter-me, mas, depois de passar pelos arcos para a zona das bancas do peixe, comprei santolas com carapaças moles e um monte de camarões doces e rechonchudos a que chamam *canoce*, lingueirões, polvo pequeno, peixinhos minúsculos e um badejo com a pele prateada, sem fazer ideia de como conseguiríamos comer aquilo tudo. Meti os embrulhos dos alimentos no carrinho das compras que pedira emprestado a Coco, juntamente com queijos, azeite, massa e salame *sopressa* com alho, que encontrei nas lojas à volta do mercado. Finalmente, só havia espaço para umas compras de última hora, uns morangos silvestres, alcachofras minúsculas com folhas de cor púrpura e ramos de ervas aromáticas frescas.

Nessa altura já tinha a cabeça cheia de comida. Estava a juntar ingredientes e a sonhar com combinações de sabores, tal como fazia desde que o *papa* começou a ensinar-me a cozinhar.

Antes de me virar para o que tinha comprado, precisava de comer, e não uma fatia de *pizza* sem graça para turistas. Sentia fome de pratos que tivessem sido feitos com cuidado, de sabores que surpreendessem e inspirassem, de uma refeição em condições que comesse lentamente e recordasse depois.

Tínhamos visitado vários sítios razoáveis perto do mercado no passeio de *cicchetti* de Valentina. O que me atraiu mais foi a pequena *osteria* de Angelo, e lembrei-me que ela tinha mencionado que ele servia um *risotto* diferente todos os dias. Esperava que não fosse demasiado tarde para comer

uma pratada.

O pequeno restaurante de Angelo ficava a poucos passos das bancas do peixe e estava a abarrotar. Consegui encontrar um banco livre numa das pontas de uma mesa comprida partilhada e, pondo o carrinho das compras ao lado dela, pedi uma dose de *risotto*. Os *cicchetti* na montra do balcão não eram as almôndegas e os *crostini* do costume, e não consegui resistir a alguns dos mais interessantes para petiscar enquanto esperava. Uma vieira na sua concha aromatizada com sementes de funcho, uma pequena tarte de puré de bacalhau com o crocante de talos de aipo e um toque de gengibre. Comê-los só me fez sentir mais fome. Apercebi-me de que tinha andado a saltar refeições e a petiscar aqui e ali desde que chegara a Veneza. Agora, planeava compensar isso.

Não há prato que me agrada mais do que *risotto*. Adoro a sua textura cremosa, a maneira como se descola da colher de pau com que se mexe. Gosto de envolver mancheias de parmesão ralado e pedaços de manteiga salgada, o conforto de o comer, a sensação quente e sólida de o ter no estômago.

Este *risotto* era mais como uma sopa, com sabor a água salgada e limões. Estava enfeitado com salsa e cheio de amêijoas tenras que se tinham de arrancar às suas conchas. Fechei os olhos por uns momentos para me concentrar nos sabores.

Quando os abri de novo, Angelo tinha aparecido da cozinha. Estava atarefado a levantar pratos, a cumprimentar os clientes habituais, a parar para partilhar uma piada com um e receber um cumprimento de outro. Poderia ter passado pela minha mesa sem reparar em mim se eu não o tivesse interpelado.

– Olá. Isto está mesmo bom. O que pôs no caldo? – perguntei.

– Faço-o com caboz – disse-me ele. – Conhece esse peixe?

Abanei a cabeça.

– É um peixe pequeno que vive na lagoa. A carne não presta para se comer, mas pode-se capturar o seu sabor num *risotto*. Fico contente que esteja a gostar.

– Eu sou a Dolly – disse-lhe, para o caso de ele não se lembrar. – Conhecemo-nos na outra noite e eu fui vê-lo dançar tango na praça.

– Ah, sim, é a que deixámos a dormir no banco de jardim. Muito folgo que esteja bem. A Coco disse que olhava por si.

– E olhou... tem olhado, na realidade, desde essa altura. Eu vou cozinhar para ela esta noite para lhe agradecer. Acabei de arrendar o apartamento por cima do dela.

– Esse sítio, sim, conheço-o. Vivi lá durante uns tempos há uns dois anos.

– Viveu? – Eu estava surpreendida.

– A Coco é minha tia – explicou ele. – A irmã mais velha da minha mãe.

– A sério? Ela parece estar relacionada com toda a gente que conheço, de uma maneira ou de outra.

Angelo riu-se.

– Viveu toda a vida em Veneza. A maior parte das pessoas sabe quem ela é, mesmo que não sejam da família dela.

Eu via que ele estava prestes a afastar-se para trocar umas palavras com outro cliente e pegar em mais pratos sem rasto de comida. Detive-o de novo.

– Quer vir jantar lá a casa? – perguntei impulsivamente. – Um dos amigos da Coco também vem, mas comprei tanta coisa no mercado que vai ser um banquete.

– Esta noite? – Parecia surpreso.
– Sim, se estiver livre. Vai ser muito informal, porque eu estou praticamente a acampar no apartamento. E não posso prometer nada tão bom como este *risotto*.

Angelo presenteou-me com outro sorriso.

– Tem consciência de que ninguém se oferece nunca para cozinhar uma refeição para um *chef* de cozinha?

Acenei que sim.

– Bem, eu estou a oferecer-me.

– O que tenciona fazer?

Enumerei os ingredientes que tinha comprado e os pratos em que estava a pensar, e, enquanto falava, Angelo ia acenando com a cabeça, fazendo várias sugestões e depois explicando onde eu podia encontrar uma loja de especiarias nas imediações que, segundo ele, eu devia visitar.

– Então sempre vem? – Tinha a esperança de que ele dissesse que sim.

– Seria um prazer.

Fiquei encantada com a ideia de Angelo nos fazer companhia ao jantar. Por muito que apreciasse a companhia de Coco, se ia passar um verão inteiro aqui seria bom conhecer algumas pessoas que fossem mais da minha geração. E também estava interessada em saber o que acharia ele da comida que eu ia fazer. A minha autoconfiança tinha ficado muito abalada com a crítica de Guy Rochester, e ter um *chef* veneziano a aprovar as coisas que eu fizesse com o peixe da sua lagoa poderia ajudar a repô-la.

Claro, Angelo era um tipo muito atraente, mas deixem-me ser bem clara, eu não estava a namoriscá-lo; não era por isso que o tinha convidado, de maneira nenhuma. Estava interessada em ficar a conhecer melhor mais um dos habitantes locais. Era realmente tudo, juro.

Apanhei o *traghetto* de volta no Grande Canal e depois fui a pé na direção do meu lar temporário a arrastar o carrinho das compras e a retribuir um *salve* de vez em quando a outras mulheres que faziam o mesmo. Muitas delas estariam a planear o jantar para os amigos ou a família, tal e qual como eu.

De volta ao apartamento, encontrei Coco à minha espera. Devia ter uma chave extra, porque tinha entrado e estava a pendurar um quadro na parede com a ajuda de um homem que eu não conhecia.

– É um dos de Pegeen – explicou ela. – Algo para dar vida ao apartamento.

– Este é o Pegeen? – perguntei, apontando para o homem.

Ela franziu o sobrolho.

– Não, claro que não, este é o Lorenzo, veio ajudar-me, como bom amigo que é.

– Então quem é Pegeen?

– Também era minha amiga. Morreu há muito tempo, pobre moça.

Olhei para o quadro com atenção. Poderia ter sido pintado por uma criança. A tela estava coberta de grandes margaridas e, salpicadas entre elas, havia mulheres nuas de cabelo amarelo a segurarem sombrinhas às riscas.

– Este é um dos primeiros trabalhos dela; bastante valioso, suponho, mas eu nunca o venderia, porque ela ofereceu-mo.

– É famosa? Eu devia saber o nome dela? – perguntei.

– Era filha da Peggy Guggenheim. A Addolorata esteve na galeria; eu vi-a lá. Mas talvez não

tenha reparado nas pinturas dela, já que estão escondidas numa pequena sala lateral, só elas.

– Está a falar da Coleção Peggy Guggenheim? – Eu ainda estava confusa. – Era amiga dela?

– Não da Peggy; conhecia-a, claro, mas eu não era suficientemente importante para que ela reparasse em mim. Era a filha dela que eu conhecia. – Coco olhou da pintura para mim. – O que lhe parece?

– Muito viva e feliz – consegui dizer.

– Não, está a tentar ser feliz; tal e qual como a Addolorata. Foi por isso que eu decidi que seria bom pendurá-la aqui.

– Obrigada, é muito amável da sua parte – agradei, lembrando-me das boas maneiras. – A Coco e o Lorenzo não querem um café? Eu podia fazer um café.

Ambas olhámos para Lorenzo, que abanou a cabeça.

– Ele tem de ir – disse Coco. – Acho que a mulher está à espera dele.

Lorenzo era um sujeito de idade bastante atraente, e quando se despediu de Coco foi com um beijo nos lábios, com uma das mãos a cobrir a curva do seu traseiro e a outra na cintura dela. Também não foi um beijo rápido, mas suficientemente prolongado para me fazer sentir que não devia estar ali a vê-los.

– Bem – disse ela, depois de ele ir embora. – Foi uma visita inesperada.

Estava com um roupão comprido em tons suaves de azul e verde; tinha as faces coradas e a maquilhagem esborratada.

– Muita bondade dele, carregar com o quadro; eu queria fazer-lhe a surpresa, mas sozinha não seria capaz. O Lorenzo é muito forte – acrescentou. – Faz levantamento de pesos.

– Já o conhece há muito tempo? – perguntei.

– Oh, sim – Coco falou tão ligeiramente que eu soube que não iria conseguir arrancar-lhe mais nada.

Ajudou-me a tirar as compras do carrinho, exclamando que eu tinha sido muito esbanjadora e que nunca conseguiríamos comer aquilo tudo. Quando lhe disse que tinha convidado Angelo para nos ajudar, ela pareceu agradada.

– Um rapaz tão talentoso – disse. – Mas, tal como a Valentina, trabalha demasiado. Todos os jovens parecem fazê-lo.

Depois de Coco voltar para o andar de baixo para retomar a sesta que Lorenzo tinha interrompido, comecei a preparar os alimentos. Frequentemente, as pessoas dizem que consideram relaxante cozinhar, meditativo até. Não é o que eu sinto. Quando estou a experimentar um novo prato, começo por me sentir tensa, preocupada por ele poder não ter o sabor que eu imaginava. Pieta acha que sabe como me sinto só pela maneira como ponho os ombros. À medida que as coisas avançam, fico mais rápida. Corto a cebola em dois tempos, viro coisas nas frigideiras fazendo o óleo quente crepitar. A adrenalina corre-me pelo corpo e divirto-me.

Quando a comida está nos pratos, há sempre um momento de dúvida. É o melhor que eu poderia ter feito? Todos os ingredientes sem exceção estão a desempenhar o seu papel ao máximo? Não tenho a confiança cega do meu pai de que cada prato criado é uma obra-prima.

Aqui em Veneza, com panelas emprestadas e em número quase insuficiente, vi-me forçada a abrandar o ritmo. A faca estava pouco afiada e tinha o cabo solto, a tábua de cortar era pateticamente pequena e os bicos do fogão de gás precisavam de atenção.

Comecei com um *ragu* à pescador, que aromatizei com canela, *peperoncino* e cravo-da-índia e

deixei no fogão a cozer em lume brando, deitando-lhe um pouco de vinho branco de vez em quando e provando, provando sempre. Quando estivéssemos todos prontos para comer, adicionaria os camarões, as pernas de polvo e os peixinhos mais pequenos e comê-lo-íamos com umas fitas finas de esparguete.

Para as santolas, fiz um polme para poder servi-las fritas juntamente com lingueirões em molho de manteiga; o badejo seria recheado com ervas aromáticas e coberto por uma crosta de sal, as alcachofras cortadas em fatias finas como papel e comidas cruas com um fio de azeite. Era a minha primeira tentativa de cozinhar uma refeição veneziana, com base em receitas meio lembradas e nos conselhos de Angelo; esperava que estivesse à altura.

A última coisa que preparei foi a mim própria. Ciente da desaprovação de Coco se ela chegasse e me encontrasse com roupas polvilhadas de farinha e sem maquilhagem, escolhi um *top* e uma saia vistosos que ainda não tinha usado. Com sorte, sobreviveriam ao serão sem salpicos de *ragu* à pescador e óleo alimentar. Finalmente, arrumei o apartamento à pressa, sacudindo as almofadas que Coco me tinha emprestado e polindo os copos de vinho que também tinham vindo do apartamento dela.

Angelo foi o primeiro a chegar. Trouxe flores e uma jarra para as meter e foi direito à cozinha, levantando os testos dos tachos, cheirando e provando, acrescentando mais vinho ao molho que eu achara que estava perfeito.

– Sabe cozinhar – disse ele, soando satisfeito. – Isto não está nada mau.

Servi-nos uma bebida a ambos e sentámo-nos na varanda a falar sobre a *osteria* dele. Disse-me que a montara sem ter dinheiro nenhum, pedindo emprestado a amigos e à família, comprando mobília desirmanada barata de restaurantes que tinham fechado e contraíndo dívidas que não tinha a certeza de alguma vez conseguir pagar.

– A Coco ajudou – disse ele. – Deixou-me ficar aqui enquanto eu me debatia com dificuldades. Nunca me pediu que pagasse renda.

– O senhorio não se importou?

– Que senhorio? O apartamento é dela.

Olhei-o boquiaberta.

– A sério?

– Não sabia isso?

– Eu não sei grande coisa sobre ela – admiti.

– A minha tia é uma mulher muito ciosa da sua privacidade. É possível que nem eu saiba metade das coisas que vale a pena saber sobre ela.

– Ela tem imensos namorados – confidencieei. – Muitos mesmo.

– Ah, isso eu sabia. – Riu-se – Ela escandaliza a minha mãe, mas sempre a escandalizou.

– A Coco e todos estes homens... são só amigos, certo? – perguntei, embora começasse a suspeitar que não.

Mais uma vez, Angelo pareceu divertido.

– Ela é quem é – comentou. – Não pense que mudou só porque é velha.

Coco chegou meia hora atrasada e cheia de desculpas.

– Perdemos a noção das horas – disse-me.

– E talvez tenhamos tomado mais do que uma *ombra* – confessou Silvio, que trazia duas garrafas de vinho.

Mostraram a sua apreciação e todos tinham apetite; até Coco despachou uma quantidade surpreendente de comida para alguém que parecia um passarinho. Trazia um vestido preto que mal lhe chegava aos joelhos e tinha à volta do pescoço várias fiadas de pérolas brilhantes. «Muito chique, não é?» disse ela, quando a elogiei.

Silvio estendeu o braço nas costas da cadeira de Coco. De vez em quando, acariciava-lhe o ombro com os dedos. Pus-me a olhar para os dois por uns momentos, e depois olhei para Angelo. Sim, mais do que um amigo, queria dizer. Via-o agora.

Fizemos justiça à comida, dedicando todo o serão a comer. Toda a gente elogiou os pratos que servi, e Silvio foi especialmente exuberante.

– Ouvi dizer que vai ficar em Veneza. É uma excelente notícia – declarou ele. – Não só poderemos apreciar os seus maravilhosos dotes culinários, mas assim também poderá agora continuar a aprender a dançar o tango.

Eu não tinha nada a certeza se queria passar mais um serão a cambalear às arrecuas enquanto Silvio contava os passos. De qualquer maneira, não queria ser indelicada.

– Oh, sim... talvez.

– Gostou da nossa pequena lição em Santa Maria della Salute na outra noite, não gostou? – perguntou ele.

Eu ri-me.

– Gostar não é bem o termo certo, mas apreciei que tentasse ajudar-me. Talvez o tango não seja para mim.

– O tango é para toda a gente – argumentou Silvio.

Angelo interrompeu-o.

– Isso não é verdade. Tem de ser um certo tipo de mulher para dançar o tango. Tem de ter autorrespeito e consciência de si, equilíbrio e coordenação, mas, acima de tudo, deve estar disposta a seguir um homem. Se não conseguir fazer isso, deve tentar outra dança.

– Não tenho a certeza de ser o tipo de mulher que está disposta a seguir um homem – disse eu.

– Porque é feminista? – sugeriu ele.

– Não só por isso. Eu estava sempre a atravessar-me no caminho dos pés do Silvio. Não conseguia compreender como é que poderia saber que ele estava prestes a mover-se para o lado ou para trás. Por mais que observasse atentamente os outros pares, não conseguia compreender. Acho que devia tentar outra coisa.

– O tango é uma conversa – explicou Angelo –, só que comunicamos através das mãos e dos músculos. Mas, na minha opinião, uma *milonga* não é o melhor sítio para uma principiante aprender. É melhor começar num lugar menos público. Se eu a ensinasse, ensaiávamos juntos em minha casa e a primeira coisa que lhe mostraria seria a mudança de peso, porque é assim que se encontra o ritmo.

Silvio acenou com a cabeça.

– Eu devia ter começado por isso; tem razão. Já danço com a Coco há tanto tempo que me esqueci de como é ser-se principiante.

Angelo parecia convencido de que até ao final do verão, se eu tivesse aulas particulares e praticasse o suficiente, poderia tornar-me dançarina. Mostrava uma tal paixão quando falava de

tango que era impossível uma pessoa não se deixar apanhar por ela.

– Dá uma sensação de pura felicidade, quase como se uma pessoa estivesse drogada – disse ele, e depois ofereceu-se para me dar umas aulas.

Curiosamente, foi Coco quem nos desencorajou.

– Vai ocupar-lhe demasiado tempo, Addolorata, e distraí-la da verdadeira razão por que está em Veneza. E, Angelo, de certeza que já tens bastante que fazer no trabalho. Não assumas mais compromissos.

Angelo olhou para mim.

– Mas talvez nos divertíssemos, a Dolly e eu.

– Precisarias de muito mais do que um verão para a ensinar em condições – insistiu Coco. – Ninguém consegue aprender o suficiente nesse tempo.

– Discordo. Seria possível atingir um limiar com que nos sentíssemos satisfeitos. Eu conseguiria transformá-la em alguém que sabe dançar em situações sociais... talvez até mais do que isso.

– Que vaidade – disse Coco, reprovadora. – Tu és um rapaz arrogante, Angelo.

A crítica só pareceu diverti-lo.

– A autoconfiança não é o mesmo que a arrogância – lembrou ele. – De modo nenhum.

– É o que me andas sempre a dizer – disse Coco. – Mas eu não estou convencida.

– Nesse caso, vou aceitar o desafio – declarou ele.

– Mas não houve nenhum desafio – protestou ela.

– Houve sim – disse-lhe Angelo. – Disseste que eu não conseguia fazer uma coisa. Eu acredito que consigo e estou disposto a provar-to.

Coco continuou a tentar dissuadir-nos, chegando até a ficar muito insistente, mas Angelo persistiu. Com toda a conversa de pura felicidade de Coco, sentia-me tentada a experimentar. Por fim, ele foi ao andar de baixo e regressou com uma aparelhagem portátil grande e já bastante antiquada e alguns CD de música de tango.

– Começamos esta noite – declarou ele.

Demorou algum tempo a decidir-se pela faixa adequada, algo não demasiado rápido, mas também não muito lento. Eu emborquei mais um copo de vinho para arranjar coragem. E depois pusemo-nos no meio da sala, frente a frente, com Silvio e Coco a assistirem.

Primeiro, Angelo mostrou-me como transferir o peso de um pé para o outro, o que me pareceu bastante fácil. Depois aproximou-se e pegou-me nas mãos, espalmando-as contra os ombros dele.

– Agora vamos andar – disse. – E tem de tentar seguir-me.

Empurrou-me para trás, delicadamente ao princípio e depois com mais força, de modo que tive de usar as mãos para lhe resistir. De vez em quando dava-me uma instrução. «Alongue o passo. Não se encoste, mas também não curve as costas assim. Sinta com as mãos aonde vai o meu corpo. Acompanhe o ritmo da música.»

Pareceram durar uma eternidade, aqueles passos às arrecuas, com uma pausa de vez em quando para transferir o peso de um pé para o outro.

– A postura dela é boa – disse Angelo a Coco.

– Não é muito má, suponho – foi a resposta.

Uma ou duas vezes, Angelo apanhou-me de surpresa ao fazer uma pausa ou mudar de direção e eu perdi o equilíbrio ou atirei com a perna para trás.

– Não vá sem mim – disse ele, a rir-se.
– É impossível não o fazer – queixei-me. – Ainda estou a ter imensa dificuldade com esta coisa toda de o seguir.
– Aproxime-se mais de mim, então – ordenou ele. – Vai tornar-lhe mais fácil sentir para onde quero que vá.

Pondo os braços à volta do meu corpo, Angelo encostou-me a si, de modo que estávamos com o peito unido, as minhas mãos nas espáduas dele, os nossos corpos a tocarem-se. Era incrivelmente íntimo – basicamente um abraço – e eu senti-me a ficar hirta com a surpresa.

– Descontraia-se, Dolly. Está à vontade com isto, não está? Podemos parar se quiser – disse Angelo.

Eu sentia o calor almiscarado da sua pele e o vinho no seu hálito.

– Não, tudo bem – disse eu num meio murmúrio, embora não tivesse bem a certeza de estar à vontade com aquilo.

– Feche os olhos como quando estava a comer o meu *risotto* hoje ao almoço – disse ele. – Não tente dançar; esteja só comigo, confie em mim.

Fiz o que ele me pedia e juntos movemo-nos de novo pela sala. A sensação era completamente diferente da de dançar com Silvio. Angelo tinha um corpo firme e forte, não débil; conduzia-me com mais força, e, com os olhos bem fechados, quase me parecia que não poderia fazer mais nada a não ser segui-lo.

– Bom, bom – murmurava ele de vez em quando. – Está melhor.

A mim, parecia-me algo mais do que uma mera dança. Os nossos rostos quase se tocavam, o calor da pele um do outro sob os nossos dedos e o nosso abraço eram mais íntimos. Com o corpo de Angelo a pedir, o meu começou a responder, e parecia quase natural e extremamente físico. Se não fosse a música a tocar e as pessoas a verem-nos, pareceria exatamente os preliminares do sexo.

Eu começava a compreender porque é que toda a gente gostava tanto de tango.

Lista da Felicidade de Addolorata

1. Festas. Jantares animados com amigos, reuniões familiares caóticas, eventos de cerimónia, comemorações espontâneas, adoro-as a todas. Gosto de estar rodeada por muitas pessoas que estão no seu melhor e a divertirem-se imenso. Gosto que o nível de ruído aumente e toda a gente fale ao mesmo tempo, a berrar para sobrepor a voz à música. Gosto de ser a anfitriã, ou convidada, desde que seja a última a ir embora. Não tem havido um número suficiente de festas na minha vida, não ultimamente, nem de longe nem de perto...

CAPÍTULO 11

Acordei tarde e dei com pratos sujos, o lava-louça cheio de cascas de camarão e cabeças de peixe e uma fila de garrafas de vinho vazias. Acordei com a sensação de que tinha dado uma bela festa, o que sempre me agrada.

Enquanto lavava a louça, recordei a lição de tango e como me tinha deixado nervosa.

Enchi um saco do lixo com restos a cheirar a peixe e fechei-o bem fechado. Livrei-me das garrafas vazias e limpei as superfícies da casa. Acho que nunca tinha feito uma limpeza tão completa como a que fiz àquele apartamento. Pertencia a Coco e parecia-me uma indelicadeza viver no meu caos habitual. E também tinha uma energia trémula e inquieta e era a única coisa que me ocorria fazer para a gastar. Peguei em roupas de onde as tinha deixado cair e pendurei-as em cabides, varri o chão e a varanda, até a casa de banho limpei.

A vantagem de fazer limpezas é que se usa apenas uma parte minúscula do cérebro, deixando o resto livre para outros pensamentos. O meu cérebro fervilhava com eles. Pensava principalmente em Angelo e na perspectiva de mais lições de dança. Imaginei-nos sozinhos no seu apartamento, eu de olhos fechados e ele com os braços à volta do meu corpo. Visualizei-nos a dançar, mas na minha cabeça eu movia-me como Valentina na *milonga*. Imaginava até a sensação que daria: incrivelmente libertadora, um pouco excessiva e abandonada; e pensei como seria bom sentir-me assim, nem que fosse só por umas danças.

Por alguma razão, Coco tinha continuado a mostrar-se pouco entusiasmada com o nosso plano. Quando a lição terminou, abri os olhos e reparei na sua expressão contrariada. Não acompanhou Silvio nos elogios da minha tentativa. Não disse quase nada.

Os meus pensamentos saltaram do tango e fixaram-se em Coco. Ela era um tal enigma! Tínhamos passado tanto tempo juntas ao longo da última semana, faláramos sobre todo o tipo de coisas, mas os pormenores da sua vida continuavam a ser um mistério, e não porque eu não estivesse interessada. Ela tinha jeito para evitar perguntas, para voltar a conversa de novo para mim. Era uma daquelas raras pessoas, uma boa ouvinte.

Por isso, eu não fazia ideia se ela tinha sido casada ou tinha filhos, como arranjava o dinheiro para comprar uma casa como esta, qual era a história por trás da procissão interminável de homens a passarem pela sua vida.

A única verdadeira pista que ela me tinha dado era o nome Peggy Guggenheim. Apontava para um passado sofisticado, cheio de peripécias. Eu não sabia grande coisa sobre a herdeira americana, a não ser que tinha vivido no *palazzo* incrível junto ao Grande Canal que agora albergava a sua coleção de telas cobertas por borrões, o que por si só a tornava muito interessante. E Coco estava relacionada com ela.

Se pelo menos eu tivesse prestado mais atenção quando visitei o *palazzo*, mas a exposição dominou a minha atenção. Fizera-me sentir excluída, como se a arte fosse para outras pessoas, mais polidas, que compreendiam o que estavam a ver. Lancei um olhar ao quadro que Coco pendurara na parede. Não era um quadro que eu escolhesse. As mulheres nele tinham corpos artificialmente

longos, seios como ovos escalfados e nenhuns traços nos rostos. Uma criança poderia fazer aquilo.

Não tinha planeado voltar à Coleção Peggy Guggenheim, mas se lá havia uma sala inteira cheia de pinturas feitas pela amiga de Coco que de alguma maneira me tinha escapado, então talvez valesse a pena fazer outra visita para ver se havia outros quadros melhores do que este.

Era um dia fresco de primavera e eu fui a pé até lá à moda veneziana, parando para um café rápido aqui e um petisco ali, uma maneira agradável de passar um domingo de manhã. Paguei o bilhete, desta vez comprei um guia, e percorri aquela que foi em tempos a casa de Peggy Guggenheim à procura de coisas em que não tinha reparado antes.

As fotografias emolduradas chamaram-me a atenção. Estavam espalhadas pelas paredes. Nalgumas, a herdeira estava sentada nas salas que eu percorria, ao lado de peças de mobiliário que ainda se encontravam ali. Examinei-as mais de perto e apercebi-me de que Peggy Guggenheim me recordava um pouco Coco: os mesmos cães pequenos, óculos de sol extravagantes similares. No entanto, não era esta senhora que tinha sido amiga de Coco, mas a sua filha Pegeen. Por isso, continuei à procura até encontrar a sala com as suas telas de cores vivas nas paredes.

Todas me recordavam o quadro no meu apartamento: muitas flores, cenas à beira-mar e parques, as mesmas mulheres com pernas compridas e cores vivas. Expostas em conjunto num espaço assim tão pequeno, eram ofuscantes, e passei muito tempo a ir de tela em tela, a olhar para cada uma. Por fim, li uma placa na parede que condensava as linhas gerais da vida de Pegeen. Dava a ideia de que ela tinha sido uma daquelas típicas pobres meninas ricas, com relacionamentos falhados, ataques de depressão e morte prematura. Não havia nenhuma menção a Coco, mas dizia que Pegeen tinha vivido em Veneza durante algum tempo nos anos 1950.

No café da galeria havia mais fotografias a que eu não tinha prestado atenção na minha primeira visita. Davam indícios de como era a vida nesses tempos passados, pelo menos para as pessoas ricas. Tudo era elegantemente boémio, desde as indumentárias de Peggy Guggenheim até aos vislumbres da sua casa e dos barcos que a transportavam pelo Grande Canal: se Coco estava a falar verdade, então tinha-se movimentado nas franjas de tudo isto.

Sentada no jardim abrigado do *palazzo*, li o guia de uma ponta à outra. Encontrei muita informação sobre a arte e pouca sobre a família, mas havia uma fotografia com o nome de Pegeen na legenda. Nela, estava de pé ao lado de uma senhora que era indubitavelmente uma Coco mais jovem. O cabelo da minha amiga era comprido e escuro e ela era mais cheia do que agora. Tinha um copo na mão e estava a rir-se, com a cabeça atirada para trás. Era uma posição em que eu já a tinha visto.

Esfreguei a fotografia com o dedo, como se assim pudesse dar vida à cena. Uma dessas senhoras já não era viva, a outra estava velha e grisalha; mas aqui eram ambas encantadoras. O vestido de Pegeen era muito simples, o de Coco bordado com *diamanté* prateado. Deviam estar numa festa e o fotógrafo captou-as a partilharem uma piada. Elas pareciam saber que ele estava ali, embora nem uma nem a outra estivesse a olhar diretamente para a objetiva. Coco era a que se salientava, a mais bonita das duas.

– Quem és tu? – murmurei à imagem.

Nessa altura já era de tarde e decidi regressar a casa para descansar antes de me dirigir para a *milonga* ao fim do dia. Angelo tinha-me dito que não era o local indicado para aprender, mas mesmo assim eu poderia assistir ao baile e ver se conseguia aprender mais uns passos.

Ao voltar para casa, parei de vez em quando para tirar fotografias de pequenas coisas que me

chamavam a atenção: glicínia a tombar sobre um muro ocre, uma estátua de Nossa Senhora com o Menino Jesus, uma montra cheia de *biscotti* embrulhados em celofane, uma senhora com um chapéu de palha vermelho sentada nos degraus de uma igreja com um lebrél irlandês adorável ao seu lado.

O cão era tão interessante que parei para lhe tirar mais uma fotografia. Quando ergui a máquina fotográfica, a senhora olhou para cima e apanhou-me em flagrante.

– Nada de fotografias – berrou, furiosa, em italiano. – Deixe-me em paz, por amor de Deus.

E então apercebi-me de quem ela era.

– Valentina?

– Você outra vez. – Soava azeda. – Porque é que me estava a fotografar?

– Parecia tão fantástica, sentada aí – disse-lhe eu, um pouco embaraçada. – Como uma imagem de uma revista de moda. E o seu cão é lindo.

– Este é o *Boris*. – Ela transferiu o seu olhar amuado para o animal. – Embora, porque é que se daria a um cão irlandês um nome russo... porque é que se quereria ter um animal destes numa cidade como esta... não faz sentido. É como tudo o que a minha mãe faz.

– Posso fazer-lhe festas? – pedi, aproximando-me.

Ela passou-me a trela para as mãos.

– Tome, pode ficar com ele.

– Não está a falar a sério – disse eu, fazendo festas na cabeça ao cão.

– Pois não – admitiu ela. – A minha mãe adora-o. Não que ela possa trazê-lo a passear, claro; sou eu quem tem de vir com ele à rua. Como se não tivesse mais que fazer.

Boris estava sentado e encostado a mim enquanto eu lhe fazia festas. Sempre gostei de cães grandes, mas, como vivia em Londres e trabalhava muitas horas por dia, nunca tinha achado correto ter um cão.

– Eu levo-o a passear na sua vez – ofereci impulsivamente. – Vou ficar cá o verão todo. Ele pode vir comigo quando eu for explorar a cidade.

Ela pareceu ficar na dúvida.

– Não sei... A minha mãe não a conhece e pode ser uma pessoa difícil...

– Não é nada de especial. Diga-lhe só que eu me ofereci.

– Se ela a conhecesse, talvez...

– Diga que sou amiga da Coco – sugeri. – Estou a viver no apartamento dela.

– No apartamento no andar de cima? – perguntou Valentina secamente.

– Sim, arrendei-o.

– A sério? Ela recusou-se a deixar-me ficar lá quando lhe pedi.

– É só por pouco tempo – apressei-me a dizer, receando ter metido o pé na argola.

– Oh, não se preocupe, a culpa não é sua. A Coco não me aprova; já não.

– Não tenho bem a certeza porque é que ela me aprova a mim – disse-lhe eu.

Valentina riu-se.

– Eu posso dizer-lhe. Deve ser porque diz que sim; faz as coisas que ela lhe diz para fazer.

Passei em revista os últimos dias – a ida às compras e à ópera, o tango – e apercebi-me de que tinha seguido os seus conselhos a cada passo.

– É capaz de ter razão – admiti. – Tenho deixado que ela mande em mim um bocadinho.

– É claro que tenho razão. Ela é a amiga mais antiga da minha mãe. Conheço-a desde sempre.

– Então, qual é a história dela? – perguntei. – Do passado, ela mal fala sobre ele.

– Mesmo que falasse, ia contar-lhe uma coisa e a minha mãe outra muito diferente, e ambas acreditariam que o que estavam a dizer era completamente verdade.

Fiz menção de devolver a trela do cão a Valentina, mas ela abanou a cabeça.

– Está mesmo disposta a levá-lo a passear? Então, acho que devia vir conhecer a *mamma*. A casa dela fica na Strada Nuova; acompanhe-me até lá.

Valentina conhecia o caminho mais direto. Levou-nos por *calli* tão estreitas que seria possível tocar nas paredes dos dois lados ao mesmo tempo. Ela andava depressa e eu, com *Boris* a arrastar-se ao meu lado, via-me muitas vezes forçada a ficar uns passos para trás, o que tornava difícil conversarmos. Mesmo assim, sempre que tinha uma oportunidade, fazia-lhe perguntas.

– A Coco foi casada?

Valentina riu-se.

– Ela nunca fala muito sobre isso.

– Tem filhos?

– Não que se saiba.

– Então, o que é que ela fazia? Tinha um emprego?

Aquilo fez Valentina estacar.

– Um emprego? A Coco? Não, não me parece que isso fosse muito provável.

– De onde é que lhe veio o dinheiro para aquela casa linda, então?

Valentina ergueu as sobrancelhas.

– De homens, claro. De onde mais poderia ser?

Parti do princípio de que ela queria dizer que Coco tinha sido uma mulher por conta, uma amante.

– Pergunte-lhe depois de ela beber uns copos de Prosecco – sugeri Valentina quando a alcancei.

– Faça-lhe perguntas sobre os seus dias de glória.

Quando Valentina me disse que a sua mãe vivia na Strada Nuova, eu imaginei um minúsculo apartamento por cima de uma das lojas. Embora já devesse ter passado pelos portões do *palazzo* várias vezes, nunca tinha reparado nele. Estava meio escondido por um quiosque de bebidas e havia muita gente por ali a vender malas de marca de contrafação, talvez a razão por que eu não tinha visto o gradeamento de ferro forjado com um relvado por trás e a escadaria de pedra que dava acesso ao edifício imponente.

Ao princípio, pensei que a casa parecia extremamente grandiosa. Os nossos passos ecoaram no átrio amplo depois de Valentina abrir a porta. Havia mais escadas, que *Boris* galgou cheio de energia, e nós seguimo-lo, passando por lustres poeirentos e cadeiras antigas com o enchimento do estofó a ver-se, portas meio saídas das dobradiças, pinturas murais desvanecidas, paredes com brechas. Sim, em tempos devia ter sido grandioso, mas já não.

– *Mamma* – chamou Valentina. – Onde estás?

– Talvez tenha saído – sugeri.

– Duvido. Ela nunca sai.

Por fim, encontrámo-la. Estava sentada junto a uma janela que dava para a rua. Pareceu-me mais velha do que Coco, mas talvez fosse por estar toda vestida de preto ou porque tinha os ombros descaídos e levantar-se da cadeira pareceu requerer-lhe um grande esforço.

– Quem é esta? – quis saber ela, preocupada. – Eu conheço-a?

Valentina lançou-me um olhar e eu apercebi-me de que se tinha esquecido do meu nome.

- Eu sou a Addolorata, uma amiga da Coco – disse à velha senhora, estendendo-lhe a mão. – Prazer em conhecê-la.
- Ela olhou para mim, mas não me tocou na mão.
- Ah, estou a ver.
- *Mamma*, por favor apresenta-te devidamente – ralhou Valentina.
- Sou a Contessa Leonarda di Malipiero – disse ela imperiosamente.
- Valentina abanou a cabeça em desespero.
- Pode chamar-lhe Nanda – disse-me.
- Não, não pode – resmungou a velha senhora.
- *Mamma*, por favor...
- Ela pode chamar-me *Contessa* se tiver de ser. É estrangeira, *si*? Fala italiano, mas não tem boa pronúncia.
- *Mamma*, ela vai-nos fazer o favor de levar o *Boris* a passear.
- Nós não podemos pagar-lhe.
- Ela não quer dinheiro – assegurou Valentina.
- Ótimo, ótimo. – A velha senhora voltou a dirigir-se para cadeira onde se encontrava antes e sentou-se com dificuldade. – Leva-a à cozinha. Vê se a cozinheira lhe dá alguma coisa de comer.
- OK, *mamma*, está bem – disse Valentina, com mais doçura.

Via-se bem que já não havia uma cozinheira naquela cozinha há muito tempo. Uma camada espessa de poeira cobria as filas de tachos e panelas de cobre penduradas em varões na parede. Valentina serviu-nos copos de água de um jarro que tirou do frigorífico e convidou-me a sentar-me ao lado de uma mesa de mármore esbotado.

- A sua mãe está um bocadinho... bem... confusa? – Tentei encontrar as palavras certas.
- Quer dizer se ela está demente? Talvez... Não sei, ela recusa-se a ir ao médico. – Valentina soava arrasada. – Muitas vezes, pergunto-me se ela não estará a fazer fitas. A fazer de conta que a vida ainda é como era nos velhos tempos, porque isso lhe agrada. O título grandioso, o pessoal, o dar-se ares... mas depois diz qualquer coisa e torna-se claro que sabe exatamente o que se está a passar.
- Penso que é isso que acontece: a memória vai e vem.
- É claro que eu já li sobre o assunto... em centenas de *sites* na Internet. Mas o caso da *mamma* é diferente. Não é bem que se esqueça das coisas, só opta por não as ver. E ainda tem uma enorme força de vontade. Infelizmente, eu sou a única que resta em quem ela pode mandar.
- Deve ser duro – disse eu.
- Sim, é – concordou ela. – Mas se puder levar o *Boris* a passear na minha vez seria uma grande ajuda. Dava-me algum tempo para mim, para descansar e estar com amigos. E ele é obediente; não vai dar-lhe problemas.

Prometi regressar na manhã seguinte a buscá-lo. Era bom ter algo à volta do qual estruturar o meu dia. *Boris* podia ir comigo ao mercado de Rialto quando eu fosse fazer compras. Juntos, podíamos encontrar parques e espaços verdes, locais na sombra ao ar livre onde parar para tomar um café. Ter um cão abrir-me-ia toda uma nova Veneza. Far-me-ia parecer e sentir que realmente pertencia ali.

- Diga à Coco que mando cumprimentos – disse Valentina quando me acompanhou a uma saída

lateral. – Diga-lhe que venha visitar a *mamma* mal possa. Não se esqueça.

– Não vamos vê-la hoje à noite na *milonga*? – perguntei.

– Se não estiver demasiado cansada, talvez apareça depois de acabar de trabalhar. – Valentina franziu a testa. – Mas, como ultimamente ando sempre cansada, duvido.

Pensei na *Contessa* e no seu *palazzo* degradado no caminho para casa. Parecia uma pena deixar arruinar um edifício assim tão incrivelmente antigo. E para onde tinha ido a mobília toda? Não havia quadros nas paredes, nem tapetes no chão ou cortinados nas janelas; não havia prateleiras com livros; não havia grande coisa para além de algumas cadeiras com um aspeto desconfortável. Viverem ali, só as duas, com todas aquelas salas vazias, devia ser assustador, mas, se a velha senhora estava a perder o juízo, suponho que Valentina não tinha outra hipótese. Ela era uma pessoa bastante crispada, e eu começava a ver porquê.

Nas escadas a caminho do meu apartamento bati à porta de Coco, mas levemente, para o caso de ela estar a dormir. Como não tive resposta, encaminhei-me para a minha cama com planos para fazer o mesmo.

Há algo de extremamente decadente numa sesta à tarde. Correr as persianas e afundar-se entre os lençóis, deixar que o sono nos domine embora o dia esteja longe de ter acabado. Quando estou cansada, consigo adormecer numa questão de minutos, mas naquela tarde não foi assim tão fácil. Tinha a cabeça cheia de novas pessoas e de novos lugares; às voltas com pensamentos. Depois, lembrei-me das pessoas que tinha deixado em casa – da minha filha e do meu marido a viverem as suas vidas sem mim. Talvez fosse por ter presenciado a dedicação de Valentina para com a sua mãe, mas de repente senti-me totalmente egocêntrica. Andava preocupada com a minha felicidade. E a dos outros todos?

Realmente não queria sentir-me culpada, mas até eu via que o que estava a fazer era um verdadeiro ultraje. A maior parte das mulheres que conhecia nunca sonharia sequer fazer algo que se assemelhasse. Dedicavam-se à família, estavam habituadas a pôr-se em segundo lugar, aceitavam que as suas vidas ocupadas estavam cheias de pequenos sacrifícios. Durante muito tempo, eu tinha tentado ser assim, e por fim toda a gente estava infeliz – eu, Eden, possivelmente até Katia. Tinha de haver uma maneira de mudar as coisas para que todos nos sentíssemos melhor e encontrássemos mais alegria na vida. No entanto, por muito que pensasse no assunto, às voltas na cama que ainda me era estranha, não conseguia começar a ver como.

Infelizmente, aquela era uma sesta que não estava a operar a sua magia. Desistindo de dormir, pus um xaile pelas costas e fui sentar-me na varanda. O dia estava a aquecer; o fim da primavera dava lugar ao princípio do verão. À minha frente, espriavam-se dias cheios de sol. Aqui havia possibilidades sem fim, em casa só problemas. Talvez eu me tivesse sentido culpada, mas não ia voltar. Ainda não.

No andar de baixo, ouvi o estalido de estores a serem subidos.

– Coco, é a senhora? – chamei, debruçada da varanda.

– *Si, cara* – chegou-me a voz dela.

– Quer vir cá acima fazer um almoço tardio? Tenho uns bocados de queijo e salada aqui.

– Traga-os cá para baixo, para o jardim. Está uma tarde linda. Podemos fazer um piquenique.

Levei uma travessa com queijo Asiago, um salame *sopressa* apimentado, pão estaladiço e azeitonas e fui dar com a mesa posta por ela com louça antiga desirmanada e uma jarra de cristal

com flores acabadas de colher. Sentámo-nos as duas; eu ainda com o xaile e o cabelo preso no cimo da cabeça, Coco de roupão e sonolenta. Servi copos de água fresca com gás aromatizada com um pouco de Angostura e ela foi bebendo uns goles enquanto dava pedacinhos de salame aos seus cãesinhos.

– Hoje de manhã voltei à Coleção Guggenheim para ver as pinturas da sua amiga Pegeen – disse-lhe.

– Ah, sim – disse Coco.

– Encontrei uma fotografia da Coco no guia que comprei. Estava numa festa com ela.

– Houve tantas festas.

– Nesta estava com um vestido coberto de lantejoulas.

– Um vestido branco? – Agora parecia mais alerta. – Bastante decotado?

– Sim, era isso.

– Era um dos meus favoritos. O que será que foi feito dele?

– Lembra-se da festa?

Ela franziu a testa.

– Usei esse vestido uma vez numa receção muito elegante no Gritti Palace. Acho que a Pegeen estava lá, mas talvez estivesse em Paris... ou em Londres... não tenho a certeza.

– Como a conheceu?

– Através de uma pessoa amiga.

– Um homem? – tentei adivinhar.

Ela estava a olhar em frente, meio perdida nas suas recordações.

– Acho que ele pensou que eu poderia ajudá-la. E tentei, mas ela precisava de mais do que a minha ajuda.

– Dá a ideia de que ela passou por momentos tristes.

– A vida pode ser triste, se permitirmos que o seja. – Coco lançou-me um olhar. Mordiscou um quadrado de queijo, partiu-o a meio e ofereceu uma parte aos cães. Eu aguardei, com a esperança de ouvir mais, mas o silêncio dela manteve-se.

– Conheci outra das suas amigas hoje – disse eu. – A mãe da Valentina.

Coco pareceu ficar surpreendida.

– Pobre Nanda, como é que ela está? Da última vez que a vi parecia muito cansada.

– Não está lá muito bem, acho eu. A Valentina disse que a Coco devia ir visitá-la logo que possa.

Coco suspirou, mas não respondeu.

– Ela ia às festas consigo e com a Pegeen? – perguntei.

Ela abanou a cabeça.

– Não a essas festas, não. A Nanda pertencia a um mundo diferente.

– Mas a família dela era rica, não era? – persisti. – Ela é uma *contessa* genuína?

– O título quer dizer muito pouco nos dias que correm, mas ela é de uma família nobre. Não rica, no entanto, há muito tempo que não. O dinheiro que havia era do marido.

– O que é que ele fazia?

– Era fabricante de vidro.

– Oh, sim, lembro-me de a Valentina dizer que a família dela tem um museu de vidro em Murano. É isso, não é?

Coco acenou com a cabeça. Estava de novo a olhar em frente. Ao fim de alguns momentos, virou-

se para mim.

– Detesto ir visitá-la. Tudo me entristece: o *palazzo* degradado, o estado lastimável em que se encontra a Nanda, a confusão em que se meteram. É por isso que não tenho ido lá.

– A Valentina acha que é porque a Coco a reprova.

– Ela disse-lhe isso? – Coco soava abismada. – Eu devia ir lá, eu sei, mas nunca há um dia em que acorde e decida que é a coisa que quero fazer.

– Eu ofereci-me para levar o cão delas a passear – disse eu. – Começo amanhã de manhã. Podia vir comigo e sentar-se com a *Contessa* enquanto eu estiver na rua... Bem, se conseguir encontrar onde se sentar. Onde é que elas têm a mobília toda, afinal?

– Venderam-na, suponho, como tudo o que valia alguma coisa.

– Estão falidas?

– Se ainda não estão, não tarda muito.

Coco fechou os olhos, parecendo embrenhada nos seus pensamentos.

– Pobre Valentina – disse eu. – Não admira que ela tenha de ter aqueles empregos todos.

Abrindo os olhos de novo, Coco declarou:

– Eu vou. Não amanhã, mas em breve, muito em breve. Prometa-me só que fazemos alguma coisa encantadora para me animar a seguir. Vamos tomar uns *cocktails* ao Gritti Palace, sim? Vestimos umas roupas lindas e vamos ver americanos ricos. Talvez então eu me lembre da festa e do que fiz àquele vestido.

A maior parte das pessoas mal pode esperar para nos falar de si ou bisbilhotar sobre os amigos; não precisam de encorajamentos. Coco era de uma descrição frustrante. Uns farrapos, era tudo o que me tinha dado, completamente fascinantes, mas não o suficiente para os juntar e transformar numa história em condições.

Tentei pensar em maneiras de lhe sacar mais informações. Se a fizesse despachar uns quantos *cocktails* na esplanada do Gritti Palace e a levasse a falar sobre aquelas festas, talvez então ela me contasse mais coisas sobre os seus dias de glória.

Lista de Felicidade de Addolorata

2. Sestas à tarde (das realmente boas). Esquecer todas as coisas horrorosas que tenho de fazer, fechar os olhos e deixar que a sonolência se apodere de mim, mesmo que seja só por uns vinte minutos roubados ao dia, e depois acordar numa casa em silêncio e beber uma chávena de chá. Uma maravilha.

CAPÍTULO 12

A*milonga* de domingo à noite realizou-se no pátio de um velho *palazzo* que tinha sido transformado em hospedaria. Embora estivéssemos entre as primeiras pessoas a chegar, Silvio tinha-se antecipado, e cumprimentou-me como se eu fosse uma velha amiga, encostando a face à minha e inundando-me com elogios.

– Um serão tão maravilhoso... e a comida! Uma refeição caseira é uma raridade para mim. Tenho andado a pensar nela todo o dia.

– A sério, foi um prazer – murmurei. – Temos de repetir em breve.

Ele continuou a tecer louvores ao que tínhamos comido, mas eu estava distraída, a perguntar-me se Angelo já ali estaria, meio escondido pela *loggia* no outro lado do pátio. Tinha passado muito tempo a pensar na nossa lição de dança de imprevisto, a tentar compreender como me tinha feito sentir. Havia uma tal proximidade no tango, tanta força e ternura também. Tinha sido perturbante, excitante e novo.

Têm de compreender que eu não tinha tido muita experiência. Era uma inocente quando conheci Eden. Claro, tive uns namoricos na adolescência, mas ele era o único homem com quem eu estive de facto. Isso nunca me incomodou. Tinha visto as minhas amigas rodarem por uma série de amantes sem me sentir invejosa ou tentada a seguir-lhes o exemplo, porque eu pertencia-lhe a ele. Agora, era Eden quem ameaçava mudar essa situação, não eu. Sentia-me furiosa e magoada, claro, mas acima de tudo só. Quem é que eu seria sem ele?

O tango tinha-me ajudado a esquecer, pelo menos temporariamente. Talvez fosse o facto de ter de me concentrar tanto, mas parecia mais do que isso. Algo na ligação, no esforço para sentir com as palmas das mãos para que lado o meu parceiro queria que eu me movesse, o estar com outra pessoa tão completamente, o reconforto do nosso contacto. Se Angelo tinha falado a sério ao dizer que me ensinaria, talvez eu aceitasse a sua oferta, por mais desencorajadora que Coco tivesse sido.

Olhando à minha volta, encontrei vários outros rostos familiares, mas não o dele. Marcello, o amigo de Coco, chegou; dois casais que eu recordava daquela primeira *milonga* no *campo* começaram a dançar juntos e outros vieram juntar-se-lhe. Eu mantive-me à margem, a assistir e à espera.

Já há muito tempo que não tinha uma sensação de expectativa perante a perspectiva de ver um homem. Quando conheci Eden, ele andava a fazer obras no novo apartamento da minha amiga Rosie e eu comecei a visitá-la regularmente com desculpas esfarrapadas. Ia lá para ver como avançavam as coisas, para comemorar cada marco com ela ou simplesmente para lhe fazer companhia.

Não que conseguisse enganar Rosie; ela sabia exatamente porque é que eu ia a casa dela. Mas Eden, com as suas jardineiras de ganga coçadas, as suas rastas balouçantes e o cinto das ferramentas à cintura – o lindo, atraente Eden – demorou uma eternidade a reparar sequer em mim. As paredes ficaram prontas, os caixilhos podres das janelas foram substituídos, o apartamento estava renovado e ele continuava a não dar sinal de interesse.

Por fim, vi que as obras estavam quase acabadas e, em pânico, convidei-o para tomar uma

bebida. Foi assim a partir desse momento: era eu quem fazia todos os esforços e ele aceitava-os com toda a calma. A sensação que eu sempre tinha tido, a expectativa, esperar por ele em bares, de pé em átrios de teatros e de cinemas, à entrada de estações do metro à procura do seu rosto na multidão... Não conseguia lembrar-me de quando tinha deixado de ser assim em relação a ele. Mas sabia que havia ocasiões agora em que parava na cancela de nossa casa sem vontade nenhuma de entrar. Ocasões em que ele me ligava para o telemóvel e eu não atendia.

Quando ouvimos música de tango descobrimos que ela se adequa ao nosso estado de espírito. Se quisermos achar que é deprimente conseguimos, mas pode também facilmente ser espiritual, apaixonada ou extasiante. Para mim, nessa noite, a música não tinha nenhuma beleza. Irritava-me, recordava-me que o tempo estava a passar; punha-me os nervos em franja; era implacável. Via as pessoas a dançarem, esperava que Angelo chegasse e não sentia mais nada a não ser tristeza.

Já estava bastante escuro e havia velas acesas em cima das mesas dispostas à volta da pista de dança. Recuei para a sombra da *loggia* e vi Coco nos braços de Marcello. Dançavam o tango de uma maneira leve; ele fazia-a rodopiar e ela ria-se. Pareciam muito descontraídos juntos.

Vi como Coco moldava o corpo à música. Dançar assim, quase descuidadamente, não ter de pensar em cada passo; ter tal equilíbrio e postura, tal controlo e, no entanto, também paixão – parecia-me ser essa a essência do tango. Desejava vivamente ser capaz de o fazer eu própria.

E então senti um toque ligeiro no ombro.

– Dolly – disse Angelo em voz baixa.

– Olá. – Virei-me. – Há quanto tempo estavas aí?

– Não há muito.

Estava demasiado escuro debaixo da *loggia* para ver a expressão do seu rosto.

– Estás bem? – perguntei.

– Sim, mas hoje não me apetece estar aqui. É um tédio; todos os domingos a mesma música, as mesmas pessoas. Vamos a outro sítio.

– Agora?

– Sim, agora mesmo. Só tu e eu.

– OK, vou-me despedir da Coco.

– Não. – Prendeu-me a mão na sua. – Não a incomodes. Segue-me só. Ela não quer saber; está ocupada a dançar.

– Mas...

– Segue-me.

Puxou-me pela sombra, a afastar-me dos dançarinos e da música, para fora do *palazzo*. Andava depressa, mesmo ao longo das *calli* movimentadas. Não se virou para trás nem falou; limitou-se a segurar-me a mão e a puxar-me atrás de si.

Quase a corríamos agora, a abrir caminho por entre os turistas, subindo e descendo pontes, passando por lojas e igrejas e sítios que vendiam *pizza* à fatia.

– Angelo, aonde é que nós vamos? – perguntei, mas ele não respondeu.

Passámos a toda a pressa por baixo de outra *loggia* e saímos para a vastidão da Piazza San Marco. Estava cheia de pessoas e de ruído, com as orquestras dos cafés a competirem pela atenção.

– Angelo, para. – Eu estava sem fôlego. – Aonde me levas?

Ele virou-se para mim e a sua expressão pareceu-me severa.

– Dolly, tens de aprender a seguir-me. De outro modo, não vamos a lado nenhum.

Eu fitei-o, indecisa. Por fim, ele sorriu.

– Vamos ao Caffè Florian. A banda de um amigo meu está a tocar música de tango lá e nós vamos dançar.

– Mas, Angelo, eu não posso, não aqui em frente a estas pessoas todas; sou uma principiante absoluta.

– Então eu danço para ti. *Vieni, vieni*, não podemos perder a música.

Entre os pilares altos com cortinados brancos havia um palco onde tocava uma banda. Só metade das mesas que o rodeavam estava ocupada, mas para lá delas tinha-se juntado uma multidão para ouvir a música de graça. A mim, o som pareceu-me imediatamente familiar: o trinado das cordas e o chamamento do clarinete, os tons únicos do instrumento semelhante a um acordeão a que chamam *bandoneon*. Eu só estava em Veneza há uma semana, mas já me dava a sensação de ser a banda sonora da minha vida ali.

– Pronta? – Angelo agarrou-me e segurou-me.

– Não – protestei.

– Mas sabes o que tens de fazer?

– Seguir – respondi. – Só seguir.

Angelo riu-se.

– Estás a ver, ainda há esperança para o teu caso.

Enlaçou-me e encostou a face à minha, fazendo-me transferir o peso de um pé para o outro até eu me encostar a ele de um modo relaxado. A seguir, mandou-me pôr uma mão no seu ombro e encostar a palma da outra à dele. Ali, à margem de um semicírculo de mesas, começámos a dar uns passos juntos. Ele não parecia importar-se com quem estava por ali; devia saber que as pessoas se afastariam do nosso caminho. Deu uns passos, fez-me rodopiar e eu segui-o. No palco, alguém cantava em espanhol, mas eu sentia a atenção de Angelo concentrada inteiramente em mim. Era intimidante e de certo modo espantoso também.

Foi então que me esqueci de mim. Já não era a Addolorata, a *chef* de cozinha esgotada, a mãe de uma menina, a solucionadora de problemas, a que apanhava o que os outros deixavam cair. Não era irmã ou filha ou mulher de alguém. Estava numa *piazza* inundada com luz. Seguia Angelo, tocávamo-nos e a sensação era muito boa.

A Piazza San Marco poderia parecer o local de Veneza que está sempre cheio de movimento, mas posso dizer-vos que não é assim. Mais tarde, as multidões desaparecem e os cafés esvaziam-se; os turistas vão para os seus hotéis, com os pés doridos depois de um dia a calcorrear as *calli*, os vendedores de rua desaparecem também, a música para, as cadeiras e as mesas são arrumadas. Isso não faz com que paremos de dançar, no entanto, não se é essa nossa disposição e o nosso par não admite estar cansado.

Não estava uma noite quente, mas os nossos corpos tinham calor neles. Fazíamos a nossa própria música, como Coco e Silvio em tempos, passando a dançar pela torre do sino e ao lado do Palácio do Doge até às margens do Grande Canal. Dançámos até eu sentir os pés pisados e os ombros doridos. Dançámos quando todas as outras pessoas já dormiam e não havia viva alma para nos ver. Continuámos até Angelo decidir que chegara o momento de parar.

Segurou-me o rosto entre as mãos.

– Bom – disse. – Muito melhor. Tens algum talento para isto, acho eu.

Baixei as pálpebras e encostei a testa à dele.

– Obrigada.

Durante uns minutos ficámos assim juntos, a respirar ao mesmo ritmo, até Angelo me soltar e recuar.

– Esta noite, o que eu queria era que tivesses a sensação do que pode ser o tango. Por isso é que te trouxe aqui. Então, agora queres aprender em condições?

Cruzei os braços sobre o peito. Não tinha dúvida nenhuma. – Sim.

– Vai ser árduo, frustrante por vezes, e eu posso ser bastante duro contigo – avisou-me. – Tens de ter a certeza.

– Tenho a certeza – assegurei.

– OK, então amanhã à noite vem a minha casa. – Deu-me a morada e tocou na testa a fazer-me continência, na brincadeira. – Até lá, *buona notte*.

Deixada ali no escuro sozinha, fiquei um pouco chocada. Pensara que Angelo me acompanharia ao meu apartamento, mas ele deu meia-volta e afastou-se, não esperando desta vez que eu o seguisse.

Acabei por conseguir encontrar um táxi do canal para me levar a casa. Abriu caminho pelas águas escuras do Grande Canal, pelas luzes dos *palazzi* refletidas nelas, passando por gôndolas atracadas e cobertas para a noite a vogarem na ondulação que deixávamos à nossa passagem.

Não me apetecia dormir, embora estivesse cansada. Já no apartamento, envolvi-me em mantas e sentei-me na varanda, a escutar o silêncio. Dormitei até ouvir um coro delicado de aves. Fui buscar uma chávena de café, levei-a para a varanda e voltei a envolver-me nas mantas para me manter quente.

Uma chuva miudinha caía sobre o canal e a luz da manhã estava enevoadada. Se não tivesse feito a promessa precipitada de ir passear o cão da *Contessa*, talvez tivesse ido para a cama com um livro para evitar completamente o dia.

Em vez disso, acabei de tomar o café e fui batalhar com a temperatura imprevisível do duche. Vesti umas calças de ganga e calcei uns sapatos rasos, cobri o cabelo com um boné, enfiei o blusão de ganga e descí as escadas do prédio. Como não havia sinal de vida no apartamento de Coco, não me dei ao trabalho de bater à porta para lhe desejar um bom dia. Esperava que ela não ficasse muito zangada comigo por eu ter saído da *milonga* na noite anterior sem me despedir.

Parei pelo caminho para comer um brioche e tomar um café, e quando cheguei ao *palazzo* a chuva miudinha transformara-se em chuva a sério. Subindo os degraus a correr, bati à porta e ao fim de uns minutos Valentina veio abrir.

– Não tinha a certeza se viria – disse ela, olhando para o tempo desagradável lá fora.

– Não me incomoda muito molhar-me, desde que o *Boris* não se importe.

Ela foi buscar uma trela e uma toalha velha para eu secar o cão quando voltássemos e depois deu-me uma chave para eu entrar sem ter de tocar.

– Vou fazer um turno na livraria Acqua Alta hoje de manhã. Passe por lá se estiver por aquelas bandas.

– Não sei bem aonde vou. Talvez não longe nesta primeira manhã.

O cão abanava a sua longa cauda e olhava de Valentina para mim como se compreendesse o que estávamos a dizer.

– Qualquer passeio é bom no que diz respeito ao *Boris* – disse-me ela.

Ao sairmos, olhei para trás e pareceu-me ver a *Contessa* a fitar-nos de uma janela no andar de cima, uma sombra escura por trás dos painéis de vidro. Era difícil imaginá-la como amiga íntima de Coco. As duas senhoras pareciam o mais diferentes que era possível ser-se.

Boris puxou-me pela Strada Nuova abaixo, aparentemente sabendo bem para onde ia. Deixei que nos dirigisse durante algum tempo. A chuva estava a encharcar-me o blusão e eu invejei aos turistas as suas feias capas de plástico. Quando estava a pensar voltar para trás, *Boris* mudou de direção, puxando-me ao longo de um canal e depois por uma travessa que dava para um parque escondido rodeado por *palazzi*.

Era um espaço surpreendentemente grande, cheio de árvores altas e sebes aparadas, bancos de madeira e um pequeno parque infantil. Num relvado molhado, havia pessoas a atirarem bolas para cães de todas as formas e tamanhos as irem buscar. Soltei *Boris*, esperando que ele voltasse quando eu o chamasse, e ele foi a trote juntar-se aos outros cães. Várias pessoas pareciam conhecê-lo. Diziam o seu nome e faziam-lhe festas na cabeça; desejaram-me *buongiorno* em voz alta. Suponho que deveriam estar a perguntar-se o que teria acontecido a Valentina.

Deixei-me ficar debaixo de uma árvore enquanto *Boris* encontrou um ramo partido e começou a brincar com um *labrador* e a seguir correu às voltas entusiasticamente com um grupo de outros cães. Finalmente, veio sentar-se aos meus pés, a ofegar, e deduzi que já tinha a sua conta e estava pronto para ir embora.

Quando nos dirigíamos de volta ao *palazzo*, a calçada cinzenta da Strada Nuova continuava brilhante com a chuva e os turistas ainda andavam embrulhados nas suas capas de plástico. O tempo não dava sinais de melhorar e até mesmo *Boris* tinha a cauda metida entre as pernas. Amanhã, se o tempo estivesse seco, poderíamos ir mais longe, mas este dia parecia mais próprio para nos abrigarmos.

A *Contessa* estava lá, de pé junto à janela, à nossa espera. Afastou-se quando eu me apressei a percorrer o caminho até à porta da rua. Abri-a e disse um *buongiorno* delicado em voz alta, mas não tive resposta. Depois, enquanto estava a secar o cão encharcado com a toalha que Valentina deixara, ouvi uma voz que vinha de algures no andar de cima.

– *Signora*, está toda molhada. Suba e traga o meu *Boris*.

Eu teria preferido ir para casa tirar a roupa de ganga ensopada, mas, como não queria que a *Contessa* me achasse mal-educada, subi as escadas e percorri as salas e os corredores vazios até a encontrar.

Mais uma vez, ela estava vestida de preto da cabeça aos pés, mas hoje trazia também um colar, um fio comprido de prata com um pedaço espantoso de vidro colorido pendurado.

– Esta chuva, esta terrível chuva – queixou-se ela. – Tire o blusão, venha aquecer-se.

O velho *palazzo* cheio de correntes de ar não parecia oferecer grandes oportunidades de uma pessoa se aquecer, mas mesmo assim eu sorri e agradei-lhe.

– Oferecia-lhe um chá, mas não sei onde se meteu o pessoal todo – disse ela, quezilenta.

Fitei os olhos de um cinzento baço da *Contessa* e pensei que ela parecia ansiosa.

– Eu posso fazer chá – sugeri. – Sei onde fica a cozinha.

– Que bondade a sua – murmurou ela. – Tomamo-lo na minha saleta. É mais aconchegado lá, acho eu.

Fiquei a vê-la subir mais um lanço de escadas, com *Boris* a segui-la, e depois dirigi-me para a

cozinha, onde procurei em armários cheios de utensílios de cozinha antiquados até encontrar um bule, chávenas e um tabuleiro. Como não havia chaleira elétrica, fervei água num tacho, encontrei chá num armário por cima do lava-louças e leite no frigorífico. Até consegui encontrar um pacote de *biscotti*.

Levei tudo para o andar de cima, espreitando para todas as enormes salas até encontrar uma mais pequena cheia de cadeiras de costas altas e suavemente iluminada por candeeiros de pé.

– *Contessa*?

– Sim, estou aqui. Pouse as coisas do chá na mesa. Isso mesmo. Não se importa de servir?

Bebeu sequiosamente o chá e quando lhe ofereci o prato com *biscotti* pegou em vários ao mesmo tempo.

– Ninguém me trouxe o pequeno-almoço hoje de manhã. – Soava resignada. – Esperam que o faça eu, sabe?

Quando conheci a *Contessa*, achei que ela quase poderia passar por avó de Valentina, mas agora via que eram as roupas que usava e a maneira como se movimentava que a faziam parecer mais velha. O seu corpo era como um tronco, tinha os tornozelos inchados e o cabelo grisalho, mas a pele parecia macia e o rosto sem rugas. Era certamente mais nova do que Coco.

– Quer mais chá? – perguntei, e ela estendeu-me a chávena sufregamente.

– Sabe fazê-lo bem. Mas é inglesa, não é? A minha filha disse-me isso. Disse que a senhora conhecia a Coco.

– Estou a viver no apartamento dela – disse eu.

A *Contessa* acenou com a cabeça.

– Sim, foi o que ouvi dizer. Ela ainda tem um jardim bonito? E os quadros todos nas paredes, ainda lá estão? Há muito tempo que não a visito, há anos e anos.

– A Coco está a pensar vir cá visitá-la. Numa destas manhãs, muito em breve, acho eu.

– Ela promete, mas nunca vem. – A *Contessa* soava terra a terra. – Discutimos na última vez que a vi, talvez seja essa a razão.

– Ela não mencionou isso...

– A Coco pensa que ela é que sabe em relação a tudo. Fica impaciente, e depois discutimos. – Os seus olhos cinzentos arregalaram-se e fitaram os meus. – Não é nada justo. Eu nunca a julguei como outras pessoas fizeram. Porque é que ela havia de me julgar agora?

– Não sei – disse eu, com a esperança de ouvir mais pormenores.

A *Contessa* olhou fixamente para dentro da sua chávena vazia.

– Continuo com muita fome – resmungou. – Não se importa de ir lá abaixo perguntar quanto tempo mais tenho de esperar pelo almoço? Isto não é satisfatório, diga-lhes isso.

– OK. – Delicadamente, tirei-lhe a chávena da mão e pu-la no tabuleiro. – Eu vejo o que posso fazer.

Havia alguma comida na casa. Encontrei ovos, *pancetta* e um triângulo de queijo parmesão no frigorífico, massa e azeite no armário, o suficiente para um *spaghetti alla carbonara*. Limpei o pó a uns tachos e pus mãos à obra.

Claramente, era uma cozinha onde em tempos se tinham preparado grandes banquetes. Havia pilhas de copos de vinho, múltiplas travessas e pratos, panelas enormes e tabuleiros de forno fundos. Devia ser muito movimentada nos tempos em que tinham pessoal, mas dava uma sensação de solidão agora, ali a cozinhar em silêncio.

De qualquer modo, a *Contessa* mostrou-se agradecida pela refeição. Inclinou a cabeça sobre a tigela e comeu o esparguete com apetite.

– Isto está muito bom, perfeitamente *al dente*, e a *pancetta* está crocante. Há uma nova cozinheira?

– Sim, acho que sim.

– Ninguém mo mencionou – queixou-se ela.

– Estava a falar-me sobre a Coco – recordei-lhe.

– Ah sim, o que estava a dizer?

– Como as pessoas a julgavam.

– Ah, sim, foi um período mau, pobre Coco. De qualquer modo, que mais é que ela podia esperar?

– O que é que ela fez?

A *Contessa* enrolou esparguete à volta do garfo e suspirou. – Pobre Coco – repetiu.

Manteve-se em silêncio enquanto acabava de comer a massa. Quando o prato estava quase vazio, estendeu-o a *Boris*, que lambeu os últimos vestígios de comida e depois pousou a cabeça no seu regaço para que ela lhe fizesse uma festa. Ela sorriu-lhe com carinho. Penso que talvez se tivesse esquecido de que eu estava ali, porque, quando ergueu os olhos, pareceu sobressaltada ao ver-me sentada no cadeirão em frente a ela.

– Ah, é a senhora – disse ela, recuperando do choque. – Antes de se ir embora, por favor diga à cozinheira o quanto apreciei o almoço. Diga-lhe a ela... diga-lhe a ela... É uma mulher, não é?

Acenei que sim com a cabeça.

– Diga-lhe que eu gostaria de falar com ela sobre a ementa para a semana. É assim que gosto de fazer as coisas aqui.

– Certo – disse eu, sem saber bem como lidar com aquilo.

– E vejo-a amanhã, para o passeio do *Boris*? Ótimo, ótimo. Graças a Deus que a minha filha arranjou quem a ajude. Tem sido muito difícil ultimamente.

A chuva tinha-se transformado num chuveiro mais suave quando saí do *palazzo* e havia mais uma grande enxurrada de turistas embrulhados em plástico inundando a Strada Nuova. Ainda tinha as calças húmidas e precisava de ir a casa mudar de roupa. No caminho, vi cães por toda a parte. Muitos pequenos e fofinhos, alguns de perna comprida em longas passadas, cães de raça e rafeiros; a passearem ao longo das *calli*, orgulhosos à proa de barcos, a trotarem por pontes ou a olharem de varandins de jardins em socacos. Eu nunca tinha realmente reparado neles antes; agora, graças a *Boris*, tinham-se-me aberto os olhos. Fazia-me sorrir vê-los: cidadãos de Veneza tanto como qualquer uma das pessoas que viviam aqui, a correrem em liberdade sem medo de carros a alta velocidade.

Em criança, eu moía o juízo aos meus pais para eles me darem um cão no Natal, mas eles diziam sempre que não e mantiveram-se firmes. Vivíamos em Londres, numa casa encafuada numa banda de casas em Clerkenwell, com o seu pequeno jardim inteiramente ocupado pela horta do *papa*. Não havia espaço para um cão, tempo para o levar a passear nem tolerância para com os estragos que ele pudesse causar. A minha mãe propôs-me animais de estimação mais pequenos: um *hamster*, um aquário com peixinhos vermelhos, por fim até um gato, mas eu mantive-me na minha. Se não podia ter um cão, então não queria nada.

Quando saí de casa e fui viver com Eden, podia ter arranjado um cão. Mas Londres não é uma cidade onde se veja com bons olhos que os cães durmam à porta das lojas ou se enrosquem debaixo de mesas de café. E eu comecei a ter muito que fazer e esqueci a ideia. Ela ficou na minha infância, juntamente com vestidos cor-de-rosa de princesa e canetas de ponta de feltro, chupa-chupas e desenhos animados da Disney. Poderia ter comprado um cão pequeno para Katia, mas ela nunca pediu. Bastavam-lhe as suas tartarugas e os seus ratinhos. Não era o sonho de mais ninguém, só meu, e eu tinha desistido dele.

Agora passava por *Jack Russells* de pelo comprido com focinhos farfalhudos, *poodles* miniatura com cortes de «cabelo» chiques, cães brancos com manchas pretas, cães mais pequenos com focinhos achatados. De cada vez, sentia um pequeno acesso de afeto, um enlevo que era quase físico, um momento sentimental de grande *aaah*.

Lista de Felicidade de Addolorata

3. Cães – idealmente, cães grandes, como o *Boris: Grand Danois*, cães da Terra Nova. Mas pequenos com focinhos marotos, *spaniels* que parecem pantufas, até mesmo aqueles minúsculos que se podem trazer na mala... todos eles me fazem feliz. Desde que não se fartem de ladrar histericamente... Não suporto latidos histéricos.

CAPÍTULO 13

Coco estava zangada comigo. Eu deveria ter adivinhado que isso poderia acontecer quando desapareci da *milonga* com Angelo na noite anterior sem me despedir. Agora, ela estava a fazer-me sofrer.

Ao princípio, ignorou as minhas pancadas na porta do seu apartamento. Quando eu persisti, dando uma saltada ao andar de baixo a cada quinze minutos para tentar de novo, cedeu o suficiente para me deixar entrar, mas decidiu castigar-me com uma conversa forçada. Cada pergunta que eu fazia recebia pouco mais do que um monossílabo em resposta. Como é que ela estava hoje? Ótima. Tinha-se divertido na noite passada? Sim. O que ia fazer hoje? Nada. Era como lidar com a minha filha nos seus acessos de grandes amuos.

Quando Katia está a comportar-se assim não vale a pena tentar animá-la. Encontrar algo que lhe desvie a atenção é a única coisa que resulta. Coco era uma senhora de idade, mas eu suspeitava que talvez fosse como a minha filha. Olhei para ela, perguntando-me o que a faria esquecer o seu mau humor.

Estava de novo elegantemente vestida, com um roupão diferente, este de um azul forte com fios prateados. Nos pés trazia uns chinelos de seda bordados que eu nunca tinha visto. Quem sabia quantos mais pares de sapatos e conjuntos extraordinários ela não teria encafuados naquele pequeno apartamento?

– Coco – disse eu, subitamente inspirada. – Mostra-me o seu guarda-fatos?

– O quê?

– As suas roupas, gostava de olhar para elas todas. Adoro ver o que escolheu vestir todos os dias. E seria uma maneira divertida de passar uma tarde de chuva.

– Bem, não sei... – Ela lançou um olhar pela janela. Lá fora, a luz era suave e cinzenta; as vidraças estavam salpicadas de gotas de chuva. – Suponho que poderia ser interessante para si. Todas as minhas peças de roupa têm uma história, sabe? Algumas, já as tenho há muito tempo.

– Ainda lhe serve tudo?

– Sim, claro, eu sempre tive cuidado com a linha.

– Então ainda consegue usar todas as peças? – Eu sentia inveja.

– Todas sem exceção. – Emproou-se um pouco. – Na verdade, sou muito mais delgada agora do que era em nova.

– Quem me dera poder dizer o mesmo.

– A Addolorata é cozinheira; é mais difícil para si – disse ela generosamente. – Para mim, as roupas são mais importantes do que a comida. A maneira como me visto dita o resto do meu dia. O meu estado de espírito é afetado pelo comprimento da saia que visto ou pelas cores ou estilos; muda tudo.

– A sério? Como?

– Bem, de calças sinto-me eficiente, por exemplo. Com um vestido cor-de-rosa, sinto-me feminina, numa peça de seda, sofisticada, com cores vivas sinto-me feliz. Quando estou com as

roupas certas, sinto que não tenho muita idade. Ainda consigo fazer voltar cabeças. Pelo menos, é o que penso.

Então, tinha resultado. O mau humor de Coco estava esquecido. Eu não pude evitar um sorriso.

– Parece-lhe divertido? – perguntou ela.

– Não, acho que é maravilhoso – admiti. – Nunca me tinha dado conta de que uma peça de vestuário pode ser assim tão importante.

– Tem de ser a peça certa. Venha, eu mostro-lhe.

O guarda-fatos de Coco enchia um quarto. Encostada a uma parede havia uma cama de solteiro, que, deduzi, era onde ela dormia, mas estava encafuada ao lado de varões cheios de vestidos, prateleiras com pilhas de chapéus, malas, carteiras e *écharpes*, filas de sapatos, caixas de joias.

– É tal e qual como a minha irmã Pieta – exclamei. – Ela também tinha um quarto cheio de roupas. Mas nenhuma das coisas dela era assim.

– Isto não são coisas; é um tesouro – corrigiu-me Coco. – Coleciono-o há anos. Se gosto de alguma coisa, nunca a deito fora. É por isso que não consigo compreender o que aconteceu ao vestido que trazia naquela fotografia com a Pegeen. Deve estar algures por aqui.

Começou a passar em revista um varão com vestidos, a maior parte deles a cheirar a mofo e empoeirados, claramente fora de uso há anos. Em nova, Coco devia gostar de coisas brilhantes: lantejoulas e missangas. Havia também vestidos com penas e capas de veludo, vestidos pretos chiques, folhos e apanhados, sedas em cores berrantes.

– E este? – Apontei para um casaco de cerimónia coberto de lantejoulas de cobre. – Tem uma história?

– Oh, sim. Foi um presente de um homem de quem eu gostava muito. Ele costumava levar-me a tomar uma bebida ao Harry's Bar e à ópera no teatro La Fenice. – Coco tocou no casaco e sorriu. – Uma noite, propôs-me casamento quando eu o tinha vestido. Recusei-o, claro.

Estendendo a mão para a parte traseira do varão, tirou um vestido branco com uma gola bordada.

– Ora bem, este é do tempo da Pegeen. Bonito, não é? Costumava pôr-lhe um cinto estreito. Era a moda nessa altura.

– Onde o usava? Em festas?

– Não, este era para um almoço num hotel ou um piquenique no verão nos jardins em Sant'Elena. Se um jovem me quisesse levar a dar um passeio de gôndola, talvez o usasse. Uma vez, a Pegeen convidou-me para tomar chá no jardim da casa da mãe dela e foi perfeito para essa ocasião.

Coco encostou o vestido ao meu corpo.

– Ficava bonita com ele.

– Se me servisse.

– Tenho a certeza que lhe serviria. Eu tinha mais curvas nessa época, como lhe disse. Devia levá-lo de empréstimo.

Senti-me relutante.

– E se eu entornar alguma coisa e o manchar?

– Este vestido já sobrevive há muito tempo. Leve-o; dê-lhe uma nova vida. Seja linda nele e pare de se preocupar.

– OK, eu experimento-o – concordei.

– Não há necessidade. Garanto-lhe que lhe vai servir perfeitamente. De facto, deve haver outras peças dessa época que eu podia emprestar-lhe.

Revistou o seu guarda-fatos, tirando vestidos com a saia rodada e fatos com casacos de abas.

– Não, não é o estilo certo – murmurava. – Mas este talvez servisse, ou este.

– Estava a contar-me histórias, não a arranjar roupas para mim – recordei-lhe.

– Posso fazer ambas as coisas. – Coco avançou para outro varão, passando em revista as peças de vestuário e parando num vestido lindíssimo, de um tom pálido de pêssego e com drapeados de renda. – Ora bem, este usei-o no casamento da Nanda.

– É maravilhoso.

– Já foi depois da época da Pegeen. O casamento foi lindo e a Nanda estava muito feliz. O Lorenzo Viadro tinha dinheiro para lhe proporcionar a vida que ela queria. Com ele, ela podia ser uma *contessa* em condições. – Coco avançou ao longo das prateleiras, estendendo a mão para um chapéu com uma aba larga. – Foi este que usei com o vestido. Há uma fotografia em que estou com os recém-casados nos degraus da igreja. Espere aí que eu vou buscá-la.

Desapareceu por um momento, regressando com um álbum encadernado a pele, um daqueles álbuns à moda antiga com uma folha de celofane a proteger cada página de fotografias.

– Aqui está. – Coco folheou o álbum até chegar à fotografia certa. – Eu, o Lorenzo e a Nanda. Não parecemos todos satisfeitos connosco próprios?

Olhei para a fotografia. Para além daqueles olhos cinzentos familiares, eu nunca teria reconhecido a noiva com o rosto de querubim como sendo a *Contessa*. Estava com um ramo de flores brancas encostado à barriga, o véu de renda branca adejava na brisa e o seu sorriso fazia-lhe covinhas no rosto. Ao lado dela estava o noivo, um homem ligeiramente mais velho, com os olhos escuros e o nariz fino e direito que a sua filha Valentina herdara.

Dos três, a que chamava mais a minha atenção era Coco. Nesta fotografia do dia do casamento já não era muito nova e a sua beleza parecia mais delicada. Tinha a aba do chapéu tombada sobre uma das sobrancelhas; trazia o cabelo pelos ombros e os olhos delineados a preto. Estava de pé do outro lado de Lorenzo, com o corpo meio virado para ele, e a sorrir.

– Parece realmente bastante satisfeita consigo própria – concordei.

– Eu tinha feito de casamenteira, apresentei-os um ao outro, assegurei-me de que tinham oportunidades de voltarem a encontrar-se. Casaram-se graças a mim. – Coco alisou a folha de papel escorregadio e fechou o álbum.

– Só tiveram uma filha?

– Não, também tiveram dois filhos.

– E o Lorenzo morreu?

– O Lorenzo... sim, já se foi. – Coco abriu de novo o álbum e examinou a fotografia. – É claro, ele era meu amante antes de a conhecer. Foi ele que me propôs casamento na noite em que eu usei aquele casaco de lantejoulas. O Lorenzo andava à procura de esposa. E ali estava a minha amiga Nanda, que só queria um marido rico. Por isso, juntei-os. Pareciam perfeitos um para o outro.

– Deu-o a ela? – Eu estava abismada.

– Sim, suponho que sim.

– Mas porque é que não quis casar com ele?

Ela voltou a fechar o álbum, com muito menos cuidado desta vez.

– Eu já era casada.

Depois disso, Coco pareceu um pouco embaraçada, como se tivesse dito mais do que tencionava.

Pegando nas peças de roupa que pensava que me ficariam bem, insistiu que eu as experimentasse imediatamente.

– Leve-as para cima e fique com as que gostaria de usar no verão. Veneza pode ser terrivelmente quente. Vai precisar de roupas mais leves, mais frescas.

Tentei agradecer a Coco enquanto ela, com as suas braçadas de indumentárias, quase me empurrava para fora do quarto e pelo corredor.

– Espere um minuto, preciso que me dê a morada do Angelo – disse eu. – Ele disse-me ontem à noite, mas já me esqueci, claro.

Ela semicerrou os olhos.

– Para que é que precisa da morada dele?

– Ele prometeu dar-me mais lições de tango. Quero aprender a dançar, não só a dar uns passos trôpegos.

– Demora muito tempo a aprender em condições – avisou Coco.

– Eu sei. O Angelo disse-me. Ele vai-me ensinar ao serão e nos dias de folga dele.

– Estou a ver.

– Não aprova?

Coco suspirou.

– Penso que devia ter cuidado ao escolher o seu par. O tango é uma dança que nos abre; força-nos a partilharmo-nos. Tem a certeza de que quer isso com o Angelo?

– São só umas lições – insisti.

– Há outras pessoas que podiam ensiná-la, se quer assim tanto aprender.

– Sim, mas o Angelo foi quem se ofereceu. E acho que vai ser divertido.

Com um encolher de ombros resignado, Coco passou-me para as mãos a pilha de roupas ainda nos seus cabides.

– Ele vive em Santa Croce, não longe do Campo San Giacomo dell’Orio. Espere um momento, que eu escrevo a morada.

Justas até à cintura e rodadas sobre as ancas, as roupas que Coco me tinha emprestado poderiam ter sido concebidas com o meu corpo em mente. A maior parte servia-me, tal como ela me assegurara. Persistia uma fragrância antiquada, a pó de arroz, nalguns dos tecidos, e, ao experimentar as roupas, quase conseguia imaginar os piqueniques idílicos e as festas, os passeios de gôndola à tarde e os muitos pretendentes de Coco apinhados à sua volta. Com qual deles teria ela casado? E o que lhe teria acontecido? A reticência dela só me tornava ainda mais curiosa.

Vestir as peças *vintage* de Coco dava-me um pouco a sensação de estar a afivelar a sua personalidade. Eram de estilos e tons que eu nunca escolheria, e, pelo que via no meu reflexo no pequeno espelho quadrado da casa de banho, não parecia nada eu com elas vestidas. De qualquer maneira, era divertido, como ser criança outra vez e brincar a vestir as coisas da minha mãe. A última indumentária que provei era um vestido azul-turquesa com uma saia de um tecido transparente. Como achei que me ficava bastante bem, decidi continuar com ele vestido, embora talvez fosse um pouco chique de mais para uma lição de dança.

Antes de sair do apartamento, telefonei para casa para ver como estavam Eden e Katia. Como ninguém atendeu, liguei para o telemóvel de Eden, mas ele também não atendeu. Pieta era a seguinte na minha lista, e telefonei-lhe para o trabalho, porque estava a aproximar-se a época dos

casamentos e o mais provável era que ela ainda lá estivesse, a acabar vestidos de noiva.

– Olá. Dolly. – A ligação era boa e a voz da minha irmã soava límpida e próxima. – Queres que te telefone eu? A tua conta do telemóvel vai ser horrenda.

– Não, não faz mal. Eu sei que tens muito que fazer, por isso não te demoro. Só queria saber como está toda a gente.

– Estão todos ótimos – assegurou-me ela.

– Tens a certeza? Tu és a única em quem eu posso confiar para me contar a verdade neste momento.

– Hum, OK, então, a verdade é que o *papa* está a trabalhar demasiado no restaurante e a mãe anda a pegar com ele por causa disso.

– Ele não precisa de estar lá o tempo todo. – Eu sentia-me irritada. – Eles passam bem sem ele.

– Sim, eu sei, mas tenta convencê-lo disso. Ele não dá ouvidos a ninguém. De qualquer maneira, a mãe não se sente muito só. A Katia tem passado muito tempo com ela. Têm saído juntas.

– Isso é bom – disse eu, com pouca convicção. Não é que não me sentisse satisfeita por a minha filha estar feliz na companhia da avó, mas fazia-me sentir culpada por não estar lá... e também com ciúmes, para ser franca. Devia ser eu a sair com Katia e a desfrutar de algum tempo com ela. Mas, mesmo que estivesse em casa, acharia que tinha demasiados afazeres. E isso fez-me sentir ainda mais culpada.

– É, acho que estão ambas a divertir-se – disse Pieta. – E tu? Que tal vai isso por aí?

– Bem – respondi.

– Só isso, bem? Não me vais contar mais nada?

Não lhe falei sobre a minha noite a dançar na Piazza San Marco, sobre a *Contessa* a dar ordens ao seu pessoal imaginário no seu *palazzo* vazio, sobre Valentina, a cantora de ópera e guia turística. Não eram exatamente segredos, mas eu não estava ainda pronta para os partilhar.

– Oh, há uma novidade – disse eu, sabendo que interessaria a Pieta. – A senhora de idade do andar de baixo emprestou-me uma data de roupas *vintage* incríveis para eu usar; coisas que ela tem desde os anos 1950. Algumas são roupas como eu nunca tinha visto.

– A sério? Que tipo de coisas? – perguntou ela, toda interessada. Pieta é louca por roupas. Sempre foram a sua grande paixão, assim como a comida sempre foi a minha.

Descrevi-lhe o vestido com a gola bordada e falei-lhe sobre os vestidos que Coco tinha pendurados em varões no andar de baixo, com a minha irmã a soltar uns gemidos enquanto eu falava.

– Oh, meu Deus, soa incrível. Quem me dera estar aí. Tira fotografias de tudo. Envia-mas por *e-mail* – suplicou.

– Mal ela me deixe lá entrar outra vez.

– Estou cheia de inveja. Talvez eu pudesse dar aí uma saltada por uns dois dias. – Pieta parecia tentada. – De certeza que posso ausentar-me.

Para minha surpresa, apercebi-me de que não queria que isso acontecesse de maneira nenhuma. Embora adorasse a minha irmã, Veneza começava a dar-me a impressão de ser minha, e eu não conseguia imaginá-la aqui, a ter esta experiência comigo.

– Quem é que eu estou a enganar, o trabalho é de loucos – decidiu ela. – Desculpa, Dolly, mas realmente não posso.

Senti-me imediatamente aliviada, embora não devesse.

- Tudo bem, eu compreendo.
- Olha, é melhor desligar – disse Pieta. – Tenho uma cliente a chegar agora. Mas falamos em breve, certo? Eu telefono-te daqui a um ou dois dias.

*

Munida da planta da cidade e do pedaço de papel com a morada de Angelo, apanhei um *vaporetto* para San Stae e dirigi-me para o *campo* amplo onde uma semana antes vira dançar o tango pela primeira vez.

Talvez pensem que eu estava a jogar um jogo perigoso; que devia ter dado ouvidos ao aviso de Coco. Mas não era propriamente uma juvenzinha, estonteada com o primeiro sinal de um pouco de atenção de algum rapaz. Sabia como me controlar e tinha bem claro o que queria de Angelo. Um ligeiro namorico para me distrair daquele zunido de preocupação e culpa que parecia acompanhar-me sempre. Algumas lições de dança, alguns serões agradáveis: só uma diversão, por amor de Deus.

Numa das esquinas do *campo* havia um bar com um aspeto agradável, e parei para tomar um copo de Prosecco e comer uns *cicchetti* para enganar a fome. A chuva tinha finalmente parado e sentei-me cá fora com vista para a velha basílica. Este local dava a sensação de ser um bairro tradicional. Havia homens de idade reunidos nos bancos à sombra das árvores para fumarem uns cigarros, as pessoas que passavam cumprimentavam-se umas às outras com um aceno amigável ou um *buona sera*. Se Angelo não estivesse em casa, se se tivesse esquecido da promessa de me ensinar, seria um bom sítio a que regressar, para beber mais Prosecco e passar o serão.

O apartamento de Angelo ficava num antigo armazém a dez minutos a pé do *campo*. Quando me abriu a porta, ainda estava molhado do duche, com uma toalha à volta da cintura e em tronco nu.

– É o meu dia de folga – disse ele, ligeiramente embaraçado. – Gosto de passar a maior parte dele a dormir.

– Eu também, quando tenho essa oportunidade – disse-lhe eu, tentando não olhar demasiado obviamente para o seu corpo.

Ele serviu-me um copo de vinho branco e depois foi-se vestir, deixando-me à vontade para olhar à minha volta. Os tetos altos tinham vigas à mostra e as janelas eram minúsculas. A sala era grande, com um espelho ao longo de uma das paredes e um velho sofá de couro encostado à parede em frente. O espaço vazio entre eles era perfeito para dançar. Era difícil adivinhar grande coisa sobre Angelo pela maneira como ele tinha mobilado a casa. Um estilo bastante minimalista. Ao lado do sofá havia uma pilha de livros de bolso em mau estado, todos eles romances de escritores italianos de quem eu nunca tinha ouvido falar. Numa das paredes havia três filas de fotografias a preto e branco que o mostravam a dançar. Nalgumas estava de fato, com os caracóis soltos; noutras com um estilo mais descontraído, de calças de ganga escuras e camisa larga. Entre as suas parceiras de dança via-se Valentina, que aparecia mais vezes do que as outras. O par parecia estar a dançar para uma assistência e tinha expressões sérias.

– Ah, essas velhas fotografias – disse Angelo ao voltar à sala. – Ando há que tempos para as tirar e pendurar alguns quadros.

– Porquê? São muito fixes.

Ele franziu a testa.

– São imagens do passado. Não sei se devia mantê-las onde as vejo todos os dias. É melhor viver

para o presente, acho eu.

– Não foram bons tempos?

– Sim, mas acabaram. – O seu tom não era sentimental.

– Ainda danças – lembrei-lhe.

– Só socialmente agora; não em palco. – Veio pôr-se ao meu lado. – Nós éramos muito bons, a Valentina e eu. O meu sonho era irmos a Buenos Aires competir nos campeonatos mundiais. Não há dúvida de que poderíamos tê-lo feito.

– Então, porque é que não o fizeram?

– A Valentina recusou-se a ir. A família era mais importante para ela.

– Ela é muito talentosa, não é? – Era difícil não sentir inveja. – Dança bem, tem uma voz linda.

– Mas o que é que ela faz com todo esse talento?

– Ela trabalha no duro. Parece ter três empregos – disse eu.

– Quatro – corrigiu ele. – Ouvei dizer que também começou a cantar em gôndolas. A Valentina está sempre a trabalhar, e isso era parte do nosso problema.

– Está assim tão desesperada por dinheiro?

– Precisa dele para dar apoio à família – explicou Angelo.

– Referes-te à mãe e ao *palazzo*?

– Não, é o irmão dela, o Giacomo, que ela está a ajudar. Ao que sei, houve um problema qualquer com o museu de vidro em Murano, e o Giacomo contraiu umas dívidas que a Valentina anda a ajudá-lo a pagar. Era melhor venderem o negócio, desembaraçarem-se dele, mas nem querem ouvir falar disso.

– Porquê? – perguntei.

– Porque faz parte da história da família e a Valentina acredita que ela e o Giacomo são guardiães com a obrigação de o preservar para a geração seguinte... mesmo que isso signifique que não tem hipóteses de ver Buenos Aires e a espera uma carreira a cantar para turistas em vez de no palco na Arena di Verona.

– Achas realmente que ela é assim tão boa?

Angelo encolheu os ombros.

– É possível que seja, mas suponho que agora ninguém o saberá nunca.

– Então, acabaram por não ir a Buenos Aires e tu tornaste-te *chef* de cozinha em vez de dançarino.

Ele não respondeu.

– Devia tirá-las – repetiu, fitando as fotografias. – Mas não neste momento, porque esta noite vou dar-te uma lição de tango em condições. Vamos começar pelas noções básicas.

Eu pensara que a aula poderia demorar cerca de uma hora e que depois iríamos para o bar do Prosecco para tomar umas bebidas e comer uns *cicchetti*. Mas Angelo falava a sério quando disse que ia ser severo comigo. Estive ali a aprender a dar passos com ele, presa no espaço entre o sofá e a parede espelhada, até bem depois da meia-noite, e houve momentos em que me apeteceu chorar de frustração, de tão difícil que era.

– Não, não, repete – insistiu Angelo uma e outra vez. – Esquece-te de que estás a dançar e anda só normalmente. Temos de conseguir fazer isto bem antes de progredirmos.

– Parecia tão mais fácil quando estivemos na Piazza San Marco – protestei.

– Isso foi porque esvaziaste a cabeça e deixaste que eu me encarregasse de tudo – disse ele. –

Podem acontecer coisas boas quando se faz isso. Mas a técnica não deixa de ser importante.

– É demasiado difícil – insisti. – Eu nunca vou chegar a ser boa.

– A tua postura é ótima e estás a começar a sentir a música – encorajou-me ele. – É um bom começo. E não devemos esperar demasiado depressa de mais. Eu posso ensinar-te muitas coisas; mesmo assim, seriam precisos anos de estudo para tu te tornares a parceira que me daria o que eu quero do tango.

Soltei-me dos braços de Ângelo.

– Só tenho o verão.

Lista de Felicidade de Addolorata

4. Um copo de Prosecco gelado. De preferência bebido ao ar livre, a uma mesa com vista. Só um copo... no máximo talvez dois... tomado ao fim da tarde, antes de o sol se pôr, com um pequeno prato de azeitonas ou uns pistáchios salgados. Uma bebida civilizada, tranquila, ao fim de um dia de trabalho, talvez com uma pessoa amiga, mas até mesmo sozinha.

Os dias transformaram-se numa rotina encantadora. Começavam com o pequeno-almoço no pequeno café ao virar da esquina, onde depressa o proprietário fixou o meu nome e também como eu gostava do café e que brioche preferia. Quando Coco me fazia companhia, instalávamo-nos a uma mesa na esplanada, com os seus três cãesinhos presos às nossas cadeiras pelas trelas, e ele servia o *cappuccino* num tabuleiro de prata com um *napperon* de renda a cobri-lo.

Depois de tomar o pequeno-almoço, na maior parte das manhãs dirigia-me ao *palazzo*. Usualmente, como Valentina já tinha saído, eu abria a porta com a chave que ela me tinha dado e fazia chá para servir à *Contessa* na sua saleta. E depois chegava o momento de explorar Veneza com *Boris* ao meu lado. Quando fazia bom tempo, andávamos quilómetros, e comecei a encaixar as *calli* e os canais num *puzzle* mental até chegar ao ponto em que podia sair sem a planta da cidade e não me perder com demasiada frequência.

No regresso ao *palazzo*, fazia umas compras no supermercado ou nas bancas do mercado de Rialto, e depois preparava o almoço para a *Contessa*. Tentava fazer comida veneziana: sardinhas recheadas com salsa e queijo parmesão e depois fritas até a crosta de pão ralado ficar dourada; chocos refogados na sua própria tinta e uma boa medida de vinho branco; bacalhau cozido em leite.

As tardes eram para descansar. Levava um livro para o jardim de Coco ou sentava-me na varanda, a não ser que estivesse a chover. Ao fim da tarde, tornou-se parte da minha rotina fazer um par de telefonemas para casa. Falava com a minha filha quase todos os dias e com Pieta sempre que ela tinha tempo, mas Eden e eu andávamos a evitar-nos um ao outro. Quando ele atendia o telefone, apressava-se a passá-lo a Katia.

Mais tarde, se tivesse combinado uma lição, ia até ao apartamento de Ângelo, parando habitualmente no bar da esquina para beber dois copos de Prosecco. Também ali já me conheciam. Era surpreendente como me distinguiram rapidamente das pessoas de passagem.

Os dias passavam e o tempo ia ficando mais quente; a primavera deu lugar ao verão. Ocasionalmente, acrescentava algo à minha lista de felicidade, mas havia temporadas em que estava demasiado absorvida por esta nova vida para me concentrar na lista.

Uma vez, depois de uma sessão com Angelo em que senti que começava a fazer reais progressos, escrevi a palavra «tango». Mas a lição seguinte foi desencorajadora – parecia que estava a piorar em vez de me aperfeiçoar – e mal cheguei a casa risquei a palavra.

Muitas vezes, pensava em desistir. O problema era que, mal parecia que tinha dominado um elemento, Angelo introduzia alguma nova sequência e as dificuldades começavam outra vez. O passo de *rock*, a *salida*, o *ocho*, os pequenos embelezamentos que tornam a dança especial... Havia serões em que ambos ficávamos impacientes: eu porque não conseguia compreender o que ele estava a tentar dizer-me; ele porque achava que eu não estava a esforçar-me. Noutras ocasiões o ambiente era mais ligeiro e ríamos-nos dos meus erros.

Nenhuma lição se prolongou por tanto tempo como a primeira. Na maior parte das noites, depois de umas duas horas íamos ao bar da esquina ou preparávamos uma ceia simples na cozinha minúscula de Angelo. Por vezes, ele trazia para casa alguns ingredientes da sua *osteria*: fatias finas de atum fumado, creme de rábano, uma chicória vermelha, uma mancheia de peixinhos ou de caranguejos de carapaça mole. Como ele tinha estado a cozinhar todo o dia, não se importava de deixar que eu me encarregasse da comida. Talvez já tivesse adivinhado que eu era *chef* de cozinha; mas eu nunca lhe tinha dito e ele nunca tinha perguntado.

Havia todo o tipo de coisas sobre as quais não falávamos. A minha vida em Londres, o meu marido e a minha filha, o que eu fizera na vida até agora. Angelo não era homem para fazer muitas perguntas; de facto, parecia mais contente com o silêncio. Isso não me incomodava. Enquanto comíamos juntos, eu pensava na lição e tentava memorizar os seus pontos principais para não termos de voltar a passá-los em revista na vez seguinte.

Ofereci-me para lhe pagar as aulas, mas ele riu-se e não quis ouvir falar mais do assunto.

– Não estou a fazê-lo para ganhar dinheiro – disse ele.

– Porquê, então?

– Para minha própria satisfação; pelo desafio, suponho, para provar à Coco que está errada. – Enfiou o garfo no *risotto*, tirando os fios finos de espargos selvagens para os provar primeiro.

Tenho de admitir que a maneira como Angelo comia me irritava. Levava a comida demasiado a sério. Tinha o hábito de dissecar um prato e de mastigar lentamente, considerando cada garfada e quase sempre deixando comida no prato. Eu preferia ver comer a *Contessa*, que mostrava apetite por todas as refeições que eu cozinhou e se abandonava ao prazer de comer, não se importava se salpicava molho na blusa com a ponta do esparguete e não desdenhava de limpar com o dedo o fundo do prato para apanhar os últimos vestígios de um molho particularmente delicioso.

– Há um festival de tango em Veneza este ano, logo depois da Festa del Redentore – disse Angelo, afastando para o lado o seu prato inacabado.

– Tencionas arranjar bilhetes? – perguntei.

– Não, pediram-me para atuar e eu estou a pensar na ideia. Mas há a questão de escolher uma parceira. A Valentina recusou o meu pedido, claro. Tenho andado a pensar em convidar-te a ti.

– Nesse caso, enlouqueceste. Eu não vou estar pronta a atuar em público.

– Não espero que dances como uma profissional, mas quero provar à Coco e aos outros todos que não é preciso estudar assim tanto tempo para desfrutar das alegrias do tango.

– Recuso-me a participar num espetáculo – insisti. – E, de qualquer modo, julguei que tinhas desistido das atuações.

– Isso não é verdade.

- Foi o que me disseste.
 - Compreendeste-me mal, então. Eu disse uma coisa e tu ouviste outra, como fazes nas nossas aulas. Se vamos atuar juntos, vais ter de te esforçar mais.
 - Nós não vamos atuar juntos.
- Angelo encolheu os ombros.
- Tu ainda mudas de ideias.

Coco estava a ser difícil. Tinha prometido visitar a *Contessa*, mas de cada vez que eu sugeria uma data, ela arranjava uma desculpa. Estava cansada, tinha roupas que precisavam de ser lavadas ou tinha prometido a Silvio que se encontraria com ele para uma *ombra* num bar qualquer. Começava a parecer que a visita nunca se realizaria; o que não teria importância, se a *Contessa* não estivesse sempre a falar do assunto.

– Como está a Coco? Se a vir, diga-lhe que tenho muitas saudades da minha velha amiga – dizia quase sempre que nos víamos.

Tinham-se separado zangadas. Nem uma nem a outra eram já novas e eu não deixava de pensar que seria muito triste se uma delas morresse sem voltarem a encontrar-se. A ideia perseguia-me. Tentei mais uma vez convencer Coco.

– Não estávamos a planear ir beber uns *cocktails* todos chiques na esplanada do Gritti Palace? – recordei-lhe uma manhã ao pequeno-almoço.

– Tem razão, estávamos. – Ela inclinou a cabeça para trás e sorriu. – Vamos hoje.

– Como devemos vestir-nos?

Coco considerou a questão.

– Para *cocktails* à tarde no Gritti queremos dar um ar caro, mas não de estarmos a esforçar-nos demasiado. Por isso, talvez um bonito vestido de passeio e uma só joia.

– Acho que já está calor suficiente para eu usar aquele vestido branco com a gola bordada que me emprestou.

– Sim, seria perfeito – concordou ela.

– É melhor irmo-nos arranjar, então.

– Mas, minha querida, ainda é muito cedo. Nem eu gostaria de ser vista a beber *cocktails* a esta hora.

– Mas temos de visitar a *Contessa* primeiro. O Gritti Palace ia ser a sua recompensa depois. Não se lembra? A ideia foi sua.

– Foi? – Por um momento, Coco pareceu amuada. – Suponho que acha que me passou uma rasteira.

– Não me atreveria – assegurei, rindo-me.

– A Nanda não vem connosco ao Gritti tomar uns *cocktails*?

– Não, claro que não, só a Coco e eu.

– E não me vai fazer ficar naquele *palazzo* deprimente o dia todo?

– Almoçamos lá e depois vimos embora.

Coco soltou um suspiro fundo.

– *Va bene*, ganhou, mas só desta vez, e depois não quero ouvir falar de voltar a ir lá.

Coco demorou imenso tempo a experimentar várias indumentárias, decidindo-se finalmente por

um vestido de passeio num tom vibrante de mirtilo, complementado por um turbante de um cor-de-rosa vivo com um alfinete grande que afirmou ser de diamantes verdadeiros pregado na frente.

Eu usei o vestido branco e Coco pegou numa *pashmina* em cor de laranja e cor-de-rosa, para o caso de se levantar o vento quando estivéssemos sentadas na esplanada.

A caminho do *palazzo*, não falou de outra coisa a não ser de *cocktails*, avaliando os seus méritos relativos.

– Há alturas em que uma pessoa precisa de uma bebida a sério, e nesse caso um Bellini realmente não serve – disse-me. – É então que uma pessoa quer um Negroni, ou talvez um Cardinale com uma boa dose de *gin*. Esses são para se beberem como aperitivo antes do jantar, mas na minha idade posso quebrar as regras.

– Se eu cozinhar um bom almoço para a Coco e a *Contessa*, vai ter alguma coisa no estômago para aguentar o *gin*.

– Gostava que deixasse de lhe chamar isso. – Coco soava impaciente. – O nome dela é Nanda.

– Mas foi ela que me pediu – protestei. Nesse momento, ocorreu-me um pensamento. – Coco, há quanto tempo é que não a vê?

– Há um ano, talvez dois. – Ela soava indecisa. – De certeza que não foi há mais tempo, embora o tempo passe muito depressa, quem pode saber ao certo?

– Talvez a encontre mudada – avisei-a.

– De que maneira?

– Está confusa. Muitas vezes, parece acreditar que tem pessoal, por exemplo. E faz umas fitas em que se dá uns ares grandiosos.

Coco soltou um murmúrio de reprovação e abanou a cabeça. De certeza que estava a revirar os olhos por trás das lentes escuras dos seus óculos enormes.

– Não seja muito dura com ela – disse eu. – Eu acredito realmente que ela não faz de propósito.

Boris estava à espera junto à porta e lançou-se na sua rotina habitual de corridinhas e saltos quando chegámos. Coco pegou ansiosamente nos seus três cãesinhos e apertou-os ao peito magro.

– Não, seu grande bruto, para baixo – disse, recuando. – Isto não vai resultar. Ele vai magoar os meus bebés. Tenho de ir embora.

– Ele não faz mal, só está excitado – disse-lhe eu. – Espere aí um instante enquanto eu o meto na cozinha.

Boris ficou desolado. Tinha a cauda firmemente enfiada entre as pernas e parecia que tinha sido desancado quando o fechei na cozinha.

– Dá-me um minuto – disse-lhe eu. – Deixa-me só instalar as velhas senhoras e venho já levar-te a sair.

Preocupava-me que Coco pudesse ter aproveitado para se escapulir, mas ainda estava onde eu a deixara quando voltei, na soleira da porta, com os seus cãesinhos peludos apertados firmemente contra o peito.

– Por que carga de água é que a Nanda quer ter um animal daquele tamanho? – perguntou, quezilenta. – Perdeu completamente o juízo?

– Não sei. Talvez a faça sentir-se mais segura. E, na verdade, ele é adorável.

– Se o diz. – Avançou um passo. – Tem a certeza de que o fechou bem fechado? Não pode escapar?

Enquanto atravessávamos o *palazzo*, Coco parecia claramente chocada com o estado em que encontrou as coisas: as paredes esboroadas, as salas vazias, as teias de aranha e as camadas espessas de poeira.

– É como se não vivesse ninguém aqui – murmurou ela.

– Não estava assim tão mal quando o visitou da vez anterior?

– Não. – Ainda falava em voz baixa. – Talvez ainda houvesse uma governanta nessa altura. Lembro-me que todas as obras de arte já se tinham ido, mas esta sala tinha uma mesa de jantar e cadeiras. E havia flores; a Nanda sempre adorou flores. Eu devia ter-me lembrado de lhe trazer umas flores.

– Ela parece passar todo o tempo numa saleta no andar de cima. É onde está a mobília.

Coco acenou com a cabeça.

– Na antiga sala do Lorenzo, suponho. Há anos, era o escritório dele. Pobre Nanda.

– De que morreu o marido? – perguntei.

Ela baixou a voz num murmúrio.

– Matou-se.

– Oh. – Eu estava chocada. – Pobre Nanda. E pobre Valentina.

O reencontro das duas senhoras foi muito comovente. Quando se abraçaram, havia lágrimas nos olhos de Nanda. Nem uma nem a outra pareceram capazes de falar durante algum tempo.

– Minha velha amiga, minha velha amiga – repetia Nanda. – Vieste por fim.

– É claro que vim. – Havia um tremor na voz de Coco.

– Julguei que te tinhas esquecido de mim.

– Nunca. Não poderia fazê-lo.

– Minha querida velha amiga – disse Nanda outra vez, num tom triste.

Coco pegou-lhe no braço e conduziu-a para um cadeirão. – Agora, minha querida, vamos sentar-nos e a Addolorata faz-nos um café, e depois podemos conversar e contar tudo uma à outra, como costumávamos.

– Chá – corrigiu-a Nanda. – Ela faz-me sempre chá. É inglesa, estás a ver, embora cozinhe comida italiana realmente muito bem.

Olhei abruptamente para a *Contessa*. Até àquele momento, eu tinha colaborado na ficção de que havia pessoal na cozinha. Há quanto tempo é que ela tinha consciência de que era eu quem cozinhou para ela?

– Um chá era ótimo – disse Coco. – E ela prometeu-nos o almoço mais tarde, o que também será maravilhoso. Assim, temos toda a manhã para estarmos juntas.

– Tu voltas, não voltas? – Nanda soava ansiosa.

– Ainda não me vou embora, querida. Acabei de chegar – disse-lhe Coco.

– Sim, eu sei. – Agora parecia frustrada. – Mas não te vais embora mais tarde e depois não voltas, como da última vez? Eu não conseguia suportar isso de novo.

Coco pareceu ficar abalada.

– Minha querida amiga, lamento muito. Não era minha intenção que passasse tanto tempo.

– O Lorenzo costumava dizer que tu eras inconstante – disse-lhe Nanda. – Que largavas as pessoas, que te esquecias delas com muita facilidade. Mesmo assim, nunca pensei que mo fizesses a mim.

Aquilo silenciou Coco completamente. Olhou de Nanda para mim. O ambiente parecia constrangido e a sala demasiado pequena para nós as três.

– Certo – disse eu, toda despachada. – Eu vou fazer o chá e depois levo o *Boris* à rua, está bem?

– Muito bem, minha querida – murmurou Coco, e a *Contessa* acenou a agradecer.

Demorei algum tempo a preparar o chá e quando voltei à saleta as duas senhoras estavam a conversar, embora parassem de falar mal eu entrei.

– A Coco sirva o chá – disse-lhe eu. – O *Boris* está fora de si, ansioso pelo seu passeio.

– Quanto tempo demora?

– Só vou levá-lo a dar uma volta rápida – prometi –, e depois compro algumas coisas para o almoço a caminho de casa.

Fomos ao local favorito de *Boris*: o parque para o qual ele me tinha arrastado na nossa primeira saída. Era um espaço a que tínhamos voltado com bastante frequência desde essa primeira vez, e os outros frequentadores habituais eram agora amigáveis e metiam conversa comigo. Eu sabia o nome dos seus cães, que idade tinham, o que gostavam de comer, todo o tipo de pequenos pormenores sem importância. Por vezes, encontrava por acaso estas pessoas quando estava noutra sítio, às compras ou à espera de um *vaporetto*, e acenávamos com a cabeça e dizíamos «*Salve*». Gostava de ter estes vagos conhecidos; entreteciam-me em Veneza um pouco mais firmemente. Era por isso que parava para tomar uma bebida no mesmo *bacaro*, que frequentava uma meia dúzia de cafés e restaurantes. Um sorriso, uma saudação, uma pequena troca de palavras condimentavam o meu dia. Faziam-me sentir ligada.

Nessa manhã, como havia bastantes cães com quem *Boris* podia brincar, fiquei mais tempo do que tencionava, a conversar com os seus donos. De pé a olhar para os cães, perguntei-me se Katia gostaria de vir comigo passear *Boris*. Ainda tinha a esperança de que ela viesse passar as férias e essa perspectiva entusiasmava-me. Até tinha começado a elaborar uma lista de todas as coisas que faríamos juntas – as lojas de *gelato* que visitaríamos, os passeios de barco que daríamos, as excursões que talvez lhe agradassem, os restaurantes onde lhe pagaria um almoço próprio para adultos, as coisas bonitas que compraríamos. Comigo a sentir-me muito mais relaxada e com bastantes dias vazios para me dedicar a ela, tinha a certeza de que iríamos divertir-nos imenso.

Boris andava agora a farejar à volta dos arbustos à procura de bolas de ténis. Voltei a prender a trela e virei-me para ir embora. Ainda tínhamos de percorrer a Strada Nuova até uma loja que eu tinha visto que vendia massa fresca, porque queria fazer *bigoli in salsa*, o prato tradicional veneziano que eu já comera várias vezes em restaurantes. É muito simples: só esparguete integral com um molho de cebolas fritas lentamente, anchovas e um pouco de vinagre de vinho branco. É um prato que pesa no estômago, mas tem um sabor forte que faz com que se queira continuar a comer. As anchovas salgadas dissolvem-se no molho adocicado das cebolas, os *bigoli* são grossos e *al dente*, a cozinheira não poupa no azeite e uns confetes de salsa são polvilhados por cima. Não é muito, mas é perfeito.

Por isso, eu tinha de comprar os *bigoli*, embora já estivesse atrasada. Havia mais algumas coisas de que precisava: queijo e uma saladinha para servir depois, alguns daqueles biscoitos amanteigados em forma de esse que são bons para molhar em vinho doce. Quando finalmente regresssei ao *palazzo*, carregada de compras, sentia alguma inquietação. Esperava que as velhas senhoras não se tivessem incompatibilizado por causa de uma tolice qualquer que tinha acontecido há anos.

Fechando *Boris* na cozinha, fui ver como se encontravam. A saleta estava vazia. Todo o chá tinha sido bebido e eu empilhei as chávenas vazias e os pires no tabuleiro e levei-os para o andar de baixo, chamando ao mesmo tempo: «Coco, *Contessa*... onde estão?»

Como não obtive resposta, pus-me à procura delas. A casa era enorme e demorei algum tempo. Encontrei mais salas vazias, uma delas com um friso desvanecido pintado à volta das paredes, outras com lustres cheios de poeira. Contrafeita, espreitei para dentro dos quartos. O de Valentina estava todo desarrumado, com sapatos espalhados pelo chão e um toucador pejado de cosméticos. O quarto de Nanda tinha uma cama de casal alta no meio e um crucifixo na parede por cima. Havia um candeeiro de pé com um quebra-luz com borlas e um guarda-fatos de madeira escura lavrada com arabescos esculpidos nas portas. Ambos os quartos estavam vazios, e, sentindo-me pouco à vontade por espreitar para eles, voltei ao andar de baixo.

Quando ouvi a porta da rua abrir-se e o som de *Boris* a ladrar na cozinha, apressei o passo.

– Coco? – gritei outra vez.

– Querida, já voltou!

Estavam as duas em ótima forma. A *Contessa* tinha vestido uma blusa num tom suave de verde que lhe tirava anos de cima. Subiu as escadas à frente de Coco e sorriu quando me viu.

– Estávamos com fome – explicou. – Por isso fomos ao Alla Vedova para petiscar alguma coisa. Só umas almôndegas e uma *ombra* ou duas; não se preocupe, não estragámos o apetite para o almoço.

– Estávamos a desfalecer de fome – acrescentou Coco. – E a Nanda já não ia ao Alla Vedova há muito tempo. Era um dos nossos favoritos.

– Eu ia fazer massa – disse-lhes. – *Bigoli in salsa*.

– Ah, também era um favorito. – A *Contessa* sorriu de novo.

Parecia uma pessoa diferente. Todos os seus ares de grandeza tinham desaparecido, o fingimento de que tinha pessoal, a sensação de que tinha medo de alguma coisa. Era quase desorientador.

Desceram à cozinha para me fazerem companhia. Coco fez uma cena por causa dos seus cães, mas, cansado do passeio, *Boris* limitou-se a farejar-lhes o nariz e depois enroscou-se no chão debaixo da mesa aos pés de Nanda. Eu ouvi falar as duas senhoras enquanto preparava o almoço. A maior parte da conversa era sobre pessoas que eu não conhecia, e escutava-a intermitentemente. Ao ouvir o nome de Valentina, prestei mais atenção.

– Ela e o Giacomo têm um plano – estava a dizer Nanda. – Depois de a dívida ficar reduzida, as coisas vão ser mais fáceis para todos.

– Mas ela está a prescindir de muito, entretanto – argumentou Coco.

– A escolha é dela. Ninguém a forçou.

– O talento da tua filha está a desperdiçar-se.

Nanda ergueu as mãos.

– Para, por favor. Nisto nunca vamos concordar. E eu não quero uma discussão, não outra vez.

Coco hesitou.

– Não é fácil para mim ficar a ver isto a acontecer e não dizer nada. Não quando há uma solução tão fácil.

– Não é nada fácil. – Nanda soava afrontada. – Não para nenhum de nós. Mas a Valentina e o Giacomo querem que continue a saber-se quem nós somos.

– Quem costumavam ser – disse Coco em voz baixa.

A água para a massa estava a ferver, a cozinha enchia-se com o cheiro das cebolas a fritarem em lume brando. Vi que o nosso almoço poderia ser arruinado antes de eu acabar de o fazer.

– Alguém pode pôr a mesa, por favor? – interrompi. – Os talheres estão ali naquela gaveta, Coco. E, Nanda, não se importa de mexer as cebolas, porque se não pegam ao fundo?

Surpreenderam-me obedecendo às minhas ordens. Coco encontrou uns guardanapos de linho amarelado para cada lugar à mesa e depois foi ao jardim cortar uns verdes para uma jarra. Nanda manejava uma colher de pau enquanto eu deitava vinagre no tacho para impedir que as cebolas ganhassem mais cor.

– A Coco é uma boa pessoa, mas pode ser difícil – murmurou, e eu não tive a certeza se ela estava a falar comigo ou a pensar em voz alta.

O *bigoli in salsa* estava bom, mas não tão delicioso como o que tinha comido numa *osteria* da vizinhança na semana anterior. Talvez eu tivesse usado demasiadas anchovas ou pouco azeite. Decidi perguntar a Angelo e ver o que ele achava. Poderia até fazer aquele prato para ele uma noite depois de uma aula.

Nanda parecia cansada quando fomos embora. Tinha sido um dia grande para ela, suponho. Mas estava a sorrir, e abraçou-me quase com tanta força como a Coco.

– Voltam amanhã – disse ela, quando já descíamos os degraus à saída.

– Amanhã não, querida, pelo menos eu não, mas em breve, prometo – respondeu alegremente Coco.

Mal a porta da rua se fechou atrás de nós, ela pareceu ficar abatida. Enquanto caminhávamos juntas pela Strada Nuova, tinha um ar tão perturbado que nem se dava ao trabalho de impedir que os seus cãesinhos enredassem as trelas umas nas outras.

– Está bem? – perguntei, parando para as desembaraçar.

– Nem por isso – admitiu. – Estou muito abalada, para dizer a verdade. O estado terrível em que se encontra aquela casa, e só Deus sabe quando foi a última vez que a pobre Nanda saiu à rua. Eu tive de a forçar a vir ao Alla Vedova, e mesmo assim ela andava tão devagar que demorámos uma eternidade a chegar lá. Tornou-se uma mulher velha, velha.

– Na verdade, estava muito melhor hoje. Eu mal queria acreditar na diferença.

– Meu Deus, a sério? – Coco estremeceu. – Eu não vou ser assim, nem mesmo quando vir a morte a aproximar-se. Não o permitirei.

– Precisa de um *cocktail* – disse-lhe eu. – Vamos apanhar um táxi no canal. Pago eu.

– É claro que paga – concordou ela. – E as bebidas também.

A lancha rápida levou-nos a toda a velocidade pelo Grande Canal abaixo e deixou-nos diretamente na esplanada do Gritti Palace. Um homem de uniforme estava a bloquear-nos o caminho, e ao princípio pensei que ia recusar-nos a entrada por causa dos cães, mas Coco ergueu bem alto a cabeça e sorriu graciosamente, avançando pela prancha de desembarque como se estivesse em casa, e ele pareceu compreender que não valia a pena resistir e afastou-se para o lado.

Fomos conduzidas a uma mesa e deixaram-nos a ementa e a vista. Era um lugar na fila da frente para o espetáculo do Grande Canal. Havia esquadras de gôndolas a vogarem na esteira deixada por um *vaporetto* apinhado de passageiros, *palazzi* com janelas com arcos góticos e fachadas pintadas, as cúpulas de Santa Maria della Salute, tudo visível da esplanada. Os preços na ementa de *cocktails* eram igualmente impressionantes; de qualquer modo, tratava-se de uma ocasião

excecional, pensei, e só uma pequena extravagância.

Mandei vir o meu favorito Aperol Spritz e Coco pediu um Negroni. Uns empregados de mesa com um ar severo trouxeram as bebidas em bandejas de prata e pousaram-nas em quadrados de linho branco engomado, com pratinhos de azeitonas, amêndoas e aperitivos crocantes. Deixar-nos-iam ali ficar tanto tempo quanto quiséssemos. Era perfeito... e no entanto...

Olhei para as pessoas à minha volta. O homem com o polo cor de mostarda na mesa ao lado estava a fumar um charuto grosso; a mulher e as filhas, com um ar dispendioso, estavam naufragadas num mar de sacos de compras de lojas de marca. Para lá deles encontravam-se dois casais de meia-idade em calções desportivos a despacharem sanduíches de *bacon* e ovos. Havia um homem de negócios de fato e com uma pasta de executivo, uma mulher com um ar entediado e uma testa brilhante e lisa, resultado do *botox*, um grupo de turistas alemães. Ninguém levantou a cabeça e me olhou nos olhos; ninguém me sorriu. Eram estranhos e tencionavam manter essa condição. Só estavam de passagem.

Embora o Gritti Palace fosse impressionante, apercebi-me de que não era realmente o meu tipo de local. Preferia os meus sítios do costume: o *bacaro* da vizinhança com os mesmos homens de idade encostados ao balcão a todas as horas, o bar de Prosecco a que ia com Angelo, os pequenos cafés em que parava para tomar café várias vezes por semana. Gostava mais de um ambiente amigável do que de opulência, de sentir que as vidas das pessoas a tocavam, de um sentido de comunidade, de vizinhança. Era isso que me fazia feliz.

Tirei o bloco de apontamentos da mala.

Lista de Felicidade de Addolorata

5. Vizinhanças – lugares e rostos familiares, pequenas saudações e encontros, uma sensação de pertencer ao meu próprio pequeno canto do mundo. Pertencer.

CAPÍTULO 15

Coco fitava as vistas, tão embrenhada nos seus pensamentos que não reparou que eu estava a escrever no meu bloco de apontamentos. Acho que estava perdida algures no passado, talvez com Nanda quando eram mais novas e Lorenzo ainda era vivo.

Deixei-a com as suas recordações durante algum tempo e pus-me a ver passar as gôndolas. Algumas tinham cantores a bordo, e mantive-me atenta para ver se via Valentina, mas não a encontrei. O mais provável era que estivesse ocupada num dos seus outros empregos, a tentar desesperadamente ganhar algum dinheiro. A família dela parecia estar metida numa grande confusão...

– Coco, como é que a família da *Contessa* acabou por ficar assim tão endividada? – perguntei. – A culpa foi do Lorenzo?

Coco desviou o olhar das vistas e fitou-me sem me ver por um momento. A seguir, levou o copo aos lábios e bebeu um gole.

– Ele chamou-me inconstante – disse ela reprovadoramente. – Ele também não era propriamente perfeito.

– Não?

Ela abanou a cabeça.

– Não, mas Lorenzo Viadro era um artista maravilhoso. Se lhe interessa, devia ir ao museu deles em Murano ver a obra dele. Foi exposta por todo o mundo e ganhou muitos prémios. Não há ninguém como ele hoje em dia, na minha opinião.

– Então ele teve sucesso.

– Artisticamente, sim, mas não era lá muito bom homem de negócios. Correu riscos e fracassou. Abriu uma loja em Londres que lhe fez perder muito dinheiro, e o próprio museu, claro, que ficava muito caro manter aberto. E depois havia a maneira como Nanda insistia que vivessem. Naqueles tempos, o *palazzo* estava cheio de pessoas e de festas. Tinham imenso pessoal: gente para cozinhar e para limpar, um barco e o seu piloto. O Lorenzo pagava isso tudo.

– Foi por isso que ele se matou? Porque começou a ser demasiado e ele não conseguiu aguentar?

– Em parte, suponho. – O olhar de Coco seguiu uma gôndola que passava. – E também o facto de a loja fracassar tão publicamente, a humilhação, nenhum homem gosta disso. O Lorenzo tinha fases depressivas e tomou a sua própria vida numa delas. Um grande desperdício.

– E a família ficou com as dívidas do negócio para pagar?

– As coisas não estavam fáceis, mas não havia dívidas, não nessa altura. Os problemas vieram depois da morte do Lorenzo. Lembra-se de eu lhe ter dito que havia dois filhos? O Giacomo e o irmão mais velho, o Teodoro. Mesmo quando ele era pequeno, eu não gostava do Teodoro Viadro. Costumava roubar coisas e escondê-las. Tinha acessos de raiva em que tentava magoar quem estivesse por perto; até mesmo a mãe, que o adorava. Era uma criança má e não melhorou com a idade. Os reais problemas começaram quando os dois rapazes herdaram o museu de vidro, na condição de o dirigirem em conjunto.

– E a Valentina? – perguntei.

– Os filhos varões herdaram o negócio, essa é a tradição. Acho que pensaram que depois de darem a volta às coisas entregariam algum dinheiro à Valentina. Isso não aconteceu, claro. A culpa não foi do Giacomo. Ele talvez não tenha o talento do seu pai, mas trabalha no duro. Foi o Teodoro que os destruiu. Vivia como um *playboy*: festas, bebida, drogas, tudo o que possa imaginar. Pedia dinheiro emprestado para pagar essas coisas. Mas não aos bancos; a certos indivíduos, homens do Sul...

– Criminosos?

Coco acenou com a cabeça enquanto fazia sinal ao empregado de mesa para trazer mais *cocktails*.

– Com homens assim, é uma grande asneira não pagar o que se lhes deve. Quando o Teodoro não conseguiu pagar-lhes, a Nanda viu-se forçada a vender quadros e mobília valiosa. Mas as dívidas eram maiores do que ela julgava e os juros continuavam a subir. Foi então que o Teodoro teve o acidente. Estava bêbado, num barco, a conduzir a demasiada velocidade. Não foi grande perda, na minha opinião, mas a pobre da Nanda ficou destroçada.

– Ele morreu.

Ela acenou com a cabeça de novo.

– Agora, andam a pagar as dívidas. Tudo está hipotecado: o museu, o *palazzo*. Entretanto, o Giacomo debate-se com dificuldades, porque anda a ser vendido vidro barato da China como vidro genuíno de Murano e ninguém quer pagar os preços que ele cobra. E a Valentina está a perder a oportunidade de viver a vida que devia.

– Então foi por isso que ela se recusou a ir a Buenos Aires com o Angelo – disse eu.

– Ela prescindiu de muitas coisas. Eu tentei dizer-lhes que há uma maneira fácil de resolver todos os problemas deles: deviam vender o *palazzo* e talvez o museu Viadro e a fundição também. Mas a Nanda recusa-se.

Bebi um gole do meu Spritz e peguei numa mancheia de amêndoas.

– Foi por isso que a Coco e ela se zangaram?

– Foi. – Fazendo uma pausa, Coco fitou os barcos que passavam no Grande Canal. Com o seu turbante vistoso, os óculos de sol muito grandes no nariz e os cães no regaço, parecia-se muito com os retratos de Peggy Guggenheim que eu tinha visto. – A minha pobre velha amiga recusa-se a largar o passado.

– Mas a Coco manteve muitas coisas do seu passado: as suas roupas e as pinturas da Pegeen – lembrei-lhe.

– Sim, mas soube quando era a hora de mudar; de me afastar das coisas mesmo que gostasse delas.

– De que coisas? – perguntei, com curiosidade.

Pela expressão de Coco, vi que me tinha excedido. Os cantos da boca viraram-se-lhe para baixo e ficou com uma expressão desconfiada nos olhos. O seu olhar desviou-se para o lado e recusou-se a encarar-me. Não disse nada.

Mudei rapidamente de assunto.

– Decididamente, gostaria de visitar o museu Viadro. Vem comigo?

– Não, acho que não – disse ela, ainda a fitar o canal.

– Podíamos passar um belo dia – disse eu, tentando persuadi-la. – Almoçar num sítio agradável.

– Eu não quero voltar a Murano. – Coco suspirou. – Mas vou ter de voltar a visitar a Nanda, não vou? A Addolorata arranjou maneira de o garantir.

Na manhã seguinte, vi Valentina pela primeira vez desde há muito tempo. Estava à minha espera quando fui buscar o cão, com o rosto sem maquilhagem e emoldurado pelo cabelo solto. Parecia cansada, o que não me surpreendia.

– Devo-lhe um agradecimento – disse ela. – A *mamma* diz que tem feito o almoço para ela. É muita bondade sua, mas não tem de o fazer. Ela é mais do que capaz de preparar o seu próprio almoço.

– Não é incómodo nenhum. Eu também tenho de comer – lembrei-lhe.

– Ela também me disse que a Coco veio cá ontem.

– Pois veio.

Valentina acenou com a cabeça.

– Ótimo. Elas voltam a discutir, mais cedo ou mais tarde; fazem-no sempre. Mesmo assim, é bom para ela ter companhia entretanto.

Eu tinha posto a trela a *Boris* e estava prestes a sair quando ela me deteve.

– Posso pedir-lhe outro favor? Não se importava de conduzir o meu passeio turístico hoje à noite? É o mesmo a que veio no outro dia.

– Quer que eu seja a guia? Porquê?

– Há um grupo de turistas que pediu especificamente uma cantora na gôndola para lhes fazer uma serenata hoje à noite e eu sou a única disponível. Mas os horários coincidem completamente. As gorjetas são tão boas que detestaria ter de recusar, e não consegui lembrar-me de mais ninguém a quem pedir.

Não me agradava muito a ideia.

– Já se passaram umas semanas desde que fiz esse passeio consigo e não me lembro bem de tudo. Como é que eu ia saber aonde ir ou o que dizer?

– Isso não é problema. Tenho tudo escrito no pacote informativo. E é realmente simples. Os proprietários dos *bacari* sabem o que servir e ajudam-na se não souber o que dizer. Pensa nisso? Por favor?

Eu não podia dizer que não, especialmente porque não tinha mais nada que fazer.

– OK, acho que sim, mas só desta vez.

Ela sorriu.

– Muito obrigada. Eu arranjo maneira de a recompensar, prometo.

Pegando numa pasta de plástico cheia de instruções, Valentina mostrou-me uma planta com cada *bacaro* assinalado nela.

– Vê como ficam perto uns dos outros? O sítio do Angelo é o primeiro e depois os outros ficam a uns minutos a pé. É impossível perder-se.

– E se as pessoas me fizerem perguntas sobre a comida veneziana?

– A *mamma* diz que é o que tem cozinhado para ela. Saberá responder a umas perguntas, tenho a certeza.

A perspectiva de ser guia turística por uma noite pôs-me nervosa. Por isso, enquanto *Boris* andava a farejar pelo parque, sentei-me num banco e li a informação toda. A seguir, o cão e eu andámos pelas ruas por trás do mercado de Rialto a tentar localizar cada um dos *bacari* que eu visitaria

nessa noite.

Quando não estão abertos, muitos destes pequenos bares podem ser difíceis de encontrar. Têm os estores das montras fechados, os toldos recolhidos e parecem desaparecer. Por isso, demorei algum tempo até ficar a saber aonde devia ir exatamente e qual o melhor caminho a tomar.

No regresso ao *palazzo*, parei no mercado e comprei ervilhas frescas para fazer um *risi e bisi* para a *Contessa*. Era um prato de que ela parecia gostar especialmente e é fácil de confeccionar. Basta fazer um caldo com as vagens das ervilhas e cozer nele o arroz em lume brando. Adicionam-se as ervilhas e uma pitada de açúcar. Remata-se com manteiga, salsa e queijo parmesão. Os sabores são frescos e a refeição satisfaz sem pesar muito.

Comemos as duas na saleta dela, com as tigelas no regaço, ambas demasiado ocupadas a apreciar a comida para falarmos. De qualquer modo, as conversas com Nanda tendiam a ser desorientadoras. Eu já tentara várias vezes fazer-lhe perguntas sobre Coco, mas nunca tinha chegado muito longe. Ela tinha uma maneira de responder sem me dizer realmente nada.

– O que aconteceu ao marido da Coco? – perguntava eu.

– Uma vez esfregou-lhe compota no cabelo. Não foi horrível? – respondia ela.

Eu tinha dificuldade em saber se ela fazia de propósito. Nalguns dias, tinha a certeza de que o seu estado de confusão era fingido, algo que ela fazia para escapar à verdade da sua vida. Noutras ocasiões, não tinha assim tanta certeza. Nessa tarde, enquanto comia o arroz de ervilhas com evidente agrado, pareceu-me estar de bom humor.

– Este prato pertence à história veneziana – disse-me ela, rapando a tigela para recolher uma última colherada. – Costumavam servi-lo ao Doge no dia de San Marco. Tinha de haver uma ervilha para cada grão de arroz na tigela dele. Eu prefiro-o assim, com bastante caldo.

– Eu transmito à cozinheira – disse eu, e Nanda riu-se.

– Que pena a Coco não estar aqui – disse ela. – Gosta de *risi e bisi* tanto como eu. Já fez este prato para ela?

– Ainda não, e tive sorte por encontrar ervilhas no mercado hoje. Já acabou a época delas, acho eu.

– Que pena para a Coco!

– O verão traz outras coisas boas – lembrei. – Tal como belos tomates, beringelas, milho fresco, ervas aromáticas. Vou poder cozinhar almoços deliciosos para as duas, prometo.

– Acha que ela volta? – Soava esperançada.

– Ela prometeu, não foi?

– Sim, mas com a Coco isso pode não querer dizer nada. – Nanda franziu a testa.

– Eu não a conheço há muito tempo – recordei-lhe. – Não a compreendo como a *Contessa*.

Nanda olhou para mim.

– Ninguém a compreende como eu – disse firmemente.

Passei o resto da tarde a estudar para o passeio, memorizando tanta informação quanto possível. A seguir, tive uma pequena crise em relação ao que vestir. Normalmente, poria umas calças de ganga sem pensar muito no assunto, mas Coco devia ter-me afetado, porque experimentei várias opções antes de me decidir pelo vestido azul que tinha comprado na nossa primeira ida às compras, com um colar de vidro de Murano que achava que devia ser genuíno, dado o que paguei por ele.

Ainda nervosa, fumei um cigarro rápido na varanda, esperando que Coco tivesse a janela fechada

e não notasse o cheiro. Ela não aprovava que eu fumasse; tinha-o deixado bem claro quando me encontrou a fumar às escondidas no jardim dela. Pregara-me um sermão sobre o efeito que fumar teria na minha aparência, embora eu só andasse a dar umas passas ocasionais quando me sentia mais nervosa. Nesse dia em particular, tinha tido uma conversa tensa ao telefone com Eden. Ele recusava-se a mandar-me Katia para passar as férias comigo e discutimos até eu me aperceber de que não chegaríamos a lado nenhum e desligar. Mais tarde, depois de me acalmar com um copo de vinho, decidi telefonar-lhe outra vez daí a um ou dois dias; talvez pedir a Pieta que falasse com ele, possivelmente até ao meu pai. Eden estava a ser muito pouco razoável, o que não era nada típico dele. Com certeza, um de nós poderia fazê-lo ver a razão.

Encaminhei-me com bastante antecedência para o ponto de encontro no Campo della Maddalena. Havia um grupo completo para o passeio esta noite, e algumas das pessoas já estavam à minha espera nos degraus da igreja. Estavam como eu naquela primeira semana: ofuscados por Veneza e pelas suas *calli* movimentadas, com plantas da cidade na mão, que os confundiam ainda mais, a quererem assegurar-se de que viam tudo o que deveriam ver.

Apresentei-me e comecei a responder a perguntas. Que excursão recomendaria para verem o Palácio do Doge? Qual era o melhor local para um passeio de gôndola? Poderiam visitar Murano e Burano num só dia?

Inspirei fundo.

– Outras pessoas poderão dar-lhes informações sobre as atrações turísticas. Eu estou aqui para lhes mostrar a Veneza real de que os habitantes locais desfrutam; os sítios onde eles comem e bebem.

Isso pareceu aplacá-los. Depois recordei-me de como, no seu passeio, Valentina nos tinha ordenado que guardássemos as nossas plantas da cidade, e fiz o mesmo. Quando todo o grupo estava já reunido, encaminhei-os na direção da paragem do *traghetto*, falando sobre a maneira como os Venezianos gostavam de conviver.

Dei a impressão de que era dali, porque, de certa maneira, era o que sentia. O ritmo da vida aqui agradava-me; dava a sensação de ser civilizado, de ser a maneira como as pessoas deveriam viver.

– Ao passamos por um *bacaro*, talvez encontremos uma pessoa amiga e fiquemos ao balcão com ela, com uma *ombra* numa das mãos e um *cicchetto* na outra – expliquei. – É uma pequena pausa no nosso dia, um momento de convívio antes de irmos para casa ou regressarmos ao trabalho.

– Parece encantador – comentou uma americana num tom de inveja. – Tem tanta sorte por viver aqui!

– Sim – concordei. – Muita sorte.

O nosso primeiro ponto de paragem foi a *osteria* de Angelo. Os estores estavam firmemente corridos e a porta fechada à chave, mas quando bati ele abriu imediatamente.

– *Buona sera*, Dolly. – Beijou-me nas faces. – Finalmente arranjaste um emprego.

– Só por esta noite – disse eu, acrescentando em voz mais baixa: – E tu tens de me ajudar.

Angelo deu as boas-vindas ao meu grupo, convidou-os a sentarem-se em bancos ao balcão e serviu copos de vinho. Falou sobre comida, como abria a *osteria* todas as manhãs à mesma hora que o mercado e encontrava a sua inspiração nos produtos do mar que lá se vendiam. Falou de dar a volta a tradições, de criar algo novo a partir da maneira tradicional de fazer as coisas.

Serviu os mesmos petiscos que tínhamos comido quando eu viera como turista: brioche com atum

fumado, barrado com um creme de alcachofra e mostarda; *crostini* cobertos de creme de bacalhau. Mas falou durante muito mais tempo, sobre os peixes e os mariscos que se encontravam no fundo lamacento da lagoa e nos vales de água que cobriam a sua terra pantanosa: o rodovalho e o robalo, o peixe-vermelho e a tainha, os moluscos que se tiravam das suas conchas. Era a primeira vez que o ouvia falar tão apaixonadamente sobre comida, e fiquei quase tão encantada com ele como o resto dos turistas.

Esta não era a nossa noite para uma lição de tango, mas quando o meu grupo estava a levantar-se dos bancos e a pegar nas malas e nos chapéus, Angelo veio ter comigo e perguntou se eu queria encontrar-me com ele mais tarde.

– Vou estar ali ao dobrar da esquina no All’Arco. Vem ter comigo quando acabares. Há alguém que quer conhecer-te. Uma pessoa muito minha amiga.

– Com certeza. Adorava – disse-lhe eu, perguntando-me quem seria.

A caminho do *bacaro* seguinte, ouvi duas mulheres no meu grupo falarem sobre Angelo. Uma delas achava que ele era *uma brasa*; a outra não concordava.

– Tem aquele ar arrogante dos *chefs* de cozinha – estava a dizer. – Acham todos que são uma verdadeira dádiva dos Céus.

Eu queria dizer-lhe que não tinha compreendido bem. Os melhores *chefs* são artistas, preocupados com a cor, a forma e a textura, mas também a trabalharem com o sabor. É preciso coragem para criar. Tem de haver imaginação e tenacidade, bastante capacidade de desafio e talvez até obsessão. Esse é o *chef* que todos nós queremos ser, do tipo que eu pensava que era, antes de perder a autoconfiança e permitir que o meu pai voltasse a assumir as rédeas do seu restaurante. Mas não disse nada. Em vez disso, tentei recordar o que devia dizer sobre o *bacaro* seguinte.

Acho que o passeio foi um sucesso. Toda a gente ficou satisfeita com os pratos provados. A senhora que não gostava de peixe não deixou de ter o que comer; os apreciadores da bebida mandaram vir mais vinho e ficaram no último *bacaro* que visitámos. Antes de me ir embora, escrevi nas plantas deles, sugerindo lugares a visitar, tal como Valentina me tinha feito. O bar em Cannaregio com uma barcaça atracada ao seu lado, onde uma pessoa podia estender-se enquanto bebia um Spritz; a livraria Acqua Alta; e os melhores sítios para um almoço barato ou um bom jantar.

Embora parecessem pessoas simpáticas, foi um alívio ir-me embora. Quando me dirigia para o All’Arco ao encontro de Angelo, sentia-me arrasada. Só uma bebida, decidi, e depois ia para casa e tombava na cama com um livro.

O bar estava movimentado como de costume. Inicialmente, deu-me a impressão de que Angelo fazia parte dum grupo reunido no passeio cá fora, mas quando me aproximei compreendi que ele estava só com uma das mulheres que o rodeavam. Ela estava o que a minha irmã Pieta chama «bem arranjada». Tinha cabelo louro liso e brilhante, roupas caras, boa figura. Ria-se de alguma coisa que Angelo dizia e eu hesitei por um momento, sem saber se deveria interromper.

– Olá, Dolly, sempre chegaste. – Angelo estava a chamar-me para junto deles. – Deixa-me ir buscar-te uma bebida. Spritz, sim?

Houve um momento embaraçoso quando ele se virou para abrir caminho até ao balcão, deixando-me com a sua amiga.

– Suponho que tenho de me apresentar eu. – Estendeu-me a mão. – Marie-Ann Billens.

– Addolorata Martinelli. Prazer em conhecê-la.

– Ótimo, já ultrapassámos as formalidades. – Sorriu. – Disse ao Angelo que gostava que nos encontrássemos. Somos ambas estrangeiras a viver em Veneza. Pode ser muito difícil conhecer pessoas aqui, certo?

O sotaque dela tinha uma entoação que eu não conseguia identificar bem. África do Sul? Austrália?

– De onde é? – perguntei.

– Da Nova Zelândia, mas já não vivo lá há uns anos. Trabalho no ramo da hotelaria, por isso mudo muito de sítio. Pode ser ótimo, claro, mas a desvantagem é que mal uma pessoa se instala num sítio já está a mudar para outro.

Quando Angelo regressou com a minha bebida, eu já sabia bastantes coisas sobre Marie-Ann. Era gerente no Molino Stucky Hilton e estava lá há alguns anos. Vivia na Giudecca, que era muito menos frenética do que o resto de Veneza, e não dançava tango.

– Não é realmente a minha cena – disse. – Nunca fui de dançar. Consta-me que ele anda a ensiná-la. Que tal vai isso?

– Oh, sabe como é, temos dias bons e dias maus.

Angelo estava com a minha bebida na mão, mas foi abordado por alguém no regresso do balcão e parou para conversar.

– Diga-me, para além das lições de dança, o que é se está a passar exatamente entre os dois? – perguntou Marie-Ann calmamente.

Aquilo apanhou-me de surpresa.

– Desculpe?

– Você e o Angelo, qual é a história?

– Não há história nenhuma.

– A sério? – Dava a impressão de que ela não acreditava em mim.

Angelo escolheu aquele momento para voltar para junto de nós e houve uma pausa desconfortável antes de retomarmos a conversa. Marie-Ann fez-me uma pergunta sobre o meu colar e falámos sobre compras em Veneza durante algum tempo até eu acabar de tomar a minha bebida.

Tencionava ir-me embora, mas Marie-Ann foi-me buscar outro Spritz e fiquei para o acabar. Depois disso, Angelo sugeriu que fôssemos até ao Campo San Giacomo dell’Orio à *milonga*. Mais uma vez tentei despedir-me e ir para casa. Desde que as nossas aulas tinham começado, evitava dançar em público. Acho que tinha uma ideia louca de que, depois de me tornar realmente boa, ia aparecer e pôr toda a gente boquiaberta, mas, como quanto mais aprendia tanto mais me apercebia do que não sabia, isso ainda não tinha acontecido.

– Vem – insistiu Angelo. – Se vamos atuar este verão devias aproveitar todas as oportunidades para praticar.

Marie-Ann virou-se para mim.

– Vão atuar num espetáculo juntos?

– Parece que sim – disse eu num tom seco. – Pelo menos é o que o Angelo anda sempre a dizer-me.

– Vou ter de comprar bilhete.

– Vem connosco agora e podes assistir de graça – sugeriu Angelo.

– Não, devia ir para casa. Tenho uns *e-mails* a que responder e um dia complicado no trabalho amanhã.

Angelo rodeou-me casualmente os ombros com o braço. – OK, então. Eu telefono-te em breve – disse-lhe.

Vi a expressão de Marie-Ann mudar. Os seus olhos pareciam mais duros, a sua boca uma linha severa. A seguir fez um sorriso forçado.

– Oh, que se lixe o trabalho, eu vou – declarou.

Senti um pequeno acesso de prazer ao ouvir a música de tango a tocar. Conhecia a canção; era uma ao som das quais Angelo e eu ensaiávamos. Cheia de vinho e de boa disposição, dancei uns passos com um par imaginário. Angelo fez o mesmo. A seguir, pegou-me na mão e, deixando Marie-Ann sozinha, arrastou-me para a zona de dança.

Coco estava lá com Silvio e vi-os pararem de dançar para olhar para nós. O coração bateu-me com alguma força, mas depois entreguei-me nos braços de Angelo e qualquer desconforto que sentisse não tardou a dissipar-se. Fechando os olhos, deixei-me levar à volta do *campo*. Os meus passos eram controlados, talvez até bastante graciosos. Dava a sensação de que estava no meu corpo, a seguir Angelo mas mesmo assim segura de mim mesma. Dançámos três músicas lentas e quando a última chegou ao fim parámos.

– Eu devia dançar com outras – disse Angelo.

– Mas eu julguei que estava a dançar tão bem...

– E estás. Mas hoje não há homens em número suficiente e todas estas mulheres estão à espera de par. – Fez um gesto na direção de raparigas com sapatos de tango de salto alto e vestidos bonitos. – Voltamos a dançar os dois mais tarde, OK?

– Claro – disse eu, tentando não soar dececionada.

Marie-Ann estava à espera junto a um grupo de árvores perto de onde a tínhamos deixado, de braços cruzados, já sem o seu sorriso. Afastei-me de Angelo e fui ter com ela.

– Quer ir beber qualquer coisa? – perguntei-lhe. – Aquele bar ali tem uma lista de Prosecco fabulosa.

Ela baixou a cabeça.

– Sim, se quiser.

Encontrei uma mesa de onde podíamos assistir ao baile, mas Marie-Ann optou por se sentar de costas para ele. Com os cotovelos na mesa, pousou o queixo nas mãos.

– Continuamos onde parámos? – disse. – Eu acho que o Angelo anda com outra. Só estou a perguntar se é a Dolly.

Reclinei-me na cadeira.

– A Marie-Ann e ele estão juntos?

– Há um ano, com interrupções.

Fiquei surpreendida: ele nunca tinha feito alusão a uma namorada. Mas, de qualquer modo, Angelo raramente me fazia confidências sobre si mesmo.

– O que a faz suspeitar de que há outra? – perguntei.

Ela roeu a unha pintada do polegar, como se não tivesse a certeza de como responder.

– Quando vários homens já nos pregaram partidas, acabamos por saber reconhecer os sinais – acabou por dizer. – O Angelo é muito inconstante. Passamos todo o nosso tempo livre juntos e depois de repente ele deixa passar uma semana sem me telefonar. Ultimamente, tem mencionado muito o seu nome. Foi por isso que eu sugeri que nos encontrássemos. Preciso de saber o que se

está a passar.

– Eu tenho família em Inglaterra – disse-lhe eu. – Entre mim e o Angelo só há a dança, garanto-lhe.

Ela estava a roer a unha do polegar outra vez.

– Quem, então?

– Já lhe perguntou?

Marie-Ann soltou uma risada seca.

– Os homens não gostam de ser pressionados dessa maneira. Sei por experiência que isso os afugenta.

Por entre as árvores, eu via Angelo dançar com uma rapariga com um vestido preto curto. Compreendia como seria difícil ser a sua namorada se não confiasse plenamente nele.

Marie-Ann inclinou-se mais para mim.

– A questão é a seguinte – disse ela. – Eu tenho quase trinta e dois anos. Se quero ter filhos, preciso de me despachar. Surgiu uma oportunidade de ser transferida para o Hilton em Auckland, mas, antes de tomar uma decisão, preciso de saber se esta coisa com o Angelo vai a algum lado.

– Se ele anda a enganá-la, talvez seja melhor acabar tudo – sugeri.

– Mas eu não tenho a certeza se ele anda a enganar-me – lembrou ela. – Olhe, ele é um sujeito fantástico, esperto, bem-sucedido, lindo, e seria uma loucura eu deitar tudo a perder se houver hipótese de resultar.

– Preferia viver aqui ou na Nova Zelândia?

– Se voltar para a minha terra, sou promovida.

– Sim, mas qual dos sítios a tornaria mais feliz? – perguntei.

– Mais feliz? – Parecia perplexa. – Realmente não sei. Quer dizer, dependeria de uma data de coisas.

– De que coisas?

Ela pensou sobre o assunto.

– Relacionamentos, amigos, o sítio onde eu vivesse... não sei dizer exatamente, nunca pensei nisso nesses termos.

Foi então que eu falei a Marie-Ann sobre a minha lista de felicidade. Ela pareceu ficar intrigada, embora se risse quando eu lhe disse que até ao momento só tinha conseguido registar cinco coisas.

– Não estou meramente a escrever coisas à toa – expliquei. – Envolve muita reflexão. Tenho de ter bastante certeza antes de acrescentar algum item à lista.

Marie-Ann posicionou a cadeira de modo a ver o baile.

– Eu também tenho uma lista – disse, com os olhos postos em Angelo. – É uma lista das coisas que quero, uma família, uma casa com jardim, talvez até uma casa de férias junto a uma praia. Tenho objetivos para a minha carreira e para as minhas finanças. É a mesma coisa, suponho.

– O mesmo que uma lista de felicidade? Na verdade, não me parece.

– Porquê?

– Só porque quer essas coisas isso não quer dizer que a façam feliz.

Angelo estava agora a abandonar a pista de dança. Parecia andar à nossa procura. Lançou um olhar na direção do bar, sorriu e fez menção de se aproximar.

– Há alguém com quem ele talvez esteja envolvido – disse eu rapidamente. – Uma rapariga chamada Valentina que costumava ser o par dele na dança.

– Acho que sei a quem se refere. Ela aparece nalgumas das fotografias que ele tem na parede.

Acenei que sim com a cabeça e, quando Angelo estava a arrastar mais uma cadeira para a nossa mesa, Marie-Ann tocou-me na mão.

– Obrigada – disse em voz baixa.

Angelo e eu dançámos mais uma vez nessa noite. Era tarde e a maior parte das outras pessoas já tinha ido para casa. Dava a sensação de que o *campo* era nosso e eu descontrái-me nos braços dele e fechei os olhos. O seu cabelo tinha o cheiro a manteiga queimada de um dia passado na cozinha, a caldos em lume brando e cebolas a serem caramelizadas lentamente. Tinha a pele húmida e quente. Penso que devia estar cansado, porque os seus movimentos eram mais soltos e mais lânguidos do que o habitual. Pela primeira vez, movíamo-nos verdadeiramente juntos, com os corpos ligados, a dançar um tango sincero. Foi uma coisa mágica, e senti pena de Marie-Ann. Ela nunca conheceria a totalidade do homem se não tocasse nesta parte dele.

Lista de Felicidade de Addolorata

6. Tango – a música e o estado de espírito, a sensação que dá. O seu puro prazer, o abraço apertado, acima de tudo o estar em total harmonia com outro ser humano.

CAPÍTULO 16

Coco não se deixou convencer a mudar de ideias em relação a Murano. Por isso, no dia seguinte, depois de levar *Boris* a dar um breve passeio, apanhei o *vaporetto* sozinha. Soprava uma brisa agradável na lagoa quando nos afastámos de terra. Dava a sensação de ser verão agora: os turistas andavam de calções e *T-shirts*, os habitantes locais de roupa de linho ou vestidos vaporosos. Coco tinha-me dito que a temperatura subiria muito mais do que isto, avisando-me de que poderia haver dias em que ela se recusasse a sair dos lugares à sombra no seu jardim. De qualquer modo, era melhor do que os infundáveis dias cinzentos do inverno, disse ela, e do que os nevoeiros enregelantes que se mantinham dias e dias. Melhor do que as cheias da *acqua alta* ou a chuva gélida.

Eu perderia tudo isso. No final do verão partiria dali. A olhar para trás, para a verdura de Sant'Elena, tentei afastar esse pensamento da minha mente. Ainda me restavam várias semanas e muita coisa aconteceria. A Festa del Redentore, de que toda a gente falava; dias a preguiçar ao sol e a nadar no Lido; o espetáculo de tango em que eu não tinha propriamente prometido participar. E acrescentaria mais coisas à minha lista de felicidade; tinha de fazer isso.

Ao princípio, eu não fazia ideia de que seria um tal desafio. De facto, ainda continuava a parecer-me muito mais fácil elaborar uma lista das coisas que *não* me faziam feliz: desporto, mexericos sobre celebridades, malas de marca, televisão alta, ginásios, tratamentos faciais, *lingerie* de luxo. E isso era só o que me vinha à cabeça de repente. Se refletisse mais a fundo, acho que conseguiria encher páginas do meu bloco de apontamentos com coisas que não me interessavam. E isso fazia-me sentir triste. Não queria ser uma pessoa que se concentrava nas coisas negativas.

Em Murano havia um homem de pé junto ao cais a dirigir-se em voz alta às pessoas que desembarcavam, tentando interessar-nos numa exposição grátis numa oficina de vidro. Algumas pessoas seguiram-no, mas como, depois de olhar para a minha planta, vi que o museu Viadro ficava na direção oposta, mantive o meu plano original.

Como Murano é uma ilha pequena, não foi difícil encontrar o *palazzo* onde estava instalado o museu. Paguei o bilhete de ingresso e subi as escadas; olhei para as prateleiras com jarras, estatuetas e taças, parando para ler uma ou outra placa informativa. As cores e as formas eram assombrosas, mas não me parecia que alguma vez quisesse ter algo assim tão perfeito e tão facilmente quebrável em minha casa.

Ao lado de cada vitrina havia fotografias a preto e branco de homens da família Viadro, de bigode e com um ar severo, e era-nos contada um pouco mais da sua história. Dava a ideia de que todos os elementos do sexo masculino se tinham dedicado ao negócio da família, a fazer vidro; ou a vendê-lo, se não tivessem talento para a criação artística.

A obra de Lorenzo enchia uma sala inteira e aos meus olhos parecia a mais artística. Jarras luminosas em verde ametista, copos com um acabamento grosseiro, esfumado, vidro que parecia cru e tosco, formas curvas como o corpo de uma mulher. Foi onde me demorei mais tempo, a olhar para cada peça, a tentar imaginar o homem que as tinha feito.

– Desculpe, é a Addolorata? – perguntou uma voz de homem.

– Sou. – Apanhada de surpresa, olhei para cima. Ele era um homem entroncado, com pele macilenta e sobrancelhas grossas. Tive a sensação de que já estava ali a observar-me há algum tempo.

– Sou o Giacomo Viadro. A minha mãe pediu-me para vir procurá-la.

– A sério? – Aquilo era inesperado. – Como é que ela sabia que eu ia estar aqui?

– Penso que a Coco deve ter-lho mencionado. São amigas, não são?

– Somos.

– A *mamma* disse-me que tem sido muito bondosa. Pediu-me que lhe fizesse uma visita guiada.

Giacomo parecia tão solene como os homens de bigode nas suas velhas fotografias de família, e eu não me sentia especialmente entusiasmada com a ideia da sua companhia.

– É muito simpático da sua parte – disse-lhe –, mas de certeza que tem muito que fazer e, de facto, eu já dei uma boa vista de olhos a tudo.

– Não é incómodo nenhum. Talvez queira ver algum do meu trabalho? Está exposto lá em baixo na loja e na fundição.

– Com certeza – acedi, já que parecia que não tinha outra opção.

– Venha daí.

Conduziu-me pelas galerias que eu já tinha visitado, apontando para lustres feitos à mão concebidos para doges, para um mocho de vidro criado para a Bienal de Veneza, para taças vidradas a ouro ou cobertas de bolhas.

– A nossa família passa os segredos do fabrico do vidro de pai para filho desde 1400 – disse ele, com um tom de orgulho na voz. – Cada geração tem avançado, criando novas técnicas e novas possibilidades.

Segui-o pelas escadas abaixo e por uma porta que dava para um jardim. O edifício onde estava instalada a fundição situava-se do outro lado de um retângulo de relva amarelada. Mesmo ao lado da entrada, havia uma zona de visionamento delimitada por cordas e uma vitrina cheia de pingentes tal e qual como o que Nanda usava muitas vezes.

– Oh, faz estas peças? São deslumbrantes.

Giacomo sorriu, o que lhe alterou o rosto, fazendo-o parecer mais novo e mais doce.

– Também produzimos outros objetos aqui, candeeiros, jarras, ornamentos, o que quer que se venda. Mas isto é o que eu adoro criar. Cada peça é única, e quando vejo uma mulher a usar uma delas, com o vidro a aquecer contra a sua pele, é como se tivesse criado uma coisa viva, não meramente um enfeite.

– A Coco disse-me que há muito vidro de Murano de contrafação a vir da China. Isso está a afetá-lo?

– Contas baratas, animais de vidro, coisas sem gosto nenhum que foram produzidas em massa; nada como isto. – Giacomo era pragmático. – As pessoas vão sempre querer comprar peças de arte em vidro genuínas.

Convidou-me a tomar um café com ele no pequeno café junto à loja. A mesa a que nos sentámos proporcionava uma vista de muitos mais dos seus pingentes, todos expostos num armário comprido que estava iluminado de tal modo que cada um deles parecia brilhar.

Indo ele próprio buscar o café, pousou-o diante de mim juntamente com um prato de bolachas *zaleti* com uvas-passas, ainda ligeiramente quentes do forno.

– Então, Addolorata – disse ele, sentando-se na cadeira em frente a mim. – Diga-me o que está a fazer em Veneza. São umas férias?

– Não, é mais uma espécie de licença sabática. Sou *chef* de cozinha e precisava de passar algum tempo longe do trabalho. – Era a explicação mais fácil.

– Está a gostar da nossa gastronomia veneziana? – perguntou ele.

– Sim, claro. – Ferrei o dente numa das bolachas amarelas e encontrei pinhões para além das uvas-passas. – Hum, estas bolachas são ótimas.

– Fazemo-las aqui. Muitas vezes acrescentamos-lhes outras coisas, figos ou amêndoas. Pertencem à história de Veneza, estes pequenos bolos. Se quiser, posso pedir à cozinheira que lhe dê a receita. Está cá à procura de inspiração, não está?

– De certo modo.

– Deve ser bom viajar e ter tempo para pensar. Um dia vou fazer isso, se puder. – Soava melancólico. – Mas neste momento tenho um negócio a gerir e três filhos pequenos em casa. Mal saio de Murano, a não ser para alguma reunião de negócios ou para visitar a *mamma*... e, para dizer a verdade, não o faço com a frequência com que devia. A Addolorata vê-a muito mais do que eu, penso. Diga-me, que tal a acha?

Eu não sabia bem como responder àquilo.

– É-me difícil dizer, porque não a conheço há muito tempo – lembrei-lhe –, mas parece-me bem. A Coco conseguiu que ela saísse do *palazzo* no outro dia. Foram ao Alla Vedova.

– A Coco quase sempre leva a *mamma* a fazer exatamente o que ela quer. Isso nunca muda.

– Ela também é sua madrinha, para além de ser madrinha da Valentina? – quis saber.

Giacomo olhou-me de lado.

– A Coco? Nossa madrinha? – Solto uma risada seca. – Não me parece.

– Tenho a certeza de que alguém me disse isso. – Tentei recordar quem tinha sido.

– Bem, essa pessoa enganou-se. A minha mãe sempre foi uma amiga fiel de Coco, mas nem sequer ela a teria escolhido para participar na educação espiritual dos seus filhos. – Riu-se de novo. – Não a Coco.

– Porque não? – perguntei, estendendo a mão para pegar noutro *zaletto*.

– O que sabe sobre ela?

– Quase nada, para ser franca. Sei que foi casada uma vez e que o seu pai era amigo dela.

– Era amante dela – disse ele secamente.

– Bem, sim.

Ele esfregou os olhos, fatigado.

– Deixe-me ir buscar mais café. Não conheço a história toda da Coco, mas posso esclarecer-lhe algumas partes.

Giacomo voltou com outro prato de bolachas, desta vez *fugasse*, uns pãezinhos doces, com fermento, polvilhados com açúcar e aromatizados com raspa de casca de limão. Eu peguei num e esperei pela sua história.

– Por onde começar? – disse ele, instalando-se de novo na cadeira. – A história delas é longa.

– Onde se conheceram?

– Eram muito novas. A Coco era filha da ama da minha mãe. Como a *mamma* era filha única, a Coco e as irmãs delas eram trazidas ao *palazzo* para lhe fazer companhia de vez em quando. A história que eu ouvi é que a Coco adorava a minha mãe, mas suspeito que a verdade era que ela

preferia a nossa casa à dela. A família dela era humilde. O pai trabalhava numa das barcas de entrega de mercadorias.

– Então elas eram amigas de infância.

– Inseparáveis. A Coco deve ter-se praticamente criado no nosso *palazzo*. Aparece em muitas das fotografias de família dessa época. Festas de anos, idas ao Lido, acompanhava-os para toda a parte. Os meus avós talvez se tenham arrependido disso mais tarde. Talvez os pais da Coco também se tenham arrependido.

– Porquê?

– Ela queria o que a *mamma* tinha. Oh, não quero dizer que roubasse coisas à minha família, pelo menos tanto quanto sei. Mas ansiava por viver como ela. – Giacomo hesitou. – Diga-me, a Coco ainda continua a ser bonita?

– Sim, acho que sempre será.

– O meu irmão Teodoro teve uma paixoneta por ela durante uns tempos. Disse-me que a tinha visto nua uma vez. Suponho que estava a mentir, mas talvez não. – Franzindo a testa, Giacomo olhou para o relógio. – Desculpe, Addolorata, mas vou ter de ir verificar uma entrega e depois disso há uma reunião a que tenho de assistir. Mas fique por cá o tempo que quiser, coma mais umas bolachas. E volte para assistir a uma das nossas demonstrações de fabrico de vidro, se tiver tempo.

Pôs-se de pé, deu meia-volta, mas depois pareceu hesitar e, olhando para mim, disse:

– Sabe, mesmo agora, o comportamento da Coco pareceria chocante. E nesses tempos as pessoas eram mais tradicionais... nesses tempos, as coisas eram diferentes.

Dei um passeio ao longo dos canais de Murano antes de apanhar o *vaporetto* de regresso a casa. Todas as lojas por que passei vendiam vidro, muitas delas exibiam os mesmos colares de contas nas montras. Mas não havia nada como os pingentes de Giacomo.

Enquanto passeava, tentei preencher as lacunas no que ele me tinha contado. Então, Coco invejava Nanda e queria uma vida como a dela. Tinha feito algo escandaloso para o conseguir, mas o quê? E porque é que era quase impossível levar alguém a falar sobre isso?

O *vaporetto* que apanhei para casa seguiu uma rota diferente, percorrendo o largo canal Canneregio e deixando-me na estação ferroviária. Daí, era uma longa caminhada pela Strada Nuova, que me levaria a passar pelo *palazzo*. Tinha o portão fechado, mas, por entre as grades, vislumbrei Nanda sentada num banco a apanhar o sol do fim da tarde, com *Boris* aos seus pés.

– *Buona sera, Contessa* – disse eu em voz alta.

Ela olhou para cima.

– Ah, eu disse ao meu filho que ia a Murano. Enganei-me?

– Não, estive lá e conheci o Giacomo. Obrigada por lhe pedir que me mostrasse o museu.

– Tenho a certeza de que ele o fez com todo o gosto. – Acenou delicadamente com a cabeça. – E a verdade é que tenho um pequeno favor a pedir-lhe. Por favor, entre por um momento.

Empurrei o portão e desci o caminho. Como ela não me convidou a sentar, mantive-me de pé.

– Tenho andado todo o dia a pensar no que fazer e depois surgiu-me uma ideia – disse ela.

– Desculpe, a pensar no quê?

– No aniversário da minha filha Valentina, claro. Vou fazer-lhe uma festa, só uma festa pequena num domingo à noite, quando ela não tem de ir cantar ópera. Vêm o meu filho e a família dele, a minha querida Coco também, claro, talvez um ou dois outros velhos amigos, se conseguir encontrá-

los. Preciso que diga na cozinha para prepararem algo especial, uns *cocktails* e uma ceia elegante. Faz-me esse favor? Tem muito mais jeito para lidar com o pessoal do que eu.

Suponho que era a maneira dela de me pedir que cozinhasse.

– Sim, posso falar com eles – concordei, admirando o atrevimento dela. – Mas preciso que me diga a data e o número de pessoas primeiro.

– Maravilhoso. A ementa confio-lha a si. – Nanda sorriu calorosamente. – Que encantador fazer uma festa.

Mal cheguei a casa, bati à porta de Coco. Ela entreabriu-a o suficiente para eu ver que tinha uma máscara branca espalhada numa camada espessa por todo o rosto, à exceção de dois círculos limpos dos quais espreitavam os seus olhos escuros. Parecia um mocho velho.

– Agora não, Addolorata, volte daqui a meia hora.

– Achei que queria saber da festa.

– Que festa? – Abriu mais a porta. – Estou convidada?

Quando lhe contei, a sua reação foi rir-se.

– Então, vamos sentar-nos no chão em círculo como se fôssemos crianças? Vai ser um desastre se não fizermos alguma coisa.

– Tenho a certeza de que arranharemos cadeiras em número suficiente. É só uma festa em família.

– Não, não, devem ir outras pessoas também – disse ela firmemente. – Os tempos em que se podia contar com alguém da família Viadro para nos receber já lá vão há muito. Eu faço uma lista. Volte mais tarde, como eu lhe disse.

– Não demasiadas pessoas – tentei avisá-la. – Eles não têm posses para isso.

Antes de eu acabar de falar já ela me tinha fechado a porta na cara.

A máscara fora removida quando voltei ao andar de baixo, e Coco estava de novo devidamente empoada e com *bâton*. Encontrei-a sentada à mesa da cozinha, a elaborar entusiasticamente uma longa lista.

– Enviamos convites por escrito – declarou. – A ementa deve ser a Addolorata a decidir. Mas precisa de ser delicada: pequenos acepipes que se possam comer de pé ou empoleirada numa linda *chaise longue*.

– Não há nenhuma *chaises longues* lindas no *palazzo* – lembrei-lhe.

– Deixe isso comigo. Tenho um amigo que trará algumas coisas. Decoramos uma das salas maiores, fazemos com que pareça linda outra vez.

– Não é um bocado exagerado? É só uma pequena festa de aniversário, afinal.

– Não há razão para não fazer as coisas em condições.

– Quem vai pagar tudo?

– Preocupamo-nos com isso mais tarde. Primeiro temos o sonho.

– Coco... – comecei a admoestá-la. – Eles estão endividados, não se esqueça.

– Mas podemos fazer a festa muito em conta; vai ficar admirada.

Ela estava muito animada, a tagarelar sobre planos para dançar no jardim, luzes nas árvores, uma ceia ligeira para os que ficassem até mais tarde. Olhando para a lista de convidados, perguntei-me quantos dos que dela constavam eram amigos de Coco, não de Valentina.

– Numa festa maravilhosa a que fui uma vez com a Pegeen, havia um mágico que era muito divertido – estava a murmurar Coco. – E, claro, nós, os Venezianos, adoramos trajes de fantasia,

máscaras e *confetti*. Mas acho que este evento deveria ser mais sofisticado. Nada de truques de circo ou de ambiente de Carnaval. Não concorda?

– Não devíamos falar com a Nanda e a Valentina antes de avançarmos seja com o que for? – perguntei, na dúvida.

– Oh, não, elas com certeza vão adorar. – Coco soava muito segura do que dizia. – Vão ficar completamente encantadas.

De manhã, quando nos encontrámos para tomar o pequeno-almoço, Coco continuou a falar sobre a festa. Ocorreu-lhe a ideia de levar músicos de tango, amigos dela que tocariam de graça, pelo que não precisaríamos de nos preocupar com a despesa. Também tinha opiniões sobre a comida, inspirada por acepipes que comera em festas a que tinha ido. Eu estava com sérias dúvidas sobre aquilo tudo, mas parecia que não havia maneira de a refrear.

Coco continuou a falar excitadamente enquanto eu comi um brioche recheado com creme doce, bebi um *cappuccino* e mandei vir outro. Como sempre, apareceu elegantemente, numa bandeja de prata decorada com um *napperon* de renda antigo, e a sua visão causou-me um pequeno baque de prazer.

Uma das coisas de que eu acabara por gostar em Veneza era o facto de ninguém andar pela rua com copos de papel na mão, a beber enquanto caminhava. Em Itália, o café é algo para que se para, nem que seja só para um momento de prazer. É uma coisa do dia a dia, mas mesmo assim tornam-na uma ocasião especial.

Uma chávena de louça de café posta em cima de uma bandeja coberta por um *napperon*: era uma felicidade tão comum que eu não achei que merecesse um lugar na minha lista. Nessa manhã, contudo, enquanto Coco fazia planos para *cocktails* e comida para a festa, apercebi-me de que estava errada. As pequenas alegrias eram igualmente importantes. Se me tornavam verdadeiramente feliz, devia anotá-las.

Lista de Felicidade de Addolorata

7. Bom café servido em condições. Não demasiado torrado e amargo, mas forte e fragrante e servido com suficiente cerimónia para fazer com que o momento pareça um bocadinho especial.

CAPÍTULO 17

Como eu gosto tanto de festas como Coco, ao longo dos dias seguintes comecei a sentir-me tão empolgada como ela. Participei na análise das vantagens de lanternas coloridas ou de luzes nas árvores. Arranjei até entusiasmo suficiente para uma prova de *cocktails*. Rebusquei as caixas de velhas fotografias de Nanda à procura de fotografias de Valentina para fazer uma montagem que Coco queria que se pendurasse na parede.

Mesmo em pequena, Valentina usava o mesmo penteado – aquela franja pesada e a trança grossa a cair-lhe sobre o ombro. Dava a impressão de ter sido gorducha até à adolescência, mas depois ficou mais delgada e com o rosto muito mais magro, e a tatuagem da margarida tinha aparecido, a serpentear-lhe pelo ombro. Havia fotografias dela a cantar em concertos, a dançar *ballet* e sapateado, assim como tango, a posar ao lado de uma sequência de cães, a erguer taças de champanhe em festas. Havia retratos de família e retratos da escola, algumas fotografias com Coco, várias com Angelo. Em todas elas, Valentina parecia bonita e privilegiada, não esgotada pela exaustão, que era o que aparentava agora a maior parte do tempo.

Demorou séculos a passar todas as fotografias em revista, porque cada uma delas suscitava uma pequena recordação que tinha de ser discutida; e cada conversa trazia consigo uma pista para mais recordações. As duas velhas senhoras repetiam-se com tanta frequência que eu comecei a ficar impaciente, de modo que, sempre que podia, escapulia-me, levando *Boris* a passear pelos jardins e espaços verdes de Veneza e parando na livraria *Acqua Alta* para dizer olá a Valentina ou na *osteria* de Angelo para levar pratos já confeccionados para o almoço.

Muitas vezes, só ao fim da tarde é que Coco e eu nos dirigíamos para casa. Habitualmente, por essa altura ela já tinha pensado em pelo menos mais dois nomes para adicionar à lista de convidados e eu tinha de a avisar mais uma vez de que estava tudo a ficar descontrolado.

– Mas, minha querida, nós precisamos de algumas pessoas divertidas – insistia ela. – A Valentina costumava ter muita vivacidade, mas anda muito cansada ultimamente. E o Giacomo sempre foi muito pouco excitante.

Eu não sabia porque é que ela era contra Giacomo. Parecia-me um sujeito bastante simpático.

– É demasiado severa em relação a ele – objetei.

– Mas ele é um maçador. Não posso fazer de conta que não é. Nunca fez nada de verdadeiramente interessante na vida.

– E aqueles pingentes de vidro que ele faz? São maravilhosos. Não vi mais nada em Murano que se aproximasse deles.

– Que pingentes? – perguntou ela.

– Sabe do que falo, como aquele azul que a Nanda usa muitas vezes.

– Mas isso é obra do Lorenzo. Eu estava lá quando ele lho deu.

– Tem a certeza?

Coco acenou com a cabeça.

– Sim, claro. Eu também tenho um do género.

– Quando o Giacomo nos mostrou, deu a ideia de que o *design* era dele – disse eu. – Há uma data deles à venda no museu de vidro.

Coco ficou com uma expressão enternecida.

– Copiou a obra do pai. É claro que sim, pobre rapaz. É tão parecido com a Nanda!

Nesse fim de tarde, tínhamos parado num *bacaro* para comer umas almôndegas e beber uma *ombra* ou duas de pé ao balcão. Ou antes, eu estava de pé; os donos tinham-se apressado a trazer um banco a Coco e não se queixaram dos três cãezinhos a farejarem debaixo dele à procura do que ela deixasse cair.

– O Giacomo era muito como a mãe, mesmo em pequeno – disse Coco, enquanto ia bebendo uns goles de vinho. – Ora bem, a Nanda era uma doçura em criança, mas nunca teve grande imaginação. Foi isso que eu trouxe à nossa amizade.

– Ouvi dizer que as duas eram inseparáveis quando eram novas.

– Sim, durante algum tempo. Depois eu cresci e já não queria brincar às escondidas com ela no *palazzo* dia após dia. Temos levado vidas muito diferentes desde essa altura, ela e eu. Realmente, temos muito pouco em comum.

– Mas mantiveram-se próximas.

– Oh, houve alturas em que eu estava ocupada com outras coisas e mal a via. Mas a Nanda vinha sempre à minha procura, mais cedo ou mais tarde. Eu era a irmã que ela nunca teve, está a ver? Tendia a agarrar-se a mim.

Coco olhou para a comida na vitrina em cima do balcão. Chamando o empregado, mandou vir *sarde en saor*, o prato frio tradicional de sardinhas fritas com cebolas às rodelas finas marinadas em vinagre e depois polvilhadas com pinhões e uvas-passas.

– Ando sempre a prometer à Nanda fazer-lhe *sarde en saor* – comentei, provando uma garfada agri-doce do prato dela.

Coco acenou com a cabeça.

– Ela vai gostar, porque é um dos pratos tradicionais, uma parte da história de Veneza. Comer *sarde en saor* é para ela mais uma maneira de viver no passado. Pobre Nanda. De qualquer modo, suponho que é demasiado tarde para ela mudar, mesmo que quisesse.

*

Coco tinha um encontro nessa noite. Um homem ia levá-la a uma exposição e depois a jantar fora. Queixou-se de estar com falta de energia, mas quando eu sugeri que ela poderia cancelar o encontro e ficar em casa a descansar, olhou para mim como se eu fosse louca. Para que servia descansar?, perguntou. Não seria nada divertido.

Eu também tinha um encontro, mas o meu era com a namorada de Angelo, Marie-Ann. Íamo-nos encontrar para uma bebida rápida no hotel dela. Supus que queria fazer-me mais perguntas sobre Angelo, embora não fosse isso o que ela disse quando me telefonou.

– Foi tão bom conhecê-la na outra noite – disse, toda animada. – Adorei ter a oportunidade de conversar em inglês para variar. Vamo-nos encontrar muito em breve e repetir.

Apanhei um barco para a Giudecca. Era a minha primeira visita à ilha estreita separada do resto de Veneza pelo canal profundo em que navegam os navios de cruzeiro. Como eu queria ficar a conhecer bem a ilha, em vez de ir diretamente para o hotel fui no *vaporetto* até à paragem de Zitelle e passei junto ao canal, passando por bares e restaurantes.

Era muito mais tranquilo do que outras partes da cidade e eu podia andar sem me preocupar se pisava os calcanhares de pessoas a pararem para tirar fotografias ou para ver montras. Havia uma brisa a refrescar-me no meu passeio e uma vista sobre a lagoa a admirar. Sentia-me uma sortuda por estar ali. Todos os dias, havia ocasiões como aquela em que me esquecia das tensões e da tristeza que tinha trazido para Veneza e me sentia agradecida. Muitas outras mulheres têm de se deixar ficar nas suas vidas a vê-las desmoronarem-se. Sem a ajuda da minha irmã, talvez eu tivesse feito o mesmo. Em vez disso, tinha esta nova existência, meio emprestada; fizera um lar aqui, e amigos.

E se nunca mais voltasse? Era o que me perguntava naqueles momentos em que a beleza de Veneza me dominava e eu sabia que não havia nenhum outro lugar no mundo onde preferisse estar. E se ficasse para sempre?

Não era tão impossível como poderia soar. Fiz uma lista mental dos passos que necessitaria de dar. Falar com Coco sobre ficar no apartamento, encontrar emprego a cozinhar numa *osteria* ou a servir às mesas, obter aconselhamento legal sobre o acesso regular à minha filha. O *papa* poderia ficar no nosso restaurante em Londres até se dispor a partir. Uma vida acabada, outra começada, tão fácil como isso.

O Molino Stucky Hilton está instalado num velho moinho de tijolo que se ergue no outro extremo da Giudecca. Dentro, parecia-se como todos os outros hotéis internacionais a que já fui, com cadeirões confortáveis e palmeiras em vasos, um homem a martelar as teclas de um piano de cauda, pessoas a circularem por ali com crachás identificativos ao peito, participantes nalguma conferência.

Tinha combinado encontrar-me com Marie-Ann no bar do átrio e, como fui a primeira a chegar, pedi uma bebida e sentei-me para esperar por ela.

Enquanto mexia a azeitona no Spritz, recordei-me do nosso primeiro encontro e de como ela tinha enumerado o que queria da vida. Uma família, uma casa com jardim, uma carreira... todas as coisas que eu tinha e que estava a pensar em deixar.

– Dolly, desculpe o atraso. – Marie-Ann estava chique, com um vestido bege a direito. A simplicidade do vestido acentuava o encanto dela.

– Não há problema – disse eu.

– Há sempre outro *e-mail* a enviar e mais uma pessoa que quer fazer uma pergunta, não é? – Soava assoberbada pelo trabalho. – Preciso de um Spritz. Mando vir outro para si?

– Com certeza, porque não?

Durante algum tempo, falámos disto e daquilo: do calor, dos planos dela para as férias, dos melhores sítios onde comer na Guidecca. Marie-Ann esperou até as bebidas chegarem antes de me perguntar por Angelo.

– Tem-no visto?

– Tivemos a nossa aula de dança do costume e eu dei uma saltada à *osteria* dele uma ou duas vezes.

Ela estava a mexer no copo, rodando-o e fazendo com que o gelo da bebida batesse no vidro.

– Há alguma razão para ele se ter afastado de mim ultimamente, na sua opinião?

– Ai sim?

– Sim. – Marie-Ann contraiu o seu rosto bonito. – Houve umas mensagens, uns telefonemas

rápidos, e tínhamos combinado um encontro, mas ele cancelou à última hora. Pensei se ele não andaria a encontrar-se com aquela rapariga, a Valentina.

– Não o mencionou. Mas não somos assim tão íntimos que ele me fizesse confidências.

– Mas vai ao apartamento dele, certo? Há algum sinal de ela lá ter estado?

Abanei a cabeça, sentindo-me desleal.

– Não, não me parece.

– Não se importa de olhar com atenção da próxima vez que lá for?

– Está-me a pedir que o espie?

– Não, não lhe estou a pedir que reviste armários e gavetas; só que mantenha os olhos abertos.

Perguntei-me se Marie-Ann estaria apaixonada por Angelo ou se seria apenas uma questão de *timing*: se ele era o homem que estava à mão no momento em que ela se sentia pronta para assentar.

– Devia realmente falar com ele – disse eu.

– Eu falo – prometeu ela. – Mas não quero confrontar alguma mulher com quem ele tem uma história. Sabe como elas são, estas venezianas: são muito solidárias.

Marie-Ann tinha razão; eu também o tinha notado. Talvez fosse uma reação à invasão de visitantes, mas era como se as pessoas nesta cidade tivessem formado um círculo interior privado. Para lhe pertencer verdadeiramente, tinha de se ter nascido aqui.

– Onde é que conheceu o Angelo? – perguntei-lhe.

– Num bar perto de Rialto. Estava a tomar uma bebida com uns colegas. Começámos a conversar e eu dei-lhe o meu número de telefone. Só telefonou daí a uma semana; nessa altura, eu já tinha perdido a esperança. Ele surpreendeu-me com um encontro muito romântico, uma saída de barco, um piquenique *gourmet*, Prosecco gelado... e fiquei apanhada.

– Sinto inveja – admiti. – Se eu quisesse um encontro romântico, tinha de o organizar eu. Não faz nada o género do meu marido.

O sorriso dela era de compreensão.

– Todos os outros homens com quem andei também eram assim. O Angelo fez-me sentir especial. Depois, quando a excitação inicial já tinha passado, apercebi-me de que nunca tinha conhecido ninguém da família ou do círculo de amigos íntimos dele; ficávamos em minha casa, não na dele. Comecei a duvidar se não seria a outra mulher.

Ela devia estar à espera de ter alguém a quem fazer confidências. Quanto mais me contava, tanto mais eu ficava convencida de que aquela coisa entre ela e Angelo não iria a lado nenhum. Mas como poderia dizer-lho?

– Se eu aceitar esta oferta de emprego e voltar para a Nova Zelândia, vai significar começar de novo do zero, *sites* de encontros na Internet, pedir a amigas que me apresentem homens. – Marie-Ann estremeceu. – Não tenho a certeza se consigo aguentar isso.

– Poderia ser excitante – sugeri, pensando que, se Eden e eu nos separássemos de vez, eu teria de fazer o mesmo.

– Acredite em mim, não vai ser. – Mexeu no copo. – Ouça, obrigada por me ouvir, de qualquer maneira. Ajudou-me.

– Eu podia tentar falar com a Valentina ou com a minha amiga Coco. – A minha oferta foi impulsiva. – Não posso prometer que leve a alguma coisa. Elas são as duas bastante reservadas.

– É o carácter veneziano, não é? É só uma das coisas deste sítio que me põem louca. – Marie-Ann enumerou as outras: o nevoeiro cerrado no inverno, o ar opressivo dos túneis e dos becos escuros,

os encontros para entrar no *vaporetto*, o preço alto de quase tudo. – É muito para se aturar em troca das lindas vistas. Não está cá há tempo suficiente, mas vai sentir o mesmo se ficar.

– Tenho andado a pensar que gostaria imenso de ficar cá – admiti. – Veneza poderá vir a ser uma das coisas que eu ponho na minha lista de felicidade.

– Oh, certo, tinha-me esquecido disso. Que mais tem nela agora?

Sentia relutância em dizer-lhe. A minha lista parecia-me muito privada. Mas Marie-Ann tinha-me feito tantas confidências que parecia indelicado eu manter as reservas, e por isso desfiei o rol do que tinha conseguido anotar até ao momento. Ela não pareceu ficar nada impressionada.

– Então, festas, sextas, cães, Prosecco, café, tango, vizinhanças... isso é grande coisa? Com certeza, a felicidade resume-se simplesmente a saber como desfrutar da vida. – Ela olhou para mim por um momento; um daqueles olhares desassombrados que fazem com que uma pessoa se sinta avaliada dos pés à cabeça. – Pensa que esta lista vai realmente mudar a sua vida de alguma maneira?

– Ainda não sei.

– Quer dizer, eu compreendo a psicologia por trás dela. Concentrar-se nos pontos positivos, não nos negativos, fazer da felicidade um hábito, não se esquecer de apreciar as pequenas coisas, blá-blá-blá. Eu também já li uns livros de autoajuda.

– Isto não é uma coisa que eu tenha tirado de um livro de autoajuda – disse eu defensivamente.

– Não? O que a levou a fazê-la, então?

– Quero ser mais feliz, é tudo. Acha que estou a perder o meu tempo?

– Tanto quanto a Dolly acha que eu estou a perder o meu tempo com o Angelo.

Estranhamente, aquilo quebrou o gelo. Ambas nos rimos, mandámos vir mais umas bebidas e na hora seguinte conversámos como verdadeiras amigas. Marie-Ann não era alguém com quem eu normalmente me daria. Todas as mulheres de quem me sinto próxima são mais mordazes, mais divertidas e muito menos controladas. Não conseguia imaginá-la a ficar toda enxovalhada depois de uns copos a mais, por exemplo. Não conseguia imaginá-la a ir de bar em bar no Soho ou a vir a um jantar descontraído no caos da minha cozinha. Nunca nos ríamos juntas até às lágrimas nem soltaríamos gritinhos tão altos que as pessoas nos pedissem para baixar o volume; duvidada que ela fosse capaz de fazer alguma coisa que me surpreendesse. Mesmo assim, estava a começar a gostar dela.

E então tive uma das minhas ideias brilhantes.

– Devia vir à festa de aniversário da Valentina.

– Não posso fazer isso. Nem sequer a conheço.

– Não como convidada; como parte do pessoal.

Expliquei-lhe que tinha sido pedida a minha ajuda e que a lista de convidados crescia à medida que a excitação de Coco aumentava.

– Vamos precisar de alguém para servir as bebidas e circular com os canapés. Eu não vou conseguir fazê-lo sozinha.

Ela parecia indecisa.

– Como é que ser empregada por uma noite poderá ajudar-me?

– O Angelo foi convidado. É uma oportunidade para o ver com a Valentina, para descobrir se há alguma coisa entre eles.

– Não sei. – Parecia preocupada. – Ele não vai achar estranho que eu lá esteja?

- Eu digo-lhe que lhe pedi... o que é verdade.
 - Mesmo assim, não tenho a certeza se deveria pôr-me nessa posição. Deixe-me pensar no assunto, OK?
- No lugar dela, eu teria agarrado a oportunidade com ambas as mãos.
- A decisão é sua, claro – disse eu. – Mas não me vou pôr a revistar o apartamento do Angelo. Se quiser espiar, faça-o a Marie- -Ann.

*

Coco também tinha andado a congeminar um esquema, como descobri na manhã seguinte quando Angelo veio ter connosco quando estávamos a tomar um café e a comer um brioche. Como era domingo, a *osteria* estava fechada e ele planeava passar um dia de relaxamento no Lido. Coco tinha-lhe dito para passar pelo café para falar connosco. Parecia que estava finalmente a ser razoável e a reconhecer que a festa se tinha tornado demasiado grande para nós conseguirmos organizá-la sozinhas.

- Vai ser espetacular – disse ela a Angelo. – Uma ocasião de que as pessoas vão falar e que a Valentina nunca mais vai esquecer. No entanto...

- No entanto o quê?

- Estou um bocadinho preocupada que a Addolorata tenha ficado muito sobrecarregada ao oferecer-se para fazer o *catering* sozinha. Tens de a ajudar, Angelo. É a solução óbvia. Podem cozinhar os dois, um com o outro. É o teu presente de anos para a Valentina.

Angelo mexeu os lábios, mas não chegou a sorrir.

- Suponho que não tenho voto na matéria, pois não?

- Nenhum – concordou Coco.

- Bem, então parece que vou ser o *sous chef* da Dolly.

- Perfeito. – Coco soava satisfeita. – Deixo à Addolorata o encargo de te contar o que estamos a planear. Vou para casa antes que o sol fique demasiado quente para eu o aguentar.

Depois de se despedir dela com um beijo, Angelo mandou vir mais café. Parecia cansado nessa manhã. Era um cansaço que eu reconhecia: a exaustão nervosa, de rosto macilento e vazio, de um *chef* de cozinha ao fim de uma semana de trabalho.

- Não adoras a minha tia Coco? – comentou ele. – Nunca trabalhou um dia na vida, mas está sempre a arranjar tarefas para os outros.

- Quando eu aceitei cozinhar, ia ser só para um pequeno grupo – disse eu.

- Acredito. – Bocejou e a seguir suspirou. – Mas não nos preocupemos com isso agora. Eu vou passar o dia deitado na praia e não quero pensar em nada.

- Parece um excelente plano.

- Porque é que não vens comigo? A Coco tem razão, vai estar muito quente. O Lido é o melhor sítio para se estar em dias como este.

Quando decidi ficar mais tempo em Veneza, gastei uma quantia exorbitante num fato de banho. De uma licra macia que me moldava o corpo sem apertar demasiado, era o fato de banho que mais me favorecia que eu alguma vez tivera. Mesmo assim, não fiquei encantada com a ideia de o vestir para me deitar ao lado de Angelo numa praia.

- Na verdade, eu tenho de ir levar o cão da *Contessa* a passear – disse, arranjando uma desculpa.

Angelo rejeitou a minha desculpa.

– Daqui a uma hora, esse cão vai estar a tentar arranjar um sítio fresco onde se deitar de língua de fora. Não vai querer ir passear. Vem antes à praia.

O dia estava húmido e eu já começava a sentir um calor desconfortável. Deixei-me convencer.

– Está bem, então, porque não?

Voltámos juntos a pé para o meu apartamento. Enquanto eu ia lá acima numa corrida, Angelo esperou em baixo, à sombra do muro do jardim de Coco. Só demorei uns momentos a enfiar algumas coisas no meu saco da praia – loção solar, toalha, chapéu, um quimono comprido, um livro e uma revista. Mesmo assim, Angelo estava impaciente por se pôr a caminho.

– Preciso de dar um mergulho no mar – disse-me.

Afirmou que conhecia um atalho para a paragem do *vaporetto*, e eu corri atrás dele por uma série de travessas estreitas e de vielas cobertas. Era um caminho mais complicado do que o que eu tomava habitualmente e não fiquei convencida de que fosse mais rápido, mas segui-o mesmo assim.

A viagem de barco para o Lido não é especialmente demorada. Algo que Angelo dissera sobre Coco espicaçava-me a curiosidade. Ela nunca tinha realmente trabalhado um só dia em toda a vida? Decidi esperar até estarmos na praia e haver mais tempo para lhe fazer perguntas.

Na paragem do *vaporetto* no Lido juntámo-nos a uma procissão de habitantes locais e turistas a percorrerem a rua ladeada por árvores que conduzia às praias. Ao chegar à beira-mar, a multidão dispersou, dirigindo-se para diferentes setores do longo areal bem cuidado, alguns para as praias públicas, outros para as particulares, mais seletas, onde se pode alugar uma pequena barraca de madeira ou um dos inúmeros guarda-sóis que se veem espalhados ao longo do areal. Algumas praias cobram extra pelo uso do duche e das casas de banho, por um cacifo com chave onde guardar os artigos de valor, por uma segunda espreguiçadeira. Fiquei chocada com os preços elevados.

– Não admira que a Coco nunca venha. Suponho que eles não estão dispostos a regatear o preço.

Angelo riu-se e insistiu em pagar.

– Podes pagar-me uma bebida ou uma *pizza* ao almoço.

Depois de nos instalarmos nas nossas espreguiçadeiras à sombra de um guarda-sol amarelo, fiquei a vê-lo despir-se e ficar só com um par de calções de banho justos. Tinha um corpo fantástico; magro e musculado em todos os sítios certos, com a pele morena e lisa. Encolhi-me um pouco mais dentro do meu quimono largo.

– Vens dar umas braçadas? – perguntou ele.

– Agora não; talvez mais tarde.

Com um encolher de ombros, Angelo virou-se na direção do mar, correndo descalço pela areia e para dentro da água e parando com ela pelos joelhos para a lançar sobre o seu corpo até ele ficar a brilhar. Mergulhou e um momento depois avistei a sua cabeça escura a vir à tona e ele ergueu um braço e acenou-me.

Se Marie-Ann nos visse aqui juntos, teria a certeza de que alguma coisa se estava a passar entre nós. Eu não a censuraria. Por vezes, eu mesma não tinha a certeza do que estava a acontecer. Quando Angelo e eu dançávamos, com os nossos corpos em harmonia, tão juntos que eu me sentia envolvida no perfume da pele e do cabelo dele, era impossível não sentir uma certa atração. Mas fora do tango ele parecia intocável. Ao tomar um Prosecco depois no bar da *piazza*, era difícil acreditar que momentos antes eu estivera nos seus braços.

Ele estava a sair do mar agora, a escorrer água. Parando na linha da maré, sacudiu as gotas do cabelo e ficou ali a fitar o horizonte até o sol lhe secar o sal na pele.

– Sentes-te melhor? – perguntei quando ele voltou para junto de mim e se atirou para a espreguiçadeira.

Ele sorriu.

– Sim, muito melhor. Devias ir ao mar. A água não está especialmente limpa, mas a temperatura está perfeita.

Ficar deitada numa praia não é algo que me agrada. Uma meia hora, tudo bem, mas depois começo a ficar inquieta. Deito-me de barriga para baixo com o rosto enfiado na toalha? Ou mantenho-me deitada de costas com um livro em cima dos olhos para os proteger do sol? Nenhuma dessas posições me parece inteiramente confortável. E depois há as aplicações intermináveis de cremes, e a areia a colar-se à pele. As pregas do corpo a ficarem humedecidas de suor. O calor a apertar cada vez mais. A sensação de estar a esturricar ao sol.

Ao meu lado, Angelo tinha adormecido esparramado de costas e respirava audivelmente, com o peito a subir e a descer. Passei as pernas para fora da espreguiçadeira e tirei o quimono. Era a minha oportunidade para um mergulho rápido.

A areia queimava e fui aos saltinhos até ao mar, mergulhando mal pude e enfiando a cabeça debaixo das ondas. Posso não gostar da vida de praia, mas adoro chafurdar em água salgada.

À minha volta, havia crianças aos gritinhos a brincarem. Fechei os olhos e virei o rosto para o céu. Há quanto tempo é que Eden e eu não levávamos Katia à praia? O último verão tinha passado sem umas férias em condições, e o anterior também.

O problema não era realmente tirar férias do trabalho. Era planejar: encontrar um sítio e fazer a reserva, fazer as malas e depois desfazê-las outra vez. Parecia tudo um incómodo demasiado grande. Simplesmente não queria dar-me a esse trabalho.

Agora sentia-me mal. Devia ser Eden a dormir na cadeira de praia, Katia aos gritinhos, a brincar. Enquanto dava umas braçadas lentas e nadava para mais longe, tive uma sensação de saudade da minha família tão intensa que se tornou física. O coração batia-me com força e parei de nadar. Por uns momentos, fiquei ali a dar com os pés, transportada pelas ondas, a tentar acalmar-me e controlar-me.

O que se passava comigo? Sentia-me desejosa de ficar aqui em Veneza e começar uma nova vida; e no momento seguinte estava desesperada por recuperar a minha velha vida. Marie-Ann tinha razão: a minha lista de felicidade não estava a levar-me a lado nenhum. Sentia-me mais longe do que nunca de saber o que realmente queria.

Angelo continuava a dormir quando eu voltei para junto dele, agora a risonar mesmo. A senhora que estava sentada à sombra do guarda-sol ao lado lançou-me um sorriso de simpatia. Deve ter partido do princípio de que ele era meu marido ou namorado. Retribuí-lhe o sorriso, sequei-me com a toalha e voltei a vestir o quimono.

Enquanto Angelo passava a manhã a dormir, tentei ler. O livro que tinha trazido era um policial e os meus pensamentos estavam sempre a vaguear e a afastar-me do enredo. Dei comigo a pensar sobre a minha família e a família de Valentina; como tínhamos ambas de trabalhar no duro; o enorme esforço que despendíamos todos os dias. E depois pensei em Coco, de festa em festa, numa vida aparentemente encantadora. Como é que ela tinha conseguido? Em que é que nós estávamos a errar?

Já passava da hora do almoço quando Angelo acordou. Eu tinha estado a observar famílias reunidas à volta das suas barracas de praia a banquetear-se com travessas de macarrão no forno,

escalopes de vitela entre duas fatias de pão crocante, coxas de frango assadas com alho, saladas apimentadas com folhas estaladiças de chicória. As pessoas passavam pratos de barraca em barraca, deitavam vinho nos copos umas das outras, saciavam o seu apetite ruidosamente e com óbvio prazer.

– *Pizza?* – disse eu a Angelo mal ele abriu os olhos.

Ele olhou para o relógio.

– Dormi assim tanto tempo? Devias ter-me acordado.

– Parecia que estavas a precisar. Mas eu acho que não era capaz de esperar muito mais tempo.

Estou esfomeada.

– Só um mergulho rápido para acordar de vez e depois comemos – prometeu ele.

Cumprindo a sua palavra, mergulhou na água e saiu imediatamente, pondo a seguir uma toalha à volta da cintura.

– OK, *pizza* – disse. – *Andiamo*.

Mandámos vir uma *pizza* no bar da praia. Tinha camadas de fatias finas de *prosciutto* e um sabor surpreendentemente bom.

– Tenho estado a sentir cá uma inveja! – disse eu a Angelo, dando uma dentada numa fatia de *pizza*. – Havias de ver o que algumas destas pessoas têm estado a servir nos seus piqueniques.

– Ah, o almoço de domingo no Lido; também era uma tradição da minha família quando eu era pequeno. A *mamma* levantava-se de madrugada para começar a cozinhar.

– Tu ajudava-la?

– Não, nesses tempos estava mais interessado em dormir. A comida era algo em que nunca pensava. Aparecia na mesa e eu comia-a. Depois, a minha mãe arranjou um emprego e passou a caber à minha irmã Donatella preparar a refeição da noite. A Donatella é a pior cozinheira do mundo. Nem sequer é capaz de fazer uma simples sopa ou um prato de massa. Não se importa com o que come. Para ela, uma refeição é algo a despachar o mais depressa possível. Mas os meus pais e eu interessamo-nos. E por isso aprendi a cozinhar uns pratos e tomei o lugar da Donatella na cozinha.

– Quase nunca me deixavam cozinhar quando era pequena – disse-lhe eu. – O meu pai era quem mandava na cozinha. Insistia que eu e a minha irmã comparecêssemos a todas as refeições, e servia-nos quantidades extra de alho nas noites em que tínhamos um encontro.

Angelo riu-se.

– Um *papa* tipicamente italiano, não?

– Nessa altura, eu achava que ele era um pesadelo. Agora, compreendo que era a maneira dele de controlar a sua família... a sua vida. Desde que houvesse comida em abundância nos armários, um tacho com qualquer coisa a cozinhar em lume brando no fogão, sentia que estava a cuidar de nós devidamente.

– Mas tu és *chef* de cozinha, não és? A Coco disse-me que sim. Como é que aprendeste?

– Pus-me a cozinhar como uma espécie de atitude de rebelião, porque sabia que o *papa* não queria que eu o fizesse. Acabou por ter de me ensinar, mas com relutância e muitas vezes sem mencionar o ingrediente chave que tornava um prato especial. – Sorri com essa recordação. – Via-lhe a mão a fechar-se à volta de alguma coisa e ele a metê-la dissimuladamente no tacho. Podia demorar algum tempo, mas acabava sempre por descobrir o que era.

– Ele dá a ideia de ser uma personagem especial – disse Angelo.

– Sim, é... de uma maneira positiva, no geral.
– Como a minha tia Coco, então.
– Não, ele não é nada como ela... mas sei o que queres dizer. São ambos excêntricos. – Estendi a mão para pegar em mais uma fatia de *pizza*, mas hesitei. – Antes, disseste que a Coco nunca trabalhou na vida. Isso é mesmo verdade?

- Ela talvez diga o contrário, suponho, mas é a versão da minha mãe da história dela.
- De que é que tem vivido, então?
- De expedientes, acho eu.

Foram precisas algumas cervejas bebidas ao sol quente para soltar a língua a Angelo. Algumas partes da história de Coco eram o que eu esperava ouvir. Outras surpreenderam-me.

– Segundo a minha mãe, a Coco queria sempre o melhor de tudo, mesmo quando ainda eram crianças – disse-me ele. – Ela era a mais velha e bastante mandona. A *mamma* lembra-se de que sentia medo dela... acho que havia muitos puxões de cabelos e beliscões às irmãs mais novas.

– Isso não parece nada típico da Coco. Não consigo imaginá-lo.

– As minhas outras tias contam o mesmo, por isso deve ser verdade. Sentiram-se aliviadas quando ela começou a passar todo o tempo com a família Viadro. Mas estar com eles só a fez ficar com ideias mais grandiosas. Viste fotografias da minha tia quando era mais nova? Era lindíssima, mas a *mamma* diz que era mais do que isso. Ela fala da postura da Coco, da sua autoconfiança, da sua fé absoluta na pessoa que era.

– Sim, vejo isso nela. Suponho que é o que a torna linda mesmo agora, em velha.

– Infelizmente para a Coco, não importava quão especial ela se julgava. Como filha mais velha, teve de deixar de estudar aos treze anos e ficar em casa a ajudar a mãe a cozinhar e a limpar e a tomar conta das mais novas.

– Deve ter detestado isso.

Angelo bebeu um gole de cerveja.

– Aguentou durante uns anos e depois fugiu com um homem chamado Carlo Rizzoli. Ele era muito mais velho do que ela, alguém que ela tinha conhecido no *palazzo* da família Viadro. A *mamma* diz que foi uma confusão enorme. Ao princípio, ele recusou-se a casar com ela, mas pressionaram-no e finalmente realizou-se o casamento.

– Não pode ter sido um casamento muito feliz.

– Mesmo que fosse mau, ela teria de o aguentar. Não havia divórcio em Itália nesses tempos.

– Então, a casa e todo o dinheiro de que ela vive desde essa altura vieram dele?

– Não tenho a certeza. Talvez fosse parte de uma pensão de alimentos, mas, por alguma razão, a minha mãe acha que não.

– Não dás uma imagem muito lisonjeira da Coco.

Angelo encolheu os ombros.

– Ela é quem é.

Eu sentia que uma parte da imagem do passado de Coco estava agora preenchida. Mas Angelo era novo; não assistira a nada daquilo. Tudo o que eu soubera através dele era de fonte indireta.

– Via-la muito quando eras pequeno? – perguntei.

– Nem por isso – disse ele. – Ela aparecia em festas de família e era o centro das atenções durante algum tempo, e depois de ela sair toda a gente falava dela.

Ri-me; conseguia imaginar a cena.

– Comecei a vê-la mais vezes em adulto – continuou Angelo. – Ela costumava levar-me a sítios: a festas de *cocktails*, bailes e inaugurações de exposições. Dizia que era uma parte importante da minha educação, mas a *mamma* acreditou sempre que ela só o fazia para lhe provocar ciúmes.

Ao ouvir aquilo voltei a rir-me.

– Imagino que a tua mãe não morre de amores pela Coco.

– São mulheres muito diferentes, e não, não se dão bem. Mas eu tenho muito a agradecer à Coco. Ela levou-me à minha primeira *milonga* e ajudou-me quando eu estava a montar o meu negócio, como te disse.

– E também te apresentou à Valentina? – adivinhei.

– Ela apresentou-me a muitas pessoas – disse ele, num tom casual. – A Coco conhece praticamente toda a gente, como deves ter reparado.

Angelo não quis mais uma cerveja e por isso eu comprei um *gelato* para cada um e comemo-los a passear junto ao mar, evitando as crianças com os rabinhos cobertos de areia enquanto chapinhávamos na água. Continuámos a andar para lá do fim da nossa praia; as cores dos guarda-sóis mudaram para azul e as barracas eram ligeiramente diferentes, mas a cena era a mesma em tudo o resto. Pessoas a jogarem à bola na parte plana do areal, crianças com baldes e pás, corpos a esturricar ao sol e a dormir a sesta depois do almoço.

– Isto dá-me a sensação de estar de férias – disse eu.

– Tu estás de férias, não estás? – respondeu Angelo.

– Não exatamente, é mais uma espécie de intervalo.

É claro que a seguir tive de explicar a minha experiência de felicidade. Inicialmente, Angelo pareceu ficar intrigado com a ideia. Abanou a cabeça, incrédulo.

– Então, estás a ocupar um verão inteiro para escrever uma lista do que te torna feliz. – Havia um tom divertido na sua voz. – Porque é que estás a demorar tanto tempo? Eu podia dizer-te a minha lista agora mesmo.

– Aposto que não conseguias.

– Não seria nada difícil.

– Vá lá, então, dez coisas que te tornam feliz... a começar agora.

Sem fazer sequer uma pausa, Angelo começou.

– Estar numa praia a comer um *gelato*, o movimento do mercado de Rialto logo de manhã quando chego ao trabalho, uma bebida no meu *bacaro* preferido depois de acabar de trabalhar. São quatro coisas; OK, preciso de mais seis... Oh, dançar, claro. O tango faz-me feliz. Viajar, embora não o faça tanto como gostaria. Filmes. Amigos. Sexo. Surpresas. Quantos são agora?

– Dez. – Eu tinha estado a contar.

– Vês como foi fácil? – Ele soava satisfeito consigo próprio. – Eu não consigo ver porque é que estás a ter tanta dificuldade.

– Estou a tentar reduzir tudo à própria essência do que me torna feliz... não estou só a desbobinar uma lista rápida – disse eu.

– Mesmo que pensasse nisso o ano todo, as minhas respostas não iam ser muito diferentes – insistiu ele. – Tu estás a complicar desnecessariamente as coisas.

Caminhámos em silêncio depois disso, ao longo do mar, lado a lado. Eu estava ocupada a duvidar de mim própria; a perguntar-me se Angelo teria razão. Não faço ideia do que ele estava a pensar, mas, quando lhe lancei um olhar, vi que tinha a testa franzida.

Depois de uns dois quilómetros, sugeri que voltássemos para trás. Acelerando o passo, começou a andar ligeiramente à minha frente. Isso implicava que eu podia observá-lo; ver as suas coxas fortes, admirar a largura dos seus ombros. Reparei nos olhares que lhe lançavam as mulheres, e até alguns dos homens de meia-idade, quando passava por eles. E pensei que devia ser muito agradável ser assim tão atraente e seguro de si.

Ele acabou por abrandar o passo e deixar que o alcançasse. – Então, Dolly, vais fazer a tua lista e depois vais para casa e mudas a tua vida? É isso?

– As coisas podem evoluir nesse sentido – disse eu. – Sabes, de certa forma acomodei-me à vida que tenho.

– É o que toda a gente faz, não é?

– Sim, mas eu mais, parece-me. Assumi a responsabilidade do negócio da família. Casei com o meu primeiro namorado a sério. Essas eram as opções fáceis, as óbvias. Não quer dizer que fossem as certas.

– É preciso ter coragem para mudar de direção – disse Angelo num tom pensativo.

– Eu sei. Não tenho a certeza se conseguirei fazê-lo. Ou até mesmo se quero fazê-lo.

– Estás confusa, então.

– Sim, e quanto mais penso no assunto, tanto mais confusa me sinto – admiti. – Se estou a complicar demasiado as coisas, estou a fazê-lo muito bem.

Angelo foi dar mais um mergulho no mar quando voltámos para a nossa parte da extensa praia. Eu andei de um lado para o outro, imersa até à barriga das pernas, a vê-lo cortar a água. Não havia muitas outras pessoas a nadarem e ele tinha espaço suficiente para adotar um bom ritmo, rodando os braços e virando a cabeça. Nadava como dançava, com audácia e liberdade.

Quando se fartou, veio pôr-se ao meu lado na parte mais vazia.

– Tenho estado a pensar na minha lista – disse ele, afastando madeixas de cabelo molhado dos olhos.

– Queres acrescentar-lhe ainda mais coisas?

– Não, decidi que é a abordagem errada. No teu lugar, faria um tipo de lista completamente diferente.

– De quê?

– Dos meus objetivos, das coisas que quero alcançar e ter; da maneira como quero que a minha vida progrida.

– Como a Marie-Ann, então? Era o que constava da lista dela.

– Ai sim? E o que é que ela tinha nela?

Ri-me.

– Desculpa, mas, se vou ser a guardiã das listas, tenho de ser discreta.

Nesse fim de tarde telefonei para casa e fiz mais uma tentativa de convencer Eden a deixar Katia vir passar as férias, sugerindo até que ele viesse também.

– Podíamos ir para a praia; é muito perto – disse-lhe. – E tenho a certeza de que a Coco não se importava de nos deixar ficar a todos no apartamento por umas duas semanas.

Ele resmungou qualquer coisa, não sei bem o quê.

– Não há nenhuma razão para a Katia não se divertir este verão só porque tu e eu não estamos a

dar-nos bem – disse eu.

A minha frase foi recebida com silêncio.

– Eden, ainda aí estás? O que achas?

– Sim, olha, eu agora estou com muito trabalho – disse ele, num tom mal-humorado.

– Não podias tirar uns dias de férias?

– Não, há uns problemas com o prédio que a Pieta e o Michele arrendaram. É mesmo má altura.

– Então, manda a Katia sozinha. Podias pô-la no avião e eu ia buscá-la. Ela não teria problemas.

Ouvi-o suspirar.

– Dolly, não...

– Porquê? – Tentei manter um tom de voz calmo.

– Bem, para começar, a tua mãe ofereceu-se para olhar por ela durante as férias. Têm uma data de atividades planeadas e estão realmente encantadas com a ideia.

– E eu? Não mereço algum tempo com a minha própria filha?

– Tu fizeste a tua escolha. Não podes ter tudo.

– Oh, vai-te lixar, Eden, porque é que tens de ser tão teimoso? – Estava furiosa com ele. – Que diferença te faz se ela vier passar uns dias comigo? Estás a usar a nossa filha para me magoares. Não consigo acreditar que descesses tão baixo. Não consigo acreditar, com um raio...

Disparatei durante mais uns momentos. Não sei bem em que altura é que ele desligou, mas acabei por me aperceber de que estava a falar para o boneco. Sentia-me tão furiosa que continuei a berrar, de qualquer maneira.

Depois de me acalmar um pouco, servi-me de um copo de vinho e comecei a congeminar planos. E se eu voltasse a casa e insistisse que Katia viesse passar umas férias comigo? Trazia-a eu mesma. Como é que Eden poderia impedir-me de o fazer? A minha mãe também podia vir. Nós as três exploraríamos Veneza juntas. Seria divertido.

Ao fim de vários copos de vinho, apercebi-me de que era inútil. Se eu fosse a casa, nunca mais escaparia. Num abrir e fechar de olhos, estaria enfiada até à raiz dos cabelos no meu casamento desfeito e nos problemas do negócio. Este verão em Veneza era uma oportunidade única na vida, uma oportunidade preciosa de clarificar o eu que realmente queria ser. Ainda não estava disposta a abrir mão disso.

Acabando de beber o vinho, abri uma segunda garrafa.

CAPÍTULO 18

Era de manhã e eu estava enroscada no sofá. Doía-me a cabeça, tinha a boca seca e alguém estava a bater à minha porta. Tentei ignorar as pancadas, mas elas tornaram-se mais insistentes.

– Quem é? – perguntei em voz roufenha.

– Eu, quem mais havia de ser? – Coco soava impaciente. – Deixe-me entrar.

– Só um momento.

Quando me pus de pé, senti a cabeça a latejar. Olhei para o espelho e franzi a testa ao ver o meu reflexo. Tinha as roupas amarrotadas, o cabelo espalmado de um lado e encaracolado do outro. Os meus olhos estavam vermelhos e marejados, com os papos por baixo super inchados.

Coco, claro, parecia fresca como uma alface. Usava um vestido traçado à frente, com um estampado floral berrante, e trazia ao pescoço um colar com três fiadas de contas cor de laranja.

– Procurei-a na *milonga* ontem à noite, mas não apareceu – disse ela, franzindo o nariz ao entrar no meu apartamento abafado. – O que aconteceu?

– Eu tencionava ir, mas... fiquei retida por outra coisa.

Coco tinha visto as garrafas vazias.

– Teve companhia?

– Não.

Ela ergueu o sobrolho.

– Então, deve estar a precisar mesmo muito de um café. Quer que o faça ou vamos ao café?

– Preciso de tomar um duche, de mudar de roupa...

– Nesse caso, eu faço-o. Venha ter comigo quando estiver pronta.

Quando descí ao jardim, depois de tomar um duche mas ainda a sentir-me ressacada, Coco já tinha puxado a mesa para um canto à sombra e disposto o café e pãozinhos quentes com manteiga e mel para os barrar. Deixou-me comer antes de começar a disparar perguntas. O que se passava? Quem me tinha perturbado? Era o Angelo?

– Não, é uma questão de família.

– Ah, estou a ver. Mesmo assim... duas garrafas e bebeu-as todas sozinha? – Parecia reprovadora.

– Bebi. – Eu não tinha de me justificar perante ela.

– O Angelo ficou surpreendido por ter faltado à *milonga*. Ele acha que devia aproveitar todas as oportunidades para praticar.

Desfazendo em migalhas os restos do pão no meu prato, encolhi os ombros.

– Tem mesmo a certeza de que o Angelo não fez alguma coisa para a perturbar? – perguntou ela.

– Não, é claro que não.

– Esteve todo o dia com ele na praia, não esteve?

– Sim, fomos ao Lido. Passámos um belo dia.

– Falaram sobre a comida para a minha festa? Já finalizaram a ementa?

– Ainda não.

– Mas porque não? – Coco soava ríspida.

– Não se proporcionou falarmos sobre isso.

Ela espetou-me o queixo.

– Esperava que levassem isto mais a sério.

Não me dei ao trabalho de lhe responder.

– A este ritmo, vão dececionar toda a gente.

– Olhe, eu não preciso disto – retorqui. – Se vai transformar-se num grande drama, desisto.

Ela olhou-me furiosa.

– Não pode fazer isso.

– Ai isso é que posso.

Eu tinha levantado a voz e Coco pareceu ficar abismada. Depois, conseguiu afivelar um sorriso e, estendendo a mão, fez uma festa na minha.

– Minha querida, acho que está muito cansada. Volte para a cama mais um bocado; descanse. Vai sentir-se melhor.

A ideia de lençóis frescos e de um quarto às escuras era atraente. *Boris* podia esperar até mais tarde pelo seu passeio; toda a gente e tudo podiam esperar até mais tarde. A única coisa que eu conseguia encarar era a cama.

– Sim, tem razão. Preciso de me deitar...

Tapando a cabeça com os lençóis, dormitei intermitentemente, despertada de vez em quando pelos sons do dia a dia. Um trabalhador duas portas abaixo a usar um berbequim; um grupo de turistas a arrastarem as malas pela *fondamenta* lá em baixo; Coco a ouvir música de tango; um gondoleiro a falar aos berros com os seus amigos. Pensei que era exatamente isto o que eu estaria a fazer numa manhã normal de segunda-feira em casa: a tentar dormir até mais tarde enquanto Londres se punha em marcha à minha volta e Eden levava Katia à escola. Tanto fazia estar num lugar diferente; parecia que tudo continuava a ser o mesmo.

Sentia-me impaciente comigo própria. Detestava ser assim. Se pelo menos houvesse alguma coisa que pudesse fazer para me sentir melhor instantaneamente; uma pílula que pudesse tomar, ou um tónico. Pensei em telefonar a Pieta. Muitas vezes, uma conversa com ela era o suficiente para me animar um pouco.

Ainda era cedo em Inglaterra. Liguei para o telemóvel dela e ela atendeu ao segundo toque.

– Olá, Dolly.

– Olá – respondi.

– Está tudo bem?

– Ah, mais ou menos – disse eu. – E tu?

Pieta lançou-se num monólogo.

– Meu Deus, não, é tudo um pesadelo neste momento. Descobriram subsidência, humidade e sabe-se lá que mais naquele prédio que arrendámos. Aqui não tem parado de chover. Os miúdos têm estado doentes com um vírus que apanhámos todos e que nos faz vomitar. E eu parece que tenho uma data de noivas impossíveis que não conseguem manter o mesmo peso um minuto que seja. – Começou a falar-me de uma delas com mais pormenores. Eu desliguei um pouco da conversa enquanto ela falava sobre rendas francesas, seda chinesa e lantejoulas.

– Oh, que diabo, tenho de ir – disse ela, quando eu estava prestes a interrompê-la. – Estou a ter outro acesso de náusea. Falo contigo em breve...

Depois de ela desligar, fiquei na cama, a bater com os pés na parede. A seguir, decidi que a única coisa que provavelmente me faria sentir melhor seria levantar-me e pôr-me em ação. Enviei uma mensagem a Angelo a perguntar se ele estava livre para falarmos sobre a ementa da festa. *A Coco está em pé de guerra*, disse-lhe.

Alguns minutos depois, recebi a resposta. *Não te preocupes, tenho estado a pensar no assunto. Vem mais cedo se quiseres.*

À segunda-feira, como o mercado do peixe estava fechado Angelo não abria a sua *osteria*. Normalmente, marcávamos uma lição de tango para uma hora ao fim da tarde. Ainda passava pouco da hora do almoço e eu sabia que ele não queria que chegasse a casa dele assim tão cedo; fosse como fosse, tinha de sair do apartamento.

Tentar ficar com melhor aspeto demorou um pedaço. Bebi uns dois copos de *Coca-Cola* enquanto aplicava um arsenal de cremes e de corretores. Ambas as coisas me espevitaram um pouco. Quando já estava com um ar mais aceitável, desci as escadas, passando pela porta de Coco sorrateiramente.

*

Angelo pareceu ficar surpreendido quando me viu à sua porta, mas não desagradado. Sugeriu que fôssemos procurar um lugar à sombra no *campo*, onde pudéssemos sentar-nos a falar sobre a ementa da festa. Trouxe uma lista que tinha feito, mas começou a falar com entusiasmo de recheios para brioche e patês para *crostini* antes de eu ter oportunidade de a ler.

A comida não tinha sido a parte mais importante do meu tempo em Veneza até àquele momento. Havia os almoços que eu preparava para Nanda e uma ou outra refeição que fazia no meu apartamento, mas na maior parte do tempo vivia de *cicchetti* ou de pão com queijo e salada. Era uma grande mudança em relação à minha vida em Londres, onde a maior parte de cada dia era passada a cozinhar ou pelo menos a pensar em cozinhar. Não lhe sentira realmente a falta, mas ao escutar Angelo tinha um pouco a sensação de ter voltado a casa.

Ele comunicou-me as suas ideias sobre canapés e um *risotto* mais substancial, pequenos doces e uma ceia tardia a servir aos que não suportassem a ideia de se irem embora. Era a favor de uma cozinha de fusão e eu preferia manter um estilo mais veneziano. Discutimos, riscámos coisas da sua lista e acrescentámos outras. Sentados no *campo* movimentado, com senhoras a passarem com carrinhos das compras ou crianças pela mão e turistas a pararem a admirar a igreja antiga e a torre sineira, dava a sensação de que Angelo e eu partilhávamos uma língua que nenhuma dessas pessoas poderia compreender.

Continuámos a conversar mesmo depois de decidirmos qual seria a nossa ementa. Falámos sobre lugares onde tínhamos comido, sobre pratos que tínhamos provado, sobre coisas que adorávamos e sem as quais não podíamos viver, sobre ingredientes que desprezávamos. Lembro-me que ficámos especialmente exaltados com o assunto da maior parte dos azeites aromatizados (repelentes). Angelo lançou-se num longo sermão sobre a gastronomia molecular (brincar com a comida). Eu talvez tenha desabafado um bocado sobre críticos gastronómicos (não sabiam nada). A seguir, passámos a clientes difíceis e pessoal da cozinha psicopático. E foi divertido conversar assim com ele. Ele fazia-me rir. Fazia-me sentir melhor.

– Estou ansioso por cozinhar contigo, Dolly – disse-me ele. – Vamos divertir-nos, acho eu.

– Espero que sim. A Coco estava a pôr-me toda stressada por causa disto.

– Sim, o que é que se passa com a Coco?

– Não sei. Está passada com esta festa. Está demasiado entusiasmada.

– Suponho que já há muito tempo que não tem uma ocasião como esta para se entusiasmar – disse ele.

– Deve ser isso, imagino.

Falámos sobre comida durante metade da tarde e quando esgotámos esse tópico a nossa conversa desviou-se para a dança. Angelo falou-me sobre uma professora que tinha tido, uma mulher mais velha e muito experiente que tinha mudado completamente o tango para ele.

– Ela mostrou-me como dançar com o coração e não com a cabeça. Acho que é a coisa mais difícil de aprender – disse ele.

– Como é que sabes quando estás a dançar com o coração? – perguntei.

Angelo ficou com uma expressão pensativa.

– É uma daquelas coisas que é diferente para cada pessoa. Para mim, é quando eu me aceito. Paro de me preocupar com se estou a maçar o meu par com os passos que estou a repetir; paro de me concentrar no prazer dela ou até mesmo no meu e fico no momento, fico na sensação. É assim quando estou a dançar com o coração.

Soava muito sincero e muito sério. Sentado naquele banco, com a coxa perto da minha, recostado e com as mãos cruzadas atrás da cabeça, parecia lindo.

– Por vezes, é como se eu estivesse quase lá – disse-lhe eu. – Mas depois dou comigo a preocupar-me com os passos que estou a dançar ou se o equilíbrio está todo errado e perco essa sensação.

– Vais encontrá-la cada vez mais se continuares a tentar – assegurou-me ele. – É como aprender a ser um bom cozinheiro: leva tempo, trabalho duro e paciência. Não se pode acelerar o processo.

– Mas nós estamos a acelerá-lo, não estamos? – lembrei-lhe. – Se vamos participar nesse tal espetáculo de tango daqui a umas semanas, é o que temos de fazer.

Ele olhou para mim.

– Não tens de subir ao palco comigo; eu não vou forçar-te. Vai haver outros dançarinos lá nessa noite, por isso ninguém sentirá a nossa falta. Mas acho que seria uma pena. Atuar tem uma carga de energia incrível; é uma excitação. Tu devias senti-la.

– Não pratiquei o suficiente – argumentei. – A Coco tem razão sobre isso.

– Vamos dançar agora, então. – Angelo pôs-se de pé.

– Aqui mesmo, em plena luz do dia?

Angelo acenou que sim com a cabeça.

– Em Buenos Aires, dançam por toda a parte, de dia ou de noite. Às esquinas e nas praças, nos mercados e nos parques, e embora se saiba que agora é só para os turistas, não deixa de ser lindo.

– Então tu estiveste lá? Foste, embora a Valentina se recusasse a acompanhar-te?

– Sim, fui... e voltei. – Estendeu-me a mão. – Addolorata, por favor para de falar e dança.

De todas as vezes em que dancei o tango com Angelo, antes e depois, aquela tarde no *campo* soalheiro foi a que me deu uma sensação mais gloriosa. Não havia música, os meus passos não eram impecáveis, ainda tinha mais pose do que verdadeira capacidade, mas não pareceu importar.

Angelo também o sentiu, bem vi. Quando olhava para o seu rosto, ele estava a sorrir.

– Vais atuar comigo. É claro que vais – disse ele. – Tu queres.

Não sei quanto tempo lá ficámos. Ouvi o som das vozes de crianças quando chegou o fim das aulas na escola nas imediações. As sombras alongaram-se e as mesas na esplanada do bar

começaram a encher-se. As pessoas que vinham do trabalho, a caminho de casa, paravam para olhar para nós.

Os pés de Angelo deixaram de se mover, mas ele não me libertou dos seus braços.

– Estás cansada? – perguntou.

– Estou – disse eu.

– Vamos para minha casa descansar.

Pareceu natural deitarmo-nos juntos na cama, completamente vestidos e por cima dos lençóis. Angelo virou-me as costas e adormeceu logo. Exausta de tanto dançar, fechei os olhos e adormeci também.

Foi uma daquelas sextas maravilhosas, duas horas de total abandono, e quando acordei vi que Angelo tinha mudado de posição. Agora, o seu corpo ajustava-se ao meu, sentia a sua mão pousada levemente na minha anca e a sua respiração no meu pescoço. Era uma sensação tão agradável que não me atrevi a mexer-me para não o incomodar.

Por vezes, Eden e eu ficávamos deitados assim, mas não com muita frequência. Mesmo nos primeiros tempos, acontecia só quando ele queria, e levava sempre a sexo. Mas isto não levaria a sexo, disse eu para comigo. Isto eram dois amigos a descansarem juntos, não muito diferente de estarmos lado a lado em espreguiçadeiras no Lido ou sentados num banco no *campo*. Não tão diferente como corpos a tocarem-se no tango. Não queria dizer nada.

Mas então os dedos de Angelo começaram a mexer-se. Acariciaram-me a anca, criando um ritmo fácil, avançaram para a minha barriga e enfiaram-se debaixo da minha *T-shirt*, quentes contra a minha pele. Moviam-se em carícias longas, explorando cada vez mais. Eu quase sustive a respiração enquanto esperava que ele dissesse alguma coisa.

Angelo não falava. O seu rosto roçava a minha nuca; a sua respiração era quente. Cobriu-me as pernas com uma perna e senti-o pressionar-se contra mim. Soltei um gemido.

Ele deu uma risadinha ao ouvir aquele som, como se fosse do que estava a espera, e os seus movimentos tornaram-se mais seguros. Acariciava-me mais intimamente. E depois virou-me de costas e pôs o corpo em cima do meu. Ainda completamente vestidos, pressionámo-nos um contra o outro como adolescentes.

Angelo começou a mover-me com as ancas e as mãos. Eu ia para um lado e para o outro, tal como ele queria. Despimo-nos e eu esqueci-me de me sentir pouco à vontade com o meu corpo. Cada sensação parecia nova, mas, ao mesmo tempo, o toque dele era familiar.

Quase ouvia a música de tango na minha cabeça. A pele dos nossos corpos estava escorregadia com o suor; a nossa respiração, entrecortada. Segui Angelo, como tinha aprendido e praticado uma e outra vez, e fizemos amor e pareceu tão belo como dançar.

Só quando acabámos é que ele falou.

– OK? – perguntou.

– Sim. – Foi tudo o que eu conseguia dizer.

Ele afastou-me o cabelo do rosto e alisou-o para trás.

– Tens fome? Eu vou fazer um grande prato de esparguete com chocos e uma data de *peperoncino*.

Para minha surpresa, sentia-me faminta. Então, lembrei-me de que tudo o que tinha comido durante o dia tinham sido os pãozinhos barrados com mel de Coco.

– Acho que tenho algum *radicchio* – continuou ele. – Podia refogá-lo com azeite e limão. Ou

talvez umas alcachofras pequenas cozinhadas em lume brando com alho. Deixa-me ir ver o que tenho exatamente.

Saiu da cama e enfiou os calções de algodão que tinha atirado para o chão antes. Pegando num roupão de seda que estava pendurado num gancho atrás da porta, deixou-o em cima da cama para mim.

– Vem quando estiveres pronta – disse.

O roupão cheirava ao perfume de outra mulher; talvez de Marie-Ann, embora ela tivesse dito que quase nunca ali vinha, ou talvez de Valentina. Vesti-o, de qualquer maneira, e atei o cinto fino à cintura. Suponho que estava chocada comigo mesma, chocada mas não arrependida, sentia-me demasiado bem para isso... Sentia-me incrivelmente bem.

Angelo esvaziou o frigorífico para mim. Cortou uma fatia muito fina de carne de vaca magra e serviu-a coberta de azeite, parmesão ralado e *mostarda di frutta*. Enquanto estávamos a comer aquele prato, reduziu a puré uma couve-flor cozida com alho-francês refogado e cobriu-o com ovas de peixe salgadas. A seguir veio o esparguete, e comemo-lo com apetite, sem nos importarmos de ficar com a boca manchada com a tinta dos chocos. Por fim, ele apresentou duas elegantes taças com pé e encheu-as com bolachas *amaretti* esmagadas embebidas em vermute e cobertas com queijo mascarpone batido com ovos e açúcar. Eu rapei a taça vazia com a colher para recolher todos os vestígios daquela doçura cremosa.

– Foi um banquete, obrigada – disse eu quando acabámos.

– De nada. Gosto de dar de comer a uma rapariga com fome.

Não sabia bem o que deveria acontecer a seguir. Devia ir-me embora ou será que Angelo queria que passássemos a noite juntos? Ele estava ocupado a levantar a mesa e a empilhar os pratos na máquina de lavar louça. Ofereci-me para o ajudar, mas ele recusou.

– Relaxa, põe música, põe tango.

– Queres dançar outra vez? – perguntei.

Ele olhou para mim e sorriu.

– Quero fazer tudo outra vez. Tu não?

CAPÍTULO 19

Eu sabia que devia sentir-me arrependida, mas, de certa maneira, isso só tornava tudo mais excitante. Quando entrei à socapa no meu apartamento, cedo no dia seguinte, com cuidado para não acordar Coco, sentia-me dorida e satisfeita.

Sentei-me na varanda ao sol da manhã, a beber café e a fumar um cigarro. A seguir, tomei um duche, recordando o toque dele no meu corpo enquanto a água quente jorrava sobre mim. Lavando de mim o seu cheiro, disse para comigo que ninguém precisaria nunca de ficar a saber. Agradava-me ter um segredo. Fazia-me sentir mais interessante.

Nunca me arrependerei completamente daquela noite; mesmo depois de tudo o que aconteceu, embora não devesse tê-lo feito. Pensei muito em como teria ficado furiosa se Eden tivesse feito o mesmo. Mais tarde, senti-me culpada – senti-me mal por ele e também por Marie-Ann. Naquele momento, no entanto, aquela noite parecia-me o tónico de que eu precisava e nem sequer pensava em culpa. Num estado de espírito muito mais animado do que o do dia anterior, pus um dos encantadores vestidos de verão que Coco me tinha emprestado e fui bater-lhe à porta.

– Oh, é a Addolorata – disse ela, num tom um pouco azedo. – Pode-se falar consigo hoje?

– Desculpe aquilo de ontem. Posso oferecer-lhe o pequeno-almoço para me redimir?

Coco olhou-me de alto a baixo.

– Parece realmente melhor. Tem melhor cor e esse vestido fica-lhe bem. Ponha *bâton* e depois eu permito-lhe que me leve a sair.

Nessa manhã, fomos um pouco mais longe do que o nosso café habitual, a um sítio para turistas onde as mesas estavam dispostas ao longo do canal. Coco trazia um chapéu verde de aba larga e um vestido amarelo a direito combinado com um colar vistoso de flores de acrílico. Viraram-se cabeças quando nos sentámos, e ela sorriu. Gostava de atrair as atenções.

– Dormiu o dia todo ontem? – perguntou. – Estava tudo em silêncio lá em cima.

– Saí para ir ter com o Angelo.

Saber que tinha passado a tarde a planear a ementa agradou-lhe.

– E então a minha pequena festa está organizada. – Coco fez um gesto expansivo com as mãos. – Agora só temos que decidir o que vestir.

– Eu vou cozinhar – recordei-lhe. – Não me vou vestir para a festa.

– Mesmo assim deve pôr-se bonita. Não vai ficar na cozinha a noite toda. Acho que do que precisa é de um vestido preto chique que possa tapar com um avental. Devíamos ir às compras. Há um sítio em Santa Croce onde de certeza vão ter a coisa perfeita a muito bom preço.

– OK, mas hoje não. Eu tenho descurado o pobre *Boris*. Já não o levo a passear há dias.

Coco olhou para os seus câezinhos e fez-lhes uma festa nas cabeças sedosas.

– Que tolice a da Nanda, ter um animal assim tão grande, quando não tem hipótese de o levar a passear.

– É o que a Valentina diz também.

Ela suspirou.

– A minha querida velha amiga não tem ponta de bom senso. Tudo o que ela faz parece tornar a vida da Valentina mais difícil. Ainda bem que vamos organizar-lhe esta festa. A garota merece sentir-se especial por uma noite.

– Coco, já pensou em como vamos pagar a comida e o vinho de que precisamos? O Angelo pode comprar diretamente aos fornecedores, mas mesmo assim vai ser uma conta bem puxada.

– Deixe isso comigo. Está tudo sob controlo.

– Já não falta muito – lembrei-lhe.

– Eu sei, tanto para fazer, não é empolgante? Primeiro a nossa festa, depois, daí a uma semana, a Festa del Redentore. Vamos precisar de escolher diferentes *toilettes*. Algo colorido para a Festa, claro, e acho que a Addolorata devia comprar uns sapatos novos, seria um investimento...

Deixei-a falar sobre as roupas perfeitas para diferentes ocasiões sem realmente a escutar. Aquela questão de como pagar as despesas da festa preocupava-me. Embora eu não me importasse de dar o meu contributo, não podia dar-me ao luxo de arcar com uma conta pesada. Coco estava sempre a prometer que trataria disso; mesmo assim, eu não me sentia convencida. Muitas vezes, dava-me a sensação de que ela vivia num mundo de fantasia. Tinha talento para evitar as coisas que não queria ver ou saber. Eu esperava mesmo que a realidade de pagar as despesas da festa não fosse uma delas.

Coco deve ter adivinhado no que eu estava a pensar.

– Pare de se preocupar, Addolorata – ralhou. – Não tardo a ter mais do que o suficiente para cobrir todas as despesas. Tem de confiar em mim. A sério, ofende-me muitíssimo que não confie em mim.

A festa de Valentina era para ser uma surpresa para ela, mas fez-se um tal alarido e tinham sido enviados tantos convites que, inevitavelmente, a notícia chegou-lhe aos ouvidos. Ela estava no *palazzo* naquela manhã quando eu cheguei e via-se claramente que não se sentia agradada.

– Fazes parte desta conspiração, não fazes? – perguntou-me, segurando a coleira de *Boris* como se eu estivesse prestes a raptá-lo.

– A tua mãe perguntou-me se a ajudava.

– E a Coco está envolvida?

– Está, e o Angelo também.

Aquilo pareceu pô-la ainda mais agitada.

– O Angelo? Com certeza nesta fase ele já sabe que não estou interessada em que interfira na minha vida.

– É uma festa; uma coisa simpática que as pessoas querem fazer para ti – expliquei. – A Coco e a tua mãe andam todas entusiasmadas a planear tudo. Estão a ter tanto prazer com isso! E a ideia inicial foi da tua mãe. A intenção dela era fazer-te um miminho.

Com uma expressão de dor, Valentina semicerrou os olhos. – Oh, meu Deus, eu sei. Pobre *mamma*. Para ela, ainda sou uma menina pequena que adora festas.

– E não as adoras?

– Se quisesse uma festa, organizava-a eu. – Soava exasperada. – Agora, estou a ser empurrada à força. É a isso que objeto. Porque é que toda a gente parece pensar que sabe o que é melhor para mim? Ninguém se dá ao trabalho de me perguntar. Alguma vez eu disse que queria uma festa de anos? Não!

– Cancela-a, então. Ainda não é demasiado tarde. Embora a Coco vá ter um colapso e a tua mãe vá ficar muito incomodada.

– Não me interessa o que possa acontecer à Coco... mas a *mamma*... – O rosto de Valentina suavizou-se. – Suponho que está cheia de expectativas; uma festa como as que ela e o *papa* costumavam dar.

– Nunca a vi mais animada. Realmente esfuziante – disse eu.

– Sim, eu vi a mudança nela. Mas julguei que era por ter voltado a ter companhia, a tua e a da Coco. Se me tivesse apercebido do que se estava a passar... – Valentina soltou um suspiro. – Não posso parar esta coisa agora, pois não? Mais vale acrescentar os meus amigos à lista de convidados e fazer os possíveis por me divertir.

– Sim – concordei. – É o que devias fazer.

– O Angelo tem de estar envolvido?

– Vai ajudar a cozinhar.

– É claro. – Ela suspirou novamente. – E suponho que vai encarregar-se de tudo e todos vamos ter de nos sentir muito agradecidos. É sempre assim com o Angelo.

Já era tarde quando escapámos para ir dar o nosso passeio, e estava demasiado calor para um cão grande e peludo como *Boris*. Eu andava lentamente e mantinha-me nos passeios à sombra, parando num bar para pedir uma taça com água para ele quando ele começou a ofegar bastante. A minha intenção era ir até ao Rialto comprar os ingredientes para *sarde en saor* para o almoço de Nanda, mas, desistindo dessa ideia, voltei para trás mais cedo.

Boris pareceu contente por regressar a casa. Deitou-se no chão fresco de mármore da cozinha, com a cabeça entre as patas, a ver-me a cirandar por ali à procura de ingredientes. Como já não havia massas alimentícias, fiz uma massa com ovos e farinha de semolina e cortei-a em fitas de *pappardelle*. Pus de molho uns cogumelos *porcini* secos, fritei alho com muita *pancetta*, cobri com um pouco de vinho de Marsala que encontrei na parte de trás de um armário e deixei cozinhar em lume brando. Do que precisava era de natas, mas, como não as havia no frigorífico, adicionei uns cubos de manteiga. Gosto de cozinhar desta maneira, aproveitando o que tenho à mão. Suponho que é o sentido de economia do meu pai a manifestar-se em mim. E Nanda mostraria a sua apreciação, fosse o que fosse que eu lhe servisse. Sentia-se tão grata pela atenção como pela comida, acho eu.

Comemos juntas na cozinha, porque a sua pequena sala de estar era muito abafada no calor do verão. Depois de acabar os *pappardelle*, perguntou-me se havia mais.

– Não veio cá ontem nem anteontem – queixou-se enquanto eu despejava o resto da comida para o prato dela.

– Desculpe, estive ocupada. O que comeu ao almoço?

– Não veio ninguém e eu estava cheia de fome. Telefonei para aquele *bacaro* aonde a Coco me levou. Mandaram-me uns *tramezzini* frescos cheios de carne de porco fumada e umas almôndegas excelentes, até uns camarões. Estava tudo delicioso. Mas foi caro; não posso dar-me ao luxo de fazer isso muitas vezes.

Voltei a pedir-lhe desculpa, explicando que tinha estado com Angelo a planear a ementa para a festa.

– A Coco também o recrutou? – Parecia abismada.

– Ele parece não se importar.

– Pobre Angelo – disse ela.

Ri-me.

– O que é que ele tem de assim tão pobre?

– Está apaixonado pela minha filha, sabe? Ela deu-lhe um grande desgosto de amor.

Pousei o prato diante dela.

– A sério? O que aconteceu?

– Nunca ninguém me conta os pormenores destas coisas. – Distraidamente, Nanda espetou o garfo numa fita larga de massa. – Houve uma discussão; é tudo o que sei. Antes disso, pensávamos todos que eles estavam destinados a casar-se.

– Namoraram durante muito tempo?

– Desde a adolescência. Quando era mais nova, a Valentina costumava seguir o rapaz para toda a parte como se fosse o cachorrinho dele.

– O que é que terá corrido mal?

Ela encolheu os ombros.

– Quem sabe? Talvez ela se fartasse de o seguir.

Nanda parecia ter dito tudo o que estava disposta a dizer naquele momento. Concentrou-se na comida, acabando a segunda porção de massa e depois batendo no estômago e queixando-se de se sentir demasiado cheia.

– Tenho de descansar para ajudar a digestão. – Empurrando para o lado o prato vazio, pôs-se de pé. – *Boris*, meu rapaz, anda daí.

O cão seguiu-a para fora da cozinha, abandonando-me à louça suja. Não havia nada tão tecnologicamente avançado como uma máquina de lavar louça no *palazzo*, claro, mas eu não me importava de lavar louça à mão. Em pequenas, Pieta e eu lavávamo-la todas as noites depois do jantar. Ninguém consegue pôr uma cozinha em estado de sítio como o meu pai. Todos os tachos são usados, e por vezes há molho de tomate a escorrer literalmente pelas paredes. Pieta nunca o suportou, a não ser que a ordem seja completamente restaurada, e ao arrumarmos juntas a cozinha tínhamos a oportunidade de trocar confidências e de nos rirmos. Quando já éramos mais velhas, muitas vezes fumávamos um cigarro às escondidas sentadas na soleira da porta das traseiras. É por isso que agora um lava-louças com água e detergente quase me parece uma coisa reconfortante. Quer dizer que toda a gente já foi alimentada e que tudo está como devia estar.

Quando voltei para o apartamento nessa tarde, a porta de Coco estava entreaberta. Disse olá em voz alta e ela mandou-me entrar. Encontrei-a sentada à mesa da cozinha. Tinha-a coberta com um pano macio sobre o qual dispusera várias joias. Eram muito diferentes das pulseiras e dos colares de contas que usava habitualmente. Havia alguns anéis de ouro, uma pulseira, um colar, um par de brincos, um alfinete grande que uma vez a tinha visto prender a um turbante; todos eles modelos antiquados e a cintilar com o que pareciam ser diamantes.

– Estou a despedir-me delas – disse-me Coco. – Já as tenho há muito tempo e nunca me senti tentada a vendê-las, nem mesmo em tempos difíceis. Mas agora vou fazê-lo.

– Porquê? – perguntei, esperando que ela não estivesse falida.

– Para pagar a festa da Valentina, claro. São todas joias verdadeiras. Não se preocupe, conheço uma pessoa que me paga o que elas valem.

Eu estava chocada.

– Mas, Coco, não pode fazer isso.

Ela olhou para mim.

– Não compreende. Tenho de o fazer.

– A Valentina não ia querer que o fizesse. Ela nem sequer queria a festa, para ser franca.

Coco pegou no colar.

– Isto foi extremamente caro. O Lorenzo nunca devia ter gastado tanto dinheiro comigo. Foi uma tolice. Mas ele gostava de me comprar coisas e de me levar depois a sítios elegantes para eu as usar.

– Foi o pai da Valentina que lhe deu estas joias todas?

– É verdade.

– Devia ser louco por si.

Coco sorriu um pouco tristemente.

– Nunca amei ninguém como o amei a ele. Ele sentia a mesma coisa. Éramos extraordinários juntos.

– Não pode vender, se tem assim tanto valor sentimental – argumentei.

Coco pousou o colar e enfiou um dos anéis num dedo, estendendo a mão para admirar a maneira como os diamantes cintilavam.

– Estou a ficar velha; tenho de pensar no que vai acontecer às minhas coisas quando eu me finar. Sempre tencionei deixar isto tudo à Valentina, mas ela recusa-se a aceitar. Nem quer vir cá ver as joias.

– Embora precise do dinheiro?

– Lá terá as suas razões. – Coco tirou o anel. – Eu conheço-a suficientemente bem para ter a certeza de que ela nunca vai mudar de ideias. Por isso, vou vender tudo e usar o dinheiro para lhe fazer o tipo de festa que o pai dela teria organizado se ainda cá estivesse.

– Se ela descobre...

– Ficava furiosa, eu sei. Mas não descobre. A Valentina vai julgar que a mãe encontrou mais umas coisas para vender. E talvez fique um bocadinho zangada com a Nanda, mas a festa vai ser maravilhosa e ela acaba por lhe perdoar.

Fiquei a ver Coco embrulhar cada joia e metê-la numa caixa de madeira, que fechou à chave. Deu a volta à chave com um ar determinado.

– Quase nunca as uso, de qualquer maneira – disse-me. – Agora levo um tipo de vida muito diferente do que levava com o Lorenzo.

Foi arrumar a caixa e quando voltou anunciou que precisava de muita alegria para se animar. Tinha bilhetes para um concerto no famoso teatro La Fenice, mas o seu amigo Roberto telefonara a dizer que não se sentia bem e não poderia acompanhá-la.

– Ficou tão incomodado por me falhar. Eu disse-lhe que não se preocupasse, que a Addolorata não se importaria de ir na vez dele. A orquestra vai tocar a Quinta Sinfonia de Beethoven. Vai gostar.

Eu planeava deitar-me cedo, porque não tinha dormido muito na noite anterior com Angelo, mas Coco parecia genuinamente abatida. E por isso aceitei o convite.

O teatro La Fenice é tão ridiculamente ornamentado que parece que se está dentro de um cofre de joias. Os nossos lugares eram perto da frente; à nossa volta os camarotes erguiam-se para as alturas

do teto pintado, debruado a estatuetas e mais arabescos dourados como os que se viam para onde quer que olhássemos. Eu sabia que a minha filha ia ficar doida por este sítio se o visse. E fiquei contente por Coco me ter obrigado a vestir uma roupa de cerimónia, porque ter-me-ia sentido completamente desadequada se viesse com um simples vestidinho de verão.

Embora o La Fenice fosse impressionante, os assentos não eram especialmente confortáveis. Eu contava sentir-me entediada com a música e esperava que não demorasse muito tempo. Mas logo desde a primeira nota senti-me transportada.

Adorei tudo. Estar naquele teatro incrível e ouvir a música a enchê-lo. Ver a orquestra e a paixão nas suas expressões. Ver os violinistas a manobram os seus arcos e o maestro quase a dançar no pódio, a instigar os intérpretes a prosseguirem, e tudo aquilo só para nós.

Tocaram outra coisa para além da sinfonia de Beethoven; não faço ideia do que fosse, mas gostei imenso. Quando acabaram, pus-me de pé com o resto da assistência, a bater palmas e a pedir bis. Quase rebentava com a alegria da música.

Mesmo ao voltarmos para casa, sentia-me como se andasse com passos mais leves do que antes. Disse muitas vezes a Coco que tinha sido incrível e ela ria-se, respondendo várias vezes: «Sim, eu sei, minha querida. Eu sei.»

Quando cheguei a casa, a primeira coisa que fiz foi procurar o meu bloco de apontamentos... o que demorou uma eternidade, porque estava enterrado debaixo de uma pilha de roupas. Já há algum tempo que não escrevia nele, mas por fim tinha alguma coisa nova a acrescentar.

Lista de Felicidade de Addolorata

8. Música. Não canções *pop* cheias de tremidinhos, a saírem de rádios de trolhas. Música a sério. Sons que se erguem às alturas e nos encham de felicidade, ecoando na nossa cabeça muito depois de acabarem de ser tocados.

CAPÍTULO 20

A mensagem de Marie-Ann chegou na manhã seguinte. Sim, adorava servir na noite da festa de Valentina; obrigada, era uma ótima ideia. Foi um momento desolador. As coisas tinham mudado desde que eu fizera aquela proposta impulsiva. Agora, parecia-me um grande erro.

Enviei-lhe rapidamente uma mensagem a dizer que tinha encontrado outra pessoa para aquele trabalho. Ela respondeu de imediato a insistir que viria de qualquer maneira. *Duas pessoas é melhor do que só uma, com certeza*, dizia a rematar.

Por isso, eu estava naquilo a que a minha mãe chamava uma camisa-de-onze-varas, e não parecia haver maneira de me livrar dela. Angelo ia pensar que eu andava a jogar alguma espécie de jogo estranho. Mesmo assim, achei preferível dar-lhe a notícia logo que possível, para o caso de Marie-Ann o contactar e mencionar a coisa.

A esta hora ele já devia estar no trabalho. Se eu passasse por lá a caminho do mercado para comprar sardinhas frescas para o almoço de Nanda, talvez conseguisse apanhá-lo.

Enfiei um recado por baixo da porta de Coco a sugerir que ela viesse fazer-nos companhia no *palazzo* mais tarde para um almoço de *sarde en saor* e a seguir pus-me a caminho, puxando o carrinho das compras. Ainda era cedo quando cheguei ao mercado e não havia turistas, só habitantes locais. A maior parte das pessoas mais velhas fazia as compras nas mesmas bancas desde sempre, e por várias vezes tive de esperar impacientemente enquanto eram servidas à minha frente e tagarelavam infundavelmente com os vendedores sobre se os pêssegos estavam maduros e os tomates suculentos.

Eu preferia andar de banca em banca em vez de privilegiar só uma. Escolhi uns *fondi de carciofo*, o fundo tenro das alcachofras, que podem ser comprados já arrançados e prontos a cozinhar. Encontrei folhas para uma salada que pareciam ter sido acabadas de colher e depois avancei para o mercado do peixe para comprar as sardinhas.

Angelo estava à porta da sua *osteria*, a beber um café e a ver passar as pessoas. Sorriu quando me avistou. Não nos víamos desde que eu saíra de sua casa ontem de manhã, mas não havia nenhum vestígio de embaraço nele. Possivelmente, estava habituado a ter casos de uma noite, e Marie-Ann talvez tivesse razão, talvez houvesse outra mulher, ou mais do que uma. Lembrei-me daquele roupão de seda que ele me tinha emprestado para eu usar, com o perfume distintamente feminino entranhado nele. Pobre Marie-Ann.

— Saíste cedo de casa. O que se passa? — perguntou quando eu me aproximei.

— Vim comprar peixe para cozinhar para as velhas senhoras. E, na verdade, tinha a esperança de te ver. Tenho notícias.

Mais do que outra coisa qualquer, pareceu divertido quando lhe contei.

— Marie-Ann, como empregada? Isso vai ser interessante. Suponho que sente curiosidade em relação à Valentina e que foi por isso que aceitou.

— Acho que sim.

— Ah, bem, é a oportunidade de ambas de se conhecerem. — Disse aquilo num tom ligeiro e eu

perguntei-me se gostaria minimamente de Marie-Ann, e se teria noção do que ela queria dele.

Depois de acabar de tomar o café, Angelo virou-se para voltar ao trabalho.

– Vens hoje à noite à *milonga*, não vens? Eu vou estar no bar à esquina, se quiseses tomar uma bebida primeiro.

Ter um encontro combinado lançou uma nova luz sobre o resto do dia. Por favor, não me interpretem mal, eu não era tão ingénua que esperasse grande coisa de Angelo – sem dúvida que não iria tentar fazer o meu futuro depender dele. Mas finalmente havia de novo alguma aventura na minha rotina, alguma excitação e imprevisibilidade. Essas eram todas as coisas que eu tinha perdido a esperança de voltar a encontrar, as coisas que quisera desesperadamente na minha vida em Londres, onde cada dia parecia mais cinzento do que em Veneza e nada mudava nunca. O tango era uma grande parte da mudança; Angelo era parte do tango.

Depois de acabar de fazer as compras, apanhei um *traghetto* para o outro lado do Grande Canal e fiz o resto do caminho para o *palazzo* a pé, com a intenção de levar *Boris* ao parque e de cozinhar a seguir um belo almoço para Coco e Nanda.

Enquanto abria caminho por entre o caudal de turistas que jorrava pela Strada Nuova abaixo, lembrei-me de quando cheguei a Veneza e de como me perguntava como iria preencher os dias vazios das minhas férias. Agora andava atarefada. Quase todas as manhãs acordava já com um plano para o dia, mas nunca me sentia inundada de trabalho como em casa, nunca arrastada numa enxurrada de todas as coisas que precisava de fazer, nunca tensa ou assoberbada ou infeliz sem nenhuma razão particular. Se a vida real pudesse ser assim, não haveria necessidade de listas nenhuma.

A maior parte daquele dia foi passada no *palazzo* nos preparativos para a festa. Planeámos onde seria o bar e onde se dançaria. Coco e Nanda ajudaram-me a contar as peças de louça e os copos para nos assegurarmos de que havia um número suficiente para todos os nossos convidados.

Encontrei algumas peças lindas encafuadas num armário grande que Nanda abriu: travessas de vidro, jarras, copos e taças feitos por Lorenzo e pela sua família. Tirámo-las para fora e erguemo-las à luz para admirar as cores intensas que se viam em espiral à transparência. Foi tudo posto em cima da mesa da cozinha e estávamos a examinar as peças quando Valentina apareceu inesperadamente. Aquela visão fê-la estacar.

– O que é que estão a fazer?

– Só a olhar... e a recordar – disse-lhe Nanda.

– Não vão usar estas coisas na festa. – Valentina soava inflexível. – São demasiado preciosas, demasiado frágeis.

– O teu pai queria que fossem usadas e admiradas – disse-lhe Coco.

Valentina lançou-lhe um olhar furioso.

– Não me digas o que o meu pai queria.

– Não te lembras de como ele usava sempre os melhores cristais para as festas? – persistiu Coco.

– Sim, lembro-me de tudo. É claro que me lembro. – Valentina falava num tom sibilino.

– De qualquer modo, estas coisas pertencem à tua mãe – disse Coco, num tom razoável. – Nanda, o que te parece? Não seria uma pena não termos um par das peças maiores em exibição?

A *Contessa* olhou da sua amiga para a sua filha, com uma expressão de incerteza. Passou um dedo pelo rebordo curvo de uma taça verde grande.

– Não sei – disse.

– Costumavas empilhar laranjas nessa taça e pô-la no centro da mesa – recordou-lhe Coco.

– Sim, é verdade, tinha um estilo requintado.

– E pelo menos enchiam-se algumas jarras com flores acabadas de colher – acrescentou Coco. –

Nós gostávamos de fazer os arranjos florais, tu e eu.

– Isso foi há muito tempo – disse Nanda nostalgicamente.

– Não seria divertido fazermos-los juntas na manhã da festa? Acho que podíamos usar aquela jarra vermelha... ou não, talvez a amarela.

Valentina ainda estava a olhar furiosa para Coco. Devia ter-se apercebido de que tinha perdido a discussão.

– Nós vamos ter muito cuidado. Não vão estragar-se, prometo – disse-lhe Coco. – Mas se detestas a ideia...

– Tu não queres saber o que eu penso – disse Valentina. – Vais fazer exatamente o que queres, como sempre.

– Minha querida, não sejas assim – disse Coco friamente. – Foste tu quem me pediu para voltar aqui, não te esqueças. Posso facilmente voltar a ir-me embora.

Valentina fitou-a.

– Sabes, Coco, por vezes odeio-te quase tanto como a minha mãe te adora.

Aquelas palavras foram pronunciadas sem emoção, e, quando acabou de as dizer, Valentina deu meia-volta e saiu porta fora.

– Que menina tonta... e tudo por causa de umas peças de vidro de Murano – disse Coco quando ela já não poderia ouvi-la. – Paciência, ela acabará por cair em si, espero.

É claro que aquilo não tinha sido simplesmente por causa das peças de vidro. Havia mais qualquer coisa a passar-se e eu era a única presente que não fazia ideia do que seria. E estas venezianas reservadas, discretas, também não tinham nenhuma intenção de me esclarecer. Coco e Nanda trocaram um olhar e depois começaram a meter de novo as peças de vidro no armário, deixando de fora as peças que Coco tinha escolhido.

Enquanto arrumavam, falaram sobre as flores que poderiam comprar e sobre quantas laranjas caberiam na taça. Ajudaram-me a polir copos e a limpar o pó das travessas. Era como se nada tivesse acontecido.

Por fim, foram descansar na saleta da *Contessa* e eu escapei-lhes. O que queria era ver Valentina outra vez, mas não sabia bem como a encontrar. Estaria a cantar numa gôndola nalgum canal esconso? A ensaiar com a companhia de ópera? A trabalhar na livraria Acqua Alta? Como não parecia ter um horário regular, era impossível saber.

Como a livraria era o local mais fácil de verificar, foi para lá que me dirigi primeiro. E o certo é que a encontrei sentada atrás da máquina registadora, a fazer festas a um gato preto que se tinha instalado em cima do balcão. Ela acenou-me com a cabeça quando me viu.

– Ainda bem que passaste por aqui. Tenho uns romances ingleses que ando para te dar há uns tempos. As páginas estão soltas por causa da humidade e por isso não podemos vendê-los. É engraçado, mas os livros antigos parecem sobreviver aqui muito mais tempo do que os novos.

– Eu não ando a ter muito tempo para ler – disse-lhe eu. – Mas obrigada, eu levo-os. Talvez depois da festa tenha uns dias para preguiçar.

– A festa... – Valentina soltou um suspiro de impaciência. – Quanto mais depressa passar melhor.

– Sentes mesmo isso? Toda a gente menos tu está cheia de expectativa, o que realmente é irónico, já que é a comemoração dos teus anos.

– Mas a festa não é minha, é da Coco; até a minha mãe vê isso. Mesmo assim, a *mamma* alinha naquilo como faz com tudo o que aquela mulher quer.

– Não compreendo. O que é que tens contra a Coco?

– Pergunta-lhe a ela.

– Ela não me diz. Diz-me que devia perguntar-te a ti.

– Bem, então – Valentina passou por baixo do balcão e entregou-me uma pequena pilha de livros de bolso com os cantos das capas revirados –, pergunta ao Angelo. Ele conhece essa velha história; ou a maior parte dela.

Parti do princípio de que tudo remontava ao facto de Coco ter sido em tempos amante do pai dela.

– Pelo menos diz-me uma coisa – disse eu, pegando nos livros. – Se não gostas da Coco, porque é que me pediste para a trazer de volta ao *palazzo*?

– Pela minha mãe. – Valentina pôs-se de pé e empurrou o gato do balcão. – Sabes, a Coco está ligada a muito do que era bom no passado, assim como ao que era mau.

Eu tinha resolvido fazer Angelo beber bastante naquela noite para ver se ele me contaria um pouco mais da história de Coco. Mas quando cheguei a All’Arco, fiquei surpreendida ao encontrar Marie-Ann entre a multidão de amigos que o rodeava. Ela estava com um aspeto sensacional. Trazia o cabelo penteado com caracóis soltos e aplicara mais maquilhagem do que o habitual. Quando me avistou, sorriu, e, enquanto nos cumprimentávamos com um abraço, segredou-me ao ouvido: «Obrigada.»

Eu não sabia bem o que ela me estava a agradecer, mas parti do princípio de que devia ter alguma coisa a ver com Angelo.

– Não sabia que íamos ver-te esta noite – disse eu.

– Eu vou à *milonga* – disse-me ela. – Não digas nada ao Angelo, mas tenho ido a umas lições de tango. Tu inspiraste-me, a maneira como aprendeste tão depressa, mas também com o que disseste na outra noite. Tens razão: se o quero, tenho de lutar por ele.

Eu não me lembrava de ter dito aquilo. De facto, tinha quase a certeza de não o ter dito.

– Por isso, vou ter mais aulas até ser suficientemente boa para dançar com ele. E vou à festa da Valentina, como tu sugeriste. – Marie-Ann lançou-me um sorriso esfuziante. – Estás orgulhosa de mim?

Eu sentia-me horivelmente mal, mas o que podia dizer? Que tinha dormido com o namorado dela? Que tinha quase a certeza de que outra mulher andava também a dormir com ele? Não era o sítio nem o momento para isso... e, mesmo que fosse, não sei se teria tido coragem suficiente.

– Sim... claro – consegui articular. – E o tal emprego na Nova Zelândia que te ofereceram?

– Recusei-o. Eu sou boa no que faço e vai haver outras ofertas de emprego. Mas Angelo há só um, certo?

– Certo. – Eu estava a tentar não pensar na noite que tinha passado com ele. Não enquanto estava ali de pé diante dela. Mesmo assim, por alguma razão, a recordação pareci encher-me a cabeça.

– Mas nem uma palavra, especialmente sobre o tango – advertiu Marie-Ann. – Quero fazer-lhe a surpresa quando já for melhor a dançar. Hoje à noite, vou como observadora. A pessoa que está a

dar-me aulas disse-me que era uma boa ideia.

– Quem é que te está a ensinar? Com certeza, seja quem for, deve ser uma pessoa amiga do Angelo; ele conhece todos os dançarinos de tango.

– É uma mulher e sabe ser discreta. Falei com ela naquela primeira *milonga* a que vim contigo. E depois encontrei-a por acaso no outro dia e ela propôs dar-me algumas lições básicas.

– Surpreende-me que não tenhas começado a aprender mais cedo – disse eu. – O que te levou a não o fazer?

– Eu não devia estar a pensar em condições – admitiu ela. – Todo este tempo, tenho tido a minha carreira totalmente sob controlo, mas deixei a minha vida pessoal ao acaso, imaginando que tudo acabaria por se encaixar. Uma tolice, não foi? E apareces-me tu, com a tua lista de felicidade, tão concentrada nas tuas próprias necessidades. Fez-me ver onde tenho andado a errar.

Olhei-a fixamente. Pensamentos loucos sobre admitir a verdade bailaram-me na mente. E então senti alguém tocar-me no ombro e Angelo estava ali, a pôr-me uma bebida na mão. Olhei-o nos olhos e os dele enrugaram-se com um sorriso.

– Ainda bem que te trouxe um copo grande e não uma *ombre* – comentou ele, vendo-me emborcar dois grandes goles.

Se ter-nos ali às duas deixava Angelo pouco à vontade, não o mostrou. Estava como sempre. Conversámos durante algum tempo e depois ele foi buscar mais bebidas e uns pratos de *cicchetti*. Eu não me sentia nem de longe nem de perto tão descontraída como ele parecia estar. Nunca tinha lidado com uma situação como esta. É claro que Eden tinha ex-namoradas e outras mulheres com quem tinha dormido antes de me conhecer, mas eu nunca estivera na mesma sala com elas, muito menos colada a elas. Aquilo tudo estava a pôr-me nervosa. Sem notar o meu desconforto, Marie-Ann continuava a tagarelar.

– Acho que conheces a senhora que tem andado a ensinar-me – disse ela, com a boca perto do meu ouvido. – Chama-se Coco. Diz que és amiga dela.

– A Coco anda a ensinar-te? – repeti estupidamente.

– Anda. Na verdade, pareceu ficar contente por eu lhe pedir. As pessoas de idade gostam de sentir que precisamos delas. Ela é uma excêntrica, não é?

Enquanto dançava na *milonga* nessa noite no Campo San Giacomo dell’Orio, sentia os olhos de Marie-Ann pousados em mim, como se ela estivesse a imaginar-se no meu lugar, a sentir cada alongamento da minha perna e cada meneio das minhas ancas. Estava sentada num dos bancos por baixo das árvores e, de cada vez que eu lhe lançava um olhar, sorria-me. Dei comigo a desejar que fosse para casa e me deixasse passar a noite como a tinha imaginado.

Como habitualmente, tinham aparecido mais mulheres do que homens, por isso eu tive de partilhar Angelo com outras parceiras de dança. Até Coco se viu obrigada a ceder Silvio. Passámos bastante tempo sentadas no banco ao lado de Marie-Ann e de vez em quando ouvia as duas falarem num murmúrio. Esta dançarina estava em boa forma, enquanto que aquela tinha uns movimentos desleixados e aquela outra era demasiado exibicionista. Irritava-me que Coco tivesse acedido a ensinar o tango a Marie-Ann mas nunca se tivesse oferecido para me ajudar. Não conseguia compreender. Afinal, ela era minha amiga.

Quando Silvio me convidou para dançar uma *tanda* com ele, aceitei, embora soubesse que Coco estava ansiosa por voltar à pista com ele. Deu-me uma sensação estranha estar nos braços do velho

senhor. O seu toque era mais leve do que o de Angelo, conduzia a dança com menos ímpeto. Dançava o tango de um modo cortês e calmo.

– Muito bem, muito bem – ronronava enquanto nos movíamos. – Já fez grandes progressos, *cara*, desde aqueles primeiros passos que demos juntos. Agora é uma dançarina.

A *tanda* chegou ao fim e os outros homens soltaram as suas parceiras, mas eu deixei-me ficar nos braços de Silvio.

– Mais uma? – perguntei.

– Seria um prazer – respondeu ele galantemente.

Foi então que chegou Valentina. Avançou para o meio do Campo San Giacomo dell’Orio, tudo nela a berrar *Olhem para mim!* O seu vestido era uma faixa ondulante de escarlata e extremamente curto, a tatuagem da margarida serpenteava-lhe pelo ombro, tinha o cabelo solto a cair-lhe pelas costas em ondas suaves. Mas era a maneira como andava, de cabeça bem erguida, pronta a arrostar com o mundo, que me assombrava.

Parou, e eu vi que estava a olhar à sua volta à procura de um parceiro para dançar. O único homem sozinho nesse momento parecia ser Angelo. Com um encolher do ombro nu, estendeu-lhe a mão. Ele fitou-a e, por um momento, pensei que ia recusar. Ela ergueu as sobrancelhas. Ele sorriu. Avançaram um para o outro.

– Agora vamos ver um espetáculo – disse Silvio.

Na primeira vez que os vi juntos, tinha ficado vivamente impressionada, mas não compreendia realmente o que estava a ver. Naquele momento, apercebi-me de que eles eram extraordinários. Valentina e Angelo dançavam como dois animais agarrados em combate. Primeiro parecia ser ela a conduzir, a seguir tomou ele a liderança, mas ela não parou de o combater. Os outros dançarinos afastaram-se e deixaram-lhes a pista de dança.

A certa altura, olhei discretamente para Marie-Ann. Estava boquiaberta e fascinada. Ao seu lado, Coco fingia que não estava minimamente impressionada. Mas devia estar. Estávamos todos.

Reconheci a canção que estava a tocar: «Libertango». Ia aumentando num crescendo, e a dança deles também. Era isto que Angelo quisera para Buenos Aires, ofuscar os espectadores com a habilidade e a ousadia dos dois, mas Valentina recusara-se a ir. Vendo-os juntos ali, perguntei-me se ela se sentiria arrependida.

No fim da dança estavam os dois sem fôlego. Angelo afastou-se um passo de Valentina, fez uma pequena vénia e começou a aplaudi-la. Nós juntámo-nos ao aplauso; houve até quem desse vivas. A seguir, começou outra *tanda*, mas a maior parte das pessoas retraiu-se, porque como é que poderíamos superar aquilo?

Só Coco não se sentiu intimidada. Chamou Silvio e foram para a pista de dança executar um tango com modos dignos. Gradualmente, outras pessoas foram também dançar.

Regressando ao meu lugar no banco ao lado de Marie-Ann, disse-lhe:

– Aquela é a Valentina.

– Sim, claro que é – respondeu ela.

– Então, o que achas?

Marie-Ann virou-se para mim.

– Acho que preciso de uma bebida.

Fomos para uma mesa no bar do Prosecco e eu mandei vir uma garrafa. Já tinha servido dois copos quando Valentina entrou a grandes passadas, ainda corada de dançar, com a pele brilhante e

os olhos todos iluminados. Vi Marie-Ann contrair-se.

– Foi a isto que eu vim. – Valentina atirou-se para o lugar que restava à mesa, cruzando as suas longas pernas nuas. – Estou aqui para te pagar uma bebida. Devo-te uma, Addolorata. E um pedido de desculpas também.

– Deves?

Ela acenou com a cabeça resignadamente.

– A *mamma* pregou-me um longo sermão quando cheguei a casa esta noite. Nunca a tinha ouvido falar tão severamente. Parece que eu estou a ser indelicada e mal-agradecida. Ela está muito dececionada comigo.

– Oh, não. – Não pude deixar de sorrir.

– Sim, eu sei. De qualquer maneira, acho que não vai demorar muito tempo a esquecer-se de que está zangada comigo. É o que acontece sempre. – Valentina virou-se para Marie-Ann. – Desculpe, parece-me que não nos conhecemos.

– Não. – Marie-Ann estendeu a mão e apresentou-se como uma amiga minha. Como de costume, foi abruptamente direta. – E a Valentina é namorada do Angelo? Ou era?

– É isso, era. – Valentina não parecia atrapalhada. – Mas já não sou há muito tempo.

– Nesse caso, prazer em conhecê-la. Deixe-me ir buscar mais um copo.

Depois de termos as três uma bebida diante de nós, Marie-Ann propôs um brinde.

– Ao futuro, e ao que quer que ele traga – disse, quando entrechocámos os copos.

– Ao futuro? – Valentina parecia duvidosa. Pousou o copo sem beber. – Eu tento não olhar muito para a frente. Acho mais fácil.

– O passado já acabou – argumentou Marie-Ann. – Não vale a pena fazer-lhe um brinde.

Valentina contradisse-a imediatamente.

– O passado nunca acabou; pelo menos não aqui, em Veneza. Está sempre connosco. A muitos de nós, controla-nos.

– Controla-a a si?

– Sim, com certeza, de certa maneira... mas não o meu passado com o Angelo, se é a isso que se refere. Não, agrada-me que isso esteja completamente acabado. Para mim, agora, há mais na vida para além da dança.

Marie-Ann bebeu muito Prosecco nessa noite. Acho que pressentia uma vitória. Mas eu não tinha a certeza se ela estaria a ganhar grande coisa. Acabara de ver o namorado dela e Valentina dançarem juntos e sabia que toda aquela paixão devia ter vindo de um deles.

Depois de mandar vir uma garrafa de Prosecco para nós, Valentina foi-se embora sem beber um único gole. Coco chegou e ajudou-nos a despachar a garrafa. Nós as três fizemos uma pequena festa e ela contou-nos histórias mirabolantes do passado. As festas na mansão dos Guggenheim, os artistas que tinha conhecido, os vestidos que tinha usado, os homens que a tinham cortejado. Marie-Ann parecia tão seduzida como eu ficara ao princípio. Aquele era o lado irresistível de Coco. O clarão de cor que ela adorava mostrar ao mundo. Eu não sabia ao certo com que frequência algum de nós vislumbrava a mulher que ela era verdadeiramente.

Quando estávamos a acabar a segunda garrafa, Angelo apareceu para se despedir, alegando cansaço. Marie-Ann desapareceu pouco depois.

– Gosto daquela jovem – disse Coco, vendo-a sair. – Tem força.

– Anda a ensiná-la a dançar – disse eu.

– Sim, porque a força não chega; ela precisa de ajuda. – Coco estendeu o braço e deu-me uma palmadinha na mão. – Ela seria boa para o Angelo, acho eu. Perfeita, de facto.

– Então, está a juntá-los, a fazer de casamenteira como fez com a Nanda e o Lorenzo? Coco pareceu ficar sobressaltada.

– Nada como isso. Isso foi muito diferente.

Enchi-lhe o copo com o que restava no meu e empurrei-o para ela.

– Conte-me, então – disse.

– Conto-lhe o quê?

– A sua história, tudo.

– Tenho estado a contar-lhe histórias toda a noite – protestou ela.

– Mas eu quero saber mais, a verdadeira história, tudo. Não compreendo porque é que está com tantos segredos.

– Eu nunca contei nada a ninguém. Não saberia por onde começar – disse ela, com um ar indefeso.

– Estava casada quando conheceu o Lorenzo, não estava?

Ela assentiu com a cabeça.

– Comece por ele, então; fale-me sobre o seu marido.

Foi isto que arranquei a uma Coco relutante enquanto o *campo* se esvaziava de dançarinos e o empregado do bar nos trouxe uma última garrafa antes de fechar. Era a versão dela da história e, enquanto falava, imaginei como seria diferente se fosse Nanda a contá-la ou o homem com quem ela casara ou aquele que ela amara realmente...

CAPÍTULO 21

Era um artista, ou pelo menos estava a tentar ser artista. Não era um homem bonito e era muito mais velho do que eu. Mas dizia-me que eu era a sua musa e que o meu destino era figurar nas suas pinturas. Dizia todo o tipo de coisas lisonjeiras e eu adorava ouvi-las.

Por fim, permiti-lhe que pintasse um nu. Levou muito tempo a acabá-lo, porque fazia amor comigo mais do que pintava. Dizia que não conseguia resistir. E eu era adorável nessa altura, sabe? Tão jovem... ainda a amadurecer.

Ele prometeu-me que eu seria o seu segredo, mas era um homem vaidoso. Exibiu o retrato aos amigos e gabou-se de me ter possuído. O mexerico chegou aos ouvidos da minha família. Os meus pais aperceberam-se de que eu tinha andado a mentir, escapulindo-me à noite para estar com ele, saindo à socapa sempre que podia. Sendo os tempos que eram, fomos obrigados a casar. Nenhum de nós o desejava. O meu marido apreciava a vida de solteiro e eu tinha julgado que era uma musa, não a escrava para cozinhar e limpar e esfregar as manchas da roupa interior dele.

Ele continuou a pintar-me. Horas e horas nua, de pé, imóvel diante do cavalete dele. Se eu me mexesse, ficava furioso. Se achasse que o quadro não prestava, era eu quem sofria as consequências. Foram uns tempos desgraçados e parecia que ninguém poderia salvar-me. A minha família não queria saber; o meu destino era culpa minha, disseram-me. A minha única verdadeira amiga era a Nanda, e o que é que ela podia fazer?

E então o meu marido fez uma exposição. Obrigou-me a ir à inauguração. Ali estava eu, nua em todas as paredes e a ser exibida pelo seu braço. Não deixei que ninguém visse como me sentia, embora quase me tenha matado. Meu Deus, o esforço que tive de fazer para me manter de pé, ainda por cima com um sorriso no rosto. Ele tinha-me feito parecer feia, está a ver? Horivelmente feia.

Foi nessa noite que conheci o Lorenzo. O meu marido estava a ser festejado, a fumar charutos e a embebedar-se, e tinha-me esquecido momentaneamente. Eu estava sozinha a um canto da galeria, a sentir-me perdida, e então um rapaz alto e bem-parecido veio ter comigo e meteu-me um copo de Prosecco na mão.

«Apetecia-me matar o seu marido», disse-me ele, e eu tive a certeza de que falava a sério.

O Lorenzo sabia tudo sobre arte. Explicou-me tudo o que estava errado naqueles quadros. Fez com que parecesse que não me retratavam a mim, mas a uma figura horrenda que o meu marido tinha criado na sua imaginação.

«As pessoas vão comprá-los», disse eu, desesperada. «Vão pendurá-los nas paredes das suas casas e ver-me assim todos os dias.»

«Eu compro-os», prometeu ele. «E destruo-os.»

Todos os quadros foram comprados até ao fim da noite, e por um só comprador, que tinha pedido para manter o anonimato. O meu marido estava ruborizado com o triunfo. Acreditava que tinha encontrado um mecenas rico por fim. Durante algum tempo, voltou a ser encantador, porque eu tinha desempenhado um papel no seu sucesso. Mas quando nenhum mecenas rico se

apresentou, quando nada mudou para ele, voltou a ser um monstro.

O Lorenzo estava sempre nos meus pensamentos. O que ele tinha dito sobre o meu marido e os seus quadros. O que ele tinha feito por mim. Fui à galeria e supliquei que me dessem o seu contacto, mas recusaram-se a divulgar o seu apelido, como tinham feito nas vezes incontáveis em que o meu marido exigira sabê-lo.

O meu marido andava a beber demasiado. Tornou-se desleixado e preguiçoso. Vivia nos bacari com os amigos e quase nunca voltava sóbrio para casa. Eu comecei a escapar sempre que podia e a passar mais tempo com a Nanda. Ele não reparava. E então tornei-me mais audaz. Ia a festas, primeiro no palazzo e depois a outros sítios, com amigos que tinha feito entretanto. Uma vez, fui a uma festa no atelier de um artista e dei com o meu marido lá. Fiquei e bebi um copo de Prosecco, de qualquer maneira, e depois escapuli-me antes de ele me ver.

Eu estava a tornar-me mulher, e, naturalmente, outros homens andavam a prestar-me atenção. Ao fim de algum tempo, arranjei um amante secreto. Também ele era um homem mais velho e mostrou-me que não era só na arte que o meu marido não prestava. Esse homem tinha bastante dinheiro e queria tomar conta de mim. Era casado, estava preso como eu, porque não havia divórcio em Itália nesses tempos. Suplicou-me que deixasse o meu marido. Prometeu dar-me um sítio para viver e tantas coisas lindas quantas eu quisesse.

Receando cair em desgraça, recusei. Parecia mais sensato continuarmos como estávamos. Mas então o meu marido apercebeu-se de que estava a ficar sem dinheiro. Queria encher mais telas com imagens deturpadas do meu corpo nu e fazer outra exposição para as vender. Deixou de ir aos bacari e mantinha-me com ele no seu atelier, pintando febrilmente. Eu estava a passar pelo mesmo pesadelo de antes.

Quando se aproximava a inauguração da exposição, comecei a entrar em pânico. Com certeza, desta vez não haveria nenhum bondoso estranho como Lorenzo para me salvar. E por isso contactei o meu amante e disse-lhe que aceitaria a sua proposta. E fugi.

O que eu tinha feito fora apenas trocar um homem por outro. Este não me queria pintar, mas era possessivo. Instalou-me num pequeno apartamento em Santa Croce e esperava que eu estivesse à espera dele sempre que viesse. Eu mal saía. O meu marido ameaçara-me com violência se me pusesse os olhos em cima. A minha família estava escandalizada. Disseram à Nanda que nunca mais poderia ver-me. Felizmente, a minha velha amiga foi desobediente. As suas visitas eram raras, mas fez-me algumas.

Eu tinha caído noutra armadilha. Desesperada por escapar, comecei a persuadir o meu amante a comprar-me presentes: joias, peles, tudo o que me parecesse que poderia vender para fazer dinheiro. Tinha a ideia de sair de Veneza, embora não tivesse decidido para onde iria.

E então voltei a ver o Lorenzo. Eu estava no mercado de Rialto numa manhã cedo, a apressar-me a fazer umas compras, quando ouvi a voz ele a chamar-me: «Signora, signora.»

Receava passar demasiado tempo a falar com ele, caso o meu amante chegasse ao apartamento para me ver e eu não estivesse em casa. Ao mesmo tempo, não suportava a ideia de me afastar dele. Tenho a certeza de que o Lorenzo sentiu o mesmo. Disse-me que era fabricante de vidro e que tinha criado uma peça especial inspirada em mim. Estava ansioso que eu a visse.

Como é que eu poderia ir a Murano ver aquela peça especial sem o meu amante? Ele era um homem exigente e a sua necessidade de mim era frequente. Não se passava um dia em que não o ouvisse bater à minha porta.

Disse-lhe que queria uma peça artística de vidro para os meus anos. Sabia que ele insistiria em dar uma volta por Murano comigo para a escolher. O meu plano era deixar a fábrica Viadro para o fim, na esperança de ele já se sentir maçado nessa altura ou de achar que eram horas de voltar para os seus negócios ou para a família. Mas ele reservou o dia todo para mim e mal saiu do meu lado.

Na fábrica Viadro, o próprio Lorenzo veio mostrar-nos as suas peças. Eu vi imediatamente que objeto ele tinha modelado com base em mim, uma estatueta de uma mulher nua com curvas suaves num dourado opalescente. Admirei-a tão fervorosamente que o meu amante não teve outra hipótese a não ser oferecer-se para ma comprar.

O Lorenzo insistiu que a estatueta era demasiado frágil para a levarmos nós para casa. Ele encarregar-se-ia de a mandar embrulhar devidamente e de a entregar. Eu sabia que ele tencionava trazê-la pessoalmente e nos dias seguintes andava delirante com entusiasmo e receio, à espera que ele viesse.

Chegou a meio da manhã na segunda-feira da semana seguinte. Juntos, desembulhámos a estatueta e ele colocou-a em cima da prateleira.

«Precisa de uma luz por trás para brilhar tanto como a senhora», disse-me ele.

Partia-se-me o coração ao pensar que poderia não voltar a vê-lo nunca mais. A estatueta era tudo o que eu tinha para recordar este belo homem. Estava tão louca por ele que, embora soubesse que não era seguro, que o meu amante poderia aparecer a qualquer momento, levei o Lorenzo para a minha cama.

Uma vez não ia bastar nem para um nem para o outro. Ele voltou, uma e outra vez. Corríamos riscos para estarmos juntos. Várias vezes, estivemos quase a ser apanhados em flagrante. Mas eu não podia desistir dele. Verdadeiramente, preferiria morrer.

O Lorenzo queria-me para sua mulher, mas ambos sabíamos que era impossível, porque eu era casada. À noite, chorava de frustração até adormecer. Em breve, a família dele esperaria que ele se casasse e formasse família para perpetuar o nome Viadro. Parecia certo que eu o perderia então.

Foi por isso que me fiz casamenteira. Ocorreu-me a ideia, e quanto mais pensava nela tanto mais inteligente me parecia. O Lorenzo e a Nanda. As duas pessoas de quem eu mais gostava no mundo casar-se-iam e assim eu não perderia nem uma nem a outra.

O Lorenzo não estava convencido ao princípio, mas foi mais fácil fazer perder a cabeça à Nanda. O homem que eu lhe apresentei tinha tudo o que ela esperava num marido: era bonito e rico, de uma boa família; era bondoso. Eu não me senti culpada. O Lorenzo sempre me amaria mais a mim, mas tratá-la-ia bem. Ela teria uma vida feliz e nunca precisaria de saber que ele tinha comprado a casa em Cannaregio para a qual me mudei quando deixei o meu amante.

Passou muito tempo antes de ela descobrir o que havia entre nós. Nessa altura, o divórcio já era possível, mas, como tanto ela como eu sabíamos, o Lorenzo nunca o faria. Adorava-me, sim, mas dava demasiado valor à sua posição. O meu Lorenzo era um homem que precisava de ser respeitado e admirado. Era um artista brilhante, um homem de negócios, um membro destacado da sociedade veneziana. Adorava os filhos e o lar. Acho que talvez tivesse mesmo acabado por amar a Nanda.

Eu fiquei furiosa por ele não me pôr em primeiro lugar e por isso comecei a andar com outros homens e assegurei-me de que ele o sabia. O Lorenzo nunca disse nada. De qualquer maneira,

parece-me que lhe partia um bocadinho do coração de cada vez que exhibia mais um amante, até por fim lho estilhaçar, como fiz à estatueta de vidro.

Quando ele se matou, a Nanda disse que eu devia arcar com uma parte da culpa. Eu chamei-lhe estúpida, embora a verdade fosse que ela tinha razão. O Lorenzo tinha acreditado que estava a perder-me. Era-lhe tão impossível suportar isso como todos os investimentos falhados e os problemas de negócios. Era um homem lindo e inteligente, mas tinha acessos de depressão; como todas as pessoas artísticas, suponho. Mesmo assim, nunca acreditei que tomasse a própria vida; que optasse por me deixar. Mesmo hoje em dia tenho dificuldade em compreender como ele pode ter feito aquilo.

Esta é a minha história, Addolorata, e é uma história triste. Prefiro não pensar muito nela. É muito melhor vestir umas roupas garridas e sair ao encontro do mundo com um sorriso. Não posso mudar o passado e desfazer os meus erros. Só posso ir para a frente com a minha vida. Ir para a frente e continuar a tentar. É só o que qualquer um de nós pode fazer.

Penso que Coco contava que eu a julgasse com severidade. Mas como poderia fazê-lo, depois de acabar de dormir com o namorado de outra mulher? Sabia como era fácil transformar a própria vida numa confusão. Ao mesmo tempo, via porque é que Valentina talvez achasse difícil gostar dela.

Nessa altura, não suspeitei que ela não me tinha dito tudo. Estava demasiado bêbada com o Prosecco e demasiado fascinada com as palavras dela. E não podia deixar de estabelecer paralelos comigo própria. Ambas éramos muito novas quando casámos, ambas tínhamos feito escolhas que pareciam talhar-nos a vida em pedra.

Foi só na noite da festa que ouvi o resto da história de Coco. Mesmo então, tive de juntar as peças a partir do que outras pessoas me contaram. E agora, como elas, tenho um segredo a guardar.

CAPÍTULO 22

Havia luzes a brilharem nas árvores e música de tango a tocar. Marie-Ann circulava por entre a multidão a encher copos com vinho; Angelo e eu estávamos na cozinha a cobrir travessas com comida. Depois de todos os planos e de toda a expectativa, chegara finalmente o dia da festa.

Coco estava algures lá em cima, com um simples vestido preto de malha de seda, com mangas compridas e decote subido... e pulseiras pelos dois braços acima, anéis em todos os dedos e uma touca de penas multicolores.

– Vou exagerar ao máximo – tinha declarado. – Não me importa o que pensem.

Toda a gente tinha exagerado. As pessoas estavam enfeitadas com peças de ouro e prata; tinham tirado as suas melhores joias dos cofres para as usar todas. Dava a ideia de que estavam a divertir-se. Mesmo nas profundezas da cozinha, ouvia o zunido da conversa cada vez mais alto.

No início, estava demasiado ocupada para me juntar à festa. Em baixo, na cozinha, Angelo e eu tínhamo-nos tornado competitivos, despachando travessas cheias de *cicchetti* e fazendo Marie-Ann andar numa roda viva a distribuí-los.

– Parem, isto é ridículo – berrou ela. – Ninguém consegue comer mais nada. Eu tenho de forçar as pessoas a não pararem de comer.

Ajudou-nos a arrumar a cozinha e depois insistiu que Angelo fosse dançar com ela. Eu vi-o a mostrar-lhe uns passos de tango e imaginei o que diria: «Segue, Marie-Ann, limita-te a seguir.»

Durante muito tempo o tango tinha sido uma coisa nossa; dele e minha. Eu tinha sido a mulher nos seus braços, a tropeçar nos seus pés como Marie-Ann naquele momento, a esforçar-se por interpretar a linguagem que ele falava com o corpo, a franzir a testa com o esforço.

Suponho que pensam que eu sentia ciúmes; que aquilo me abalava. Mas homens como Angelo – talvez seja possível agarrá-los na dança, mas, quando a música para, não é assim tão fácil como isso. Eu quase me sentia contente por não estar no lugar de Marie-Ann... embora estivessem a dançar o tango.

Deixando-os a dançar, fui à procura de alguém conhecido. Nanda foi a primeira pessoa que avistei. Estava sentada sozinha numa *chaise longue* de pele branca que um dos namorados de Coco tinha arranjado algures. Parecia ansiosa, como se estivesse a esforçar-se por se lembrar do que estavam a fazer aquelas pessoas todas no seu *palazzo*. Aos seus pés, havia uma garrafa meio cheia de Prosecco e um copo vazio.

Sentando-me ao seu lado, peguei-lhe na mão.

– Está tudo bem?

Ela manteve a sua mão na minha, apertando-me os dedos.

– Nanda, quer que a acompanhe lá a cima? Isto é demasiado para si?

– Não.

– Tem a certeza?

– Sim.

Olhava fixamente para alguém. Segui o seu olhar e apercebi-me de que era a filha dela. Valentina

devia ter decidido afinal desfrutar da festa. Com um vestido de seda preta solto, e resplandecente da dança, falava com um homem que eu não conhecia.

– Dá a impressão de que ela se está a divertir – disse eu.

Nanda não respondeu.

– Posso ir buscar lhe uma bebida? – ofereci. – Água?

– Ninguém sabe – disse Nanda. Ainda estava a olhar para Valentina.

– Desculpe?

– Ninguém sabe – repetiu ela.

– O que quer dizer? O que é que ninguém sabe? – perguntei.

Olhou para mim com uma expressão desolada.

– Não posso contar nunca. Prometi.

Ocorreu-me o pensamento de que Nanda poderia estar a ter alguma espécie de ataque. Talvez a tensão da festa tivesse sido demasiado. Ou talvez ela tivesse bebido demasiado Prosecco.

– Acho que está na hora do seu descanso – disse eu. – Parece muito fatigada.

– Do meu descanso? – Ela olhou para mim com um ar de dúvida. – Eu preciso disso?

– Sim, vamos até à sua sala de estar. Vai estar mais sossegado lá.

Ela permitiu que a ajudasse a pôr-se de pé e a sair da sala. Lá em cima, instalou-se de bom grado no seu cadeirão.

– Tem razão, sinto-me de facto cansada – disse. – Talvez feche os olhos por uns momentos. Ninguém vai dar pela minha falta. É sempre com a Coco que toda a gente quer falar nas festas, de qualquer maneira.

Sabendo o que sabia sobre o passado das duas, senti pena dela.

– Tenho a certeza de que isso não é verdade.

– Oh, sim, é. Eu fui sempre a desinteressante e ela era empolgante. Nunca sabíamos que extravagância ela faria a seguir.

– Imagino.

– Houve alturas em que a vida toda da Coco era uma festa – continuou Nanda.

– Isso foi quando ela estava casada?

– Não, muito mais tarde, depois de a Valentina nascer. Mas quem a podia censurar... – Nanda abanou a cabeça. – Mesmo assim... ninguém sabe.

Parecia-me tão triste que achei que devia ir buscar alguém. Primeiro, abri as portadas para deixar entrar algum ar na sala e desliguei as luzes, deixando apenas um candeeiro aceso. Nessa altura, ela já fechara os olhos e estava com a respiração mais pesada.

Lá em baixo, procurei o filho dela, Giacomo. Abri caminho por entre as hostes de pessoas a dançarem e de outras em grupos nos corredores, encontrando-o por fim no jardim a beber *brandy* com uma senhora bonita, que, fiquei a saber, era a sua mulher. Ele não arrastava as palavras, mas tinha as faces coradas e o rosto a brilhar. A mim, parecia-me um pouco bêbado.

– Pobre *mamma* – disse ele quando lhe contei. – Esta festa, estas pessoas... Por vezes não convém fazerem-nos recordar tanto o passado.

– Ela está a dormir agora, mas talvez mais tarde devesse ir ver como ela se sente. Parecia perturbada.

– Se está, não me admira – respondeu ele. – Como eu já disse muitas vezes à minha irmã, não foi uma boa ideia voltar a trazer a Coco aqui. Ela traz sempre problemas.

Naturalmente, apressei-me a defender a minha amiga.

– Isso não é muito justo. A Coco gosta da sua família; deve gostar. Organizou esta festa e vendeu todas as joias caras para a custear.

– Foram as joias que o meu pai lhe deu?

– Sim – admiti.

– Ah, então suponho que ela está finalmente a tentar redimir-se.

– Ela não estava, com toda a certeza, a tentar perturbar ninguém.

– Espero bem que não. A Coco já fez quanto bastasse para nos perturbar no passado.

– Porque teve um caso com o seu pai?

– Um caso? – Giacomo lançou-me um olhar distintamente reprovador. – Foi muito mais do que isso. Sabia que uma vez ele trouxe a Coco para viver aqui debaixo do mesmo teto que a minha mãe? Aquilo chocou-me.

– Não, não sabia.

– Oh, sim, ela viveu connosco vários meses. Foi por volta da altura em que a Valentina nasceu. Eu era pequeno, mas ainda me lembro. A *mamma* a chorar imenso, e vozes altas. Que tipo de homem traz a amante para viver com a esposa grávida?

– Porque é que a sua mãe suportou uma coisa dessas?

– Suponho que achou que não tinha outra opção. O que nunca compreendi é porque é que se manteve tão leal à Coco. A *mamma* tem estado presa àquela mulher toda a vida.

– Estiveram zangadas durante uns tempos – recordei-lhe.

– Sim, por causa da Valentina; ela é a única coisa que as faz discutir, por alguma razão.

– A sério? Eu julguei que era porque a sua mãe se recusa a vender o *palazzo* e a Coco acha que ela devia fazê-lo.

– Não, a briga foi sobre a Valentina. – Soava muito seguro do que dizia. – Ela trabalha demasiado, ela está a desperdiçar o seu talento, ela faz isto, ela precisa daquilo... A Coco tem sempre uma opinião sobre a minha irmã.

Foi nessa altura que senti que tudo se encaixava. De facto, os sinais já lá estavam antes, mas eu não reparara: muitas pequenas coisas que todas juntas formavam uma grande verdade que agora me parecia óbvia.

– Oh, meu Deus – disse eu, sem querer.

– O que se passa?

– Acabei de me lembrar que devo ter deixado uma vela acesa no quarto da sua mãe – menti. – É melhor ir apagá-la. Detestava ser responsável por um incêndio.

Desculpando-me, corri de volta ao andar de cima, tão depressa que poderia julgar-se que os cortinados já estavam em chamas. Não havia vela nenhuma a arder, claro, e Nanda dormia tranquilamente. Acocorei-me ao seu lado e abanei-lhe suavemente o braço.

– *Contessa*.

– O que foi? – Nanda pestanejou e abriu os olhos. – Oh, é a estrangeira. O que está a fazer aqui a esta hora?

Saí-me diretamente com a minha suspeita enquanto ela ainda estava meio adormecida.

– A Valentina é filha da Coco, não é? Mas não sabe.

– Ninguém sabe – disse ela rapidamente. – Ninguém pode nunca saber.

– Eu adivinhei.

– Não acredito em si. – Tinha agora os olhos bem abertos.

– É verdade – assegurei-lhe.

Nanda parecia assustada.

– Todos estes anos, nunca ninguém soube. Só a Coco e eu, e o meu falecido marido.

– Porque é que nunca contaram à Valentina?

– Houve alturas em que quis fazê-lo, mas a Coco manteve-se firme. É muito bondosa, a minha amiga. Olha por mim. – Nanda envolveu-me o pulso com a mão e espetou-me as unhas na pele. – Ela adora-me.

– Também adora a Valentina – disse eu suavemente.

– Sim, mas já houve escândalo suficiente e a Coco compreende isso. – Nanda inspirou fundo, como se para se recompor. – Porque é que a vida da Valentina haveria de ser afetada por isso também? Não era o que o Lorenzo queria para ela. Quando ele convenceu a Coco a abdicar dela, quando me pediu que a criasse como se fosse minha, o que estava a tentar evitar era um escândalo. É por isso que ninguém pode saber.

– Eu não digo nada – prometi.

Nanda afrouxou a mão no meu pulso.

– A minha filha foi criada numa família muito respeitada. Aprendeu a dar valor às suas tradições. Este *palazzo*, o museu de vidro, o nome da nossa família, o nosso lugar na história veneziana, essas coisas pertencem-lhe. Porquê contar-lhe a verdade e destruir uma grande parte disso, especialmente agora que vai formar família?

– Formar família? – repeti estupidamente. – A Valentina vai ter um bebé?

Já estava chocada com o que tinha ficado a saber naquela noite. Esta notícia redobrou o meu choque.

Valentina não aparentava sinais de estar grávida; não tinha dito uma palavra sobre isso. Eu nem sequer me tinha dado conta de que havia um homem na sua vida.

– É verdade. Uma notícia tão feliz. – Nanda sorriu.

– É o Angelo que é o pai?

– Não, claro que não. A minha filha acabou com ele há muito tempo, graças a Deus. Ele nunca foi o homem certo para ela. Não seria correto ficarem juntos.

Eu adivinhava agora porquê.

– Ela e o Angelo são primos, mas não sabem?

Nanda assentiu com a cabeça. – Primos, sim. Mas isso já não importa. A minha filha está com um fabricante de vidro, um jovem que a nossa família conhece há muito tempo. Com ele, tenho a esperança de que ela venha a ter a vida que o Lorenzo queria para a sua filha. E o Angelo tem outra, não tem?

– Acho que sim.

– A Coco e eu achámos que estava tudo bem por fim... pelo menos, esperávamos que estivesse.

– Eu não digo uma palavra – prometi novamente. – Nem à Valentina nem à Coco... nem a ninguém.

– Pode ser doloroso manter um segredo. – Encostando a cabeça às costas do cadeirão, Nanda voltou a fechar os olhos. – Os segredos podem ser brutais.

*

Como é que eu tinha adivinhado? Coco e Valentina não eram parecidas, mas havia algo no seu

porte, na sua intensa autoconfiança. E havia também em Coco aquela mistura reveladora de crítica e de orgulho que tantas mães mostram para com as suas filhas. E Coco tinha sempre uma opinião sobre ela. Giacomo tinha-o notado, mas não o compreendera. Valentina era filha dela e era difícil para Coco vê-la cometer erros na sua vida.

Outras coisas faziam agora mais sentido para mim. Era por isso que Valentina não tinha sido autorizada a viver no apartamento por cima do de Coco. Teria sido doloroso tê-la tão perto, e talvez também perturbante para Nanda. Era por isso que a minha idosa amiga ia uma e outra vez ouvi-la cantar ópera. Era também por isso que deixava que os amigos acreditassem que ela era sua afilhada.

À procura de algum sossego da festa ainda ruidosa, desci à cozinha e sentei-me à mesa comprida, sozinha, a pensar e a colocar-me perguntas. Se eu fosse Valentina, queria saber? Se eu fosse Coco, conseguiria manter o silêncio?

Foi em Nanda que pensei mais. Durante muitos anos, ela tinha partilhado mais com Coco do que qualquer pessoa poderia imaginar. A força que devia ter requerido; a determinação de preservar a vida como queria que ela fosse. Admirava aquela senhora quase tanto como me condoía dela. Afinal, ela tinha acabado por ficar com tudo.

Não tenho a certeza de quanto tempo fiquei ali sentada, só, a encaixar as peças da história enquanto a festa continuava sem mim. Por fim, Angelo veio à minha procura e disse que eram horas de dançar.

Era tentador ir para o jardim, onde a banda ainda estava a tocar, encostar o meu peito ao seu e deixar que o seu corpo conduzisse o meu como e para onde ele quisesse. Quase me pus de pé e aceitei a mão que ele me estendia. Mas contive-me. Não por Marie-Ann nem pelo meu marido, nada de tão nobre, mas principalmente por mim. Angelo não era o que eu queria.

– Acho que já acabámos com a nossa dança – disse-lhe.

Ele pareceu ficar perplexo.

– Porquê?

– Porque é melhor assim.

Ele veio pôr-se ao meu lado, encostando a anca à mesa. – Magoei-te?

Abanei com a cabeça.

– Não.

– Bem, se o fiz, lamento muito. Mas tu és casada, Dolly, e só estás cá a passar o verão. Nunca vai ser mais do que é.

– Eu não esperava mais.

Ele tocou suavemente na minha face.

– É melhor não começar isso outra vez – disse eu em voz baixa.

Angelo recuou um passo, fitou o meu rosto por um momento e depois deu uns passos para o fogão. Levantando testos de panelas e destapando travessas, cirandou por ali.

– Nós chamamos-vos *foresti*, sabias? Os de fora, os que não pertencem aqui, a Veneza, que partem e voltam para as suas vidas mais cedo ou mais tarde.

Eu já tinha ouvido aquela palavra.

– Com mulheres como tu... e também como a Marie-Ann... não vale a pena ter mais do que o que tivemos. Vocês vão acabar por voltar para casa. É necessário estar na mesma cidade para que uma relação funcione. Tem de se querer as mesmas coisas da vida.

– Foi por isso que acabaste com a Valentina? Porque ela queria coisas diferentes?

– Com a Valentina? – Ele pousou um tacho com estrondo em cima do balcão. – Ela agora está com um *stronzo* qualquer de Murano. Vão ter um bebé.

– Foi o que ouvi dizer.

– Mal posso acreditar. Ele é um fabricantezinho de vidro sem interesse e sei que tipo de vida ela vai ter com ele... trabalho, família, ter uma bela casa, dar jantares ao fim de semana. Comigo ela poderia ter tido muito mais.

– Talvez seja o que ela quer – disse eu.

– Mas ela sabe cantar, sabe dançar. – Pousou um tacho no disco do fogão com força.

– Só porque se sabe fazer alguma coisa não quer dizer que se deva – disse eu. – Talvez cantar e dançar não seja o que a torna verdadeiramente feliz. Talvez ela queira a tal vida que tu achas um tédio.

Angelo rejeitou as minhas palavras abanando a cabeça. Aproximou-se do frigorífico e começou a rebuscá-lo, tirando uma taça de *baccalà mantecato* que sobrara, umas *sarde en saor*, um pouco de marisco, alguns outros restos, e pousou tudo na mesa juntamente com umas fatias de pão branco torrado.

– Cozinhámos muito esta noite, mas não comemos – disse. – Agora devíamos comer qualquer coisa.

Vi-o barrar os *crostini* com o creme de peixe salgado, colocando cuidadosamente por cima de cada um camarão cozido e um *crouton* pequenino.

– Tinhas a esperança de voltar a andar com a Valentina? – perguntei. – É por isso que estás tão incomodado?

– Não... talvez... – Angelo estava de cabeça baixa, concentrado na sua tarefa. – Só me parece impossível que ela esteja com aquele homem. Não gosto de o ver.

– Ela não ia ficar solteira para sempre – lembrei-lhe.

Começou a deitar colheradas do prato com sardinhas nas fatias de pão restante em montinhos perfeitos.

– A Valentina e eu tínhamos uma ligação. Mesmo depois de acabarmos, ainda existia. Tenho de fingir agora que isso não quer dizer nada?

Olhou para cima e eu vi que tinha os olhos marejados de lágrimas.

– Nós pertencemos um ao outro. É como devia ser. Aquele tipo não tem direito nenhum a ela.

Senti muita pena dele, como sentia por toda a gente apanhada no rasto do turbilhão da vida amorosa de Coco. Se pelo menos pudesse dizer a Angelo qual era a sua verdadeira ligação com Valentina... Mas tinha prometido. Fossem quais fossem as circunstâncias, não podia voltar com a minha palavra atrás.

Ele empurrou um prato de *crostini* na minha direção.

– Come. Deves estar com fome, e esta comida toda vai-se estragar se alguém não a acabar.

Para minha surpresa, tinha de facto bastante apetite. Enquanto cozinhávamos, tinha estado demasiado atarefada para fazer mais do que provar os pratos. Agora, comi com vontade, atirando-me aos *crostini*. O *baccalà mantecato* estava cremoso e apetitoso; as sardinhas condimentadas com vinagre estavam picantes.

Angelo voltou ao frigorífico e trouxe mais sobras. Um queijo de cabra com um sabor forte envolto em cinzas, pedaços tenros de pimentos grelhados sem pele, almôndegas tenras aromatizadas

com rosmaninho, pequenas tartes com um creme salgado rematado com uma *salsa verde* picante.

– Então, estás zangada comigo? – perguntou ele enquanto eu despachava a comida. – Achas que te tratei mal?

– Não, de maneira nenhuma. Divertimo-nos imenso e ainda somos amigos.

– Ótimo. – Enquanto perseguia uma tira gordurosa de pimento vermelho pelo prato com uma côdea de pão, Angelo sorriu. – Eu gosto muito de ti, sabias?

Eu também gostava dele. Mas tinha passado aquela noite a ouvir os sacrifícios que duas mulheres tinham feito pela filha que adoravam, o que me deu uma nova perspetiva em relação à minha vida. As palavras de Nanda fizeram-me pensar em tudo o que eu tomara como certo, em tudo o que eu tinha deixado naquele verão, e pela primeira vez não conseguia justificar minimamente a minha atitude. Olhei para mim própria através dos olhos dela... e achei-me em falta.

Só havia uma coisa a fazer: tinha de trazer Katia a Veneza. De alguma maneira, suplicaria até que Eden cedesse. E depois o resto do verão seria inteiramente dela. Faríamos todas as coisas que eu tinha planeado e mais – provas de *gelato*, um passeio na Ponte dos Suspiros, viagens de gôndola. Tentaria ficar a conhecê-la devidamente, como pessoa, não só como minha filha. Ela veria uma outra faceta minha para além da de mãe sempre atarefada que habitualmente ela tinha de aturar. Criaríamos boas recordações juntas.

Se isso implicasse nada de dançar nas *milongas* até altas horas da noite, nada de espetáculo de tango e nada de Angelo, bem, não havia problema. Não conseguia arrepender-me inteiramente do que tinha feito com ele... mas já eram horas de parar antes que, como Coco, perdesse as coisas que realmente tinham importância.

Dancei nessa noite, mas não com Angelo. Primeiro Silvio fez par comigo, a seguir o outro namorado de Coco, Marcello, tomou a sua vez. Depois disso, levantei-me para dançar com alguns homens que reconheci e outros que nunca tinha visto. Cada um deles conduziu-me num tipo diferente de tango e eu segui-os a todos.

Com o avançar da noite, Angelo e Marie-Ann desapareceram, assim como muitos dos outros convidados. Foram os mais velhos que ficaram mais tempo, as mulheres de cabelos claros com vestidos de tafetá engomados e os homens corcovados com bengalas encimadas por castões de prata. Talvez compreendessem que poderiam não lhes restar muitas mais festas como esta e estivessem decididos a desfrutar de cada momento dela.

Coco encontrava-se no seu elemento e mesmo no centro das coisas. Estava a namoriscar com um homem de *smoking* azul com lapelas largas debruadas a veludo que parecia já ter desde os anos 1970. Atirando com a cabeça para trás, Coco soltou uma gargalhada. Sabia que eu estava a olhar para ela. Era o que esperava de mim.

Com as luzes suaves a esbaterem as rugas da pele de Coco, era fácil imaginá-la naquele mesmo jardim décadas antes. Estaria toda bem vestida, tal e qual como agora, a divertir-se com artistas e fabricantes de vidro, a presenteá-los com o seu humor acerado e as suas gargalhadas contagiantes, a adorar cada momento.

Também tinha havido aqui momentos muito dolorosos; eu sabia-o agora. Ocultar uma gravidez por trás dos muros altos do *palazzo*, dar um bebé. Coco tinha enveredado por alguns caminhos errados na sua vida; tinha estragado as coisas e pagara um alto preço por isso. Eu esperava ter ainda uma oportunidade de me assegurar de que não faria o mesmo.

Mesmo quando já era óbvio que a festa tinha acabado, Coco recusou-se a pôr fim à noite. Encontrou uma garrafa de Prosecco cheia e convenceu Marcello a dar umas voltas pelo canal no seu táxi enquanto a bebíamos.

A noite estava quente e nos canais mais afastados havia aquele cheiro a ovos podres de que se ouve as pessoas frequentemente queixar-se. Quando uma pessoa vive em Veneza, habitua-se, mas naquela altura devia ser especialmente forte, porque até Coco reparou nele. Eu ouvia-os, Coco, Marcello e Silvio, a resmungarem sobre os navios de cruzeiro que entupiam a sua lagoa e os *foresti* que lhes enchiam as ruas estreitas; sobre o facto de a sua cidade estar invadida. Esta é a conversa que os Venezianos gostam de ter e que segue sempre as mesmas linhas. Não esperavam que eu participasse nela. Eu era uma estrangeira e voltaria em breve para o meu mundo, tal e qual como Angelo tinha dito.

Quando partisse de Veneza no fim do verão, sentiria a falta de tudo isto, das pessoas e da cidade. Sentiria a falta da água e da maneira como mudava, de quase cinzenta de manhã para um verde brilhante, e depois para um negro total à noite. Sentiria a falta daquela sensação de estar a flutuar quando me deitava e fechava os olhos. Sentiria a falta de caminhar por ruas tão estreitas que quase tinha de me virar de lado. Sentiria a falta do gondoleiro sentado na ponte, que nunca parecia ter clientes, mas que suspirava sempre e dizia um *buongiorno* esperançado; das pontes graciosas e dos *campi* à torreira do sol e da extensão grandiosa do Grande Canal. Acima de tudo, porém, sentiria a falta daqueles momentos em que, com os pés doridos e farta das outras pessoas, vislumbrava a proa de uma gôndola, com os seus distintivos dentes de metal, a dobrar uma esquina onde eu nem me apercebera de que havia água, e subitamente me abandonava totalmente e de novo a Veneza.

Lista de Felicidade de Addolorata

9. Estar rodeada por água. Canais, o mar, lagos, fontes até. Estar dentro dela e em cima dela.

CAPÍTULO 23

Depois da festa, os dias pareceram passar mais depressa do que eu queria. Na maior parte do tempo, fiz as coisas do costume. Levava *Boris* a passear, passava algum tempo com a *Contessa*, fazia compras no mercado de Rialto. Uma vez, persuadi Coco a vir ao Lido comigo e ela entrou na água turva vestida da cabeça aos pés com um vestido de um tecido de algodão indiano. Levei-a a almoçar fora e ofereci-lhe o jantar.

Saber a verdade sobre ela era difícil. O silêncio era o que mais custava. Havia muitas coisas que eu queria perguntar-lhe e muito que queria dizer-lhe. Se encontrava mais semelhanças entre ela e Valentina não tinha com quem as comentar. Se ela parecia um pouco abatida, eu só podia tentar adivinhar o porquê. E estava-me sempre na ponta da língua, pronto a sair, aquele grande segredo que ela e Nanda guardavam há tantos anos. Mas eu não podia dizer a Coco o que tinha ficado a saber. Ela não queria que eu soubesse, se não ter-mo-ia contado. E eu receava que ela culpasse Nanda, que aquilo desencadeasse outra zanga entre ambas logo quando estavam a dar-se tão bem.

Procurar maneiras de ajudar Coco sem ela se dar conta tornou-se a minha missão. Comprei bilhetes para a ópera para podermos ouvir Valentina cantar. Fiz jantares no *palazzo* e comemos como uma família à volta da mesa da cozinha. Os pratos eram frequentemente muito simples: peixe da lagoa com ervas aromáticas e saladas ligeiras, espetadas de carne servidas com polenta cremosa. Mas eu gostava de preparar aquelas refeições. Era cozinhar com um objetivo, não só alimentar as pessoas, mas também aproximá-las.

Penso que Nanda talvez se tivesse esquecido de que me tinha contado. Nunca mais voltou a referir-se ao assunto, e mesmo a festa parecia uma recordação vaga, como se a tivesse confundido com outras no passado.

Uma noite, eu estava a arrumar a cozinha depois de acabarmos de jantar e Valentina veio ajudar-me, as duas sós na cozinha, a lavar e a limpar em equipa.

– Vamos sentir a tua falta quando te fores embora no fim do verão – comentou ela. – A minha mãe gosta muito de ti. Fala imenso sobre ti.

Senti-me intrigada.

– O que é que ela diz?

– Fala imenso sobre a comida que cozinhas para ela. Gosta de descrever o que comeu nesse dia. Ao princípio, pensei que estava a inventar. Parecia incrível que uma estranha fizesse tanto por nós.

Valentina estava a secar uns copos de cristal azul da coleção de Murano que Nanda insistia agora em usar todos os dias.

– Acho que és a primeira estrangeira com quem a *mamma* conviveu bastante. Ela sente curiosidade pela tua vida em Inglaterra, onde vives e porque é que estás aqui connosco em vez de com a tua família. Eu digo-lhe que não sei bem e que também me intriga.

A ideia de me lançar numa longa explicação era demasiado cansativa. Em vez disso, disse:

– Tirei um tempo para mim; só um verão.

– Mas parece-me estranho. Estás tão envolvida com a nossa família e nós sabemos muito pouco

sobre ti, para além do que a Coco nos contou. – Vendo a minha expressão, Valentina apressou-se a acrescentar: – Oh, não te preocupes, ela não andou com mexericos. Só disse que estás a passar por um período difícil no teu casamento.

– Sim, isso é verdade.

– Então, porquê vir para cá e envolveres-te connosco quando tens problemas teus? – perguntou ela. – Se eu tirasse um verão só para mim, ia querer passá-lo deitada numa praia, não a olhar por duas senhoras de idade.

Se eu quisesse ser inteiramente sincera, poderia ter-lhe dito que é sempre mais fácil lidar com os problemas das outras pessoas, que eles podem ser uma distração, até um alívio. Em vez disso, afirmei:

– Eu gostei. São interessantes.

Os copos e os pratos estavam arrumados, as panelas a secar no escurador. Valentina pendurou o pano da louça húmido na borda do lava-louça, de costas para mim enquanto arrumava as últimas coisas.

– Também passaste muito tempo com o Angelo este verão – observou.

– Enquanto ele me andava a ensinar a dançar o tango, mas parei com isso agora.

– A nova namorada dele não aprova?

– Já chega, é tudo.

– Aquela nova rapariga, a Marie-Ann, estava na minha festa, não estava? A observá-lo.

– Ela veio para ajudar. Eu pedi-lhe.

– Está preocupada que ele ainda esteja apaixonado por mim, suponho. – Valentina deitou água em dois copos e passou-me um para as mãos. – E talvez ele esteja, mas eu não posso controlar os sentimentos do Angelo. Nunca consegui. É o problema dele. Envereda pelo seu caminho e espera que uma pessoa o siga em tudo, não só no tango.

– Mas tu não o seguiste, pois não? Pelo menos não para Buenos Aires.

– Ele julgou que eu mudava de ideias; que não queria perdê-lo, talvez, ou que precisava tanto de competir e de atuar como ele. Mas não era assim.

– E não te arrependes?

– Nunca – assegurou-me ela. – Tenho o que quero: um homem que me ama e que me permitirá tomar as minhas próprias opções, um homem que não me trata como se eu lhe pertencesse. Gostamos das mesmas coisas e queremos o mesmo futuro. Nunca foi assim com o Angelo. Podes dizer isso à tua amiga, se quiseres. Deseja-lhe boa sorte com ele.

Ao voltar para casa a pé ao longo da Strada Nuova mais tarde nessa noite, decidi que Valentina tinha razão. Tinha-me envolvido tanto com a família Viadro que a minha própria família começara a parecer os estranhos. Desde a festa, andava a esforçar-me por mudar esse estado de coisas. Telefonava para casa uma ou duas vezes por dia, punha a conversa em dia com a minha filha e tentava convencer o meu marido.

Lentamente, estávamos a fazer progressos; até tínhamos começado a falar em datas. Eden dava sinais de concordar que Katia viesse ter comigo no fim de julho. Eu fiquei um pouco dececionada, porque isso significaria que ela perderia a grande celebração da Festa del Redentore e agosto realmente era o mês errado para desfrutarmos devidamente de Veneza juntas. A maior parte das pessoas iria escapar ao calor nessa altura, dirigindo-se para a praia para passar as férias. Mesmo

assim, não queria fazer muitas exigências, para Eden não mudar de ideias.

Se ficasse demasiado calor em Veneza, talvez a Katia e eu fôssemos para a casa dos meus pais na costa de Basilicata e eu convidasse a minha família a vir ter connosco e persuadissem a Coco a vir também. Congeminei uma série de planos; elaborei uma série de listas. Tentei convencer Eden com falinhas mansas como se a minha vida dependesse daquilo.

Coco não pareceu ficar tremendamente interessada pela notícia de que a minha filha talvez viesse a Veneza. Só queria falar sobre a Festa del Redentore. Já tinha escolhido a indumentária que usaria, mas não tinha convite para nenhuma das festas que se realizariam nos barcos na lagoa. Isso era fonte de muita ansiedade.

Perguntei-lhe se Marcello não nos levaria no seu táxi, mas ela apressou-se a enjeitar a ideia. O barco tinha de ser muito maior, algo elegante e não cheio de gente nova barulhenta.

– Há anos, eu poderia escolher entre vários convites – lamentou-se. – Agora, todas as pessoas que eu conhecia morreram ou são um tédio.

Todos os dias Coco pensava num novo plano. Talvez Roberto soubesse de uma festa a que pudéssemos ir, ou um dos seus outros namorados. Apressava-se a ir fazer um telefonema e depois voltava desolada. Roberto estava a planear ficar com a família; um seu antigo namorado não estava bem de saúde; outro tinha vendido o barco.

– E se nos fôssemos sentar na Riva degli Schiavone? – sugeri. – Podíamos preparar um piquenique e ver o fogo de artifício de lá. A Valentina disse-me que é o que muita gente faz.

– Não o nosso tipo de pessoas. – Coco mostrava-se inabalável.

Com a aproximação do dia da Festa, ela foi ficando cada vez mais amuada e anunciou que não se daria ao trabalho de ir.

– Já fui a muitas. O que interessa mais uma?

– Mas eu gostava de ir – disse-lhe. – Toda a gente anda a falar da Festa. Dizem que o fogo de artifício vai ser incrível este ano.

Coco fingiu-se desinteressada.

– Vá se quiser – disse –, eu não a impeço.

Por fim, telefonei a Marie-Ann para ver se ela poderia ajudar. Ela tinha bilhetes para uma festa que parecia ser bastante seleta e prometeu arranjar mais dois. Não eram baratos, mas o preço incluía o jantar, assim como a entrada para uma das festas depois da Festa num hotel. A expressão no rosto de Coco quando eu lhe comuniquei a notícia valeu toda a despesa em que me tinha metido.

– Esse barco... a sério? Eu conheço-o. Dão lá uma festa todos os anos. Muito sofisticado e seletos; é impossível arranjar bilhetes, ao que dizem.

– Se a Marie-Ann prometeu arranjá-los, vai conseguir.

– Nesse caso, temos de repensar o que vamos vestir.

Coco desapareceu para o quarto onde guardava o tesouro das suas roupas, fechando-me a porta na cara. Fez-se silêncio, pontuado pelos sons dela a deixar cair coisas e a falar entre dentes; finalmente, regressou com os braços cheios de vestidos de noite, alguns em tons vivos, alguns com lantejoulas, outros de cetim e de seda escorregadios.

– Se ao menos eu não tivesse vendido os meus diamantes todos – disse ela, deixando cair as roupas em cima da mesa da cozinha. – Esta seria uma oportunidade para os usar. Ah, bem...

Eu não estava convencida de que a festa no barco seria tão formal como ela achava, mas não a

contradisse. Deixei que me escolhesse um vestido de *chiffon* vaporoso cor de coral e anéis de fantasia.

Enquanto Coco se afadigava com as roupas, ia falando sobre as festas da Festa a que tinha ido no passado. Pareciam sempre envolver algum homem que estava apaixonado por ela e cujo coração ela acabaria por destroçar. Era difícil destrinçar o que era verdade do que não passava uma história que lhe agradava contar.

– Esta Festa não vai ser como essas – rematou com um suspiro. – Mas o barco vai estar lindo, tenho a certeza, e de manhã percorremos a ponte que vão construir até à Giudecca e compramos um bilhete para a tómbola da igreja e uns saquinhos de amêndoas cobertas de açúcar. Era o que eu fazia com os meus pais quando era pequena. Costumava ansiar pela Festa del Redentore. Era o meu ideal de diversão, com toda a Veneza nas ruas e toda a gente tão animada.

Coco disse-me que a Festa era a maneira de Veneza celebrar o final da peste na cidade há centenas de anos, e que dos festejos constavam também um serviço religioso e uma regata de gôndolas.

– Mas como o fogo de artifício é a parte que ninguém quer perder a lagoa vai estar cheia de barcos e de barcaças no sábado à noite. Toda a gente vai andar lá fora a festejar e o ambiente vai ser extremamente animado.

Eu tinha as minhas dúvidas quanto a usar o vestido de *chiffon* cor de coral. Não me parecia nada a minha cor. Mas Coco mostrou-se insistente.

– Com o *bâton* certo e se pentear o cabelo para cima, vai ficar perfeita – declarou. – Esse vestido fica-lhe muito melhor a si do que alguma vez me ficou a mim.

– Quando é que o usou? – perguntei. – Foi o Lorenzo quem lho comprou?

– Não, foi outro homem, um bom amigo. Duvido que alguma vez volte a vesti-lo. Devia ficar com ele, Addolorata.

– Obrigada, mas não. Nunca o usaria em Londres. Não se adequa à vida que eu levo lá.

– Então devia mudar a sua vida – disse ela ríspidamente.

– Preocupa-me que a minha vida vá mudar quer eu queira quer não – admiti. – Tenho andado a tentar não pensar demasiado nisso, estou em negação, acho eu. Mas vou ter de encarar a realidade mais cedo ou mais tarde.

– Então faça uma realidade diferente – disse Coco. – Eu consegui. Há muitos anos, transformei-me na pessoa que queria ser. Desde essa altura, escolho o que quero fazer, onde vou e com quem. Eu própria dou forma aos meus dias. É só no tango que sigo alguém.

– Mas como é que o fez? De que é que vive? – Era a única coisa que eu continuava sem compreender realmente.

– O Lorenzo comprou este prédio e deu-me algum dinheiro. Desde então, tenho estado sozinha, sou uma mulher independente.

– Mas com certeza que o dinheiro que o Lorenzo lhe deu não durou para sempre.

Coco murmurou alguma coisa indistinta.

– Não, a sério, como tem vivido durante este tempo todo? – insisti. – Sei que é muito poupada, mas deve ter contas para pagar como toda a gente.

Ela ficou em silêncio por um momento e a seguir disse: – Houve outros homens que me apreciaram tanto como o Lorenzo.

Eu começava a compreender agora.

– Quer dizer que lhe davam presentes, como ele? Dinheiro?
– Nunca me faltou nada. E nunca fiz cedências. Se um homem fazia amor comigo era porque eu queria. – Disse-o com dignidade.

Fitei os nossos reflexos no espelho comprido encostado a uma das paredes. Parecia que tínhamos saído de uma festa na sala ao lado e estávamos a passar um momento tranquilo juntas.

– Teve uma vida extraordinária, Coco – disse eu.
– De certo modo, sim, tive. E espero que venham aí mais tempos extraordinários.
– Também espero que sim – concordei.

Diz-se que Veneza está a afundar-se. Se isso é verdade, surpreende-me que não tenha baixado mais uns centímetros sob o peso de todas as pessoas que apinhavam as ruas para a Festa del Redentore. Coco tinha insistido que saíssemos cedo de casa, e agora eu compreendia porquê. Com os nossos trajes chiques, furámos caminho por entre a chusma de gente para embarcarmos no barco da festa em San Marco.

Nas margens da lagoa havia grupos de amigos e de famílias reunidos para fazerem piqueniques. Estavam sentados em cadeiras dobráveis com metade do conteúdo das suas cozinhas aos pés. Tachos cheios de massa, tabuleiros pejados de carne e de vegetais, travessas de frutos e taças de amêndoas.

Entretanto, na água, os barcos e as barcaças estavam pejados de gente nova a embebedar-se ruidosamente e com música a ribombar de altifalantes.

Coco franziu a testa quando os viu.

– Bebem tanto que saltam para a lagoa para se refrescarem e depois vêm os barcos da polícia e levam-nos para passarem a noite numa cela algures. E é a isto que chamam uma festa.

Os bilhetes que Marie-Ann tinha arranjado davam-nos acesso a um barco maior e a uma festa mais refinada. Havia empregados com champanhe e bandejas com acepipes, e, quando começou a anoitecer, o barco ficou iluminado com fiadas de luzes coloridas. Não deixávamos de estar vestidas demasiado formalmente, mas Coco tinha razão, poderia ter usado os diamantes.

Marie-Ann chegou com Angelo e fiquei contente por o ver. Sentia saudades de pôr a conversa em dia com ele. Sentia saudades das nossas lições e da dança e da maneira como me fazia sentir. De qualquer modo, não me arrependia de ter posto fim a isso tudo. Tínhamos tido aquela noite e conseguimos manter segredo. Mas os segredos são coisas difíceis, como eu estava a descobrir. Não queria ter mais nenhum.

Houve um momento, quando ele não estava a olhar, em que vi Marie-Ann erguer-me as sobrancelhas. Perguntei-me se finalmente eles já teriam tido a tal conversa. Em caso afirmativo, esperava que Marie-Ann tivesse de facto toda a força que Coco julgara ver nela. Parecia-me que iria precisar dela.

Não se dançou naquela noite; o barco estava demasiado cheio para isso. Mas havia música e conversas, havia o som das festas das outras pessoas e as luzes dos seus barcos a vogarem na água, havia as lanternas amarelas penduradas ao longo da ponte flutuante e a Giudecca à distância e a beleza da lagoa a toda a nossa volta.

Ao bater da meia-noite, os sinos das igrejas começaram a tocar e a noite ficou iluminada com o fogo de artifício: grandes chuvadas de cor a cintilarem contra o céu negro, algumas em forma de coração, outras de caudas de dragão. O som da explosão por cima de nós prosseguiu por uma meia

hora ou mais.

Enquanto via o espetáculo, com a cabeça inclinada para cima, pensei em Veneza, nesta grandiosa cidade antiga com tantas facetas más como boas. As multidões e o pechisbeque para turistas em contraste com a grandiosidade degradada; os cheiros frequentemente fétidos das *calli* estreitas em contraste com a vastidão do Grande Canal; os mendigos deitados nas ruas e os condutores dos táxis dos canais com o seu ar de estrelas de cinema.

Podia ser-se feliz aqui ou um desgraçado, tal como em qualquer outro lugar. Coco tinha razão, pensei enquanto via a chuva de estrelas no céu. Nós é que decidimos para onde ir; nós é que nos criamos a nós próprios.

Demasiado cansadas para irmos à festa no hotel, despedimo-nos de Marie-Ann e de Angelo e depois voltámos a pé para casa por entre uma procissão lenta de outras pessoas vindas da Festa.

Quando me meti na cama, reparei no meu telemóvel pousado na mesa de cabeceira e apercebi-me de que o tinha deixado ali. Olhei para o ecrã, só para o caso de ter perdido alguma chamada. Havia dez, todas de Pieta, e uma mensagem a pedir-me que a contactasse logo que possível, por mais tarde que fosse; era muito urgente.

CAPÍTULO 24

Tinha havido um acidente. Como ao princípio pensei que tivesse sido Katia, foi quase um alívio descobrir que não, Eden é que se tinha magoado. Pieta explicou-me tudo ao telefone. Estava a tentar aparentar calma, mas eu ouvia-lhe o tremor na voz.

– Não sabemos o que aconteceu exatamente, mas pensamos que o Eden subiu a uns andaimes depois de os outros tipos terem ido para casa. Ele tem andado frustrado com a lentidão com que as obras estão a avançar. Dissemos-lhe que não ficasse muito stressado, mas ele sentia-se incomodado mesmo assim. Seja como for, ele foi lá acima e caiu... de bastante alto. O Michele encontrou-o quando passou por lá para ver como iam as obras.

– Ele vai ficar bem? – perguntei, com a certeza de que a resposta seria afirmativa, porque coisas más como aquela acontecem a outras pessoas, não a mim.

– Ainda não sabemos. Está bastante pisado e tem ossos fraturados, mas penso que, pelo que disseram os médicos até ao momento, o ferimento na cabeça é a maior preocupação.

Comecei a disparar perguntas a Pieta, mas a minha irmã não tinha respostas reconfortantes para nenhuma delas.

– Ainda é cedo – respondia sempre. – Ele ainda está inconsciente e não sabemos grande coisa. Mas devias voltar para casa. O Michele vai-te arranjar lugar num voo de manhã cedo. Só precisas de ir para o aeroporto, OK?

Vesti-me e atirei umas coisas à toa para dentro de um saco de viagem. Parando apenas para escrever uma mensagem a Coco, apressei-me a sair do prédio. Lá fora, as *calli* ainda estavam inundadas com pessoas animadas com o espírito da festa. Um olhar ao meu rosto parecia ser o suficiente para as levar a afastarem-se para me darem passagem.

Muitas das pessoas eram italianas e deviam ter vindo de Mestre e de mais longe ainda para assistir à Festa. Naquele momento deviam estar a regressar a casa, enchendo os comboios, os autocarros e os *ferries*; isto é, se ainda circulavam alguns assim tão tarde. Eu tive uma sensação de pânico. Dirigindo-me a um casal que parecia ser da zona, perguntei-lhes se poderiam dizer-me qual o melhor local para arranjar um táxi dos canais.

– Experimente talvez ao lado da estação ferroviária. – O homem parecia na dúvida. – Desculpe, *signora*, mas esta noite vai ser difícil... a Festa... tanta gente... muitas rotas bloqueadas com barcos.

O casal começou a afastar-se, mas a luz do lampião incidiu no meu rosto e acho que eles devem ter visto as lágrimas a escorrer-me por ele.

– Tem de ir para longe, *signora*? – perguntou a mulher.

– Tenho de ir para o aeroporto. Tenho um voo de manhã cedo. É uma emergência. – Soltei um soluço. – O meu marido sofreu um acidente grave. Deve haver alguma maneira de sair depressa de Veneza.

A mulher olhou para o marido. Ele acenou com a cabeça, como se ela lhe tivesse feito uma pergunta.

– Venha conosco, *signora*. Nós temos um barco. Levamo-la lá.

Era um pequeno barco a motor e não andava lá muito depressa. A furar pelos canais, vendo como estavam insanamente movimentados, sentia-me grata por estar sequer em movimento.

A mulher manteve conversa comigo, fazendo-me perguntas sobre a minha estadia em Veneza, onde tinha ficado e o que fizera. Eu tentava responder com bons modos, mas era um esforço. Só queria estar já no aeroporto, num avião, de regresso a casa, não sentada neste barco a dizer que sim, que tinha ido ao Guggenheim e visitara o Palácio do Doge.

A viagem para Londres pareceu demorar três vezes mais do que devia. Esperar no aeroporto, fazer fila no *check-in* e no controlo de segurança, horas vazias no ar, e durante todo esse tempo em pânico e preocupada com a possibilidade de acontecer o pior, de Eden morrer.

Como viveríamos num mundo sem Eden, Katia e eu? Como poderia haver sequer tal coisa? Tudo o que souberam sobre ele até agora foram as coisas irritantes. Não lhes falei do outro lado – de como ele se comove facilmente e é bondoso, de como é engraçado e se preocupa com os outros de mil e uma maneiras. Não mencionei nenhuma das pequenas coisas. Como o facto de ele salvar aranhas e as pôr lá fora. Ou daquela vez que uma avezinha bebé caiu do ninho e ele passou uma hora a construir uma rampa para ela voltar a trepar para um lugar seguro. No verão passado semeou girassóis no relvado, porque sabe que eu os adoro. Faz coisas tontas para nos provocar o riso, a mim e a Katia: prega-nos partidas, conta piadas secas. É a pessoa mais generosa que conheço. Se alguém precisa de ajuda para mudar de casa, que lhe vão ver se a mãe doente está bem ou de boleia do outro lado da cidade porque perdeu o último autocarro para casa e gastou o dinheiro para o táxi, Eden faz todos esses favores sem uma palavra de recriminação. Ele é esse tipo de pessoa, realmente boa. Foi por isso que casei com ele. Não sei bem como, deixara-me enredar de tal modo no meu azedume e ressentimento que tinha conseguido esquecer-me disso. Mas naquela viagem de regresso não pensava noutra coisa.

*

Mais tarde, viria a olhar para trás e a sentir-me como se tivesse sido arrancada a Veneza naquela noite. Recordaria a viagem de avião e como me sentira só e vulnerável. Recordaria os pequenos gestos de bondade de estranhos; não só o casal com o barco, mas também o homem que me deu um lenço para secar as lágrimas e a senhora que me foi buscar uma garrafa de água e um café com açúcar. Eram figuras vagas com vozes compreensivas. Não sei bem se cheguei até a agradecer-lhes.

O meu cunhado Michele estava à minha espera nas Chegadas. Foi um alívio muito grande ver um rosto familiar, mesmo que fosse um rosto contraído e pálido com ansiedade.

– Lamento imenso, Dolly – disse ele, envolvendo-me num abraço. – Sinto-me mesmo mal. Quem me dera nunca lhe ter pedido para trabalhar naquele prédio! Tem sido um desastre desde o princípio, e agora isto.

A caminho do hospital, olhei para Michele, debruçado com um ar desanimado sobre o volante. Ao longo dos anos, fui vendo o seu cabelo escuro a ficar grisalho e os traços bonitos a serem desbastados pela fadiga e pelo trabalho árduo. Naquele momento, parecia dez anos mais velho do que da última vez em que nos tínhamos visto. Parecia destroçado.

– Sinto-me tão culpado – estava sempre a repetir. – Sinto que a culpa é minha.

Eu própria sentia tanta culpa que não havia nada que pudesse dizer para ajudar Michele a sentir-se melhor em relação ao assunto. Se não tivesse atazanado Eden por causa do trabalho, se não tivesse ido para Veneza, cedendo aos meus caprichos egoístas, se tivesse vindo para casa e

resolvido as coisas... nada disto teria acontecido.

– Pelo menos, ele está vivo – disse Michele. – Quando o encontrei ali por terra, pensei o pior. Graças a Deus que passei por lá; de outra forma, ele podia ter ficado lá toda a noite.

Contou-me que reudara mexer em Eden e que tinha ficado sentado no chão a segurar-lhe a mão enquanto esperava pela ambulância. Disse que tinha rezado pela primeira vez em anos e que desatara a chorar ao ouvir o som das sirenes. Eu imaginava tudo, como se estivesse a ver um filme na minha cabeça. Vi Eden a escorregar do andaime e a cair ao chão: vi Michele a debruçar-se sobre ele, a ambulância com as suas luzes a piscarem e os paramédicos com uma maca. Queria arredar aquelas imagens da minha mente, mas passavam-me por ela continuamente.

– A Katia ainda não sabe – disse-me Michele. – Está com os teus pais em nossa casa neste momento. Tem passado muito tempo com eles este verão, por isso não há necessidade de te preocupares com ela para já.

Eu sentia-me anestesiada, em choque provavelmente. Queria que Michele se apressasse e me fizesse chegar ao hospital, como se, uma vez lá, pudesse fazer alguma coisa; resolver toda aquela horrível situação.

É claro que não havia nada que eu pudesse fazer. Eden estava nos cuidados intensivos, ligado a máquinas que lhe monitorizavam o ritmo cardíaco e a pressão arterial; que o ajudavam a respirar e evitavam que sufocasse; que mediam a pressão na sua cabeça. Tinha os olhos abertos, mas não me via. Peguei-lhe na mão e apertei-lhe os dedos, mas ele não se mexeu.

Era chocante. A pessoa com quem eu tinha necessidade de falar naquele preciso momento era Eden. Precisava de ser tranquilizada, de o ouvir dizer-me que não me assustasse, que tudo iria correr bem. Ansiava por ouvir o som da sua voz. Mas ele estava ali deitado em silêncio e eu, sentada ao seu lado, sentia-me impotente.

Entravam e saíam pessoas do quarto; alguma disseram-me coisas em tons de voz baixos e pacientes. Falaram sobre uma tomografia computadorizada e uma contusão cerebral, sobre costelas partidas e fratura do crânio. Explicaram que não haveria nenhuma cirurgia milagrosa e que só poderíamos esperar, monitorizar Eden, medicá-lo, manter-lhe o corpo a funcionar e manter a esperança de que ele melhorasse.

Pieta tinha estado toda a noite no hospital e o irmão de Eden veio a toda a pressa mal soube. Éramos um pequeno grupo de pessoas exaustas e consumidas pela preocupação que iam à vez buscar café, se reconfortavam umas às outras em voz baixa, murmuravam ao telefone a amigos e membros da família, passavam caixas de lenços de papel uns aos outros, choravam.

– Ele vai ficar bem – estávamos sempre a dizer para nos tranquilizarmos uns aos outros. – Está a receber bons cuidados médicos e vai superar isto. Vai ficar bem.

Não tenho a certeza se algum de nós acreditava nisso. O mais provável era que estivéssemos todos a pensar a mesma coisa: e se ele não ficasse bem... e depois?

Foi algo que Coco tinha dito uma vez que me ajudou a passar aquele longo dia de vigília e de esperança. *Não posso mudar o passado e desfazer os meus erros. Só posso ir para a frente com a minha vida. Ir para a frente e continuar a tentar. É só o que qualquer um de nós pode fazer.*

Lembrava-me dessas palavras sempre que a sensação de culpa ameaçava dominar-me, quando o pessoal médico soava incerto e enquanto o dia se arrastava até à noite. Foi a única coisa que fez alguma diferença.

Mais tarde, nessa noite, Eden deu sinais de estar a recobrar os sentidos. Nessa altura, já tínhamos

mandado o resto da família para casa para descansarem e só estávamos eu e Pieta à cabeceira da cama dele. Ao princípio, não tivemos a certeza do que estava a acontecer. Eden piscou os olhos uma ou duas vezes e gemeu. A seguir murmurou qualquer coisa que eu não consegui compreender.

– Eden. – Agarrei-lhe na mão e Pieta levantou-se de um salto da cadeira e saiu a correr do quarto para chamar uma enfermeira. Quando voltou, ele estava outra vez completamente imóvel e eu perguntei-me se teríamos imaginado aquilo.

Durante o resto da noite, ele recobrou os sentidos e voltou a desfalecer várias vezes. De vez em quando, tentava falar, mas o que dizia não fazia sentido e uma vez pareceu estar em sofrimento, tentando estrebuchar.

Já estava a amanhecer quando ele disse alguma coisa que nós compreendêsemos.

– O que aconteceu? – Tinha a voz rouca e ensonada. – Onde é que eu estou?

Ao princípio, fiquei encantada.

– Estás em segurança, estás no hospital, tiveste um acidente – disse-lhe. – Vais ficar bem.

Ele pareceu compreender. Mas daí a uns minutos repetiu a pergunta e eu tive de lhe dar a mesma resposta. Continuámos assim por cerca de uma hora até ele fechar os olhos e voltar a adormecer.

Virei-me para Pieta, assustada.

– Achas que ele sabe quem somos?

Ela tentou tranquilizar-me, mas eu ouvia a preocupação na sua voz.

– Disseram que ele ia estar baralhado, não te lembras? Que ia demorar algum tempo.

– E se ele nunca mais voltar a reconhecer-me? Ou à Katia?

– Não podes pensar assim. Temos de nos manter positivas.

– Meu Deus, sinto-me tão estúpida – disse-lhe eu. – Passei todo o verão a fazer uma lista do que me torna feliz e deixei de fora todas as coisas mais importantes.

A minha irmã abraçou-me e eu chorei, mas baixinho para Eden não ouvir. Era assim que chorava sempre. E houve muito choro.

– E se ele me odeia? – Tinha o rosto encostado ao ombro de Pieta. – Não o censuraria se ele me odiasse.

Ela tentou fazer-me ver a razão.

– Trata-se do Eden, lembra-te. Ele não odeia ninguém. Não é quem ele é.

– Sim, mas e se ele tiver mudado? – disse eu, e a minha irmã não teve resposta.

*

Chorei outra vez, mais tarde nesse mesmo dia, quando vi a minha filha na casa de Pieta. Depois de duas noites em claro e de tanta preocupação, ali estava a minha linda filha com um par de calças de ganga justas que a minha mãe lhe tinha comprado, parecendo muito crescida e satisfeita por me ver.

Abracei-a, com o rosto enterrado no seu cabelo brilhante, a tentar não deixar que ela me visse as lágrimas nos olhos, a sentir-me quase reconfortada pela nossa proximidade. Não queria quebrar o feitiço e falar-lhe do acidente de Eden. Quando o fiz, ela chorou comigo.

– Ele vai ficar bem – disse-lhe, eu própria não me atrevendo bem a acreditar nisso. – Está a receber bons cuidados médicos. Vais poder vê-lo em breve, quando ele estiver a sentir-se mais forte.

Tinha o seu pequeno corpo quente nos braços e enxugava-lhe as lágrimas. Para a distrair, falei de

Veneza: das coisas que tinha feito e das pessoas que tinha conhecido. Contei-lhe histórias e mostrei-lhe fotografias que tinha tirado com o telemóvel de gondoleiros de *T-shirts* às riscas, barcos a descerem o Grande Canal, montras de pastelarias apinhadas de bolos, *Boris* a correr para ir buscar um pau, Coco e Silvio a dançarem o tango à luz do sol do fim da tarde. Era uma sensação agridoce voltar a ver aquelas imagens. Havia tanta culpa misturada com nostalgia; tanto amor por Veneza e, no entanto, tanto arrependimento agora também!

– Podemos ir lá um dia? – perguntou Katia, a ver as fotografias. – Levas-me contigo da próxima vez?

– É claro que sim – disse eu. – É o que estou a planear. Até tenho uma lista das coisas que quero que vejamos juntas. Logo que o papá esteja suficientemente bem para viajar, vamos os três.

Eu tinha realmente a esperança de que tudo se resolvesse dessa maneira e eu pudesse cumprir a minha promessa. Andava sempre a falar-lhe nisso; e também aos meus pais e a Pieta, na esperança de que se o dissesse bastante vezes pudesse de facto acontecer.

*

A recuperação de um traumatismo craniano tem tudo a ver com pequenos triunfos. Primeiro houve o triunfo de Eden perguntar o que tinha acontecido e recordar a minha resposta; a seguir, o triunfo de ele dizer o meu nome e me apertar a mão; a alegria de o ouvir dizer que se sentia um pouco melhor, o alívio de ele ser transferido dos cuidados intensivos para uma enfermaria. Pequenos triunfos, mas agarrávamo-nos a eles. Continuávamos a ir para a frente e a tentar, tal como Coco tinha dito.

Frustrava-nos a todos que Eden não se recordasse do acidente ou do que estava a fazer naquele andaime. Falávamos muitas vezes sobre isso, a tentar encaixar as peças e compreender porque é que alguém tão respeitador das normas de segurança tinha subido lá acima depois do horário de trabalho e como é que tinha caído. Eden achava que talvez não estivesse satisfeito com o trabalho dos operários e tivesse decidido dar lá uma saltada e verificar tudo depois de eles irem embora, mas não tinha a certeza.

A não ser essas *brancas*, estava a começar a parecer mais ele próprio. Dia após dia, dava novos sinais de melhorias. A sonolência começou a atenuar-se, assim como as dores de cabeça; as fraturas estavam a sarar e os médicos pareciam bastante satisfeitos com a progressão do seu estado de saúde. Eu passava tanto tempo quanto podia no hospital para lhe fazer companhia, lendo em voz alta livros ou revistas ou conversando sobre o que Katia fazia. Apesar de onde nos encontrávamos e do que tinha acontecido, era bom estarmos juntos, só ele e eu, longe de todo o clamor do mundo exterior, com horas e horas à nossa disposição e nada para as preencher a não ser a nossa conversa.

– Quero ir para casa – disse-me ele uma tarde. – Melhoro mais depressa lá. Quando é que me vão deixar sair?

Eu fitei-o, sem saber bem o que dizer. Durante todo este tempo, tínhamo-nos concentrado na sua recuperação e nada mais parecera importante. Eu tinha afastado as outras questões, recusando-me até a considerá-las, mas não podíamos ignorá-las para sempre.

– Eden? – Estendi o braço e peguei-lhe na mão. Tinha os dedos ásperos do trabalho, as palmas das mãos com calos; eram mãos fortes, práticas. Eu agarrara-me a elas em todos os momentos mais importantes: quando trocámos votos no altar da igreja de St. Peter's; quando dei à luz a nossa filha; quando estava triste, quando estava feliz.

- Dolly? – Ele fitou-me. Penso que compreendeu o que estava a passar-me pela mente.
- Eu também gostava que tu viesses para casa. E quero estar lá quando isso acontecer – disse-lhe eu.
- Para tomares conta de mim?
- Sim, mas não só. – Apertei-lhe os dedos. – Para sermos uma família como éramos dantes.
- As coisas mudaram, Dolly. Eu não me esqueci. – Disse aquilo em voz baixa. – Nós não éramos felizes. Não podemos esquecer-nos disso só porque eu tive um acidente. Pelo contrário, é mais importante.
- Mas nós podemos ser felizes – murmurei. – Não é impossível. Só temos que deixar que isso aconteça.

Os hospitais não são os melhores lugares para discutir o futuro. Mas eu já tinha adiado o assunto por demasiado tempo e não podia esperar mais. Ali, curvada ao lado da cama de Eden, tentei explicar-me, dizer-lhe como me sentia e o que tinha aprendido. Não foi fácil, porque ele julgou que eu estava a culpá-lo como era meu costume.

- Tens razão ao dizer que as coisas têm de mudar – concordei. – Quer dizer, porque é que temos sequer andado a fazer o que fazemos? É porque queremos? Ou simplesmente porque sentimos que não temos outra opção?

Eden parecia desconfiado.

- Isto tem a ver com o facto de tu te sentires ressentida por eu me ter magoado e não poder trabalhar, certo?

- Não, tem a ver com ser mais feliz. Mas não só eu; todos nós.

E então fizemos uma lista, uma lista em condições, com itens e as coisas mais importantes sublinhadas. Uma lista das coisas que tínhamos de mudar. Um plano de ação, suponho.

Eu queria que nós tivéssemos menos responsabilidades e preocupações. Eden precisava que eu bebesse menos e estivesse mais em casa. Eu queria aventuras, Eden tempo com a família. Como nós somos pessoas diferentes, é claro que sugerimos coisas diferentes, mas decidimos encontrar uma maneira de elas resultarem, ou pelo menos tentar.

Sublinhei três vezes a última coisa na nossa lista. Planeava que se concretizasse mal fosse possível – uma viagem de regresso a Veneza, nós os três. Queria que Katia e Eden partilhassem o mundo que eu tinha encontrado ali, que tivessem a experiência daquela cidade ensombrada e cheia de água. Tinha a esperança de que, de algum modo, nos afetasse com a sua magia.

- Se ficássemos durante algum tempo, há uma escola internacional que a Katia podia frequentar – disse-lhe eu. – Ela até era capaz de aprender italiano, o que iria encantar o meu pai.

Eden mostrava-se duvidoso.

- Uma viagem ia endividar-nos ainda mais – lembrou – e tornar as coisas mais difíceis a longo prazo. Tens a certeza de que queres isso?

- Sim, vale a pena – insisti. – Se voltarmos para a maneira como as coisas eram nada vai mudar. Será demasiado difícil. Vamos voltar a ficar enterrados em tudo. Este é o momento perfeito para irmos para fora. Tu vais estar em convalescença e o *papa* continua a não se importar de tomar conta do Little Italy. É a nossa oportunidade.

- Porquê Veneza? Porque não fazer umas férias noutra sítio qualquer?

- Eu tive toda uma vida lá este verão, sem ti nem a Katia. Agora, gostava que ambos fizessem parte daquilo por uns tempos. Acho que preciso que façam parte daquilo.

– E se não resultar? – perguntou Eden. – Podemos ir para longe e gastar imenso dinheiro e acabarmos por nos afastar na mesma.

Eu pousei a lista e peguei de novo na mão dele. Virei-a para ver as poucas sardas nas costas e a maneira como a sua pele estava a começar a enrugar-se e a ficar mais flácida.

– Não posso prometer-te nada – disse eu. – Não há garantias. Mas acho que Veneza é a nossa melhor oportunidade.

CAPÍTULO 25

Então agora aqui estamos em Veneza, nós os três, no apartamento por cima da casa de Coco. Ela parece encantada por nos ter aqui, em particular com Katia, que adora raptar para a enfeitar com contas e penas. A minha filha sente-se completamente fascinada por esta sofisticada senhora idosa; anda sempre a fazer-me perguntas sobre ela. Eu só posso responder francamente a algumas delas, claro. Guardo os segredos de Coco.

É o final do outono e Veneza dá-nos principalmente dias dourados. A luz é mais suave, as folhas das árvores e das trepadeiras estão a ficar amarelas e vermelhas e há uma aragem fria nas sombras que anuncia a mudança de estação.

Coco anda sempre a avisar-me de que vamos detestar quando o tempo mudar. Fala de nevoeiros e de chuva, de inundações e de dias sempre cinzentos. Nós não estamos a pensar assim tanto para a frente, Eden e eu. Estamos a aprender a viver no momento.

Ele está a dar-se muito melhor do que eu imaginei. Um número suficiente de pessoas fala inglês para que a falta de competência linguística dele não seja um problema. E, embora sempre que se aventura sozinho pelas ruas fique completamente perdido no labirinto de *calli*, encontra sempre o caminho para casa, cheio de entusiasmo com algo que descobriu. Gosta de meter conversa com os turistas e dá-se com um grupo de gondoleiros que parecem tê-lo adotado. Vão a *bacari* longe dos circuitos habituais que eu nunca tinha descoberto e muitas vezes, quando não estão ocupados, levam-nos nas suas gôndolas, a ele e a Katia.

Ainda tem problemas de costas, claro – a queda não ajudou nada. Nalguns dias fica com dores de cabeça e arrasado com exaustão. Choca Katia ao disparatar com ela por coisas de nada ou fica abatido e torna-se difícil animá-lo. É o resultado do traumatismo craniano, recordamos um ao outro. O que há a fazer é superar esses dias e esperar que os seguintes sejam melhores.

O facto de estarmos em Veneza ajuda, como eu sabia. Há muitas aventuras para nós os dois. Fazemos todas as atividades típicas de turistas: viagens de barco pela lagoa e passeios a pé. Estamos a divertir-nos.

E há também o tango. Eu não me tinha dado conta do quanto lhe sentia a falta até voltar à *milonga* na Piazza San Giacomo dell’Orio. A alegria de dançar outra vez, do movimento e da música. É a coisa que continuei a fazer só para mim: o meu tempo, a minha paixão.

Vejo Angelo nas *milongas*, embora não dance com ele muitas vezes. Ele acabou com Marie-Ann e anda com outra rapariga. É da zona, mais nova do que ele, morena como Valentina e muito boa dançarina. Ele anda a falar outra vez de Buenos Aires, de espetáculos e competições de tango. Desta vez, acredita que encontrou uma mulher que o seguirá para onde ele precisar de ir.

A noite que passámos juntos não é mencionada por nenhum de nós e espero que nunca o seja. Talvez achem que eu devia ter confessado a Eden, ter-lhe contado tudo? Bem, pensei nisso durante algum tempo. Por fim, foi a ideia de o magoar assim tanto que me impediu de o fazer. Foi só uma noite, quando deixei que a paixão e a excitação do tango me levassem aonde não devia, uma noite louca que destruiria esta frágil coisa nova que está a crescer entre mim e Eden. É melhor manter o

silêncio e guardar o meu segredo, foi o que decidi; enterrá-lo bem fundo dentro de mim. Toda a gente tem segredos, não tem? Pelo menos, é o que eu penso agora.

Marie-Ann ainda está por cá. Vejo-a nas *milongas*, onde se queixa da falta de pares masculinos e mantém Angelo debaixo de olho. Eu digo-lhe que o esqueça, que ele nunca foi o homem certo para ela, mas não sei bem se ela já está convencida.

Não vejo Nanda tantas vezes como antes, mas fomos todos convidados para a festa do casamento na próxima primavera, quando Valentina se casar com o seu fabricante de vidro. Eles estão a viver em Murano para já e o *palazzo* está fechado. Coco espera que regressem em breve. Sente mais saudades deles do que alguém poderia suspeitar... a não ser talvez eu. Até concordou vir connosco visitá-los.

Encontrámos Nanda instalada numa casa elegante onde realmente há uma pessoa para lhe preparar as refeições, fazer chá e levar *Boris* a passear. E Valentina, com a gravidez já a notar-se, está muito mais animada do que nos tempos em que trabalhava naqueles empregos todos. Continua algo reservada comigo, cuidadosa em relação ao que confia, mas deduzo que o dinheiro já não é grande problema, agora que ela e o noivo decidiram fazer a fusão dos negócios das respetivas famílias. Ela não parece sentir a falta da sua vida anterior, nem sequer de cantar e de dançar. Tanto quanto sei, sente-se contente com a maneira como estão as coisas. Talvez seja o que ela sempre quis.

No outro dia, encontrei o meu bloco de apontamentos numa gaveta, o que tinha a minha lista de felicidade anotada. Coco deve ter-mo guardado depois de eu desaparecer, juntamente com as peças de vestuário e as joias que eu deixei ficar.

1. Festas
2. Sestas à tarde
3. Cães
4. Um copo de Prosecco gelado
5. Vizinhanças
6. Tango
7. Café bom servido em condições
8. Música
9. Estar rodeada por água

É uma mistura esquisita e não propriamente uma receita de felicidade. Para começar, um grande número das coisas mais importantes ficou de fora – família, amigos, amor. Pensei que eram demasiado óbvias para serem incluídas. Vejo agora que estava enganada.

Por isso, adicionei-as ao topo da minha lista e vou guardar o bloco de apontamentos, porque tenho a sensação de que ainda não acabei. Porquê parar em dez coisas, afinal? Todas as pessoas mudam, e os seus sonhos com elas. A felicidade nunca se mantém igual.

Entretanto, tenho andado a pensar naquele verão e porque é que escrevi as coisas que escrevi. Até mostrei a lista a Eden e, com a sua ajuda, ando a planear como poderíamos entretecer alguns daqueles pontos na nossa vida quando regressarmos a Inglaterra daqui a algum tempo.

Aquilo com que sonho é mudar o Little Italy, transformar o restaurante numa espécie de *bacaro*.

De manhã, serviríamos café e pastéis maravilhosos em pequenas bandejas cobertas com *napperons vintage*. Livrávamo-nos das toalhas de mesa brancas, de todas as coisas chiques típicas de um restaurante. Em vez disso, seria o tipo de local onde as pessoas achariam que podiam entrar para tomar o pequeno-almoço e regressar mais tarde para uns petiscos de *cicchetti* e uma *ombra* de vinho. Descontraído mas com estilo, acolhedor como um clube, e aos clientes habituais faríamos sentir que eram especiais, cumprimentando-os pelo nome e parando para dar dois de conversa, dando-lhes a provar os novos pratos que andássemos a experimentar ou os vinhos mais recentes acrescentados à nossa lista.

No verão, o *papa* e Frederico jogariam às cartas lá fora com os outros italianos idosos que ainda vivem na vizinhança. Eden e eu alugávamos o nosso apartamento e mudávamo-nos com Katia para o apartamento por cima do restaurante. O Little Italy seria uma extensão da nossa casa. Todos estaríamos ali juntos, a servir bebidas e a levar copos vazios, transformando os nossos clientes em amigos. Aos domingos, continuaríamos a servir os velhos favoritos da hora do almoço aos clientes habituais que nos visitavam há anos. E numa ou em duas noites por semana afastaríamos as mesas e abriríamos as portas para um clube de tango fazer uma *milonga*.

Nesta fase, ainda é só um sonho, mas eu já antes tornei alguns sonhos realidade. Eden e eu planeamos os pormenores, anotando-os no meu bloco. Talvez um dia o façamos ou talvez não. Gosto do facto de não saber; torna tudo mais interessante. Decidi que a minha vida é tal e qual como o tango agora. Não vou forçá-la; preciso de deixar que aconteça naturalmente, de ficar no momento, de manter a sensação, de viver com o coração e não com a cabeça. Estou a conseguir fazê-lo melhor.

Quando comecei esta minha lista, era porque sentia que estava a desperdiçar a vida, a deixar passar os anos num nevoeiro de mediania. Queria sentir-me mais satisfeita. Em certo sentido, foi uma ingenuidade minha, e de facto positivamente fantástica noutros sentidos.

Havia uma razão para eu não apreciar o que tinha – queria algo diferente. Não um novo marido nem mesmo um novo trabalho, mas uma vida que mudasse, uma vida em que cada minuto de cada dia não estivesse já destinado, planeado. E sempre fora possível; só que eu estava demasiado atolada na rotina para o ver.

O problema de perseguir a felicidade é que ela tende a afastar-se a dançar e a manter-se a brilhar fora do nosso alcance, algures à distância. O truque é aprender a fazer uma pausa, a reparar que está ali e a deixá-la entrar. É claro que está longe de ser fácil e eu não sou ainda propriamente uma especialista, mas sei agora desfrutar melhor dos pequenos prazeres de todos os dias e alinhavá-los todos para obter uma maior felicidade. Veneza ensinou-me um pouco, Coco ainda mais, e o que aconteceu a Eden consolidou a lição.

A felicidade é muitas coisas para mim. Acima de tudo, é fazer aquilo de que gosto, estar com as pessoas que amo, passar tempo nos locais que me fazem sentir que tudo é possível.

Neste momento, Veneza é o meu segredo da felicidade. Não digo que seja a resposta para todas as pessoas, ou para sempre, particularmente hoje, com a chuva a cair na minha varanda e eu a começar a ver que Coco talvez tenha razão no que diz sobre o inverno.

Espero que haja uma aberta no tempo. Espero que Katia venha para cima daqui a pouco e me mostre os vestidos fabulosos e a maquilhagem com que a minha amiga a disfarçou hoje. Espero que Eden acorde da sua sesta recomposto e que vamos todos à *milonga* hoje à noite e eu dance uma *tanda* enquanto a luz do dia se desvanece por trás da fachada austera da velha igreja, a minha filha

convive com os garotos das redondezas e o meu marido conversa com um turista e lhe fala de todos os lugares que ele tem de visitar antes de partir de Veneza.

Neste momento, estamos aqui no apartamento de Coco, estamos juntos e em segurança, e é felicidade bastante.

AGRADECIMENTOS

O tango é mais uma das muitas coisas para as quais não tenho nenhuma aptidão natural. Por isso, são devidos agradecimentos a Rilind Modigliani, professor de dança de Auckland, por arriscar os seus dedos dos pés e partilhar os seus conhecimentos do tango argentino comigo. Também me inspirei no filme de Sally Potter, *A Lição de Tango*, desenvolvi uma paixoneta pela estrela do tango Pablo Veron (tem algumas parecenças com Angelo), pus a música a tocar no meu carro e dancei lindamente na minha imaginação.

O livro de Gretchen Rubin *Projeto Felicidade* contribuiu para desencadear a ideia original. *Venice and Food*, de Sally Spector, *Veneza: Petiscos*, de Tessa Kiros e *Venice Osterie*, de Michela Scibilia proporcionaram-me informação e inspiração. O blogue fotográfico Advanced Style, de Ari Seth Cohen, ajudou-me a compor o guarda-fatos de Coco. E o neurologista de Auckland, o Dr. William E. Wallis, falou-me sobre traumatismos cerebrais e cranianos.

Como sempre, os meus agradecimentos a todas as pessoas da Orion e da Hachette. Um agradecimento extra à minha editora, Genevieve Pegg, e à minha agente Caroline Sheldon. E a todas as outras pessoas que fazem acontecer um livro e o põem nas mãos dos leitores, do *designer* gráfico ao revisor de provas passando pelos agentes comerciais e publicitários e os próprios livreiros... muito obrigada a todos.

Agradeço também a Marie-Ann Billens, cujo marido ganhou o direito de ter uma personagem neste livro com o seu nome num leilão para angariar fundos para a excelente organização de beneficência Look Good Feel Better.

Finalmente, agradeço ao meu marido, Carne Bidwill, que aturou que eu me deslocasse a Veneza para fazer pesquisa, a que insisti em ir sozinha «porque é o que a minha personagem faz». Da próxima vez também vens, prometo.